

FRANCIS TROCHU



O SANTO CURA D'ARS
(I VOLUME)

CÓNEGO FRANCIS TROCHU

Doutor em Letras

O SANTO CURA D'ARS

São João Baptista Maria Vianney

Patrono Oficial dos Párcos

(1786-1859)

Obra premiada pela Academia Francesa

Fonte

onedrive.com

Duas palavras

Não obstante o pouco ou nenhum interesse que tem para os leitores prólogos e prefácios, queremos, contudo, dizer duas palavras de informações sobre este notável livro que reaparece no Brasil.

A lembrança da sua publicação na nossa língua e na nossa Pátria nasceu, há mais de 20 anos, de um velho sacerdote Jesuíta e de dois jovens estudantes de Teologia, no saudoso Seminário Central da Imaculada Conceição, de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. O sacerdote atendia pelo nome de Padre Xavier, exímio Professor de Teologia Moral e do Direito Canónico; mas, nessa época, acabado pelos anos e pelos trabalhos, ocupava-se tão somente com a direcção espiritual dos futuros empreiteiros do Dono da Messe. Tendo recebido da sua Pátria distante - a Suíça - um exemplar deste livro cuja leitura fizera-o admirador entusiasta do Santo Cura d' Ars, despertou, por isso, igual entusiasmo no coração daqueles dois jovens estudantes, para que traduzissem e dessem publicidade, no Brasil, a obra de tão alentado valor literário e hagiográfico. Pouco tempo depois falecia o P. Xavier, a cuja memória fica aqui comovedora homenagem de gratidão e de afecto. Os dois jovens estudantes, hoje sacerdotes, que as lidas da vida paroquial, mais do que o tempo, vão consumindo, querem passar sem nome para possuí-los na vida eterna.

O livro do ilustre Cónego Francis Trochu não precisa de favores para se apresentar. É o que de melhor até hoje se escreveu sobre o Santo Cura d' Ars. E dificilmente será superado; pois quem isso tentar terá que copiá-lo. Entre as suas grandes qualidades destaca-se o facto de ter sido o seu autor o primeiro que dispôs de todas as peças do Processo de Canonização e de numerosos documentos inéditos. Outra vantagem, não menor, do autor foi ter tido a suficiente humildade para calar-se muitas vezes, e deixar que falassem o biografado e numerosos contemporâneos seus. Assim temos uma biografia diferente e rara na literatura cristã, onde o Santo aparece como foi de facto e não como o autor imaginou que fosse... Livro que todos podem ler uma vez, sem receio de perder tempo, porque merece ser lido muitas vezes. Vida de herói autêntico que se fez santo, não só pela graça de Deus, mas também por heróicos esforços pessoais. É pois leitura

apropriada para todas as classes de pessoas; sumamente agradável e cheia de interessantes pormenores. Compreendê-lo, porém, na sua extensão e profundidade poderão somente aqueles que, nas agruras da vida sacerdotal, já beijaram muitas vezes, longamente, dolorosamente, a Imagem crucificada do Divino Redentor...

Saiu a primeira edição, de 5 mil exemplares, numa modesta tipografia de Porto Alegre. Apesar das suas muitas imperfeições, esgotou-se em pouco tempo. E fez grande bem. Esperamos, pois, que esta Nova Edição, melhor cuidada e em melhores roupagens faça ainda maior bem, elevando e levando muitas almas para Deus.

T. T.

PARTE I

OS ANOS DE PREPARAÇÃO

(1786-1818)

CAPÍTULO I

Os Primeiros Anos (1786-1793)

Bento Labre em casa de Pedro Vianney - Os agradecimentos do santo mendigo - Mateus Vianney e Maria Beluse - Nascimento de João Maria - Nos joelhos de uma mãe cristã - Um modelo de obediência - O rosário e a estatuazinha - Os primeiros passos fora da via comum - Ante o altar.

Pedro Vianney e a sua esposa Maria Charavay viviam em Dardilly; pequena aldeia situada entre as montanhas circunvizinhas de Lião.

Agricultor remediado e bom cristão, acolhia hospitaleiramente todos os pobres que lhe batessem à porta. Assim foi que em julho de 1770 a fama da sua caridade lhe atraiu um mendigo que era ao mesmo tempo um santo.

Bento Labre, atormentado de escrúpulos, acabava de deixar a Trapa de Sept-Fonts, onde havia começado o noviciado, com o nome de Irmão Urbano. Decidido na sua vocação de peregrino permanente, pôs-se a caminho de Roma.

O primeiro lugar onde parou mais tempo foi em Paray-Ie-Monial, visitando demoradamente a capela das Aparições. De Paray dirigiu-se a Lião. Sobrevindo a noite, porém, antes que chegasse à cidade, já bem próxima, resolveu pernoitar no povoado de Dardilly.

Os pobres costumavam recolher-se em casa de Pedro Vianney. Bento Labre foi com eles.

Labre tinha, então, um costume estranho. Andava vestido com a túnica de noviço que lhe fora deixada ao abandonar o convento. Levava alforje a tiracolo, rosário enrolado ao pescoço e um crucifixo de cobre brilhando-lhe sobre o peito. Por única bagagem: um *breviário*, a *Imitação* e os *Evangelhos*.

Com tais atavios penetrou no pátio que havia na frente da modesta casa dos Vianney. O dono da casa acolheu-o como costumava fazer com todos os pobres, e os filhos olhavam com pena para aquele deserdado da sorte, em

quem viam o próprio Jesus Cristo, conforme os pais lhes haviam ensinado. Mateus, um dos cinco filhos, estava presente. Sem suspeitar que haveria de ser o pai de outro santo, contemplava o jovem mendigo tão pálido e de expressão tão suave, cujos dedos não cessavam de repassar as contas do rosário.

Na espaçosa cozinha perto do fogão, onde, 16 anos mais tarde, o menino predestinado aqueceria os pesinhos descalços, Bento Labre e os companheiros de infortúnio, juntamente com os Vianney, sentaram-se em torno da escudela de sopa fumegante.

Foi-lhes servido depois toucinho com legumes. E, recitada a acção de graças e a oração da noite, subiram a um quarto que havia por sobre o forno, a fim de repousarem em bom colchão de palha.

No dia seguinte, ao se despedirem, todos agradeceram, mas um deles, o jovem de 20 anos, de traços delicados e de maneiras polidas, manifestou a sua gratidão em termos tais que denotara instrução esmerada e piedade profunda. Pouco depois, qual não foi a surpresa de Pedro Vianney, ao receber carta do pobre peregrino. Bento era mui parco em escrever. Muito grato lhe fora, portanto, a hospitalidade de Dardilly, e pode ser que, inspirado por Deus, tivesse pressentido o menino de bênçãos que haveria de tomar para sempre ilustre aquela casa.

Oito anos depois, a 11 de fevereiro de 1778, em Ecully, povoado distante de Dardilly apenas uma légua, Mateus Vianney desposava Maria Beluse. Se Mateus era cristão fervoroso, a sua jovem esposa trazia como o melhor dos dotes uma fé operante e esclarecida.

Deus abençoou aquela união. Tiveram seis filhos que, segundo o piedoso costume da época, foram consagrados à Virgem SS. ainda mesmo antes de nascer Catarina que, casando-se muito jovem, morreu santamente pouco depois; Joana Maria, que foi para o céu apenas com cinco anos; Francisco, futuro herdeiro da casa paterna; João Maria, mais tarde somente conhecido pelo nome de Cura d’Ars; Margarida, a única dos irmãos

Vianney que sobreviveu, e por muito tempo, a seu santo irmão; enfim um segundo Francisco, apelidado cadete, que, assentando praça, deixou Dardilly para nunca mais voltar.

Vindo ao mundo por volta da meia noite, a 8 de maio de 1786, João Maria foi batizado no mesmo dia.

Foram-lhe padrinhos o tio paterno João Maria Vianney e Francisca Martinon. esposa do mesmo. O padrinho, sem mais delongas, contentou-se em dar ao afilhado o seu próprio nome.

Desde que o pequeno, pelo que parece, mais mimoso do que os outros, começou a distinguir os objectos exteriores, a sua mãe comprazia-se em lhe mostrar o crucifixo ou as imagens piedosas que ornavam os compartimentos da casa. E quando os bracinhos se puderam mover com algum desembaraço fora das mantilhas, começou a lhe guiar a mão incerta, da frente ao peito e do peito aos ombros. Em pouco tempo o pequeno contraiu este hábito. Contava 15 meses, quando, certa ocasião, tendo-se a mãe esquecido de o ajudar a fazer o sinal da cruz, antes de lhe servir a sopa, o menino cerrou os lábios acenando com a cabeça, várias vezes, que não. Maria Vianney logo entendeu o que o filho desejava. Apenas lhe tomou a mão e os lábios cerrados se abriram por si mesmos.

Será que João Maria Vianney desde o berço deu sinais inequívocos de futura santidade, como se conta de S. Raimundo Nonato, de S. Caetano, de S. Afonso de Ligório, de S. Rosa de Lima, e de tantos outros? Nenhum dos documentos que se conservam falam de semelhantes prodígios.

O certo, porém, é que, nas coisas de piedade, foi um menino precoce, correspondendo melhor que os irmãos e irmãs aos cuidados da sua óptima mãe. Era uma dessas naturezas privilegiadas que se dirigem espontaneamente para Deus.

Na idade de 18 meses, quando a família se reunia para a oração da noite, ajoelhava-se da sua própria iniciativa entre os demais, juntando as mãozinhas com devoção. Depois a piedosa mãe deitava-o e antes de abraçá-lo pela última vez, inclinava-se sobre ele, falando-lhe do Menino Jesus, da

Virgem SS. e do Anjo da Guarda... O menino adormecia ao suave murmúrio da voz materna.

Cresceu; deu os primeiros passos e começou a andar ligeiro e vacilante pelo interior e ao redor da casa, sem contudo afastar-se muito, pois mais abaixo, junto ao jardim, havia um poço cheio de água onde bebiam os animais. Por esse motivo a solícita mamã não o podia perder de vista. Quando se desocupava dos afazeres domésticos, instruía o filho com palavras infantis e expressões apropriadas à sua idade. Foi assim que aprendeu o Pai-Nosso, a Ave-Maria e as noções fundamentais sobre Deus e a alma.

O menino, por sua vez, à medida que crescia em idade propunha à mãe novas questões. O que mais lhe interessava eram os mistérios da infância de Jesus especialmente o Natal, o presépio e os pastores. Acontecia que esses inocentes colóquios se prolongavam até à noite. Para ouvir contar a História Sagrada João Maria passava horas e horas com a mãe e Catarina, a mais piedosa das irmãs. Às vezes, ajoelhado no pavimento, juntava as mãos, ocultando-as entre as da mãe.

No verão, Mateus Vianney saía para o campo de manhã cedo. Mais tarde se lhe ajuntava a esposa com todo o bando infantil.

Catarina e Francisco, com uma vara na mão, iam um pouco adiante, tocando as vacas e ovelhas da granja. Seguiam João Maria e Margarida, apelidada de Gothon, montados num burrico. Chegados ao campo, as crianças atiravam-se sobre a relva ou vigiavam os animais na pastagem. João Maria, alegre e brincalhão, animava as brincadeiras. Não era, pois, como descreveu o seu primeiro biógrafo uma dessas crianças singulares que carecem da graça e esperteza próprias da idade. Naquele rapazito de olhos azuis, cabelo escuro, tez morena e olhar vivo, a piedade precoce não excluía de maneira alguma certa petulância natural. Nasceu com um caráter impetuoso; precisou mais tarde, para adquirir a perfeita doçura, de longos e meritórios esforços. Não obstante, já desde a tenra infância, aquele menino, tão sensível e nervoso, soube dominar-se. A ajuizada mãe que conhecia a eficácia do exemplo apresentava-o, muitas vezes, como modelo, aos irmãos e irmãs. Vejam, costumava dizer-lhes quando não se submetiam

prontamente às suas ordens, vejam João Maria, é mais obediente do que vocês; faz logo o que lhe mandam.

Contudo, ao menos uma vez, chegou a derramar lágrimas. João Maria possuía um lindo rosário, que tinha em grande estima. Gothon. 18 meses mais moça, achou-o também do seu agrado. Naturalmente o quis logo para si. Deu-se uma cena violenta entre irmão e irmã: gritos, empurrões e ameaças de pugilato. O pobre menino, todo amargurado, correu para junto da mãe, Meu filho, dá o teu rosário a Gothon, lhe disse ela com voz branda, mas firme... sim, dá-lhe por amor de Deus. Imediatamente João Maria, soluçando, entregou o rosário, que assim mudou de dono. Para uma criança de quatro anos era um belo sacrifício! A fim de enxugar-lhe as lágrimas, a mãe, em vez de carícias e mimos, deu-lhe uma pequena imagem de madeira que representava a Virgem Santíssima. Aquela tosca imagem havia-a contemplado, muitas vezes, sobre a estufa na cozinha, desejoso de a possuir.

Agora era dele, toda dele! Que felicidade! Oh! quanto eu amava aquela imagem, nos dirá 70 anos mais tarde. Não podia separar-me dela, nem de dia, nem de noite e não dormia tranquilo, sem tê-la na cama, ao meu lado... A Santíssima Virgem é a minha mais antiga afeição; amei-a mesmo antes de a conhecer.

Algumas testemunhas dos anos de infância, particularmente a irmã Margarida, contam como, ao primeiro toque do Angelus, se ajoelhava antes que os outros, Às vezes retirava-se para um canto, punha sobre uma cadeira a sua querida imagem e orava diante dela com grande recolhimento. As crianças desconhecem aquela necessidade que se chama respeito humano. Onde quer que estivesse, em casa, no jardim, na rua, João Maria bendizia a hora, isto é, à imitação da mãe, cada vez que soava uma nova hora, persignava-se e rezava uma Ave-Maria. Ao terminar, persignava-se novamente. Assim deu ocasião a um lavrador, que trabalhava perto, de dizer a Mateus Vianney: Creio que o seu morenito me toma pelo diabo. O pai contou isto em casa.

Porque fazes isso? perguntou-lhe a mãe.

Eu não sabia, respondeu João Maria, que o vizinho estava me vendo. Mas não é antes e depois da prece que se deve fazer o sinal da cruz? As

vizinhas ouviam-no rezar em voz alta e diziam aos pais:

Sabe bem as ladainhas; será bom encaminhar o vosso João Maria para ser sacerdote ou religioso.

Pode ser que Maria Vianney nada tivesse pressentido do maravilhoso futuro do seu filho predilecto. Nem por isso deixava de ser preciosa a seus olhos a beleza daquela alma, da qual procurava afastar até mesmo a sombra do pecado. Olha, meu João, lhe repetia, se as tuas irmãs e irmãos ofendessem a Deus eu sentiria muito, porém, muito mais ainda se fosses tu.

Certamente João Maria não era um menino vulgar. Aquele privilegiado da graça divina, antes mesmo de chegar ao uso da razão, deu os seus primeiros passos fora do caminho ordinário. Nesse sentido parece que deve ser interpretado o seguinte acontecimento:

Uma tarde, quando contava uns 4 anos, João Maria saiu sem dizer nada a ninguém. A mãe deu pela falta. Chamou-o. Escutou. Nem resposta. Procurou ansiosa, no pátio, atrás dos montes de lenha e de feno. O menino não aparecia. Ele que sempre respondia à primeira chamada!

Enquanto se dirigia ao estábulo, onde se poderia ter escondido, a mãe pensava no poço escuro e profundo em que bebiam os animais.

Mas quem haveria de imaginá-lo num canto escuro, ajoelhado entre dois animais que ruminavam pachorrentamente? O inocente rezava com fervor. de mãos postas, diante da imagem da Virgem. Maria Vianney tomou-o nos braços e o apertou ao coração. Oh! meu filho, tu estavas aqui, lhe disse com voz trémula pelo pranto. Por que te escondeste para rezar? Tu bem sabes que nós rezamos juntos.

O menino sentia a mágoa causada à mãe. Perdão, mamã, eu não sabia... não farei mais. gemia ele abandonando-se nos braços maternos.

Enquanto numa pequena aldeia desconhecida desenrolavam-se tais cenas de família, formidáveis acontecimentos sobrevieram em França. Mas

nem o saque de S. Lázaro e a tomada da Bastilha (13 e 14 de julho de 1789), nem o decreto espoliador dos bens do clero (2 de novembro), nem a lei que suprimia os votos e os mosteiros (13 de fevereiro de 1790), causaram muita impressão à boa gente dos campos, que, ou estava mal informada ou ainda não compreendia o alcance dos acontecimentos, Permaneceram tranquilos até o dia em que a Revolução pela Constituição civil do clero ameaçava os seus sacerdotes e altares (26 de novembro de 1790).

A sra. Vianney, que era de uma piedade eminente, assistia sempre que podia à missa pela manhã. Ia de ordinário com Catarina, a filha mais velha. Mas o seu companheiro predilecto tornou-se dentro em breve o pequeno de 4 anos, que, tão precoce para a piedade, já sentia fome de Deus. Quando na igreja, que ficava bem perto, uma badalada anunciava a missa, João Maria suplicava à mãe que o levasse. Ela não tardava em anuir aos seus rogos. Ajoelhava-o junto de si, e lhe ia explicando os diversos actos do celebrante. Assim foi que começou a. criar gosto pelas santas cerimónias. Os seus olhares passavam do celebrante - a quem achava encantador com os paramentos bordados - ao coroinha, cujo roquete branco e sotaina encamada o extasiavam.

Gostaria também ele de ajudar à Missa, porém os seus bracinhos eram ainda mui débeis para trasladarem o grosso missal. De vez em quando se voltava para a mãe e aprendia a rezar vendo-a tão recolhida e como que transfigurada por uma luz interior.

Mais tarde, quando o felicitavam por ter adquirido tão cedo o gosto pela oração e pelo altar, respondia com emoção e lágrimas: Depois de Deus, devo à minha mãe. Era tão boa. A virtude passa facilmente do coração das mães para o coração dos filhos... Jamais um filho que teve a dita de ter uma boa mãe poderia vê-la, ou pensar nela sem chorar.

CAPÍTULO II

Um pastorzinho durante o terror (1793-1794)

Os Vianney na missa do padre juramentado - A santa indignação de Maria Vianney - João Maria e os padres fiéis - A missa nas granjas - Os combates nos arredores de Lião Dardilly e Chante-Marle - Preces e procissões campestres - Jogos e sermões - João Maria Vianney e Marion Vincent - João Maria e os pobres errantes - A vida em família.

Em janeiro de 1791, época em que a Constituição Civil entrou a vigorar na comarca de Lião, João Maria ainda não tinha completado cinco anos. O P. Jaques Rey, cura de Dardilly durante 39 anos, cometera a fraqueza de prestar o juramento cismático. Mas, a dar-se crédito às tradições locais, esclarecido pelo exemplo do coadjutor e dos colegas vizinhos, que haviam recusado o tal juramento, não tardou muito em compreender e detestar a sua falta. Permaneceu ainda por algum tempo na paróquia celebrando a missa numa casa particular, retirando-se depois para Lião. Mais tarde teve que exilar-se em Itália.

Se a saída do P. Rey não passou despercebida, Dardilly contudo não foi perturbada ao ponto que se poderia esperar. A igreja continuou aberta, pois veio outro sacerdote, enviado pelo novo bispo de Lião, um certo Lamourette, amigo de Mirabeau, nomeado pela Constituição, sem mandato de Roma, em lugar do venerável Mons. Marbeuf. O novo cura como também o novo bispo haviam prestado o juramento; mas como poderia suspeitar a boa gente de Dardilly que a Constituição Civil, da qual ignoravam, talvez, o próprio nome, pudesse conduzi-los ao cisma e a heresia? Nenhuma mudança aparente se havia operado, quer nas cerimónias, quer nos costumes paroquiais. As pessoas simples de coração assistiram por algum tempo sem escrúpulos à missa do padre juramentado. Do mesmo modo procedeu com toda a boa fé Mateus Vianney, a esposa e os seus filhos.

Entretanto abriram-se-lhes os olhos. Catarina, a mais velha das filhas, posto que naquela época não contasse mais de uma dúzia de anos, foi a primeira a pressentir o perigo. No púlpito, o novo pároco nem sempre

tratava dos mesmos assuntos como o P. Rey. Os termos cidadãos, civismo, constituição, pontilhavam as suas prédicas. As vezes descambava em ataque contra os seus predecessores. Cada vez mais a afluência à igreja era menos homogénea e apesar disso mais minguada do que outrora; pessoas mui piedosas não compareciam mais aos ofícios divinos. Onde, pois, ouviam missa nos dias de festa? Pelo contrário iam outros que nunca haviam frequentado o templo. Catarina sentiu certos receios e os manifestou à mãe. As coisas andavam nesse pé, quando os Vianney receberam a visita de um parente que residia em Ecully.

Ah! meus amigos, que fazeis? perguntou-lhes ao ver que assistiam a missa do padre juramentado. Os bons sacerdotes recusaram o juramento, por isso são caçados, perseguidos, obrigados a fugir. Felizmente em Ecully, há alguns que ficaram entre nós. A estes é que vos deveis dirigir. O vosso novo cura separou-se da Igreja Católica com o seu juramento. Não é de modo algum vosso pastor e não o podeis seguir.

Como que fora de si por essa revelação, a mãe de João Maria não tardou em interpelar o infeliz sacerdote e censurar-lhe a apostasia da verdadeira Igreja. Ao citar-lhe o Evangelho, onde está escrito que o ramo separado da videira será lançado ao fogo, levou-o à seguinte confissão:

É verdade, senhora, a videira vale mais do que o sarmento.

Maria Vianney deve ter explicado aos seus a falta daquele padre, pois conta-se que o pequeno João Maria mostrou horror por esse pecado, começando dali por diante a esquivar-se ao cura juramentado. Desde então a igreja paroquial, relicário de tão suaves recordações, onde os pais se haviam casado e os filhos recebido o baptismo, deixou de ser para a família Vianney lugar predilecto de oração. Não tardou muito a ser fechada.

Chegaram, porém, os dias da sangrenta perseguição. Todo o sacerdote que não prestasse juramento se expunha a ser encarcerado e executado, sem recurso possível, dentro de 24 horas. Quem os denunciasse receberia cem libras de recompensa. Quem, ao contrário, lhes desse asilo, seria deportado.

Assim rezavam as leis de 24 de abril, 17 de setembro e 20 de outubro de 1793.

Apesar dessas ameaças terríveis, os sacerdotes fiéis andavam escondidos pelos arredores de Dardilly, e a casa dos Vianney ocultou a todos, um após outro. Em algumas ocasiões celebravam nela a santa missa. Foi um milagre o dono da casa não ter caído na suspeita de alguns jacobinos, pagando com a cabeça a sua santa audácia.

Mas foi mesmo em Lião ou nos seus arredores que os confessores da fé receberam, com mais frequência, generoso abrigo.

Mensageiros de confiança, enviados de Ecully, passavam em certos dias pelas casas das famílias católicas e lhes indicavam o esconderijo, onde na noite seguinte haveriam de ser celebrados os divinos mistérios. Os Vianney partiam, sem ruído, e andavam, muitas vezes, por longo tempo na escuridão da noite. João Maria, todo feliz por ir àquela festa, valentemente meneava as perninhas. Os irmãos murmuravam de vez em quando, achando a distância demasiada, mas a mãe lhes dizia: Imitem o João Maria que nunca se cansa.

Chegados ao lugar combinado, eram introduzidos num paiol ou quarto retirado, quase às escuras. Ao pé da pobre mesa, rezava um desconhecido cujo semblante fatigado esboçava suave sorriso. Depois dos cumprimentos, no canto mais escuro, detrás duma cortina, em voz baixa, o bom padre aconselhava, tranquilizava e absolvía as consciências. Não raro jovens noivos pediam que lhes abençoasse o matrimônio. Enfim, chegava a hora da missa, a missa tão desejada por grandes e pequenos. O padre dispunha sobre a mesa a pedra de ara que trouxera consigo: o missal, o cálice e numerosas hóstias, pois não seria só ele a comungar naquela noite. Revestia-se com paramentos amarrotados e desbotados. Depois, envolto por silêncio profundo, começava as preces litúrgicas, *Introibo ad altere Dei*. Que unção na voz, que recolhimento e que comoção a da assistência! Frequentemente misturavam-se às palavras santas os contínuos soluços do celebrante, Dir-se-ia uma missa nas catacumbas antes da prisão e do martírio. Como se comovia naqueles momentos inesquecíveis a alma do pequeno Vianney! De joelhos, entre a mãe e as irmãs, orava como um anjo e chorava por ouvir chorar. Além disso, com que atenção escutava, sem

compreender nada, os graves ensinamentos daquele proscrito que arriscava a vida por amor às almas. Não teria sido naquelas reuniões nocturnas que ouvira, pela primeira vez, o chamado ao sacerdócio?

1793. O Terror. Em Lião corria o sangue. Na Praça dos Terrores, a guilhotina não descansava. O procônsul Chalier havia inscrito 20 mil lioneses nas suas listas de proscrição. Uma revolta popular, chefiada por De Précý, fez subir ao cadafalso o próprio proscritor. Os católicos se limitavam a esperar, quando um exército da Convenção, sob o comando de Couthon e Dubois-Crance pôs sítio à cidade. De 8 de agosto a 9 de outubro, De Précý resistiu valentemente e só se rendeu pela fome. O pequeno de 7 anos não se podia dar conta exacta de tais acontecimentos. Do campo da casa paterna, ouvia-se muito bem o ruído do combate. Dubois-Crance estava acampado nos arredores de Limonet, alguns quilómetros ao norte de Dardilly, e os soldados da Revolução passavam de contínuo pelo povoado. Mas os ruídos da guerra inquietavam menos o piedoso menino do que o obstinado silêncio dos sinos. A igreja continuava fechada. Pelos caminhos havia só os pedestais dos cruzeiros: de Lião vieram homens para derrubar as cruzes. Em casa era necessário esconder cuidadosamente os crucifixos e as imagens religiosas. Somente nos verdadeiros fiéis, o santuário dos corações permanecia inviolado. João Maria não se desfez da sua pequena imagem da Virgem; guardou-a com mais precauções do que nunca, levando-a ao campo num bolsinho do casaco

As crianças esquecem ou se consolam bem depressa. Contentam-se com pouca coisa!

A revolução ensanguentava a França. Nos campos de Dardilly, porém, os pássaros continuavam a cantar e os cordeiros, a balir. João Maria Vianney, durante aqueles meses terríveis, viveu horas de paz na quietude da natureza, onde o homem inimigo não havia apagado os vestígios de Deus. Os horizontes de Dardilly eram vastos e belos. O povoado erguia-se no extremo de um planalto rochoso que se inclina para o lado de Lião. Dali Mont d'Or e as montanhas de Fourvière aparecem bem próximas. Mas os olhares e os pensamentos de João Maria não vagueavam sobre aquelas

alturas. Preferia os campos do pai, cujo verdor vestia os outeiros ondulantes em Pré-Gusin, em Chene-Rond ou em Chante-Marle. Por ali se estendiam as pastagens da granja.

No dia 8 de maio de 1793 completava 7 anos. Era já bastante crescido para prestar algum serviço. Foi-lhe confiada a guarda do rebanho. Duas vezes por dia levava ao estábulo o burro, as vacas e as ovelhas. Conduzia pela mão a irmãzinha Gothon, pois os caminhos que davam para o vale eram tortuosos e semeados de seixos. Ambos prometiam andar com cuidado. Aliás, teriam com que se ocupar: levavam lã para tecer meias. Naqueles tempos, enquanto cuidavam dos animais, pastores e pastoras faziam meias.

Posto que o profundo vale de Chante-Marle tenha perdido, com as suas belas árvores de outrora, o recolhimento e a solidão, é ainda delicioso, com o riacho de Planches marginado de rosais silvestres.

As aves canoras ali são abundantes. João Maria Vianney sentia grande atractivo por aquele recanto da natureza e conservou dele saudosa recordação. No meio do entusiasmo e das aclamações da multidão, o ouviremos suspirar pelos campos paternos, onde era tão feliz, porque ali encontrava tempo para orar a Deus e pensar na alma.

Ao chegar ao campo, ambos se ajoelhavam conforme a recomendação materna, a fim de oferecer a Deus os seus trabalhos de pequenos pastores; depois vigiavam o gado, cuidando bem que as vacas não causassem dano às plantações do vizinho.

Sem dúvida Gothon passava gostosamente o tempo a conversar com João Maria, porque ele sabia muitas histórias. Contava-lhe episódios do Antigo e do Novo Testamento; ensinava-a a rezar e dava-lhe conselhos sobre a piedade. Olha, Gothon, dizia ele, quando estiveres na missa te debes portar bem piedosamente, e mostrava como ela devia fazer. Mas o menino, que fora surpreendido em oração no estábulo, não cessava de experimentar aquela fome de Deus, que é o tormento e a alegria das almas santas. Faz tu a minha meia, pedia à Margarida, enquanto eu vou rezar na beira do regato. Havia do outro lado um salso carcomido pelo caruncho. João Maria colocava a imagem no oco da velha árvore, rodeava-a de musgo, ramas e

flores, depois, como um anjo, de joelhos sobre a relva, punha-se a desfiar o rosário. As margens do regato faziam as vezes de templo, onde só ele rezava. Algumas vezes João Vianney erguia à Virgem verdadeiro altar. Com a terra húmida da barranca construía pequenas capelas e modelava imagens de santos ou de padres. Possuía certa destreza nos dedos, que, com a educação, se foi aperfeiçoando. Chegou a fazer uma imagem da Virgem Santíssima que era sofrível: o seu pai queimou-a no forno e foi conservada por muito tempo em casa. Acabado o altar, Gothon e ele, fazendo reviver vagas recordações de procissões e festas do Corpo de Deus, que tinham sido abolidas, cantavam trechos de alguns hinos.

Por aqueles arredores andavam outros pastores. Nem sempre eram companhias dignas de crianças bem educadas. Mas João Maria não os podia impedir de virem ter com ele. Em certos dias passavam muitos deles pelo campo dos Vianney e contemplavam com admiração o altar coberto de verdura. Às suas perguntas João Vianney respondia com toda clareza e sem constrangimento. Como era possível que aqueles meninos da sua idade ignorassem o que representavam aquelas imagens? Também eles tinham ido à igreja em melhores tempos, porém menos piedosos e observadores do que João Maria, esqueceram as belas cerimónias dos domingos e dias de festas. Assim foi que, sem pensar, o pequeno Vianney se convertera em apóstolo e catequista dos seus companheiros. De pé ante o rústico altar repetia tudo quando tinha ouvido no silêncio inquieto daquelas noites memoráveis; ensinava-lhes as orações que aprendera com a mãe. Um menino, acrescentava ele, não deve desobedecer aos pais nem irar-se, nem proferir blasfémias e palavras grosseiras. E concluía gravemente: Ah! meninos, tende juízo e amai muito a Deus. Sob as árvores de Chante-Marle acabava de desabrochar uma vocação sacerdotal. O auditório estando mal acomodado, os sermões tinham que ser muito curtos. Não obstante isto, o pequeno pregador sabia atraí-los. Enquanto em toda a França eram proibidas as cerimónias religiosas, naquele vale ignorado, crianças punham-se em procissão com a cruz à frente, feita de dois paus cruzados. Recitavam o terço e cantavam cânticos singelos.

Quase sempre era eu que fazia de padre, diria mais tarde ao ver realizados os seus sonhos dourados.

Fora dessas piedosas distrações, o pequeno pregador gostava pouco de reunir-se com as outras crianças. Os jogos agitados e barulhentos e algumas conversas o desagradavam. Entretanto, para lhes ser agradável, consentia uma ou outra vez em jogar com eles o jogo da malha.

Era muito destro, contava, 70 anos mais tarde, André Provin, seu companheiro de infância, dois anos mais moço do que ele, e nos ganhava facilmente. Quando perdíamos, naturalmente ficávamos tristes. Ele, vendo a nossa tristeza, dizia: Pois bem, não é para isso que jogamos. E para nos consolar, entregava o que havia ganho, dando sempre um soldo a mais.

Levava muitas vezes para Chante-Marle um grande pedaço de pão que repartia com as crianças mais pobres, e tal caridade dava-lhe certa ascendência para censurar os mais violentos que, em acessos de cólera, espancavam os companheiros ou os animais com o cajado. Isso não se pode fazer, dizia ele docemente, é pecado. De ordinário era ouvido. Não obstante, esses contínuos avisos desagradaram a um mau rapaz, mais crescido do que ele. Bateu nas pernas de João Maria, certo de que os golpes não seriam vingados. Felizmente, entre aqueles meninos, havia-os também delicados e bem educados, tais como Francisco Duelos, André Provin, João Dumond. Nos dias em que Gothon não podia acompanhar o irmão, o pai permitia a João Maria levar consigo André, João ou Francisco. Vem comigo, dizia um dia o pequeno Vianney ao menino Duelos, eu tenho uma boa merenda; vamos reparti-la. Certa vez, chegados a Chante-Marle, João Maria ocultou-se para rezar, entre os prateados salgueiros que marginavam o regato de Planches. Onde está ele?, perguntaram os pastores dos campos vizinhos. Francisco Duelos, apontando indiscretamente com o dedo a pequena ermida, guiou-o até aos salgueiros e ali o encontraram ajoelhado.

Um dia, depois de almoçar, saiu de casa, com um burro carregado de trigo para levar ao moinho de Saint Didier. A filha do vizinho, Marion Vincent, que contava 7 anos, como ele, quis acompanhá-lo. Os pais de ambos não puseram obstáculo. E lá se foram as duas crianças estrada fora. Fazia muito calor. Sentaram-se à sombra para descansar e foi a hora das confidências. Marion apreciava muito aquele menino tão bom e tão obediente, cujos olhos brilhavam com tanta doçura. João Maria, disse ela candidamente, se nossos pais consentissem poderíamos casar-nos...

Oh! não, jamais, replicou prontamente, todo surpreso, não falemos mais nisso, Marion. Levantou-se, puxou o burro pela rédea e os dois pequenos continuaram viagem em direcção ao moinho. 60 anos mais tarde, Marion Vincent, sentada no umbral da porta, com a roca na mão, contava sem ressentimento e com voz comovida, aquele gracioso idílio, o mais risonho e talvez o único da sua vida. Em João Maria já se manifestava, aquela modéstia, aquela delicadeza inata que o levou a contrariar até os mais puros e mais legítimos afectos. Eu bem sei que é coisa permitida, dizia confidencialmente mais tarde, mas algumas vezes me tenho recusado a abraçar a minha boa mãe.

A Convenção pensou destruir todo o culto divino, fechando as igrejas; mas não pode suprimir uma das manifestações mais tocantes da religião: a caridade. Na família Vianney ela continuava a florescer. Era uma virtude herdada dos avós. O apóstolo dessa virtude tão divina foi justamente o nosso santo jovem.

Um dos seus colegas de Dardilly, André Provin, viu-o levar para as casas dos pobres o burrico ruço, carregado de lenha. João Vianney ia radiante de alegria. Leva duas ou três achas, lhe dizia o pai, depois acrescentava: Leva quantas, puderes.

Quanto aos desventurados errantes, sem casa nem lar, achavam com facilidade agasalho em Dardilly. Os Vincent - pais, de Marion - e os Vianney, fizeram um convénio que bem mostra as suas boas relações e sobretudo os sentimentos altamente cristãos: Os Vincent acolheriam as mulheres indigentes; os homens iriam para a casa dos Vianney. João Maria indicava aos mendigos a casa paterna. Alguns daqueles pobres, que sempre andavam a pé, levavam consigo crianças pequenas. Comovido até às lágrimas por vê-los tão infelizes, João Maria tomava os inocentes pela mão e da porta, os ia recomendando à mãe. A uns faltava o calçado ou o vestido, a outro as calças ou a camisa. A sra. Vianney deixava-se vencer e o filhinho, com o coração nadando em alegria, via saírem dum grande armário os presentes tão desejados. Os pobres se assentavam à mesa com os donos e eram os primeiros a serem servidos. Uma noite a Providência enviou aos Vianney 20 convivas dessa espécie. Não há bastante sopa para todos, disse a esposa ao marido. Não importa, eu ficarei sem ela, replicou o

bravo campônio. Entre aqueles caminhanes havia, quem sabe, sacerdotes proscritos, talvez também incrédulos imbuídos das ideias da época. Por uma proteção especial do céu a família Vianney não foi traída. Considerando bem, expunham-se a muitos perigos. Depois da sopa, as portas eram fechadas e os hóspedes, convidados a se porem de joelhos. Uma voz de união se elevava clara e pura: João Maria recitava as orações da noite. Depois, juntamente com os irmãos, acompanhava os pobres ao celeiro ou junto ao forno, onde lhes arranjava um grande leito de palha. E a paz de Deus envolvia dentro em breve a caridosa morada.

Antes de se deitar João Vianney fazia o que vira o seu pai fazer, o que fez outrora o avô Pedro Vianney. Varria o lugar onde se tinham assentado os hóspedes; punha a secar ao fogo, que se ia apagando, as velhas capas molhadas pela chuva. Finalmente, em companhia da mãe ou da irmã mais velha, entretinha-se com práticas religiosas, e assim a sua piedade ia sempre aumentando. Toda a família recitava por fim alguns Pai-Nossos e Ave-Marias pelos seus defuntos ainda no purgatório - os mendigos do além-tumulo - e davam-se as boas noites.

Desde aqueles tempos João Maria era devoto das almas do purgatório. No correr de 1793 morreu uma das nossas tias, contava Margarida Vianney. Dizíamos entre nós: que maçada; temos agora que ajuntar outro Pai-Nosso e outra Ave-Maria, como se já não fossem bastantes. João Maria, que contava então 7 anos, replicou: Oh! meu Deus, que é mais um Pai-Nosso e uma Ave-Maria, se os dizemos num instante? Muito cedo, o nosso santo, que nunca fora menino mal comportado, foi, segundo o costume, entre a gente do campo, dormir no canto do estábulo, onde havia uma cama para ele e Francisco. Sejamos bem comportados, dizia ao irmão mais velho, tenhamos juízo para não sermos surpreendidos como os pecadores.

CAPÍTULO III

A escola, a primeira confissão, a primeira comunhão (1794 - 1799)

As lições da cidadão Dumas - Um aluno exemplar - Os padres missionários: Groboz e Balley - A primeira confissão de João Maria Vianney - Em Ecully, na granja de Point-du- Jour primeira comunhão de um santinho.

A julgar por diversos acontecimentos da sua infância, João Maria chegou ao uso da razão muito cedo. Estava longe de ser um tardio. Apesar disso, fora das coisas de religião, com a idade de 9 anos, ignorava quase todas as disciplinas profanas. A irmã mais velha, Catarina, ensinou-lhe o que sabia, conseguindo ele desse modo soletrar um livro de orações. Era pois chegado o tempo de frequentar a escola. Infelizmente, porém, não existia escola em Dardilly.

A lei de 19 de dezembro de 1793 (29 frimaire ano II) dispunha que todas as crianças de 6 a 10 anos deveriam frequentar as escolas públicas durante três anos consecutivos, sob pena de os pais incorrerem numa multa equivalente à quarta parte dos seus haveres. A instrução seria comum para todos e para todos obrigatória. Dessa maneira julgavam os revolucionários que tal lei se estenderia até a última das mais ignoradas aldeias. Sonho irrealizável, pois a Revolução suprimiu as fontes de ensino. O ensino é livre, proclamava no primeiro artigo a lei de 29 do frimário. Mas ninguém podia ensinar a não ser que tivesse prestado o juramento e obtido o atestado de civismo. Nenhum membro das congregações religiosas, nenhum sacerdote, poderia ser escolhido como professor.

De mais a mais, havia insuficiência de professores jacobinos. A pequena escola de Dardilly, regida até 1791 por um bom cristão, foi fechada, não sendo mais reaberta. Até no domínio da instrução infantil, a queda de Robespierre (27 de julho de 1794, 9 termidor ano II), provocou uma forte reacção. A Convenção, abolindo o juramento de civismo exigido dos professores, reconheceu o direito a todo o cidadão de ensinar (17 de novembro de 1794, 27 brumário, ano II) . Graças a essa tolerância, no começo de 1795, o cidadão Dumas abriu uma escola em Dardilly. Era na

estação invernos, época em que as crianças não estavam ocupadas nos serviços do campo; o novo professor, aliás um bom cristão, viu afluírem alunos em número regular. Ensinava, além de ler e escrever, contos, história e geografia. João Maria começou a distinguir-se pelo comportamento e aplicação. O sr. Dumas, dizia Margarida, estava muito satisfeito com o pequeno, dizendo muitas vezes aos outros: Ah! se vocês se portassem como o Vianneyzinho! Deveras, os progressos do pequeno deveriam ter sido muito notáveis, pois vê-lo-emos, nos serões de inverno, ler o catecismo, ensiná-lo à Gothon, à irmã menor, ou ainda ler em voz alta a vida dos santos, escutada religiosamente pela família e pelos pobres.

Infelizmente a igreja continuava fechada. Houve certo momento de esperança com a morte de Robespierre. A perseguição perdeu muito da sua violência. *O decreto do ventoso* (3 ventoso, ano III, 21 de fevereiro de 1795) abrogava o culto do Ser Supremo, inaugurado pela Convenção e suprimia a Constituição Civil do Clero. Mas, depois destes meses (11 prairial, 30 de maio), novo decreto dispunha que ninguém poderia desempenhar o ministério de algum culto religioso (nas igrejas que ainda poderiam ser abertas) a não ser que antes fizesse acto de submissão às leis da república.

O velho cura de Dardilly, P. Rey, não havia aparecido, nem outro sacerdote não juramentado para tomar conta da paróquia.

A família Vianney, que não simpatizava com nenhum padre sujeito ao decreto de 30 de maio, continuava a ouvir a missa em casas particulares.

Até ao fim de 1794 os padres católicos que permaneceram na comarca de Lião não chegavam a trinta. Apesar da pena de morte, asseguravam o serviço religioso, ainda que sem ordem nem continuidade, ora aqui, ora acolá, por não lhes ser possível fixar residência. A França convertera-se em terra de missão e mesmo em algo pior. Não obstante, fazia-se sentir a necessidade duma acção organizada. Se Mons. de Marbeuf achou que era seu dever emigrar, o vigário geral, P. Linsolas, disfarçando-se, não abandonou a cidade. No começo de 1794, dividiu a paróquia em grupos paroquiais, e, para cada grupo, designou missionários, coadjuvados por catequistas leigos. Ecully ficou sendo um centro missionário, ao qual pertencia Dardilly. Conservam-se os nomes dos confessores da fé que

exerceram naquela região tão heróico ministério. Foram, em primeiro lugar, dois sacerdotes sulpicianos, Pes. Royer e Chaillon, antigos dirigentes do seminário maior; depois, um religioso, arrancado do seu convento pela tempestade revolucionária, o P. Carlos Balley, a quem teremos ocasião de ir conhecendo no decurso deste livro. Enfim, o P. Groboz, cura da paróquia de Sainte-Croix, que tendo fugido para a Itália transpôs novamente os Alpes para substituir, de algum modo, tantos colegas condenados à morte. Esses quatro padres viviam separados, dispersos em Ecully. Por motivo de precaução, adoptaram um officio que aliás exerciam bem pouco. Sabemos que o P. Balley trabalhava como mineiro e o P. Groboz como cozinheiro... As ferramentas e utensílios que carregavam davam-lhes certa aparência diante do povo e eram explicação suficiente das suas idas e vindas. Não saíam quase a não ser ao cair da tarde, indo por caminhos esquivos ao lugar combinado, onde diziam missa.

Com que respeito João Maria contemplava no altar aqueles homens envelhecidos antes do tempo, que traziam no semblante os sinais de tantas fadigas e de tantas privações suportadas pelas almas! A eles mesmos chamou a atenção aquele menino de límpidos olhares que orava com tanto recolhimento e com tanto fervor. Certo dia, no ano de 1797, o Pe. Groboz passou por Dardilly e visitou a casa dos Vianney. Abençoou as crianças uma após outra. Perguntou a João Maria:

Quantos anos tens?

Onze anos.

Desde quando não te confessas?

Eu nunca me confessei, replicou todo admirado.

Pois façamo-lo agora mesmo.

João Maria ficou a sós com o padre e começou a sua primeira confissão. Sempre me lembro dela, dizia mais tarde; foi em casa ao pé do relógio. De que pecados se poderia ter acusado? É de crer que a perfeita candura daquela alma de criança maravilhou o sacerdote que Deus enviara para receber as suas confidências. Foi para o sacerdote uma revelação. Era

necessário para aquela criança instrução religiosa mais completa. Poderia encontrá-la com as damas catequistas instaladas secretamente em Ecully. Não custou muito ao P. Groboz convencer os pais. João Vianney não poderia, pois, ficar por alguns meses, em casa de Margarida Beluse, irmã da sua mãe, casada com Francisco Humbert?

Qualquer razão de força maior - provavelmente a obrigação de enviar ainda por algum tempo o menino à escola do Sr. Dumas, fez com que fosse adiado para o ano seguinte a execução desse desejo. Finalmente, pelos meados de maio de 1798, Maria Vianney levou para Ecully o seu predilecto. Ficou combinado que a tia Margarida hospedaria o sobrinho, mas que os pais dariam a roupa e o alimento. Graças a esse arranjo, João Maria pôde ver frequentemente na casa do Point-du-Jour - era esse o simpático nome da casa - o pai, a mãe, irmãos e irmãs.

Duas religiosas de S. Carlos, as irmãs Combes e Deville, cujo convento não existia mais, encontraram refúgio em Dardilly. Os missionários confiaram-lhes a delicada tarefa de prepararem as crianças para a primeira comunhão.

João Maria foi instruído por elas juntamente com outros quinze.

O grande dia foi precedido por um retiro. Durante esse tempo o jovem Vianney parecia todo abismado em Deus. Já naquela idade, disse mais tarde Fleury Véricel, de Dardilly, nós o olhávamos como a um santinho. Rezava, rezava e não se comprazia em outra coisa. Vede, diziam os colegas, dando-lhe um apelido que por certo provinha da fama de Mateus Vianney, vede o pequeno Gorducho que faz concorrência ao seu anjo da guarda.

Estamos no ano de 1799, durante o segundo Terror, no tempo em que se corta o feno. A indecisão, que se havia seguido à queda de Robespierre, não durou muito; os católicos ainda continuavam a ser perseguidos; os padres morriam às centenas; eram deportados para as Guianas, internados nos porões de Rochefort, de Ré ou de Oléron. O S. Padre Pio VI, ancião de 82 anos, estava prisioneiro da Revolução. O Calendário republicano

continuava a vigorar e a década substituí-a o domingo. As nossas belas festas religiosas, tão consoladoras para o povo, permaneciam proscritas e tentava-se substituí-las por ridículas cerimónias. Era ainda necessário esconder-se para orar a Deus. Em Ecully, a casa daquela que daqui em diante chamaremos Pingon, possuía vastas dependências. Foi esse o lugar escolhido pelos P.P. Groboz e Balley, para celebrarem a festa das crianças, festa celestial e esplendorosa, radiante de luz em tempos pacíficos, mas que o povo ignorava naquele fim de primavera. De manhãzinha os 16 meninos de Dardilly, que iam comungar, foram conduzidos separadamente, em trajés ordinários, para uma grande sala, cujas portas e janelas estavam bem fechadas, pois os meninos tinham cada um a sua modesta vela e não convinha que fossem vistos de fora. Para maior precaução, puseram diante das janelas algumas carretas cheias de capim, e durante a cerimónia, para dissimular melhor, vários homens se ocupavam em descarregá-las. As mães levaram com muito cuidado, sob os xailes, os véus e os laços brancos. Cada qual aprontava o próprio filho para a visita divina. João Maria contava treze anos completos. Alma de um senso espiritual já mui apurado, podia bem apreciar o dom que acabava de receber. Tinha fome de Cristo e as tristes circunstâncias haviam tomado ainda mais distante aquele dia.

Recebeu a Eucaristia com o coração cheio de fé, desejo e grande amor: Eu estava presente, contava Margarida Vianney. Meu irmão estava tão contente que não queria mais sair do lugar onde teve a felicidade de comungar pela primeira vez. Sem dúvida, havia muito, viviam no seu interior aquelas palavras que haveriam de sair tão ardentes dos seus lábios sacerdotais: Quando a gente comunga, sente algo de extraordinário... um gozo... uma suavidade... um bem-estar que corre por todo o corpo e o faz estremecer... somos obrigados a dizer como São João: Eis o Senhor!... Oh! meu Deus, que alegria para um cristão que se levantando da mesa sagrada vai com todo o céu no coração.

Mais tarde, não falava da sua primeira comunhão sem verter lágrimas de saudosa ternura. Passados 50 anos, mostrava aos meninos de Ars o modesto rosário de neo-comungante, exortando-os a conservarem cuidadosamente os seus como lembrança preciosa.

No mesmo dia voltou com os pais para Dardilly. Passara o tempo da infância e o tempo dos estudos. Ainda que crescesse lentamente, era forte para a sua idade. Os trabalhos caseiros da granja e do campo já o reclamavam. Desde então embalsamou mais do que nunca a casa paterna com o perfume das suas virtudes. O aspecto franco, a atenciosa afabilidade que o levava a saudar cortêsmente toda a gente, acabaram por ganhar os corações de todos.

CAPÍTULO IV

Trabalhos do campo (1799-1805)

Trabalho santificado - As zombarias dos companheiros - A concordata de 1802 - A Restauração do culto em Dardilly - Ser padre - As primeiras confidências - Os primeiros obstáculos - Recebido pelo Pe. Balley

O golpe de força de 18 brumário, ano IV (9 de novembro de 1799), que pôs nas mãos do general Bonaparte os destinos de França, livrou praticamente a Igreja do jugo perseguidor, sem necessidade de novas leis. Imediatamente os sacerdotes, aproveitando-se da tolerância do primeiro cônsul, regressaram do exílio. As Igrejas começaram a ser reabertas, particularmente a de Ecully, onde os P.P. Groboz e Balley celebraram publicamente a missa. Os católicos de Dardilly se apresentaram em massa; entre os primeiros estava a família Vianney. Enfim, podiam santificar o domingo. João Maria exultava de alegria ao ver brilhar diante do altar uma lâmpada acesa, indicando a presença de um ser que lhe era muito querido. Quando Dardilly terá o seu sacerdote? Os corações enchiam-se de esperança.

Dali em diante os trabalhos do campo pareciam menos duros. Um olhar para a igreja distante dava coragem ao trabalhador fatigado! João Maria começava a manejar instrumentos pesados. Deixou à Gothon e ao Francisquinho, que andava pelos 9 anos, a guarda do rebanho. Entretanto, ele ajudava no amanho dos campos, o pai, o irmão mais velho e o empregado da granja. Conforme as estações, lavrava a terra, cavava a vinha, recolhia as nozes, as maçãs, abria valetas, podava as árvores e empilhava a lenha. Ocupava-se ainda em cuidar dos animais no estábulo, em segar o feno, no paiol, na vindima e nos trabalhos do lagar. Acções essas, pequenas em si, mas que se tomam grandes conforme a intenção que as anima. Para João Maria foram de muito proveito, porque as oferecia a Deus de coração todos os dias. Mais tarde ouvi-lo-emos explicar o segredo da vida interior da sua juventude. É mister, diria numa de suas catequeses, oferecer a Deus o nosso trabalho, o nosso repouso e os nossos passos. Oh! como é belo fazer tudo por Deus. Vamos, minha alma. Se tu trabalhas com Deus és tu que trabalhas, mas é Deus que abençoa o teu trabalho. De tudo tomará nota;

a privação de um olhar, duma satisfação, tudo será anotado. Há pessoas que sabem aproveitar-se de tudo, mesmo do inverno. Faz frio; oferecem a Deus os pequenos sofrimentos. Como é bom oferecer-se a Deus toda as manhãs em sacrifício.

Desse modo João Maria, no campo e em casa, santificava a sua alma; tinha sempre presente um mundo invisível. Mas com isso não se tornava indolente e sonhador, era de compleição robusta e o temperamento inclinava-o para a acção. Certo dia, pouco depois da primeira comunhão, foi com Francisco trabalhar na vinha. Quis emparelhar com o irmão, rapaz de 15 anos; à tarde voltou para casa extenuado, abatido. Estou cansado, disse à mãe, porque quis acompanhar o Francisco.

Francisco - disse a mãe magoada, não andes tão depressa, mas ajuda-o um pouco. Bem vêes que ele é mais fraco do que tu.

Oh! - replicou Francisco calmamente, João Maria não está obrigado a fazer tanto como eu. Que diriam se o mais velho não adiantasse mais no trabalho? No dia seguinte - é Margarida Vianney que conservou tão interessantes recordações - uma irmã de *Antiquaille* de Lião veio à nossa casa. Deu a cada um de nós uma imagem. Trazia uma pequena estátua da Virgem Santíssima encerrada num estojo. todos a queríamos. Deu-a, porém, a João Maria. No dia seguinte foi trabalhar como de costume com Francisco. Antes de pegar no serviço, beijou devotamente os pés da imagem, colocando-a mais adiante, a certa distância. Quando chegou no lugar onde estava, tomou-a respeitosamente e fez como na primeira vez... De regresso à casa, disse à mãe: Terei sempre confiança na Virgem. Hoje invoquei-a e se dignou ajudar-me. Já posso acompanhar o Francisco no trabalho, sem sentir cansaço algum. João Maria e Francisco andaram parelhos por espaço de 8 dias. Trabalharam em silêncio como os trapistas. Para não incomodar Francisco, João Maria rezava em voz baixa ou mentalmente. Eia, pensava ele ao dar uma enxadada: é preciso que assim cultives a tua alma, é preciso arrancar a erva daninha, a fim de prepará-la para a boa semente. Mas quando se achava só no campo, abria o coração a todas as efusões; misturando a sua voz com o gorjeio dos pássaros recitava preces e entoava piedosos cânticos. Costumava desde a infância saudar a Virgem a cada hora que soava, ajuntando à Ave-Maria a piedosa fórmula:

Deus seja Bendito! Coragem, minha alma! O tempo passa! A eternidade se aproxima. Vivamos tal como devemos morrer. Bendita seja a Imaculada Conceição de Maria, Mãe de Deus.

Depois da refeição, quando descansavam juntos, João estendia-se como os outros sobre a relva; fingia dormir, mas orava a Deus, de todo o coração.

Enquanto essa rude existência o prepara para maiores austeridades, imagens mais concretas se lhe acumulam na memória. Chegará o dia em que, a exemplo de Cristo, vai inspirar-se nas cenas da natureza e da vida familiar para pregar a verdade. Contempla o vôo das alvas pombas que o fazem pensar no Espírito Santo. O grão de trigo lançado à terra, carecendo de chuva e sol para produzir espigas, é para ele imagem da alma fecundada pela graça. Os frutos mais sazoados e atraentes, picados por um verme, simbolizam aparentes boas obras inspiradas e contaminadas pelo orgulho. Respira o perfume da vinha em flor, menos suave do que o de uma alma que se acha em paz com Deus. O mel que corre dum racimo maduro afigura-se-lhe a saborosa doçura da oração. O campo inculto lembra-lhe a consciência embrutecida do pecador. Olha para a fumaça que turbilhona sobre as fogueiras dos pastores no inverno; as cruces atiradas às chamas do amor, diz, são como as ramas de espinho que o fogo consome; os espinhos são duros, mas a cinza é macia.

Ao findar o dia, os trabalhadores dum mesmo quarteirão costumavam, muitas vezes, ajuntar-se a outros, para voltarem ao povoado em amigável conversa. Falavam e cantavam; alguns chistes grosseiros, não raro, escapavam durante a conversação. Isso aborrecia muito o pequeno Vianney. Por outra parte, ao chegar aquela hora em que a mesma natureza parecia recolher-se, experimentava grande desejo de solidão e silêncio. Eis por que resolutamente ficava a uma certa distância dos outros. Então, com o rosário na mão, rezava à vontade. Os lábios se moviam sem cessar. Os companheiros voltavam-se para contemplá-lo tão modesto e tão bom; alguns também, contaminados pelas ideias daqueles maus tempos, riam-se da sua piedade. Francisco, diziam com ironia, também não vais murmurar pai-nossos com o teu irmão? Francisco não gostava que zombassem assim do maninho. Sem responder, contentava-se em corar um pouco. Aliás, João Maria bem poderia reduzir ao silêncio os zombeteiros. Grande observador,

não desconhecia os defeitos alheios, e as suas réplicas eram subtis e prontas, mas, por virtude, preferia calar-se. Ocultava o rosário na mão e continuava a prece. E os jovens néscios, envergonhados por tal proceder, mudavam de assunto.

Eram os mesmos camaradas, sem dúvida, que se divertiam em lhe esconder os utensílios. Tais farsas de mau gosto, tantas vezes repetidas, teriam exasperado outros menos pacientes. O pobre João parecia não ter nenhum ressentimento. Sem perder o bondoso sorriso, procurava entre os arbustos a pá ou a enxada e, encontrando o instrumento, voltava alegremente ao trabalho.

Certo dia Francisco, por um motivo muito fútil, o repreendeu com palavras mui ásperas. João poderia ter-se desculpado. No entanto preferiu calar-se. Tais exemplos deveriam, cedo ou tarde, produzir os seus efeitos. Os que o criticavam no caminho de Dardilly acabaram, sem dúvida, como aquele velho que dizia a Mons. Richard, bispo de Belley: João Maria era um modelo. Alguns reprovavam o seu proceder; no final de contas, tinha razão; era o verdadeiro prudente.

Começava, entretanto, uma nova aurora a iluminar o céu da Igreja em França. O primeiro cônsul, desejoso de restabelecer na República a ordem perturbada, dando-lhe a paz interna, compreendeu que, sem religião, não faria nada de sério, nem duradouro. Daí as negociações com o Papa para um acordo que foi assinado em Paris no dia 16 de julho de 1801 e ratificado em Roma a 15 de outubro. A 5 de abril de 1802 o Corpo Legislativo declarou-o lei de Estado.

Que emoção em Paris quando, no dia 18 de abril, ao raiar da aurora primaveril, o grande sino de Nôtre-Dame, que há dez anos havia emudecido, encheu os ares com repiques de triunfo para anunciar com a festa de Páscoa a ressurreição da Igreja Católica em França! Foi com lágrimas de júbilo que a família Vianney e de modo especial João Maria recebeu a faustosa notícia. Passados alguns meses, o P. Jacques Rey, a quem o exílio não pudera roubar o título de cura nem o amor dos seus

paroquianos, voltou para Dardilly. Desde a primavera de 1802, as solenidades litúrgicas, das quais João Maria apenas conservava vaga recordação, foram celebradas como antes da grande tormenta!. Na festa de *Corpus Christi* colheu rosas no jardim para despetalá-las à passagem da procissão. Ajudou também os irmãos e irmãs a tecerem grinaldas de azevinho e de louro... Que comoção em todo o seu ser quando a porta da igreja se abriu de par em par, e quando ao canto do *Pange lingua*, brilhou na praça a custódia, acompanhada por uma multidão em prece!

Dali em diante, sempre que lhe foi possível, antes de ir para o trabalho, o jovem Vianney passava pela igreja a fim de buscar forças para todo o dia. Mas, na época em que o sol começa a luzir antes do Angelus, tinha que aproveitar o tempo para adiantar a colheita de feno ou do trigo. João Maria estava no campo antes da missa matinal. O piedoso trabalhador achava-se ali, onde o dever o reclamava, pois a sua devoção era obediente e isenta de vãos escrúpulos. De longe, unia-se ao sacerdote que celebrava, com a recitação de cinco Pai-nossos e de cinco Ave-marias. O desejo de receber o Corpo de Cristo enchia-lhe o coração de suavidade sobrenatural. Entretanto, às vezes, era-lhe difícil conter-se. Em certas ocasiões, pela tarde, o repique do sino anunciava a bênção. Como o pai sofresse de reumatismo: Meu pai, dizia João Maria para obter a licença de ir à igreja, deixe-me ir à igreja por uma meia hora. Vou pedir para que desapareça o seu mal.

A família Vianney, até mesmo nos anos de perseguição, quando a década era o dia oficial de descanso, não deixara de santificar o Dia do Senhor.

Na noite de sábado para domingo, assistiam à missa do padre proscrito e o resto do dia passavam em oração, lendo bons livros ou visitando os parentes e amigos. Restaurado o culto, pouco tiveram que mudar nos costumes, não havendo dúvida que a fé se ia cada vez mais avivando, pois o exemplo de João Maria levava-os a uma vida cristã mais perfeita. Aos domingos, vestia-se às pressas, ia para a igreja; e ali passava a maior parte do tempo ajoelhado, com olhos fixos no sacrário, como um anjo em oração, edificando todos os que o viam.

Desde aquela época, procurava aprofundar melhor na religião cristã. Fora do domingo, porém, só podia dispor de alguns momentos à noite. Acima da sua cama, no quarto de dormir, havia uma estante que ainda se conserva, na qual colocava os livros de oração. Tomava o *Evangelho* ou a *Imitação de Cristo* e à fraca luz de uma candeia de cera punha-se a ler. Francisco, que dormia com ele na mesma cama, preferia repousar. A princípio, mostrou-se paciente, mas terminou queixando-se à mãe, a qual prudentemente proibiu a João Maria de velar até tarde, ordenando-lhe que tomasse o repouso de que tanto precisava.

João Maria obedeceu sem um murmúrio, mas na escuridão da noite, enquanto Francisco dormia, continuava a velar, pensando em Deus e no futuro. Quais poderiam ser os seus pensamentos? Escutava como no fundo da alma ia despertando aquele segue-me que, pronunciado nas margens do mar da Galileia, arrastou Pedro, André, Tiago e João em seguimento de Cristo. João Maria Vianney queria ser sacerdote e esse desejo tão íntimo era o que o fazia tão bom. Mas como consegui-Lo? Já andava pelos 17 anos e só havia feito os estudos primários. Impunha-se-lhe o estudo do latim e que pensariam a respeito do seu ardente desejo? No que dependesse da mãe estava seguro; ela se apressaria em dar ao Senhor o seu predilecto. Mas o pai? Posto que muito caridoso, era de uma piedade mais comum e o rude trabalho do campo o absorvia por completo. Demais, Francisco fora recrutado para o exército, sendo preciso resgatá-lo. E a Catarina, já noiva, era necessário dar-lhe algo em dote, pela ocasião do casamento... As esperanças de João Maria flutuavam num mar de angústia. Mas... e as almas a salvar? Todas aquelas paróquias sem padre, tantas crianças abandonadas, sem instrução religiosa, sem sacramentos, sem Eucaristia. Tanta messe em desperdício por falta de obreiro para recolhê-la! Não valeria a pena desprezar todos os dissabores e superar todos os obstáculos?

Receberam as suas primeiras confidências a mãe e depois a tia Humbert. Sem rodeios, lhes expôs o verdadeiro motivo da sua vocação: Se eu fosse sacerdote desejaria ganhar para Cristo muitas almas. Não foram necessários circunlóquios, nem discussões para obter o consentimento desejado. Bastou lançar-se aos braços da piedosa mãe, que chorava de alegria. Faltava conquistar o rude pai. João Maria hesitou por algum tempo em lhe confiar o segredo. Enfim, encorajado pela mãe, animou-se a lhe falar

à hora do descanso, depois do trabalho. As dificuldades ele já as havia previsto. Mateus Vianney mostrou-se inflexível. Pagar os estudos de João Maria depois do dote de Catarina, casada havia pouco tempo com o Sr. Melin, de Ecully, depois do resgate de Francisco - pois havia tirado mau número e era necessário achar quem o substituísse. Verdaderamente isso seria a ruína. Não convinha pois pensar mais nisso. De mais a mais, em dias em que a situação dos sacerdotes era tão precária... Quem se encarregaria de ensinar a um moço de 18 anos? João Maria guardou um doloroso silêncio. Mateus Vianney comunicou à esposa as confidências do filho e o acolhimento que lhes tinha dado.

Em vão a esposa cristã lhe fez ver que se tratava do mais virtuoso dos filhos, do mais trabalhador e do mais ajuizado. Todos esses argumentos se voltaram contra a causa que ela queria defender. João Maria era um bom trabalhador e um camponês experimentado; mais uma razão para que ficasse em casa. Doutro lado o chefe da família estava envelhecendo: teria pois que contratar um segundo empregado. Numa palavra: o lavrador de Dardilly não se conformava em ceder a Deus tão grande tesouro.

Longa e porfiada foi a luta durante dois anos. João Maria sempre calava, mas o desejo se lhe refletia nos olhos. A conduta exemplar continuava a dizer ao pai obstinado na sua recusa a realidade de uma vocação imperiosa que tanto menos haveria de ceder, quando já possuía a aprovação do confessor. É muito provável que João Maria Vianney tenha confiado ao Pe. Rey os seus desejos e os seus desgostos. Infelizmente esse padre contraíra no exílio dolorosas enfermidades. Nos princípios de 1803, a autoridade diocesana confirmou-lhe o título de cura de Dardilly, mas poucos meses depois, demitiu-se do cargo, retirando-se para Lião. O Pe. Jaques Toumier, que o substituiu a 7 de julho, somente pouco a pouco travou relações com a família Vianney. Entretanto Deus não abandonava, como parecia, o seu humilde servo. A Providência preparava-lhe os caminhos por onde chegaria ao cume do sacerdócio e da santidade. Ao mesmo tempo que o P. Rey fora confirmado no curato de Dardilly, Mons. de Merinville, encarregado pelo cardeal Fesch de reorganizar a diocese de Lião, nomeou cura de Ecully um outro confessor da fé, o P. Carlos Balley. O P. Balley era o filho mais moço duma família de 16 irmãos. Nasceu em Lião a 30 de setembro de 1751. Irmão de um cartucho, D. Estevão, entrou

jovem, com um outro dos seus irmãos, João Alexandre, para os cónegos regulares de Sta. Genoveva. Ao reventar a Revolução era cura em S. Clemerite de Chou, diocese de Blois. Expulso da paróquia, refugiou-se em Lião, e ali viveu ora numa casinha que herdara da família, ora em esconderijos mais seguros, e muitas vezes em casa do Sr. Loras. Isso deu-lhe ensejo de assistir, desolado, à apostasia do irmão Alexandre. A 14 de janeiro de 1794, D. Estêvão era guilhotinado na Praça dos Terrores. Suportou com sorriso nos lábios o glorioso martírio. Três meses depois o P. Balley ajuntou-se aos heróicos missionários que tantas vezes arriscaram a vida para conservar a fé, em Ecully e seus arredores. Quando em 1803 foi nomeado cura titular, levou consigo a sua irmã Margarida, antiga religiosa da Anunciada Celeste, 18 anos mais velha do que ele.

Uma das primeiras ocupações do P. Balley ao se estabelecer em Ecully foi a de recrutar vocações sacerdotais. Teve bom êxito, e, dentro em breve, fundou uma escola presbiterial. O marido de Catarina Vianney, excelente cristão, informou tudo isto ao jovem cunhado. João Vianney já conhecia o P. Balley por ter assistido à missa dele no tempo do Terror.

O trabalho do novo cura de Dardilly era imenso, esmagador. Tinha que acudir a todas as necessidades religiosas de uma extensa paróquia, bem próxima de Lião, na qual a Revolução fizera grandes estragos. Contava apenas 52 anos e já se achava acabado pelas privações de uma vida errante, em contínuo perigo. Não importa. Para deixar substitutos nos trabalhos apostólicos iria à casa dos pobres bem como a dos ricos recrutar meninos e jovens em cujas frentes descobrisse o sinal do chamamento divino. Foi assim que se abrigou sob o seu teto um futuro jesuíta, o jovem Dechamps, depois Matias e Jacob Loras, filhos daquele homem de bem, morto no cadafalso, de quem tantas vezes recebera hospitalidade nos dias mais sombrios.

Desde que João Maria Vianney conheceu a existência de tal escola presbiterial, sentiu o coração encher-se de esperanças. Não seria aquela a ocasião oportuna para fazer ao pai uma outra tentativa com maiores probabilidades de vitória! A mãe, que não cessava de encorajar o filho na santa resolução, desta vez entrou de advogado. Fez ver a Mateus Vianney que não se tratava mais de mandar João Maria para um seminário

longínquo. O filho ficaria bem perto deles em Ecully, onde fizera a comunhão e onde tornaria a encontrar o teto de Humbert. Além disso, a despesa não seria tanta: João ia ficar em casa do P. Balley somente durante as aulas. A tia Margarida lhe prepararia as refeições... Afinal de contas, que desejava o filho senão a vontade de Deus? Mateus Vianney foí conquistado. Pois bem, disse ele, já que João Maria está tão firme no seu propósito, não quero mais contrariá-lo

A essa feliz nova, o nosso aspirante apressou a mãe a ir ter com o P. Balley. Maria Vianney, acompanhada da irmã Margarida Humbert apresentou-se no presbitério de Ecully, O P. Balley, magro e de alta estatura, tinha um perfil romano, era de aspecto grave e impressionante à primeira vista. Armando-se de coragem, as duas senhoras expuseram ao pároco o objetivo da visita. Informaram-no como se havia manifestado a vocação em João Maria, sobre a idade e os estudos primários incompletos feitos já havia tempo. O P. Balley escutava indeciso.

Tenho muito trabalho, respondeu finalmente, não me é possível receber mais um aluno. As duas senhoras insistiram.

Não; não posso. Não posso. Tal foi o desfecho desanimador da primeira entrevista.

Desoladas, as mensageiras foram levar a triste nova ao marido de Catarina. Instado por elas, consentiu Melin em pleitear novamente uma causa de tanto compromisso. A princípio o P. Balley renovou as recusas.

Mas, insistiu, ao menos consinta em ver o meu cunhado; estou certo que se o conhecer haverá de aceitá-lo.

Pois bem, que venha!

E o humilde cultivador dos trigais e vinhedos apresentou-se, em companhia da mãe, diante daquele que haveria de introduzi-lo no campo do Pai de Família: O austero P. Balley fixou os olhos perscrutadores no moço de 19 anos, muito recolhido e discreto. Fez-lhe algumas perguntas, achando-o muito instruído em religião. Agradou-lhe o sorriso franco e confiante do candidato ao sacerdócio, abraçando-o com afectuosa

afabilidade. Oh! por esta vez, pensou no seu interior, aceito-o. Depois, dirigindo-se a João Maria: Fica tranquilo, meu amigo, eu me sacrificarei por ti, se preciso for.

CAPÍTULO V

Uma vocação tardia (1805-1809)

João Maria aos 20 anos - O grandalhão no meio dos pequenos - Crises da vocação - Peregrinação a Louvesc - Voto embaraçoso- A idade do serviço militar - Viagem do Cardeal Arcebispo - Confirmação de João Maria Baptista Vianney. A ordem de marchar.

Pela segunda vez João Maria deixou os campos de Dardilly e a casa paterna, Ainda que tivesse crescido depois da primeira comunhão, os moradores de Point-du-Jour encontraram no moço de 20 anos o amável e cândido menino de outrora.

Sem ser ainda perfeito, o futuro santo mostrou bem depressa a que grau de santidade poderia elevar-se. Em cada refeição, contentava-se com a sopa, sem provar outra coisa, ainda que insistissem com ele. E isso naquela idade de desenvolvimento, quando o apetite possui imperiosas exigências, João Maria, que traçara um plano de penitência e se impusera segui-lo, desejava mortificar-se ainda mais. Para atrair sobre os estudos as bênçãos do céu, suplicava à tia para separar a sopa para ele antes de por a manteiga. Fosse por esquecimento ou comodidade, Margarida Humbert servia-o algumas vezes como aos demais. Mas o sobrinho, cuja vivacidade natural ainda o dominava por alguns instantes, ao tomar as primeiras colheradas, fazia cara feia, como se a sopa lhe provocasse vômitos. Virá o dia em que, transformado pela graça, conservará o sorriso em circunstâncias ainda mais desagradáveis.

Sempre grande amigo dos pobres, levava quantos mendigos encontrava na rua para passarem a noite na casa dos Humbert; muitas vezes chegou a encher a casa. Certo dia em que foi visitar a família em Dardilly, deu a um pobre os sapatos novos que o pai lhe comprara. Podia considerar-se dono legítimo, tendo-os adquirido com o ganho do seu trabalho. Não obstante foi severamente repreendido ao chegar a casa descalço. Mas não se corrigiu. Em outra ocasião encontrou no caminho um pobre rodeado de filhos pequenos. Compadecido, deu-lhe a quantia de 7 francos que levava consigo.

Os estudos de seminarista estavam pois começados. As manhãs e as tardes, passava-as ordinariamente no presbitério de Ecully. Ao entrar era recebido prazenteiramente pela Srta. Margarida Balley, que, sob a veste do século, conservava a alma e as maneiras da irmã Maria Josefa Doroteia. O seu irmão Carlos passava por bom teólogo. Várias vezes havia recusado a cadeira de moral do Seminário Maior de Lião.

Se era de trato grave e voz rija, o olhar em compensação era doce e benévolo. Em pouco tempo João Maria conquistou-lhe a simpatia.

Mas, infelizmente, a gramática latina pareceu-lhe horrível. O jovem estudante era pronto e subtil nas respostas. Gostavam de ouvi-lo falar. Mas tinha muita dificuldade no que se referia aos estudos. Tornava-se, embaraçado, desde que sentia uma pena entre os dedos. Devido ao pouco uso da inteligência durante muitos anos, esta tornara-se como que entorpecida. Em João Maria essa faculdade enferrujara-se, por assim dizer, durante o tempo em que manejava a enxada. Esquecera as poucas noções gramaticais recebidas na escola do cidadão Dumas. E não era possível empreender o conhecimento da sintaxe latina sem conhecer a da francesa! Que trabalho esmagador! O pequeno Dechamps e os irmãos Loras, muito bem educados, que retinham com facilidade as declinações e conjugações, riam à socapa ao ouvirem tropeçar o grandalhão naquilo que eles aprenderam brincando. O P. Balley certamente não tinha vontade de rir. Aquele moço já ajuizado e de profunda piedade iria capitular diante do primeiro obstáculo? Terrível trabalho, mais duro do que o do campo. Chegando à noite, o aluno de 20 anos, à débil luz de uma lamparina, se debruçava obstinadamente sobre os livros. Depois, numa prece fervorosa, suplicava ao Espírito Santo que lhe gravasse os vocábulos na sua pobre cabeça. E no dia seguinte notava que as palavras rebeldes, haviam fugido da memória. Exercitava-se na tradução das Histórias escolhidas do Antigo Testamento, o manual clássico para os principiantes daquela época. O padre Dechamps conta como ajudava o antigo colega de estudos a procurar as palavras no dicionário e a traduzi-las convenientemente. Um dos Loras, Matias, talvez o mais inteligente dos discípulos do P. Balley, prestava a João Maria o mesmo serviço. Mas Matias era um tanto irritadiço e de mão muito leve. Certo dia, cansado com as incompreensões do grande, deu-lhe uma bofetada em presença dos outros. O ofendido, dotado de uma natureza

violenta, ajoelhou-se diante daquele menino de 12 anos que acabava de batê-lo, pedindo-lhe perdão humildemente. Matias ocultava um coração de ouro. Arrependido até às lágrimas da sua má acção, atirou-se aos braços de João Maria Vianney, que ainda se conservava de joelhos. Deste modo foi firmada uma profunda amizade. Nunca Matias Loras, mais tarde missionário nos Estados Unidos e depois bispo de Dubuque, esqueceu as palavras e o gesto do colega.

Os progressos de João Maria nos estudos foram quase nulos, durante os primeiros meses. Não obstante, estudava com uma tenacidade admirável. A languidez do semblante, devido à parca alimentação, deixava transparecer o enfraquecimento das suas forças. A tia Humbert, que não podia com ele neste assunto, julgou do seu dever chamar a atenção do Padre Balley. O Cura de Ecully, muito austero para consigo mesmo, não fez grande caso. João Maria era, como já referimos, um moço perfeitamente sadio mas precisava para se sustentar de mais alimento que qualquer outra pessoa. Não obstante isso, jejuava rigorosamente. Olha, meu filho, disse-lhe finalmente, é bom orar e fazer penitência, mas é também preciso alimentar-se para não estragar a saúde.

Aproximava-se, entretanto, uma crise de espírito cujo desenlace poderia ter sido fatal. O trabalho, de facto, era demasiado duro e ingrato. A tentação se desencadeava como tormenta sobre aquela alma desolada. Apoderou-se do pobre estudante grande desgosto por tudo quanto havia sonhado.

Começou a rever em pensamento o lar e os campos paternos, em cujo cultivo, graças à sua robustez, conseguira êxitos mais fáceis. Vou voltar para casa, disse com tristeza ao P. Balley, que muito se apiedava dele. Com um olhar penetrante o velho mestre sondou a grande mágoa do querido discípulo. Mas, sabendo que tesouro fora confiado à sua guarda, perguntou-lhe: Aonde vais, meu filho? Só irás aumentar as tuas penas... Bem sabes que o teu pai nada mais deseja do que ter-te a seu lado; e em te vendo arrependido e triste não te deixará mais voltar. Ah!, então, adeus todos os teus planos, João Maria! Adeus, sacerdócio! Adeus, almas!... Oh! não; não pode ser. Deus não permitirá. Uma vocação tão sublime - o sacerdócio, o

altar, a salvação dos pecadores, a messe tão abundante e os operários tão poucos - conjurou a dolorosa crise. O demónio do desalento deixou de inquietar aquela alma pura. Mas nem por isso a memória do estudante se tornou menos rebelde; conforme o que ele próprio confessa: não podia reter nada na ingrata cabeça. Côncio do perigo, para comover o céu e obter o auxílio necessário, recorreu explicitamente a um herói. Fez voto de peregrinar a pé, mendigando o pão, tanto na ida como na volta, até ao santuário de Louvesc, e visitar o túmulo de S. Francisco Regis, o apóstolo de Velay e de Vivarais.

Era no ano de 1806 durante o verão. A distância que separa Ecully de Louvesc é de uma boa centena de quilómetros. Não obstante a sua magreza de asceta, João Maria Vianney conservava-se animado e bem disposto. Resoluto no projecto, não se lembrou que as forças lhe poderiam falhar no caminho.

Pela manhã, após ouvir missa e comungar, partiu levando nas mãos bastão e rosário.

Depois de longa caminhada a fome e a sede se fizeram sentir; era necessário render-se. Aproximou-se da porta de uma vivenda.

Que quer esse vagabundo com ares de santinho? Não estará projetando algum assalto? De outro lado, que história inverossímil l Seus estudos... S. Francisco Regis? .. Quem será tão tolo para lhe dar crédito? Não acontece tantas vezes estar sob a aparência de pacífico peregrino um soldado desertor, refractário, em caminho para as fronteiras de Savóia ou Piemonte? Assim o jovem viajante foi tratado de vagabundo, de meliante e enxotado de todas as portas, chegando até a ser ameaçado com a polícia. Poderia ter conseguido muito bem os víveres necessários, porque para caso extremo trazia algum dinheiro; mas, fiel ao voto, nada quis comprar.

Continuou, pois, o caminho, comendo ervas e bebendo água das fontes. À força de cansaços, porém, ficou como que aturdido, e, devorado pela fome, animou-se a entrar numa casa. Encontrava-se nela uma mulher que desenrolava um novelo de barbante. Esperava que lhe desse alguma coisa para comer. Ela pediu-lhe que puxasse ponta do fio porta afora. Acreditou

prestar um favor, mas, quando se achava fora, a mulher fechou a porta. Naquela noite não pôde encontrar lugar para dormir, passou-a ao relento.

Por felicidade encontrou mais adiante corações menos duros. Alguns pedaços de pão, recebidos de esmola, permitiram-lhe chegar, por caminhos quase intransitáveis, ao célebre santuário de Louvesc, situado a 1.100 metros de altitude, entre as montanhas de Haut- Vivarais.

Estava extenuado, mas feliz.

João Maria Vianney teve o pensamento em chegando àquele lugar de se ajoelhar ante o sepulcro do santo e expor-lhe o motivo da viagem: alcançar a graça de aprender o latim necessário para cursar a teologia.

Esta graça absolutamente indispensável para conseguir o fim almejado foi-lhe concedida com muita parcimônia. Deus, que tem os seus desígnios sobre cada alma em particular, pondo à prova a fé do seu servo, queria aguerri-la para combates mais rijos.

O piedoso peregrino venerou os lugares, santificados pela presença de S. Francisco Regis. Percorreu em oração a velha Igreja cuja abóbada estava em ruínas. Viu o lugar onde o apóstolo de Vivarais, já ardendo em febre, pregou uma missão pelo Natal de 1640, e cujo zelo era tanto maior quanto mais perto se sentia da morte. Em 26 de dezembro, devorado de sede, o intrépido apóstolo, depois de ter pregado e ouvido confissões desde a manhã até alta noite, celebrou a missa e tornou a confessar perto de uma janela sem vidros. Ao terminar caiu desmaiado. Levado para junto da estufa, só voltou a si para ouvir mais confissões. Atacado de tísica galopante, faleceu à meia-noite de trinta e um de dezembro. Contava então 43 anos. Que exemplos, que encorajamento para João Vianney! Enquanto percorria a igreja, ia-se embebendo daquelas sublimes lições, sem pensar que também um dia o povo afluirá em peregrinação à sua igreja e à sua casa para receber dele iguais ensinamentos.

Em Louvesc confessou-se e comungou. Ao mesmo padre jesuíta que o ouvira em confissão contou o voto que fizera de mendigar, e que a viagem se lhe tomara muito perigosa. Estarei obrigado, por ser promessa feita a Deus, a correr de volta os mesmos perigos e a sofrer as mesmas afrontas? O

confessor, sem hesitar, comutou-lhe o voto, de modo que, regressando para Ecully, desse esmola em vez de pedir. Voltou a pé e pagando do próprio bolso os gastos de comida e hospedagem. Além disso, deu esmola a quantos lhe pediram, - prova evidente de que não tinha aspecto de mendigo, sendo-lhe esta nova maneira de santificar a viagem muito agradável, conforme dizia mais tarde. Tive ocasião de experimentar a verdade daquelas palavras da sagrada Escritura: é melhor dar que receber. E acrescentava; Nunca aconselharei pessoa alguma a fazer o voto de mendigar.

As privações de uma tal viagem fizeram-no conhecer de perto as misérias da pobreza sem abrigo, tomando-o deste modo mais indulgente e mais compadecido para com os miseráveis que levam vida nómada.

Como é de crer, em Ecully, o P. Bailey recebeu de braços abertos o seu querido Vianney.

Dali em diante o moço fez bastante progresso para não mais desanimar.

Os livros de estudo já não lhe causavam mais tanto desgosto. O trabalho menos árido tornou-se mais proveitoso. Foi para ele uma alegria reconfortante ver diante de si aplainar-se a estrada do sacerdócio. O P. Vianney começou a encarar o futuro com mais fé. Por fim, a doce esperança do seu velho mestre era poder assistir o seu discípulo mais velho no altar do Senhor. Entretanto, atingia a idade do serviço militar. A classe de 1807, a que pertencia, em parte tinha-se adiantado consideravelmente. Em novembro de 1806, Napoleão I, depois da sangrenta batalha do Sena, apesar de vencedor, viu-se obrigado a lançar mão de 20 mil homens dentre os jovens recrutas! João Maria Vianney, por já ter começado os estudos eclesiásticos para ser padre e padre da diocese de Lião, estava por isso isento do serviço militar. O cardeal, que então gozava de grande prestígio, obteve do seu sobrinho imperador que todos os estudantes, eclesiásticos, inscritos nas listas oficiais do arcebispado, ficassem livres do serviço militar, bem como os clérigos que já tivessem recebido as ordens sacras. Em vista disso, o Cura de Ecully pediu ao P. Groboz, antigo companheiro de apostolado durante a revolução, e agora secretário do Cardeal, que

inscrevesse o estudante Vianney entre os aspirantes ao sacerdócio. O que foi feito.

Durante a quaresma de 1807, João Maria recebeu na mesma igreja de Dardilly o sacramento da Confirmação. Ia completar 21 anos. O Cardeal Fesch, prelado muito cumpridor dos seus deveres, mas sobrecarregado de trabalhos, visto ser a sua diocese formada de três departamentos - Ródano, Ain e Loire - não pudera fazer a visita pastoral mais do que uma vez, em 1803. A segunda foi, na verdade, um notável acontecimento. Anunciou-a solenemente um despacho de 22 de janeiro de 1807. O inverno era rigoroso. Mau grado as intempéries, diz um relato da época:

Depois que Monsenhor visitou as paróquias de Lião, percorreu as dos arredores da cidade. Assim é que Ecully foi uma das primeiras a receber o intrépido prelado.

O Cardeal Arcebispo de Lião, conforme o mesmo relato, continua a série de visitas pastorais... No lugar onde estivemos, S. Eminência distribuiu a sagrada comunhão até às três e meia da tarde, continuando a crismar até às cinco. O número de homens que comungaram igualou o das mulheres. Todos o faziam com grande espírito de fé e recolhimento.

O dia estava muito frio. A neve caía em abundância. Muitos paroquianos gastaram três ou quatro horas para chegar ao lugar onde se administrava a confirmação. A igreja era muito pequena, e a maior parte teve que esperar fora. Expostos ao frio e à neve, não se queixavam... Grande número deles, sobretudo jovens, acompanhavam o carro de S. Eminência desde quase uma légua. Outros ao avistá-lo, de longe, se ajoelhavam e esperavam que passasse para dar-lhes a bênção. O número dos que comungavam ordinariamente chegava a 2 mil por dia e a 3 mil as pessoas que recebiam a confirmação.

A maneira curiosa e prática, adotada pelo Cardeal Fesch para administrar a sagrada Eucaristia, merece citação. Mandou fazer um vaso de forma alongada, uma espécie de corbelha dourada com capacidade para mais de 3 mil hóstias. Dali as tirava para encher o cibório, com o qual percorria a igreja. Os comungantes ou confirmandos colocavam-se em duas

fileiras no meio da nave e a afluência por vezes era tanta, que transpunham a porta e chegavam até à praça.

No fim da Missa S. Eminência, assinalava com o santo Crisma os fiéis que se apresentavam para serem crismados. Os que se crismaram, em 1807, eram nada menos de 30 mil. Entre eles contavam-se muitos jovens, homens feitos, velhos revolucionários que retornavam à religião dos seus antepassados.

João Maria Vianney foi confirmado no mesmo dia que a sua irmã Margarida, a qual ia completar 20 anos. Conhecedores da sua profunda piedade, podemos imaginá-lo recolhido e abismado em Deus. É muito provável que não fosse dos que precediam o Cardeal, mas que tenha ficado com o P. Balley para ajudá-lo nos preparativos da festa. É também provável que tenha sido confirmado entre os primeiros e dentro da igreja. A púrpura que revestia o tio do imperador e que atraía tantos olhares não lhe perturbou o recolhimento, como tão pouco a novidade das cerimónias e o ruído que inevitavelmente irrompia da multidão. O Arcebispo deteve-se diante dele, leu o nome escrito no talão que apresentava e unguindo-lhe a fronte, pronunciou as palavras litúrgicas: João Baptista, em te assinalo com o sinal da cruz e te confirmo com o crisma da salvação, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. O jovem Vianney escolheu como patrono de confirmação o Santo Precursor. Daí em diante começou a assinar indistintamente João Maria Baptista Vianney e João Baptista Maria. Por toda a vida esse segundo padroeiro seria um dos seus santos predilectos! O Espírito Santo pôde repousar sobre aquela alma justa como a pomba sobre o seu ninho, e infundindo-lhe os bons desejos, preparou-lhe as maravilhas da graça que um dia haveria de conduzi-lo às honras dos altares.

Durante dois anos João Maria Baptista gozou na intimidade da alma uma paz inefável. Não tardou, porém, um trovão surdo, a ribombar naquele céu tranquilo. Era o outono de 1809. Um agente do marechalato de Lião levou à casa de Dardilly uma convocação militar com o nome de João Maria Vianney.

CAPÍTULO VI

O Refratário de Noës (1809-1811)

O recrutamento de 1809 - A incorporação do isento - No hospital militar de Lião - No hospital geral de Roanne. caminho de Renaison, - Acompanhando a Guy, outro refractário - Em casa do burgomestre de Noës - Jerónimo Vincent em casa de Claudina Fayot - Penas e consolo do desterro - Os sobressaltos do refractário - A Senhora Fayot em Dardilly - A amnistia - Adeus a Noës - A alegria do regresso - Morte da sua mãe - O que o santo pensava da sua estada em Noës - O que nós devemos pensar.

Eis-nos chegados na história de nosso herói a um episódio obscuro e controverso, o qual, graças a documentos irrefutáveis, esperamos esclarecer o melhor possível.

O Cura de Ecully havia conseguido a inscrição do seu discípulo entre os isentos do serviço militar. Acabamos de ver a lei dispensando somente os clérigos que receberam as ordens maiores. A isenção não existia para os simples seminaristas lioneses, a não ser por uma graça ou favor temporário do imperador.

Naquele ano de 1809, Napoleão achava-se cada vez mais em apuros. Estava premido ao mesmo tempo por dois lados. A Áustria e a Espanha, ameaçadas de desaparecer, recorriam às armas. Os espanhóis não aceitavam o reinado de José Bonaparte; os marechais franceses, à força, iam impô-lo aos revoltosos. O imperador, tinha que se haver com o inimigo mais terrível, como pensava. Mais uma vez o seu génio triunfava em Eckmuhl (22 de abril) e depois em Wagram (16 de julho). A águia, portanto, sentia-se cansada. A sua estrela começava a empalidecer. Chegavam notícias dos primeiros reveses. A Espanha não se queria dar por vencida e ia prolongar a luta até 1814.

Era preciso, para novos combates novas tropas. E a França estava esgotada. Antes de 1807 a lei de recrutamento era severa, porém nesta época tornou-se monstruosa, e assim ia piorando de ano para ano, até chegar a converter em carne de canhão os jovens que ainda não tinham a idade legal, os anciãos já livres de toda a obrigação militar e até os que pagaram o resgate. Assim fala, com indignação, um historiador filósofo que

escrevera essas linhas. antes de ter conhecido a lei do serviço obrigatório, e que morreu sem ter assistido à mais terrível de todas as hecatombes. Em 1809 foram recrutadas duas classes, antecipadamente. Por sua vez foram incorporados todos aqueles que escaparam do serviço militar desde o ano de 1806.

Na diocese de Lião, o privilégio que isentava os estudantes eclesiásticos não ficou sem efeito.

Por uma exceção inesperada, somente João Maria e outros três seminaristas foram chamados ao exército.

Que teria acontecido, então? Seria porque o P. Balley, não achando necessário, deixou de lembrar, naquele ano, ao Arcebispo de Lião que o jovem Vianney continuava a estudar? Ou porque os vigários gerais tivessem esquecido de inscrevê-lo entre os estudantes dos seminários? A junta de recrutamento convocou, juntamente com os jovens das classes de 1810 e 1811, João Maria Vianney, que pertencia à de 1807. A ordem dizia que, destinado ao exército dos marechais, devia juntar-se sem demora aos demais recrutas no acampamento de Bayona.

O aviso foi enviado de Dardilly a Ecully. Surpreendido, o P. Balley correu até Lião para expor o caso do seu discípulo. As juntas de alistamento negaram-se a considerar como seminarista aquele estudante tardio que, morando em casa particular, recebia lições num presbitério. Além disso, o seu nome não figurava na lista oficial entregue pela autoridade diocesana.

A nota suplementar que o vigário geral redigiu em favor de João Maria, apresentada pelo P. Balley como último recurso, teve a desdita de chegar depois do acto consumado. Foram baldados todos os esforços.

Teve João Maria que se resignar e obedecer... Mas quão inesperada e desconcertante era aquela nova prova! Ia completar 24 anos e nos estudos apenas atingira as alturas de um estudante de 15... Jamais chegaria ao sacerdócio. Era na verdade a morte de todas as suas esperanças.

Conforme a lei, quem procurasse um suplente poderia livrar-se. João Maria suplicou ao pai lhe comprasse um substituto. Era o único meio de

permanecer nos estudos.

Mateus Vianney, que até então só consentira na vocação do filho muito a contragosto, fez ouvidos moucos. Demais, já havia resgatado o filho mais velho, Francisco. Agora era-lhe impossível¹. Não obstante, a tristeza do pobre filho e as lágrimas da esposa o comoveram. Tomando o dinheiro que tinha à disposição, percorreu os 8 quilómetros que o separavam de Lião e foi em busca do suplente desejado. Um moço, diz Margarida Vianney, aceitou a proposta mediante a soma de 3.000 francos, 200 adiantados e um pequeno enxova¹. Mas dois ou três dias depois veio devolver o pacote e os 200 francos que recebera. João Maria viu-se pois obrigado a partir.

A 26 de outubro entrava como recruta numa das corporações de Lião. Apenas teve ocasião de conhecer a vida de quartel, não guardando, porém, dela mui gratas recordações. A má conduta dos companheiros e as blasfêmias o chocaram profundamente. Além disso, o trabalho intelectual tão duro e as mortificações a que se havia entregue em Ecully tinham-lhe abalado a saúde e as forças. Uma febre pertinaz minava-lhe a vida, agravada por uma mudança brusca de costumes. Em vinte e oito de outubro não se pôde levantar. O médico da guarnição achou o seu estado grave, e mandou que o transportassem para o hospital geral da cidade, onde foi acamado na sala de S. Roque, reservada para os militares. Não comi do governo, no exército, mais do que um pão de etapa, dirá mais tarde, referindo-se aos dois únicos dias que viveu num quartel.

Durante a quinzena que passou no hospital de Lião, o P. Balley e depois todos os seus parentes foram visitá-lo. Fui eu do número deles, contava Margarida Humbert, sua prima-irmã, então com 17 anos de idade; tive a felicidade de passar uma parte da noite e participar da sua frugal refeição. Não falou de outra coisa senão de Deus e da necessidade de nos submetenmos à sua vontade.

A 12 de novembro um contingente destinado ao exército de Espanha partiu de Lião para Roanne, onde os recrutas deviam continuar os exercícios militares; João Maria, embora convalescente, tomou parte na expedição. Achando-se, porém, demasiado fraco para acompanhar a marcha, seguiu o destacamento num carro. Ainda não podia de todo equipar-se. Apenas levava da bagagem militar a grande mochila de

ordenança. Teve uma grave recaída. Devorado pela febre, foi conduzido ao hospital de Roanne, e entregue aos cuidados das religiosas augustinianas, onde permaneceu 6 semanas.

Pedi que escrevessem à sua família. Foi visitá-lo o querido irmão Francisco, cuja presença ele reclamava. Os pais, extremamente inquietos, não puderam conter-se por mais tempo. Empreenderam também aquela longa e penosa viagem. João Maria sentiu-se sumamente feliz em poder consolá-los e lhes dar um terno adeus. Regressaram a Dardilly com o coração ferido pela impressão de que o filho estava perdido para sempre. A mãe pediu às religiosas que a substituíssem junto ao filho. Súplica desnecessária. As irmãs haviam distinguido entre os demais recrutas aquele jovem tão delicado, tão paciente e tão resignado. Desde que o viram rezar o terço com tanta devoção, instintivamente, começaram a tratá-lo como a um filho.

Temos sobre este particular o seu próprio testemunho:

Nunca esquecerei os delicados desvelos de que fui alvo da parte de todas as religiosas de Roanne. Este jovem, comentavam elas entre si, jamais poderá ser um militar. E mais caritativas do que prudentes diziam-lhe compadecidas que voltasse. Mas ele lhes respondia: É necessário, boas irmãs, que me submeta à lei.

Melhor serviria você à França com as suas orações do que na guerra.

Muito agradeço as vossas palavras, queridas irmãs. Peço-vos somente que vos lembreis de mim.

No dia 5 de janeiro de 1810, uma ordem do capitão dos recrutas, Blanchard, notificava o soldado de infantaria, Vianney, que ele pertencia ao destacamento que no dia seguinte ia partir para a fronteira de Espanha. Devia, portanto, apresentar-se de tarde, à hora determinada, no escritório para receber a guia de marcha. João Maria, inquieto e meditabundo, saiu do hospital um pouco antes da hora marcada. Mas, encontrando uma Igreja no caminho, o seminarista-soldado entrou para fazer as suas orações. Que cuidados e desejos confiou a Nosso Senhor! Ali, dizia ele, todas as minhas penas se fundiram como a neve aos raios do sol. O santo jovem naquele

Tabor não se deu conta do tempo que passava. Quando se apresentou a porta do gabinete estava fechada.

No dia seguinte às 6 horas, dia da Epifania, João Vianney ainda não restabelecido de todo, se aprontou para a partida. Já com a mochila às costas despediu-se das abnegadas enfermeiras. Acompanharam-no até à grade exterior do hospital e dele se despediram com lágrimas.

Dirigiu-se novamente ao escritório de recrutamento.

Os soldados que estavam de serviço científicaram-no de que a coluna havia partido sem o esperar. E, naturalmente, lhe expuseram, em termos escolhidos, todos os encantos da sua situação. Aberto o escritório, foi pior ainda. O capitão Blanchard, encolerizado, falou logo em prisão e em policiais. Ante essas ameaças o pobre estremeceu. Tinha compaixão dos infelizes jovens que haviam desertado e foram conduzidos à guilhotina, blasfemando e cheios de angústia. Um subaltemo, entretanto, ousou intervir. Acaso aquele jovem pensara em escapar? Apenas saído do hospital viera se apresentar aos seus chefes... Blanchard não insistiu mais. Foi despachada a guia de marcha e o soldado Vianney recebeu ordem de, ao menos, se unir aos da retaguarda.

Sozinho dirigiu-se para Clermont. O pálido convalescente não demonstrou nenhum sinal de aborrecimento. A mochila pesava-lhe sobre os ombros. O andar era vagaroso e vacilante. Que fazer para se juntar aos outros no primeiro dia? Uma angústia indizível apoderou-se da sua alma. Elevou o coração a Deus e se pôs a passar as contas do rosário.

Talvez nunca o recitasse com tanto ardor, dizia mais tarde a algumas pessoas de Ars.

Naquele mesmo dia a sua irmã Gothon, que fizera sozinha a viagem de Ecully a Roanne, acabava de perguntar por ele no hospital. Grande foi a decepção ao saber da partida do pobre irmão.

Entretanto João, que já havia passado Villemontais, aproximava-se das montanhas de Forez, sucessivamente, áridas e sorridentes e aos viajantes sempre agradáveis. O jovem soldado pensava em coisas muito alheias a

essas belezas. O cansaço chegou ao extremo. Já sem força arrastava-se sobre as pernas. Avistando um pequeno bosque em que se poderia abrigar do frio e do vento, afastou-se uns cem passos do caminho imperial. Atravessou um campo lavrado e descansou um momento. Achou-se junto a uma vereda, que ia dar na montanha. Lá, sentado sobre a mochila, para distrair-se dos sombrios pensamentos, pôs-se novamente a recitar o rosário, recorrendo à S. Virgem, seu refúgio ordinário, pedindo-lhe confiantemente que não o abandonasse.

De repente, contava ele mesmo, apareceu um desconhecido que me perguntou: Que fazes aqui?... Vem comigo. Agarrou a minha sacola que era muito pesada e mandou que o seguisse. Caminhámos longo tempo dentro da noite por entre as árvores da montanha. Estava tão cansado que só a muito custo podia acompanhá-lo. Aquele desconhecido era um tal Guy, de Saint-Priest-la-Prugne, aldeia situada entre os montes de Bois-Noir. Para escapar à conscrição, escondera-se com muitos outros refractários nos matos das montanhas de Forez. Guy levava o solitário recruta a um destino semelhante ao seu. João Maria, confiante, nada disso suspeitava. A única coisa que sabia era que estava morto de cansado e ardendo em febre, que precisava de um leito para passar a noite... e que o seu destacamento já estava muito longe!

Os dois aventureiros se atiraram por entre montes sombrios gargantas sinuosas em cujo fundo corria uma torrente, o arroio de Créches, engrossado pelas chuvas do inverno. Assim passaram a altura da Vila de Noës, que deixaram à direita. Achavam-se nas florestas da Madalena, nos confins de Allier e de Loire. Hoje somente há vegetação naqueles cumes. Naquele tempo Noës era como uma ilhota perdida num oceano de verdura.

Os dois caminhavam conversando. Guy, porém, sem que se desse a conhecer, ganhara contudo a simpatia e confiança de João Maria Vianney, levando-lhe a mochila. Por isso não receou em se abrir ao companheiro e dizer-lhe quem era. Parece que não tens jeito de soldado, replicou.

Oh! sim, isso é verdade, mas tenho de obedecer.

Se quiseres seguir-me esconder-te-ei neste povoado, rodeado de bosques por todos os lados.

Não, de nenhuma maneira; os meus pais já tiveram bastantes aborrecimentos.

Fica tranquilo! Muitos estão escondidos por aqui... Que fazer então? Outra coisa não podia fazer o infeliz prófugo senão segui-lo ao menos durante aquela noite. No dia seguinte, colocar-se-ia nas mãos da Divina Providência.

A vila de Noës estava situada a 660 metros de altura. Guy conhecia muito bem os atalhos. Os dois errantes subiram ainda mais alto até chegarem à casa de um tamanqueiro conhecido nos arredores pelo apelido de Gustin, cujo nome verdadeiro era Agostinho Chambonier. Morava com a jovem esposa naquela solidão. Guy bateu; deu-se a conhecer e a porta da humilde vivenda se abriu.

O jovem soldado estava morto de fome e de fadiga. Gustin deu-lhe algo para comer enquanto a sua mulher ajeitava os trapos da única cama que havia em casa. João Vianney em seguida adormeceu profundamente, enquanto os outros três se foram deitar sobre palhas.

No dia seguinte, sendo preciso ganhar o pão, Guy conduziu o companheiro à casinha de Cláudio Tomaire, que os empregou por dois dias a serrar troncos de faia. Ofereceram-se para ficar mais tempo, mas, apesar de haver muito trabalho, só quis ficar com o mais robusto. Guy continuou pois a trabalhar na casa e João Maria Vianney teve que procurar colocação em outra parte. Dirigiu-se a Pont, na Comuna de Noës, e pediu para abrir uma escola na aldeia. Visitou Antonia Miviere, viúva de Préfolle, a qual sentiu não poder aceitar-lhe os serviços, pois já dispunha de um professor.

As coisas se complicavam. O conscrito Vianney, perdido, abandonado naquelas montanhas, tornou-se, sem querer, desertor. Apresentou-se ao burgomestre da comuna, Sr. Paulo Fayot. Este, simples orador, morava fora de Noës, a 2 quilómetros mais acima, na montanha, no lugarejo denominado Robins que, além de alguns campestres, tem um pico de rocha encimando rápidos declives.

Paulo Fayot deixou em Noës a fama de homem excelente. Depois dele os eleitores daquele município escolheram a maior parte dos sucessores

dentre os seus parentes ou descendentes. Possuía ele uma maneira especial de aplicar as leis do império. No mês de janeiro de 1810, data em que João Maria se entregou nas suas mãos, havia ocultado dois desertores nas dependências da sua própria casa.

A chegada de mais um refractário não lhe pareceu muito agradável. Tinha numerosa família para sustentar e principalmente porque a junta militar dava uma busca de vez em quando naqueles bosques, onde pululavam os fugitivos. Essas montanhas tomaram-se o lugar preferido para eles... Era precisamente em casa de Paulo Fayot, burgomestre de Noës, que os policiais vinham repousar e beber alegremente.

Deixar, então, aquele pobre moço vaguear sem asilo? Não pensava em entregá-lo, pois participava das mesmas ideias de muitos dos seus contemporâneos sobre o serviço militar. Tranquilizou o jovem cuja sorte tinha nas mãos, deu-lhe a compreender que já era demasiado tarde para se juntar ao seu destacamento e que, sem dúvida, já teria sido declarado desertor. Em vista disso, o melhor que podia fazer era ocultar-se dos policiais. Afinal, pecando mais uma vez por excesso de audácia, Paulo Fayot indicou-lhe para residência a casa da sua prima Claudina Fayot, que ficava em frente. Esta viúva, com 4 filhos, sendo que o mais velho contava apenas 14 anos. Tinha fama de boa e caritativa.

Demais, não lhe faltariam meios para manter o protegido. Dali em diante, para despistar, combinaram dar a João Maria Vianney o nome de *Jerónimo Vicente*

Claudina Bouffaron, viúva de Pedro Fayot, possuía com efeito coração de ouro. Contava 38 anos. Forte para o trabalho, cuidava activamente da sua vivenda. Caridosa, socorria sempre os pobres, separando para eles um pão de cada fornada. É supérfluo dizer que acolheu com benevolência o peregrino que lhe fora confiado duma maneira tão estranha. Depois de haver assegurado a discrição dos filhos, fazendo passar o recém-chegado por um primo refugiado na granja, Claudina mesma usou duma extrema prudência. O refractário escondia-se durante o dia. Passou os dois primeiros

meses no paiol ou na estrebaria, contíguos à casa do burgomestre. Quando alguma patrulha percorria a aldeia, nem sequer podia suspeitar da sua presença naquele sítio. Para maior dissimulação, durante 8 semanas a mãe Fayot, assim a chamavam de ordinário, levava-lhe a comida dentro duma vasilha de madeira, como se fosse para os animais. Somente ao chegar a noite o pobre sequestrado se atrevia a tomar um pouco de ar e a juntar-se aos da família. Lia-lhes o Evangelho ou a Vida dos Santos, contava as belas histórias que aprendera do P. Balley ou da mãe. Ganhou-os pela brandura, edificando a todos com a sua piedade. Jerónimo Fayot, 15 anos mais moço do que ele, recordava na sua velhice as pancadinhas discretas que o primo lhe dava com o chapéu, quando o traquinas não se portava bem na oração da noite.

Num canto. do estábulo, junto a uma janela, improvisaram, graças a um longo tabique de madeira, o que chamavam de um quarto. Naquele reduto, João Vianney dormia na mesma cama com Luís, o mais velho da família. Mas não durou muito essa companhia. O pobre Luís disse, chorando, ao cabo de três noites: Mamã, o meu primo passa a noite rezando. Não me deixa dormir. Não quero ficar mais com ele. A Sra. Fayot teve que arranjar outra cama no estábulo para o filho. O nosso refractário, mau agrado seu, não queria permanecer de todo inactivo. Mas o inverno fizera suspender os trabalhos do campo. Naquelas alturas do Forez a neve costumava cair em abundância e cobrir a terra por muito tempo. Em Robins, Jerónimo Vicente voltou a acariciar uma ideia que já havia tentado por em prática: fazer-se mestre-escola. Muitos eram os analfabetos, sendo necessário que ao menos soubessem ler a missa. As crianças da viúva Fayot e algumas outras, até mesmo homens, vinham para aprender a ler, escrever e o catecismo. Aparentemente ninguém suspeitava da presença daquele jovem em Robins, cujo exterior era verdadeiramente de um civil. Doutro lado, Guy, o desertor, continuava escondido na floresta de faias. Somente Paulo Fayot e a sua prima conheciam o verdadeiro nome do estranho. Entretanto João Maria esperou algum tempo antes de baixar ao povoado de Noës, onde cada manhã se celebrava a missa. Partia-se-lhe o coração ao ouvir o toque do sino chamando à missa, sem poder acudir ao chamamento. Por fim, como em dia de semana o cura, P. Jaques, um antigo confessor da fé, exilado durante a Revolução, celebrasse de manhã cedo, João Maria Vianney atreveu-se pela primeira vez, ocultando-se nas trevas, a penetrar na igreja

quase deserta. Confessou-se e comungou. É costume, naquelas vilas perdidas entre as montanhas, ficar alguém em casa nas manhãs de domingo. Tal pessoa deve unir-se em intenção aos parentes que, mais felizes, assistem a missa. A voz do sino, que ecoa pelas solidões, indica aos que ficaram em casa a parte da missa. em que se acha o sacerdote. João Maria Vianney por muito tempo foi escalado guardião do domingo. De Robins a Noës a descida era muito íngreme, o caminho áspero e cheio de pedras, Por isso a Sra. Fayot nunca levava a sua pequena Claudina, que apenas contava três anos, João Maria, que já contava 24 anos, cuidava da inocente menina como faria o melhor e mais terno dos irmãos. Divertia-se com a sua conversa e brincava com ela. Mas, durante o tempo da missa solene, punha-se em atitude de recolhimento, fazendo com que a criança se ajoelhasse ao seu lado quando tocava para a consagração; depois se ocupava em entretê-la. Um dia, ao chegar da igreja, disse a criada, rindo para a menina: Claudina, abraça o teu primo e agradece-lhe por ter cuidado tão bem de ti.

João Maria, impelido por um sentimento de delicado pudor, desviou os tenros bracinhos que se estendiam para ele. A mãe censurou a criada, admoestando-a para que tal cena não se repetisse mais.

O discípulo do P. Balley - oh! o seu velho mestre, os livros de estudo, o sacerdócio - ia-se resignando pouco a pouco a tão dura prova. Mas até quando se prolongaria isso? Nem ousava pensar. Punha-se, mais resignado do que nunca, nas mãos da Providência e o seu único refúgio era a oração. Por todos os lados oprimia-o um secreto mal-estar. Que seria feito dos seus em Dardilly? Pensavam que estivesse na guerra... Pior ainda! O capitão Blanchard não se teria dado por satisfeito e a esta hora sob que ameaças não se acharia o seu pai, e que angústia não sofreria a sua mãe!...

Mesmo em Noës não lhe faltavam motivos de desgostos. A boa viúva Fayot, convertida para João Maria em mãe, pois o tratava como aos filhos, ia-se debilitando por causa duma pobreza de sangue. Para ajudá-la e também para se distrair, entregou-se ao trabalho manual de corpo e alma.

Em meio aos trabalhadores de Robins, parecia um deles. Mas já então, apesar das admoestações da Sra. Fayot, ele comia muito pouco. Contraiu um resfriado. À noite a febre o assaltou. Declarou-se um defluxo no peito,

para curá-lo empregaram o melhor que puderam. A sua constituição robusta salvou-o.

Daí por diante, apesar de não descuidar das devidas precauções, andava menos solícito com a possível vinda dos soldados e nos domingos não temia muito em assistir aos ofícios divinos. Muitos cristãos fervorosos o contemplavam e diziam: Nunca vimos um moço tão perfeito. A casa paroquial de Noës distava pouco da igreja. Sobre o declive logo mais abaixo, do lado que dá para os bosques da Madalena, havia uma casinha habitada por duas irmãs, as senhoritas Dadolle. Ao sair da missa matinal a que assistia todos os dias para cumprir as suas devoções, João Maria gostava de visitar brevemente aquelas boas mulheres para falar de religião com elas.

Quando se derretia a neve e os caminhos se tornavam menos impraticáveis, eram vistos novamente os policiais na região. Várias vezes os temidos uniformes se apresentaram subitamente em Robins, ora em pleno dia, ora de noite. Segundo uma tradição que se conserva na família Fayot, todas as vezes que de Pacaudiere, de Saint-Haon-Ie-Chatel ou de Renaison, os policiais chegavam de noite a Robins e entravam no estábulo da viúva, nunca encontraram ali o conscrito desertor. Advertido, não se sabe por que pressentimento, João Maria ocultava-se no mato.

Um dia, entretanto, pouco faltou para que o prendessem. Numa tarde de verão de 1810, enquanto trabalhava perto da casa, os policiais apareceram na estrada sem ruído. O sinal convencionado advertiu o fugitivo, pois havia muito tempo que os filhos maiores de Paulo Fayot andavam de atalaia. Tal episódio era coisa esperada. Para isso já haviam serrado duas tábuas junto ao paiol do feno e feito um buraco bastante largo por onde pudesse passar um homem. Ágil e sobreexcitado, lançou-se João Maria paiol adentro; saltou de um pulo para o esconderijo e sumiu-se por entre o montão de feno e ali ficou encomendando-se a Deus. Viram-no os policiais? Pode ser. Seja como for, eles fizeram uma busca rigorosa, que deveria ter feito tremer as testemunhas daquela cena rápida. João Vianney continha a respiração. Sentia-se asfixiado debaixo do feno em fermentação, aquecido ainda pelas emanações do estábulo e pelo sol abrasador que vinha do teto.

Um soldado, examinando o montão de feno, sob o qual se ocultava o pobre João Maria, picou-o com a ponta do sabre. Apesar da dor que sentiu, não se moveu. Mais tarde, ao rememorar a sua vida em Noës, confessará que em nenhum momento da vida sofrera tanto, e que então fez promessa a Deus de nunca se queixar. Ainda guardo a minha palavra, dizia candidamente. Alguns minutos mais naquele verdadeiro forno e teria morrido asfixiado. Os policiais julgaram suficiente as buscas e foram tomar refresco na casa do burgomestre que morava defronte.

Foi por este mesmo tempo que houve outra batida dos enviados do marechalato, o que deu lugar a um acontecimento que viemos saber, graças a uma testemunha das mais inesperadas e suspeitas, mas que nesse dia disse a verdade. Em 1850 levaram a Ars uma mulher que manifestava todas as aparências de uma verdadeira possessa: pulava, dançava e falava de uma maneira extraordinária. Os curiosos a cercavam e ela punha-se a contar a vida de cada um. Então chegou o P. Vianney. Em ti, disse aquela mulher, por cuja boca falava o demónio, nada tenho que censurar. Mas no mesmo instante, retratando-se, acrescentou: Sim... certa ocasião roubaste um cacho de uvas.

É verdade, mas pus debaixo da cerca uma moeda para pagá-lo.

Pouco importa; o proprietário não a encontrou.

Com efeito, o Cura d'Ars nos conta ter colhido aquelas uvas num dia em que fora obrigado a se esconder, estando devorado de sede.

No meado de 1810, João Maria recebeu notícias da sua família. Um médico prescreveu à Sra. Fayot o uso das águas minerais de Charbonieres-Ies-Bains. Aquela estação termal achava-se a 9 quilómetros a oeste de Lião e por isso bem próxima de Dardi11y. A enferma vacilou. Era penoso e lhe exigia muitos gastos. João Maria instou com ela que obedecesse ao médico. Lá refaria as suas forças e, além disso, poderia trazer-lhe notícias dos seus. Não havia motivo de preocupação com as despesas da viagem: quem lhe devia a vida também lhe emprestaria algum dinheiro. E quanto à hospedagem, seria muito bem recebida em casa dos Vianney.

O infeliz exilado escreveu uma carta para os seus, de pesar e de arrependimento. Contudo, nada dizia do lugar em que se achava escondido. Depois, de receber os cem francos, Claudina Fayot partiu para Charbonieres.

Conforme refere o seu filho Jerónimo, hospedou-se em casa dos Vianney. Como fizessem dificuldade em recebê-la, apresentou a carta que levava para a mãe do servo de Deus. Esta ficou tão contente em saber notícias do filho que chorou de alegria e abraçou a minha mãe. Nós lhe daremos agasalho, exclamava ela, e a trataremos do melhor modo que pudermos. Então contou-lhe que um dia, estando muito atribulada, recorreu ao P. Balley, cura de Ecully, e ele lhe disse: Senhora, fique tranquila com o seu filho. Não está morto nem enfermo. Jamais será soldado, e sim sacerdote.

Ao rústico Mateus Vianney não agradou tal visita. Que desejaria aquela forasteira misteriosa em colóquios com a sua esposa?

A leitura da carta não o tornou menos carrancudo. Já estava cansado de tantas multas e ameaças, e prestes a aboletar soldados em sua casa. Eu vos farei gastar até ao último soldo, dissera-lhe o capitão Blanchard, quando estive em Dardilly para investigar sobre o desaparecimento do conscrito Vianney. João Maria, repetiu o pai, só tinha que marchar com os outros. Ao saber notícias de João todos se tranquilizaram. Parece, replicou-lhe Claudina, que o Sr. não está muito satisfeito em saber que o seu filho está em minha casa...

Onde você mora, que eu vou buscá-lo?

Mesmo se o Sr. soubesse onde moro, eu o iria esconder mais longe: ele vale mais do que todos os seus bens!

Ao cabo de 18 dias a Sra. Fayot voltou para Noës. Mateus Vianney acompanhou-a até Tararé.

Muito se alegrou João Maria com as notícias da família, sentindo, porém, grande pesar ao saber da tribulação em que, por sua causa, vivia o

pai. Jamais intentara fazer tudo aquilo: seguia o seu destino! E não sabia como sair daqueles apuros.

Entretanto, a forte inclinação para o sacerdócio não arrefecera.

Pelos meados de setembro resolveu mandar trazer os livros de estudo. Fico por demais atrasado, disse à boa mãe de Noës, se permitir, estudarei no meu quarto e depois lhe pagarei. Desculpou-se por não poder tomar parte nos grandes trabalhos do outono. Uma carta chegou a Dardilly sem contratempo e a viúva Bibost, pessoa de confiança, vizinha da casa paroquial e que conhecera Claudina Fayot durante a sua estada em casa dos Vianney, levou a Robins o pacote de livros, deixado por João Maria em casa do cunhado Melin. E o estudante de 24 anos tornou a abrir a gramática latina.

O tempo que teve para estudar na sua cela, mais do que monástica, foi muito pouco. Em fins de outubro chegou uma notícia por meio de uma mensageira... Que nova e que transportes de alegria! O aluno do P. Balley não seria mais perseguido. Estava livre. Ecully e Dardilly o esperavam. Qual a causa deste acontecimento tão providencial? Melhoraram os tempos. A paz, ainda que por um momento, reinava em quase toda a Europa. Napoleão, vencedor da Áustria, concedera uma amnistia para celebrar as suas bodas nupciais com a arquiduquesa Maria Luísa (12 de abril). O capitão Blanchard, então mais benigno, informou aos Vianney de Dardilly que o seu filho poderia aproveitar-se daquele acto de clemência e ao mesmo tempo se livrar de toda a obrigação militar, caso pudesse achar um substituto. Dessa maneira, por um capricho da sorte, aquele oficial de Roanne, que no ano anterior ameaçava a João Maria de levá-lo algemado à guarnição de Bayona, tirava-o agora da difícil situação.

O mais moço dos filhos Vianney, Francisco, chamado Cadete, nascido a 20 de outubro de 1790, contava 20 anos, tirara por sorte um número elevado e além disso a incorporação dos da sua classe havia sido diferida. O capitão Blanchard aconselhou o jovem recruta que se antecipasse ao chamamento. Dessa maneira poderia suprir o irmão e livrá-lo, conforme o que permitia a lei. O próprio pai aprovou a substituição que o livraria da praga dos soldados alojados em sua casa, os quais, quisesse ou não, teria de aguentar. O Cadete aceitou o contrato, e por documento em cartório comprometeu-se

a substituir o irmão mediante 3.000 francos, parte da herança que mais tarde caberia a João Maria. Incorporado ao 6º Regimento de Linha, pôs-se em marcha para Phalsbourg, onde chegou a 20 de outubro. As últimas notícias de Francisco _ que chegou a ser cabo - datam de Francfort-sur-Ie-Main, no começo da campanha de 1813. Os pais nunca mais o viram. Creram, portanto, que tivesse perecido na guerra.

Em casa da boa viúva Fayot choraram ao saber da próxima partida de Jerónimo Vincent. Em especial a pequena Claudina, que se afeiçoara a ele com muito afecto, chorou amargamente. Dizia ela à sua irmã: Não teremos mais o nosso primo. Todos aqueles que tiveram a felicidade de o conhecer em Noës se convenceram com pesar de que não o veriam mais, nem receberiam os bons exemplos daquele jovem tão perfeito. Deram-lhe sinceras provas de simpatia. Com toda a certeza, João Vianney chegaria a ser sacerdote; não ficaria bem ajudá-lo de antemão? A sra. Fayot obngou-o a aceitar uns guardanapos que lhe haviam oferecido noutros tempos como presente de casamento. As senhoritas Dadolle fizeram uma coleta por toda a paróquia. De Renaison veio um alfaiate para fazer a batina do futuro padre Vianney, cujo verdadeiro nome já se sabia. Teve que vesti-la durante uma hora para mostrar aos amigos de Robins como ficaria mais tarde. Voltareis aqui como padre, diziam-lhe entre risos e lágrimas. Uma caridosa anciã deu-lhe trinta francos. Minha boa senhora, disse-lhe João Maria, não o pedistes emprestado para me fazer tão bela oferta?

Oh!, não, é o preço da venda do meu porquinho. Ainda me fica a cabra, e esta me basta... Recebei, eu vo-lo peço; e vós vos lembrareis de mim quando fordes padre. Um dos discípulos do ex-senhor Jerónimo - talvez um dos filhos do burgomestre- quis pagar as despesas da viagem. Numa manhã de inverno, provavelmente em princípios da janeiro de 1811, João Maria Vianney, depois de uma última despedida, entrecortada de soluços, deixava para sempre a casa de Robins. O seu tempo de desterro, tempo de tristeza e abatimento, chegara ao fim. A boa mãe, a sua querida benfeitora, desejara ardentemente poder acompanhá-lo até entregar à verdadeira mãe aquele filho adotivo. Mas não se sentiu com forças, e filho mais velho, Luís, de quatorze anos, foi com o seu grande amigo até à casa de Dardilly.

Maria Vianney abraçou freneticamente o filho querido que tanto sofrera. Mas ela apresentava também no seu semblante os sinais de prolongados sofrimentos. Silenciosamente havia derramado muitas lágrimas e muitas emoções ocultas dilaceraram-lhe o coração. O seu padrezinho, pois em sonhos sempre o via no altar, fora-lhe restituído. Gozaria dele por muito tempo?

Algumas semanas após a volta de João Maria à casa paterna, a 8 de fevereiro, sua mãe, a sua santa mãe, expirava com a idade de 58 anos. Até ao último dia de vida ele invocou-lhe comovido a memória e chorou ao falar dela. Dizia que, depois de tê-la perdido, a nada mais se achava apegado sobre a terra.

João Maria Vianney não esqueceu jamais os dias que passou em Robins. Se lá não voltou, apesar de o ter prometido e como era o seu desejo, pelo menos recebeu durante a vida a visita de algum velho amigo conhecido naqueles tempos críticos. Depois da sua morte, os habitantes de Noës gostavam de ir em peregrinação ao seu túmulo. Uma pessoa daquele lugar que encontrei no ano passado, declarou em maio de 1864 o padre Dubouis, cura de Fareins, me dizia que a lembrança da sua piedade ainda se conservava viva. E parecia que entre aquela boa gente nenhuma voz se levantava para acusar João Vianney de se ter esquivado voluntariamente ao serviço militar. Ele mesmo, fosse por boa fé, fosse por intervenção divina, nunca sentiu a consciência sobrecarregada por aquela deserção. Assim fala o padre Toccanier, um dos seus mais íntimos, amigos. Jamais vi que se acusasse ou se justificasse. Somente o ouvi, nos seus catecismos, servir-se da própria história para comparações: Quando era refractário parecia-me sempre ver os soldados aproximarem-se de mim. Dessa maneira o pecador com os seus remorsos, teme, a cada momento, cair nas mãos da justiça divina. Não manifestava arrependimento na sua conversa - diz a condessa de Garets.

E, com efeito, não é segundo o modo atual de pensar, mas como o daqueles tempos que se deve julgar um acontecimento de 1810. O conde Garets, burgomestre de Ars, diz muito bem, quando explica: O Padre

Vianney foi levado por circunstâncias, sem premeditação alguma da sua parte, ao estado de deserção.

Se o capitão do recrutamento Blanchard não o tivesse deixado partir sozinho a caminho de Renaison, convalescente, mas lhe tivesse facilitado os meios de ajuntar-se ao seu destacamento; se o burgomestre de Noës, a quem se confiou, o tivesse ajudado a resolver a sua escabrosa situação, sem dúvida o jovem teria tomado parte na guerra de Espanha.

Foi desviado por causas que parecem providenciais.

CAPÍTULO VII

O Curso de Filosofia em Verrières (1812-1813)

No presbitério de Ecully - Primeira tonsura - Lições e exemplos do P. Balley - A casa de Verrières - Um filósofo de 25 anos - Antipatias e amizades - Marcelino Champagnat - As características do futuro santo.

João Maria Vianney perdera a sua mãe quando dela mais precisava. Ah! quem o consolaria em novas tribulações? A primeira confidente da sua vocação, a doce advogada junto ao pai irritado, já não existia. Entretanto, Mateus Vianney, graças, talvez, às últimas recomendações da moribunda, em nada se opôs quanto ao regresso do filho para a casa do P. Balley.

No presbitério de Ecully, apesar do luto que sobre ele pesava, grande foi a alegria ao vê-lo. O P. Balley jamais duvidara desse retorno providencia!. E por dezasseis meses, cada noite, durante a oração, recomendava a Deus o seu querido discípulo. Uma paroquiana, sem dúvida não muito fervorosa, ao vê-lo, exclamou: - Enfim teremos um Pai-Nosso e uma Ave-Maria a menos todos os dias. Dali em diante o nosso seminarista não se hospedava mais em casa da tia Humbert e sim na casa paroquial. Os irmãos Loras e o jovem Dechamps já haviam entrado para o Seminário Menor.

O P. Balley quis que João Maria ficasse com ele, a fim de mais de perto cuidar dos seus estudos até ali tão poucos e interrompidos. Em paga disso poderia prestar ao velho mestre alguns serviços: fazendo as vezes de criado. Cuidaria do jardim nas horas de folga. Na igreja serviria de sacristão e coroinha, acompanhando-o também nas excursões apostólicas pela paróquia, visto serem tais viagens para ele de grande proveito.

João Maria estava para completar 25 anos. O tempo urgia. O P. Balley ansiava por vê-lo chegar às ordens sacras. Equiparou-o aos estudantes de retórica dos Seminários Menores, logrando deste modo apresentá-lo para a primeira tonsura. Era 28 de maio de 1811. A partir desta data o jovem Vianney, iniciado no clericalato, pertencia ao foro da Igreja. Já era um passo para o sacerdócio. Apesar do sentimento pela morte da mãe, ainda recente, celebrou-se aquela festa na casa canónica de Ecully. Sob a direcção

imediate do P. Balley, João Maria se encontrava numa escola muito boa, porém muito rígida. Um ancião da paróquia descreve o seu pastor do modo seguinte: Era um homem que parecia ser feito de ossos. Levava-nos a crer que não comia nem o indispensável. O discípulo começava a participar da vida penitente do mestre, cujo contacto lhe serviu de grande edificação. O austero P. Balley possuía uma piedade simples e terna. Costumava chorar quando celebrava a santa missa. O discípulo, que o ajudava, revestido de branca sobrepeliz, aprendeu com ele a tratar dignamente os divinos mistérios.

Quando não passava as horas de recreio no jardim ou na igreja, o jovem Vianney gostava de visitar a boa senhora Bibost, que com muito prazer cuidava do seu modesto enxoval e que, além disso tinha um filho no Seminário. Aquele sentia-se feliz ao encontrar nas férias o jovem amigo com quem conversava sobre o futuro ministério, em cujo céu via refulgir o seu único ideal - o sacerdócio.

A obediência era perfeitíssima. Em casa do P. Balley, dizia ele, jamais fiz a minha vontade. As suas leituras predilectas eram as vidas dos santos. Conserva-se uma carta sua dirigida a Jacob Loras, antigo condiscípulo em Ecully, em que lhe pede por favor que compre na casa do livreiro Ruzand um velho volume *in-folio*, intitulado HISTORIA DOS PADRES DO DESERTO.

No último semestre de 1812, pareceu ao P. Balley que havia chegado o momento do seu velho discípulo de 25 anos seguir o plano de estudo regulamentar.

Exigia-se então aos aspirantes ao sacerdócio um ano de filosofia e dois de teologia. A má condição dos tempos inclinava à indulgência.

João Maria Vianney foi mandado para o Seminário de Verrieres, perto de Montbrison. Aquele centro de estudos, fundado em 1803, era apenas uma simples escola paroquial como a do P. Balley em Ecully. O Cura, P. Perrier, arranhou como pôde a sua velha casa e a granja para nela receber

alunos inclinados à carreira eclesiástica. Deus abençoou visivelmente aquela obra. O número de alunos se elevou em pouco tempo a 50. Uma casa quase em ruínas estava bem próxima à casa paroquial para servir de habitação aos pensionistas. Aqueles meninos que pagavam 10 francos por mês recebiam casa e comida. O dormitório era um celeiro de telha, ao qual subiam por uma escada de madeira. À hora da chamada para as refeições, cada um ia à cozinha, onde recebia a sua parte de toucinho e batatas. O tempo de recreio empregavam-no em ajuntar lenha seca e em reparar o arruinado edifício.

O Cardeal Fesch, ao transformar a casa paroquial em Seminário Menor, procurou para o P. Perrier uma casa um pouco mais confortável. Em 1807 o número de pensionistas chegou a 150. A casa estava em franco progresso. Tanto que em 1809 contava 313 alunos. Então o abnegado Cura de Verrieres, esgotado, teve que deixar tão santo labor, sendo substituído pelo P. Barou, professor de filosofia do Seminário Maior de Argentiére. Em 1811 viu-se seriamente comprometido. Napoleão teve a ousadia de nomear os bispos sem a instituição do Papa. E para assegurar o apoio do Episcopado Francês, a 17 de junho tomou a liberdade de convocar um concílio nacional, no arcebispado de Paris. Contra o que havia calculado, declararam os prelados que não viam meio de prescindir das bulas pontifícias. As represálias não se fizeram esperar. No dia 10 de junho um decreto declarava dissolvido o concílio. No dia 12, às três horas, da manhã, foram presos nos seus leitos os bispos de Toumai, de Gand, de Troyes, e logo encarcerados em Vincennes.

Os seminaristas das suas dioceses foram chamados às fileiras do exército. E para castigar o P. Emery, que fizera frente ao irascível imperador, um decreto de 20 de outubro declarou supressa a Companhia de S. Sulpício. Outro decreto prescreveu o fechamento de todos os seminários menores, cujos alunos, se quisessem, poderiam continuar os estudos nas escolas municipais.

O Cardeal de Lião, posto que a sua influência estivesse abalada, pôde conseguir do imperial sobrinho o prorrogamento por alguns meses. Mas, ao terminar o ano de 1812, todos os seminários menores das dioceses de Verrieres, Roche, Saint Jodard, I' Argentiére, Alix, Meximieux, tiveram que

fechar as portas. Duzentos alunos ficaram na rua. O incansável Mons. Courbon, encarregado especialmente das casas de educação, tentou organizar externatos nos povoados onde houvesse escolas públicas: Bourg, Belley, Villefranche, Roanne e Saiy-Chamond. Alguém propôs ao conselho do arcebispado colocar aqueles jovens em estabelecimento do Estado. Não, não, exclamou o Cardeal. Não me quero condenar. Por nada deste mundo sujeitaria os meus jovens ao regime da universidade. A Universidade é como um grande quartel. Ali se educam soldados, e eu quero sacerdotes.

Movido por tais sentimentos, o Cardeal Fesch tomou uma firme resolução: abrir novamente o Seminário de Verrieres. Entretanto o fez no maior segredo possível. Era coisa relativamente fácil, naquele rincão isolado, longe das grandes vias de comunicação. Demais, se a polícia viesse a descobri-lo, poderia responder sem mentir que a casa de Verrieres senão era mais que uma sucursal do Seminário Maior de Santo Irineu, que naquele ano se tornara pequeno para os futuros ordinandos de Lião. Durante o mês de outubro de 1812, foram enviados a Verrieres os jovens seminaristas que já haviam terminado os seus estudos clássicos. Eram uns duzentos. Ali tinham que cursar mais de um ano de filosofia, antes de ingressar no Seminário Maior de Santo Irineu. João Maria Vianney, apesar da sua escassa bagagem literária, foi admitido a seguir aquele curso obrigatório. O P. Barou dividiu os filósofos em dois grupos, confiados ao P. Grange e ao P. Chazelles.

Seria necessário, pelo menos, dividir em quatro turnos, mas faltavam mestres. João Maria foi discípulo do P. Chazelles. Era o decano da classe, mais velho do que o próprio professor. Não se apoucava com isso, pois havia progredido mais na humildade, que é a ciência dos santos, do que nos conhecimentos humanos.

A primeira vez que foi chamado na aula não entendeu a pergunta e ficou calado. As risadas - essa idade é sem compaixão - ressoaram por toda a parte. O professor, como é costume nos seminários, perguntava em latim e o pobre filósofo passava apertado para traduzir linha por linha as páginas do livro. É certo que muitos dos condiscípulos não eram mais fortes naquela língua do que ele. Por isso, foi destacado um grupo de sete alunos da sessão do P. Chazelles, aos quais as aulas foram dadas em francês. Apesar da

melhor boa vontade, o santo jovem entendia muito pouco de dialética: as maiores e as menores não o iniciaram certamente na lógica, da qual, graças a Deus, o seu bom-senso prático já o havia favorecido largamente.

Apesar disso, em 13 de junho de 1813, ou seja depois de 7 ou 8 meses passados em Verrieres, escrevia ao querido pai: Quanto aos meus estudos, vão um pouco melhor do que eu pensava. É que ele de certo temia não compreender nada, pois sempre fora aluno duma fraqueza extrema.

Queria Deus que fosse ele como São Paulo, um ignorante da arte de bem dizer. E se a sua modéstia lhe permitisse falar, haveria de responder aos primeiros da classe como o santo poeta italiano, Jacopone de Todi: Deixovos o silogismo. as subtilezas de palavras e os cálculos mais subtis. Deixovos a arte, cujo segredo pertence a Aristóteles. Uma inteligência humilde e pura, sozinha, se eleva à presença de Deus, sem auxílio da Filosofia.

Incompreendido dos homens, João Maria voltou-se para Deus, o eterno amigo que entende o silêncio e percebe as íntimas palpitações do coração. Pelo menos na capela podia expandir-se e chorar à vontade. A querida mãe, já morta, repousava naquela parte do cemitério que fica para o lado de Dardilly. Mas justamente sentia-a mais viva e mais próxima da sua alma e lhe confiava as suas amargas inquietações. Os discípulos jocosos convertiam-no em objecto de brincadeira e os mestres eram parcós em animá-lo. Diria mais tarde: Em Verrieres, tive que sofrer um pouco. É fácil de adivinhar o que esse um pouco encerrava, em seus lábios, de caridosa reticência.

As assíduas e prolongadas visitas à capela animavam-no. Dali por diante, ao sentir a falta do coração materno que nada na terra é capaz de substituir, a devoção a Maria Santíssima tornou-se mais filial e mais terna. A piedade para com a mãe de Deus o levaria a fazer o *voto de escravidão* (de Grignon de Montfort), pelo qual a ela se entregava sem reservas.

Seria, porém, exagero afirmar que João Maria vivesse em Verrieres exilado e perseguido. Os mais sérios e piedosos gostavam de tomá-lo como modelo, disse um dos seus antigos discípulos. Compraziam-se na sua companhia porque quase sempre só lhes falava de Deus e da Santíssima

Virgem. Desta maneira conquistou a simpatia de Marcelino Cbampagnat, o futuro fundador dos *Pequenos Irmãos de Maria*.

Marcelino não era tido por um luzeiro. Começara os estudos com 17 anos. Saindo do Seminário por incapacidade, ao recomeçar o curso, prometeu, como João Maria, uma peregrinação ao Santuário de Louvesc. Foi admitido novamente em Verrieres. Afinal, depois de nove anos de constantes trabalhos, pôde chegar ao curso de retórica, o qual teve também que repetir. Ao começar o ano de 1812, encontrou-se na aula de filosofia com o aluno do P. Balley. Marcelino contava 23 anos, João Maria 26 e meio. A idade já avançada, a igualdade de sacrifícios; o mesmo ideal e virtudes os uniram logo por uma estreita amizade.

Em Verrieres. conservaram-se os costumes dos tempos heróicos. Ainda que não estivessem tão mal estabelecidos como antes, o regime era duro a comida frugal, o regulamento severo.

João Maria, longe de se queixar, mostrou-se sempre contente, nunca se viu que faltasse aos seus deveres. Contudo o seu comportamento não chamou especialmente a atenção. Amava tanto a obscuridade quanto o esquecimento! Nada nos leva a crer que fosse citado alguma vez publicamente como modelo.

O insucesso dos estudos teve como consequência uma certa desestima.

As suas notas finais foram as seguintes:

Trabalho	bom
Ciência	muito fraca
Comportamento	bom
Carácter	bom

Ainda que o P. Barou fosse bom educador, não tinha contudo a obrigação de ser profeta. Observando somente o exterior não soube apreciar o raro tesouro que a Providência havia posto nas suas mãos.

CAPÍTULO VIII

No Seminário de Lião (1813-1814)

As felizes férias de 1813 - No Seminário de Santo Irineu - Virtude admirável - Cérebro rebelde - Despedido! - Visita ao noviciado dos Irmãos - Exame no presbitério de Ecully - A decisão de Mons. Courbon, vigário geral.

João Maria não fora muito feliz em Verrieres. Apenas chegou a entender aquela filosofia insípida e fria, inspirada em Descartes e explicada segundo o sistema da velha Sorbona. Em julho de 1813, grande foi a sua alegria quando, ao voltar a Ecully, encontrou o antigo mestre. Recebeu-o ele com não menor satisfação. Uma vez juntos reavivaram-se suas esperanças: a subida ao sacerdócio era muito áspera, mas o cume já estava mais próximo. Ao alcançá-lo como respiraria aliviado! O ministério das almas não teria tantas aridezes como as classes e os livros... Sem perda de tempo o P. Balley pensou em preparar o seu discípulo para ingressar no Seminário Maior de Lião. Aquelas férias foram, não resta dúvida, as melhores e as últimas que gozou durante toda a vida.

O Seminário Maior de Santo Irineu, edificado na praça Croix-Paquet de Lião, ao pé da Croix-Rousse, depois de ter servido durante a revolução para depósito de armas e hospital militar, voltou no dia 2 de novembro de 1805 ao seu primitivo destino. Era uma imensa casa de três andares, cujos jardins eram cruzados por uma formosa alameda de tílias.

Fazia dois anos que os Padres de S. Sulpicio não cuidavam da direcção do estabelecimento. O decreto de 26 de dezembro de 1811, pelo qual se tirava aos dignos filhos do Padre Olier a direcção de todos os Seminários de França, afastara-os de Lião. O Cardeal protestou e suplicou a Napoleão, mas este foi inflexível para com ele e para com os demais prelados.

Os Sulpicianos foram substituídos por alguns jovens sacerdotes da diocese, mas os corações não lhes eram affectos. Todos lamentavam que os directores fossem muito jovens. Pelo menos tinham pouca experiência, e alguns dos alunos os haviam conhecido nos bancos escolares... A pouca idade porém não impedia que todos fossem homens de valor.

O novo superior era o P. Gardette, que, ordenado sacerdote durante o Terror, fora preso e encarcerado nos pontões de Rochefort possuía uma piedade profunda, mas, pelo muito que sofrera, havia-se, às vezes, com certos gestos de rudeza e severidade, exigindo com excessivo rigor a observância do regulamento. O Prefeito do Seminário era o bondoso, sábio e distinto Padre de la Croix d'Azolette, futuro arcebispo de Auch. O ecónomo, um modesto sacerdote, o P. Menaide. O professor de Sagrada Escritura e liturgia era o P. Mioland, jovem sacerdote de 25 anos, amável e simpático. Mais tarde veio a ser arcebispo de Toulouse. O P. Cholleton e P. Cattet, recém-saídos do Seminário de S. Sulpício de Paris, ensinavam respectivamente moral e dogma. Esses professores eram dotados dum saber verdadeiro e mesmo brilhante. Para formar os seminaristas lioneses, tanto na ciência como na virtude, esforçavam-se por continuar as tradições sulpicianas.

João Maria, que chegou nos primeiros dias de outubro para se colocar sob a direcção deles, ia ser-lhes discípulo por alguns meses. Ali encontrou Marcelino Champagnat, antigo colega em Santo Irineu, João Cláudio Colm, a quem a Igreja deveria mais tarde a *Companhia de Maria*, e Fernando Donnet, que morreu aos 87 anos de idade, como Cardeal-arcebispo de Bordéus...

Certas prescrições do regulamento deviam ter embaraçado um pouco o nosso seminarista, e ninguém nos disse se ele sempre conseguiu sair-se bem. Sua Eminência, diz o P. Lyonnet, quando ia ao Seminário não cessava de recomendar o porte eclesiástico. Queria que os seus sacerdotes se apresentassem com indumentária conveniente, e um exterior decentemente composto.

Com tais objetivos, ordenou o uso do cosmético no cabelo e fivelas, nos sapatos. Desejava também que os seminaristas de Lião usassem capa comprida como os seminaristas de Paris, quando saíssem à cidade.

O ano escolar de 1813 a 1814 teve início depois dos tradicionais dias de retiro, pouco antes da festa de Todos os Santos. Um futuro cónego de Belley, P. João Agostinho Pansut, que naquele ano terminava a teologia, mais tarde na sua velhice conservava ainda a lembrança do novato, cuja fisionomia muito o impressionara. Porque, apesar do seu amor ao retiro e ao

silêncio, João não podia passar despercebido. Aos 25 anos já tinha o aspecto dum asceta. O recolhimento, a modéstia, a abnegação de si mesmo, a penitência levada até à maceração, refletiam-se em todo o seu extenor. Se todos os 250 seminaristas que viviam em Santo Irineu fossem outros tantos Vianneys, durante os passeios e recreios, aquela casa seria a imagem fiel dum convento de trapistas.

Houve, porém, algumas testemunhas mais frequentes de uma vida tão edificante. Santo Irineu, com dificuldade, abrigava todos os alunos. Tomou-se necessário acomodar vários nos quartos mais espaçosos. Foi desse modo que João Maria teve por companheiros, além do P. Bezacier, a quem ainda não conhecia, os Pes. Declas e Duplay, seus amigos em Verrieres. Era de uma perfeita pontualidade, diz Bezacler. Do nosso quarto não precisávamos andar mais que dois passos para ver desfilar um regimento suíço que estava a serviço de França e ouvir a sua excelente banda de música. Muitos se deixavam vencer pela curiosidade. Quanto a João Maria, não me lembro que jamais se tenha movido.

Mais tarde o sr. Declas, que entrara para a Congregação dos maristas, dizia ao seu sobrinho Estevão Dubouis: Tive ocasião de o conhecer bem, noutros tempos: É um santo.

Alguém poderia crer que Vianney se mostrasse um tanto singular. Muito pelo contrário: Nada de extraordinário no modo de proceder. A sua modéstia era duma grande simplicidade.

Infelizmente, conforme o Sr. Bezacier, o resultado nos estudos era nulo, pois bem pouco entendia da língua latina. Muitas vezes, eu mesmo lhe dei explicações, que aliás, não conseguia compreender... Apesar disso, a aplicação era contínua.

Todos sabiam, refere o Sr. Pansut, que João Maria Vianney não fizera regularmente os estudos, e por isso ninguém se admirava do pouco êxito obtido. Se mais tarde operou verdadeiros milagres na direcção das almas, deveu-o ao perseverante trabalho e sobretudo às graças com que Deus o cumulou visivelmente. O superior, P. Gardette, se interessou certamente por aquele seminarista, cuja piedade e heróica aplicação eram conhecidas.

Deu-lhe como professor particular o Sr. João Duplay, um dos primeiros da aula. Menos tímido ao lado do condiscípulo que o interrogava em francês, João Maria, na mesma língua, dava respostas bem acertadas e cheias de muita ponderação.

Um dos professores, o P. Mioland, em o vendo tão atrasado, por compaixão dava-lhe algumas aulas. Explicava-lhe a Teologia num manual escrito em francês e redigido com muita clareza, chamado *Ritual de Toulon*. Graças a essas explicações, melhor adaptadas à sua capacidade, o jovem Vianney poderia adquirir no Seminário os conhecimentos suficientes. Mas sendo o latim a língua oficial das aulas e dos exames, para o nosso estudante as prelecções em comum eram pouca coisa mais do que letra morta. Feita a experiência, os professores não o interrogaram mais.

Quanto deveria sofrer ao ver a ineficácia dos seus esforços! Ninguém como ele em Santo Irineu almejava tanto o sacerdócio, e como ele ninguém parecia estar mais distante... Mas que acervo de penas, que desalento, quando, depois de cinco ou seis meses, os professores, julgando-o incapaz de ir mais adiante com os estudos, aconselharam-no a que se retirasse.

Estava despedido aquele, diante de cujas relíquias, um dia o Soberano Pontífice, prostrado, sob a cúpula de S. Pedro em Roma, as veneraria e as perfumaria de incenso! Foi essa a prova mais dura de toda a sua vida. Mais tarde o veremos falar com alegria das suas misérias e contratempos. Jamais, ao menos enquanto se tem lembrança, fez alusão àquela saída do Seminário Maior.

Muitos dos seus condiscípulos sentiram grande pesar ao vê-lo partir. Ele, pelo contrário, aceitou a sentença com resignação e sem queixas. Passados 50 anos, um dos confidentes de então, o Cardeal Donnet, no-lo dirá: A recordação da sua humildade e das suas prudentes palavras ao falar com ele naquelas circunstâncias, ficou-me profundamente gravado no coração. Que faria, então, dali em diante?... A porta do Santuário fora-lhe fechada! Voltaria para o mundo, ele cujo desejo íntimo era dar-se inteiramente a Deus?

Lembrou-se então João Maria dos seus companheiros de infância, João Dumond, que em 27 de novembro do ano anterior recebera o hábito de

Irmão no noviciado de Lião, do Pequeno Colégio. Na alma do pobre seminarista despedido surgiu um novo plano. Trocaria a sua batina por outra de Irmão, com quatro mangas. Sem se entender com o P. Balley, nem pedir-lhe conselhos saiu de Santo Irineu para bater à porta do *Pequeno Colégio*, situado perto da igreja primacial de Lião.

Não sei bastante latim para ser sacerdote, disse ao seu amigo João Dumond, agora Irmão Geraldo; virei aqui para ser Irmão. E foi para a casa paroquial de Ecully, por alguns dias, como pensava.

O P. Balley, que o recebeu de braços abertos e sobre cujo peito chorou amargamente, Ouviu-lhe as confidências. Depois, tomando a palavra, novamente assegurou ao seu protegido que Deus o escolhera para o serviço do altar. Escreve, acrescentou o P. Balley, escreve ao teu amigo de Lião que não fale nada, e que eu quero que continues os teus estudos.

Era forçoso tentar mais uma vez.

Mestre e discípulo, depois de teremorado juntos, puseram mãos à obra. O estudo do Ritual de Toulon foi recommençado. O P. Balley alternativamente lançava mão do francês e do latim. Acaso Vianney não estava obrigado a entender na língua da Igreja ao menos as coisas mais necessárias?

O espírito de Deus., que habitava aquela alma, preencheria as lacunas e supriria as deficiências...

Mas como isto se faria? Ignorava-o o interessado, motivando-lhe isso grandes sofrimentos.

Felizmente, a piedade sustentava-o e o próprio Deus vinha em seu auxílio. Quando estudava, dizia ele mais tarde, a angústia me oprimia. Não sabia o que fazer... Parece-me estar vendo aquele lugar em Ecully: Passava junto à casa da Sra. Bibost... Ali me foi dito como se me falassem ao ouvido: - Vai, fica tranquilo. Um dia serás sacerdote.

Aproximava-se entretanto o tempo das Ordenações. O exame canónico começava em fins de maio, e o P. Balley aventurou apresentar o seu discípulo A diocese estava com falta de sacerdotes. O candidato já ia

completar 29 anos. Fazia três que tinha recebido a tonsura. Já era tempo de ao menos receber as Ordens Menores, a não ser que de todo se esvaíssem as esperanças. Foram essas as razões que pareceram suficientes para que o tempo não se prolongasse mais.

Três meses. apenas haviam passado após a saída do Seminário, quando João Maria Vianney apareceu novamente entre os antigos condiscípulos. Em o vendo, se alegraram. Sentado no último lugar esperava a sua vez. Introduzido na sala dos exames viu aquele venerável tribunal presidido pelo Cónego Bochard, Vigário Geral, e composto do que mais sábio e mais digno possuía a diocese de Lião. Já muito impressionado, ouviu que o chamavam. Logo perdeu a calma, entendendo mal as perguntas que lhe fizeram em latim. Embaraçou-se e o que respondeu foi duma maneira incompleta...

O tribunal examinador ficou perplexo. Todos conheciam o recto juízo natural e o critério do P. Balley. Não ignoravam os elogios que tinha feito da piedade e constância do seu discípulo... Haveriam de recusar aquele seminarista de tão boa vontade ou ao menos fazê-lo esperar?

Acharam melhor declinar toda a responsabilidade daquele caso de dúvida. João Maria Vianney estava livre para solicitar admissão em outra diocese, se algum bispo o quisesse receber.

Na tarde daquele mesmo dia regressou ao presbitério de Ecully. O P. Balley percebeu o perigo e no dia seguinte foi a Lião. Primeiramente aconselhou-se com o sacerdote que ouvira a primeira confissão de João Maria, e que lhe dera a primeira comunhão. O P. Groboz, que veio a ser mais tarde Secretário Geral do Arcebispado de Lião,- acompanhou o P. Balley a fim de irem ter com o Vigário Geral que no dia antecedente havia interrogado João Maria. O cura de Ecully nada mais fez do que repetir o que julgava do seu discípulo: o menos instruído talvez, mas o mais virtuoso dos seminaristas de Lião. O P. Groboz também referiu preciosas recordações. Mons. Bochard deixou-se convencer e prometeu que estudaria o assunto. Mas, ao mesmo tempo; a pedido do P. Balley, consentiu em ir no dia seguinte até Ecully e levar também em sua companhia o reitor do Seminário. Ambos examinaram em particular o desventurado candidato.

Tranquilizado por tão benévola resolução, João Maria respondeu muito bem às perguntas que lhe fizeram, pelo que ficaram muito satisfeitos. Assim se exprimiu o P. Betemps, Cónego de S. João de Lião, velho amigo do P. Balley, o qual, depois da morte deste, foi confessor de João Maria por algumas semanas. O P. Bochard saiu de Ecully bem impressionado, mas não lhe cabia dar a decisão definitiva.

Depois da sangrenta batalha de Leipzig (20 de outubro de 1813), russos, austríacos, alemães, suecos, ingleses e espanhóis, coligados, haviam invadido a França. Em 11 de abril seguinte, Napoleão, vencido, assinava a sua abdicação. A sua mãe e o seu tio acharam refúgio junto do Papa Pio VII. Na ausência de S. Eminência, o P. Courbon, primeiro Vigário Geral, assumiu o governo da diocese. Era pois este quem haveria de decidir sobre a sorte de João Maria Vianney.

Não faltou quem o advertisse que o discípulo do P. Balley só entendia bem a língua materna, não havendo esperança de aprender o latim.

O Vigário Geral sentiu-se inclinado à indulgência. Demais, a situação do Arcebispado não era tão penosa? E não fazia dois anos apenas que pelo Natal de 1812 foram admitidos em massa os alunos do primeiro ano de Teologia e os restantes de outros cursos ainda não ordenados de Subdiáconos, para melhor livrá-los do serviço militar?.

O P. Courbon, simples e bondoso, limitou-se a perguntar: Sabe rezar o Rosário?

Sim. É um modelo de piedade.

Um modelo de piedade? - pois bem, eu o admito. A graça de Deus fará o resto.

Jamais o P. Courbon foi tão inspirado.

CAPÍTULO IX

Do subdiaconato ao sacerdócio (1814-1815)

Elevação ao Subdiaconato - Os pressentimentos do P. Miillon - A política no Seminário Maior - Ordenação de Diácono - O exame canônico para o Presbiterato - Os papéis de Ordenação - Consagração .Sacerdotal - As inscrições de 13 de agosto de 1815

Por meio da humilhação e do sofrimento, o Escultor divino tinha suficientemente modelado e embelezado aquela alma. Chegara a hora da consagração. O jovem Vianney soube, com reconhecimento infinito, que no dia 2 de julho, festa da Visitação de Nossa Senhora, receberia duma só vez as Ordens Menores e o Subdiaconato. A autoridade diocesana dispensava-o dos interstícios canônicos. Que *TE DEUM* no presbitério de Ecully!

João Maria voltou ao seminário um mês antes da Ordenação, a fim de se preparar com exercícios espirituais e ouvir as instruções necessárias sobre as cerimônias, e sobre os poderes que lhe iam ser conferidos.

Na manhã de 2 de julho, o futuro subdiácono, revestido de alva, deu o passo simbólico que o separava para sempre da vida secular e mundana. Depois, tocando o cálice destinado a conter o Sangue de Cristo, desposou a castidade.

Celebrou-se a cerimônia na igreja primacial de S. João. Marcelino Champagnat, o seu primeiro condiscípulo de Verrieres, recebera o subdiaconato em Grenoble, no dia 6 de janeiro daquele mesmo ano, das mãos de Mons. Simon.

Mas João Cláudio Colin, que, por causa de escrúpulos, tivera de esperar, achava-se desta vez entre os novos ordenados ao lado do P. Vianney. Mons. Simon, vindo expressamente de Grenoble, recebeu os seus juramentos.

Tive a dita, narra o P. Pedro Millon, cura de Beny, de me achar bem junto a ele. Depois da cerimônia, conforme o costume, foram em procissão da igreja primacial até ao Seminário Maior. Maravilhou-nos o entusiasmo

com que cantava o *Benedictus*, salmo de acção de graças. O seu rosto parecia resplandecente. Movido de não sei que pensamento, apliquei-lhe as palavras do versículo: *Tu, menino serás chamado Profeta do Altíssimo*. Dizia de mim para mim: Possui menos ciência que muitos outros, mas no ministério sacerdotal faria grandes coisas.

Como o P. Balley se responsabilizasse pelo seu protegido, foi-lhe permitido tê-lo consigo durante o ano escolar de 1814 a 1815. Mestre e discípulo tiveram sobejos motivos para se felicitem, pois aquele ano fora para o Seminário de Santo Irineu de Lião um ano verdadeiramente deplorável. O recolhimento tornou-se quase impossível, e sem recolhimento há pouco proveito e menos ainda sólida formação.

Se dermos crédito a um contemporâneo, a notícia da abdicação do Imperador foi recebida em Lião com verdadeira embriaguez de entusiasmo, chegando quase à loucura. Parecia que se ia passar da idade do ferro para a idade do ouro, tão decantada pelos poetas.

Enquanto Napoleão desterrado partia para Elba, o infortunado Cardeal Fesch, digno certamente de melhor sorte, vivia errante de Nimes para Montpellier, de Montpellier para Blois, de Blois para Bourges. Voltando a Lião por alguns dias, torna a partir em 27 de abril. A odisseia do prelado fugitivo foi terminar em Roma, onde o recebeu a benignidade paternal de Pio VII. No dia 14 de abril, em vista da notícia de que Luís XVIII tinha sido proclamado rei de França e de Navarra, o cabido de Lião, na ausência do Arcebispo e mesmo sem a sua autorização, ordenou um *TE DEUM* na igreja metropolitana e em todas as demais igrejas da arquidiocese. O P. Groboz, secretário geral do arcebispado e grande amigo do P. Balley, levado pela sua antiga crença monárquica, lembrando-se talvez do seu desterro, era um dos mais exaltados. Os seminaristas imitaram-no. Todos aqueles cérebros juvenis chegaram a extremos incríveis. Na alameda de tílias do Santo Irineu, por muito tempo falou-se mais em política do que em teologia...

O Cardeal Fesch, de Roma, continuava governando a diocese; os seus bens, porém, foram confiscados e a sua autoridade tida por nula.

Momento dramático! Em princípios de março de 1815, chegou repentinamente a notícia de que o Imperador destronado acabava de

desembarcar em França, no golfo de Jouan. E logo, rápido como um raio, no dia dez fez a sua entrada triunfal em Lião. Foram encarcerados muitos sacerdotes por causa das suas opiniões legitimistas. A 26 de maio o Cardeal Fesch, ao repicar dos sinos, apareceu novamente na cidade. Ficou nela somente três dias, partindo depois para nunca mais voltar.

Um dia antes de ir para Paris, visitou os seminaristas do Santo Irineu. Agora deixemos que nos fale um contemporâneo e nos conte essa história no estilo pomposo próprio da época:

Muitas eram as queixas que haviam chegado ao Cardeal, por causa do espírito ultra-realista que se havia infiltrado naquela casa. A polícia estava informada e queria agir rigorosamente. Provas havia que até comprometiam a existência do estabelecimento.

Muitos jovens seminaristas de cabeça leviana e imaginação exaltada, sem avaliar as consequências do seu proceder, se inscreveram numa federação legitimista organizada nas montanhas de Forez. Todos se recusaram a cantar na capela o *DOMINE, SALVUM FAC IMPERATOREM NAPOLEONEM...*

Sua Eminência não estava disposto a sacrificar por causa de alguns imprudentes uma casa que lhe havia custado tantos desvelos e que era de tão urgente importância. Pois que seria da diocese se a fonte que alimentava e continuava o sacerdócio se viesse a esgotar? acompanhado pelos Mons. Courbon e Bochart, apresentou-se no Seminário para levar a sua palavra de paz e de moderação aos jovens teólogos que se achavam sob uma influência estranha à vocação. Quando esses jovens viram de longe a púrpura do Cardeal, adivinharam o motivo da visita. Uns, como um bando espantado, debandaram para os seus quartos, enquanto outros se esquivavam ou murmuravam em voz baixa. Não sem grande dificuldade, conseguiram reunir e apaziguar alguns jovens. Depois de o Cardeal lhes ter dirigido algumas palavras de prudência, convenceu-se de que era inútil arrazoar com aquelas cabeças exaltadas... Retirou-se mais desiludido ainda da causa do seu sobrinho...

Enquanto o Prelado subia ao coche (era um miserável carro de praça), um dos voluntários realistas de batina escreveu com giz atrás do carro a

aclamação preferida de 1814: Viva o Rei! O Cardeal atravessou toda a cidade com essa singular inscrição sediciosa para um príncipe da família imperial, como ele, que só reconhecia a águia e os troféus.

Quando a 29 de maio o Cardeal tomou o caminho de Paris, nem tudo ainda lhe parecia perdido. Mas, pela tarde do dia de Waterloo (18 de junho), a águia caía ferida de morte. A notícia do desastre surpreendeu o Cardeal Fesch na capital, donde fugiu novamente para Roma, e onde morreu piedosamente, 25 anos mais tarde, a 13 de maio de 1839.

Não há mal que não traga algum bem. O humilde João Maria Vianney não se envolveu naquelas discussões. O P. Balley, sabendo do que se passava no Seminário, bendisse a Providência, por aquele rigoroso exame que no ano anterior fora causa de voltar para Ecully o último, porém o mais digno dos alunos do Santo Irineu.

Até fins de maio de 1815, João Maria, admitido ao Diaconato, entrou novamente para o Seminário. Ali soube manter-se à margem de toda a discussão, e formou no seu interior uma tranquila solidão de que jamais saiu um só instante.

A 23 de junho, véspera da festa do seu santo protector, foi ordenado diácono, na igreja primacial de S. João de Lião, por Mons. Simon, bispo de Grenoble. E o espírito de fortaleza cada vez mais penetrou os refolhos da sua alma, já agora tão robustecida.

Na mesma manhã, por ocasião do canto das Ladainhas de Todos os Santos, prostraram-se ao seu lado João Cláudio Colin, o futuro fundador dos Maristas e Marcelino Champagnat, o futuro fundador dos Irmãos Menores de Maria. Esses dois voltaram ao Seminário para cursar o ano de preparatórios para o sacerdócio. Por inesperado favor, devido, sem dúvida, às diligências do seu abnegado mestre, mas também à fama das suas virtudes, logo depois do diaconato, foi admitido à ordenação sacerdotal. Pela segunda vez foi submetido ao exame canónico em Ecully, em presença do Vlgário Geral P. Bochart. Verificou este com grande satisfação que, depois de transcurrido um ano, o nosso "Teólogo" tinha feito verdadeiros progressos.

O jovem Vianney foi interrogado pelo douto examinador sobre os pontos mais difíceis da teologia moral, e isto por espaço de mais de uma hora. Ficou satisfeito com as suas respostas e mesmo admirado pela clareza e precisão.

Decidiu-se que o nosso diácono, depois de alguns dias de retiro, iria a Grenoble receber o presbiterato.

Os do seu curso, entre eles o P. Pansut, Bezacier, Colin e Champagnat, só no ano seguinte foram admitidos ao sacerdócio.

Numa quarta-feira, nove de agosto, o P. Vianney apresentou-se na secretaria do Arcebispado, onde Mons. Courbon lhe entregou as cartas dimissórias. Estes papéis rezavam que S. Excia. o sr. Bispo de Grenoble podia ordenar João Maria Vianney, encardinando-o na diocese de Lião, com a condição, porém, de que o neo-presbítero só mais tarde pudesse receber a licença para ouvir confissões. “Os juízos dos homens são bem diferentes dos juízos de Deus. O humilde diácono, que com tais condições partia para Grenoble, haveria de passar as três quartas partes da sua vida sentado no confessionário. “A Igreja, conclui Mons. Courbon, ao assinar as dimissórias, não necessita somente de padres sábios, mas também e sobretudo de padres piedosos.

Sob um causticante sol de agosto, o P. Vianney partiu a pé, levando somente um embrulho com algumas provisões e a alva para as cerimónias. A distância entre Lião e Grenoble é de cem quilómetros. O aspirante ao sacerdócio, parecendo ter asas, porque, finalmente, ia ver realizados os seus sonhos, percorreu alegremente aquela distância, mas não sem perigos. A França fora invadida novamente e as estradas do Delfinado estavam cheias de inimigos armados. Que faria por caminhos tão pouco seguros aquele clérigo cansado, com a sua pequena bagagem? Não passaria talvez por algum espia aos serviços da França? Os austríacos do corpo de Bubna insultaram-no na própria língua gutural - um dia se recordará desse idioma desconhecido, para compará-lo a um outro se possível mais bárbaro ainda - e várias vezes os soldados detiveram-no.

Finalmente. no sábado, dia 12, pela tarde, o ordinando lionês era recebido no Seminário Maior de Grenoble, situado à rua do Templo Velho.

No dia seguinte, décimo terceiro domingo depois de Pentecostes, às primeiras horas da manhã, foi conduzido à capela que antes da revolução fora a Igreja dos Mínimos.

Mons. Simon ao mesmo tempo nela também penetrava, modestamente paramentado. Era um prelado profundamente piedoso, cheio de afecto e condescendência. Lastimaram que se tivesse incomodado com tão pouca coisa: uma só ordenação, e de um seminarista forasteiro!. O velho bispo contemplou por um momento aquele diácono de aspecto ascético, a quem não acompanhava nenhum parente, nem um só amigo, e replicou com grave sorriso: “Não é grande incómodo ordenar um bom sacerdote”.

Incapaz de poder expressar as emoções daquela manhã celestial, o P. Vianney não as revelou a ninguém. Mais tarde, porém, nas suas catequeses, quando falava da sublimidade do sacerdócio, o que costumava frequentemente, fazia reviver em si as impressões indeléveis daquele 13 de agosto de 1815. “Oh, o Padre tem alguma coisa de grande! Não se compreenderá bem o sacerdócio senão no céu. Se o compreendêssemos na terra, morreríamos não de espanto, mas de amor!”

Com a idade de 29 anos, depois de tantas incertezas, de tantos fracassos e de tantas lágrimas, João Maria Vianney via abertas as portas do santuário. Enfim, subia ao altar do Senhor. Desde aquele momento da sua ordenação se considerava, de corpo e alma, como um vaso sagrado, exclusivamente destinado ao divino ministério.

No tempo da meninice, quando vivia com a sua santa mãe, dissera, um dia, entre suspiros: “Se eu fosse sacerdote, queria salvar muitas almas”. As almas já o aguardavam.

CAPÍTULO X

Coadjutor de Ecully (1815-1818)

Grande alegria em Ecully. Dardillye Noës - O primeiro penitente do P. Vianney - Os cônegos do ministério paroquial - Ele “dá tudo o que tem - Na escola de santidade - A visita da viúva Fayor - Paulina Jaricot e Santa Filomena - Ao silêncio do Presbitério - Doença e morte do P. Balley - Heranças e recordações - O P. Tripier e o seu coadjutor. A capelania de Ars.

O P. Vianney celebrou a sua primeira missa na capela do Seminário Maior, onde no dia anterior recebera a ordenação sacerdotal. Era pois 14 de agosto, segunda-feira, véspera da Assunção. Dois capelães do exército austríaco celebraram ao mesmo tempo em altares laterais. Está fora de dúvida que não regressou imediatamente a Ecully, mas ficou em Grenoble para a solenidade do dia seguinte. A delicadeza da sua consciência e a devoção para com Maria Santíssima não lhe teriam permitido viajar em tal dia. Tudo leva a crer que partiu do Seminário no dia 16, depois de ter celebrado a sua terceira Missa.

Durante o regresso teve que passar pelos mesmos vexames que sofrera na ida. Finalmente pôde chegar a Ecully, onde já o esperava ansioso o seu velho mestre. Agradável surpresa lhe estava reservada: o padre Balley, depois de se ter ajoelhado a seus pés e recebido a sua bênção, comunicou-lhe a alegre nova: Os Reverendíssimos Vigários Gerais se haviam dignado conceder um coadjutor à paróquia de Ecully, e o sacerdote designado para tal cargo não era outro senão João Maria Vianney. Assim, o filho adotivo ficaria junto ao pai. Seria o seu auxiliar no meio de tantos trabalhos, e quem lhe fecharia os olhos.

Grande também foi a alegria na casa de Dardilly. Todo um passado cheio de angústias foi olvidado quando o neo-sacerdote reapareceu entre os seus. Ah!, se a mãe estivesse viva!... João Maria orou demoradamente junto à sepultura da sua querida mãe.

Uma carta foi anunciar aos de Noës e aos de Robins a ordenação sacerdotal de *Jerónimo Vincent*. No ano anterior, depois de recebido o subdiaconato havia escrito ao venerável P. Jacques, oferecendo-se-lhe como

eventual coadjutor. Outros emolumentos não lhe pedia senão alimentação. Ele amava de tal modo Noës, como dizia, que não podia afastá-la da memória. Que alegria para a viúva Fayot ao saber que o seu “filho mais velho” tinha visto os desejos realizados. Na verdade, a princípio ficaria em Ecully, porém, depois chegaria a ser cura. Então, quem sabe? Combinou-se em Robins que iriam quanto antes saudar, na casa do P. Balley, o seu santo e amável coadjutor.

Os paroquianos de Ecully participaram da alegria do seu pastor. “O padre Vianney muito nos edificou quando esteve entre nós. Quanto mais agora que é sacerdote!” Com efeito, logo depositaram nele toda a confiança, apesar de no começo só poderem consultá-lo fora do tribunal da penitência. O padre Vianney recebeu as faculdades necessárias para ouvir confissões, depois de muitos meses após a nomeação de coadjutor.

Vimos antes que Monsenhor Courbon assim o havia determinado. O primeiro penitente que se lhe prostrou aos pés foi o seu próprio confessor, o P. Balley em pessoa.

Ao procurar um novo director, o austero e sábio P. Balley não encontrou outro mais apto para receber os segredos da sua alma do que aquele antigo camponês, tido por incapaz durante muito tempo. O digno ancião constatara a obra da graça naquela natureza de escol. Levou ao conhecimento do Mons. Courbon que já era tempo de delegar os poderes ao seu coadjutor. Imediatamente o Vigário Geral acedeu a tão justificado requerimento.

O primeiro acto ministerial do P. Vianney data de 27 de agosto de 1815 - um baptizado. Desde que o souberam aprovado pela Cúria Arquiepiscopal, o seu confessionário foi assediado pelos enfermos espirituais, que não procuravam outro. Isso lhe roubava muito tempo, fazendo-o negligenciar as próprias refeições. Um pouco mais tarde essa negligência tornou-se habitual. Mas o campo dos seus trabalhos estava longe de ser infrutuoso e sem consolações, pois um grande número de pessoas, que até ali não eram a edificação da paróquia mudaram de vida após se terem dirigido ao P. Vianney.

Preparava, e depois explicava cuidadosamente a lição de catecismo. fazendo-se pequeno com os pequenos. Levava os mais atrasados para o

quarto, e, lembrado do que outros lhe fizeram durante a Revolução, instruía-os com uma paciência incansável. No púlpito de Ecully era breve, mas claro. Desse modo dava começo a um ministério que lhe haveria de custar rudes esforços, mas, que teria êxitos surpreendentes.

“Ao meu ver, não pregava bem, disse a sua irmã Margarida. que vinha de Dardilly para ouvi-lo; apesar disso, quando lhe tocava a vez de falar, toda a gente acorria à Igreja. Não receava dizer as verdades mais duras e fustigar certos vícios. Ecully, propriamente falando, não era nenhum oásis de perfeição. A Revolução deixara ali as suas consequências e a vizinhança duma cidade não era o meio mais próprio de as atenuar. Corria-se atrás dos prazeres e dançava-se sempre que se oferecesse ocasião; No lugar onde estive como coadjutor, diria mais tarde o P. Vianney nas suas aulas de catecismo, um jovem que se apresentava para ser padrinho de uma criança havia contratado um violinista para bailar. Na manhã do baptizado foi esmagado por uma viga. O músico não faltou. Quando, porém, ia chegando, os sinos dobravam a finados, anunciando os funerais daquele infeliz.

Pregava a pureza dos costumes e a perfeição da vida cristã. O P. Vianney era o primeiro a dar o exemplo. Aquele padre de 30 anos já se conduzia a si mesmo com admirável reserva. Era muito simples e muito franco, mas evitando toda a familiaridade. Possuía aquele dom particular dos santos de que fala S. Francisco de Sales, o qual consiste em ver a todos sem olhar a ninguém. Fizera esse pacto com os seus olhos porque se sentia frágil como qualquer homem deste mundo. Orava e se mortificava para dominar a carne, pois experimentava também na parte baixa da natureza os estímulos do pecado.

No dia 3 de outubro de 1839, conta o P. Tailhades. de Montpellier. que o P. Vianney lhe fez confidências muito importantes. Perguntei-lhe como conseguira libertar-se das tentações contra a santa virtude. Ele me respondeu que era efeito de um voto. Consistia esse voto em rezar todos os dias uma *Regina Coeli* e seis vezes a seguinte invocação: “*SEJA PARA SEMPRE BENDITA A SANTA E IMACULADA CONCEIÇÃO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA MÃE DE DEUS. ASSIM SEJA.*”

O padre Balley não era rico. E sustentar um coadjutor seria para ele uma carga muito pesada. Assim pensavam os paroquianos e por isso lhe

ofereciam tudo de quanto precisava, pela metade do custo ou gratuitamente. Aquela boa gente fez disso uma necessidade, uma honra e um prazer.

Certo dia de inverno, conta Margarida, o P. Balley disse a meu irmão: "V. Revma. vá a Lião visitar a senhora F. É preciso que se arrume bem e ponha os sapatos que lhe deram". Ao regressar trazia umas calças esmulambadas. Perguntou-lhe o P. Balley o que havia feito. Respondeu-lhe que tendo encontrado um pobre transido de frio trocara as suas calças pelas calças velhas do mendigo.

"Como vai o João Maria", perguntava uma ou outra vez André Provin, amigo de Dardilly, ao P. Balley. "O P. Vianney é sempre o mesmo, respondia o pároco de Ecully: dá tudo que tem".

Quando Mons. Courbon nomeou João Maria Vianney coadjutor de Ecully, o P. Balley manifestou grande contentamento pelo motivo de o ter a seu lado para ajudá-lo a prosseguir nos estudos de teologia. Assim aconteceu. Nos momentos livres era aberto novamente o *Ritual de Toulon* e o mestre lhe explicava, de uma maneira mais prática, o dogma, a moral e a liturgia católicas.

Quando saíam juntos o pároco propunha ao coadjutor casos de consciência mais ou menos difíceis. O jovem sacerdote procurava por si mesmo dar a solução com os motivos que o levavam a resolver deste ou daquele modo.

Deus, porém, não colocara o P. Vianney em Ecully somente para exercer o ministério paroquial; mandara-o para uma escola de santidade.

Conforme já temos observado, o P. Balley era um sacerdote muito mortificado. Entre ele e o coadjutor estabeleceu-se logo uma aterradora emulação de austeridade.

"Era, no dizer do cónego Pelletier, cura de Treffort, um santo junto a outro santo!"

Algum tempo depois, o P. Vianney fez esta humilde declaração: "Terminaria sabendo um pouco mais se tivesse a dita de viver sempre com

o P. Balley. Ninguém como ele fazia ver até que ponto a alma pode desvencilhar-se dos sentimentos terrenos e o homem assemelhar-se aos anjos. Para se ter desejo de amar a Deus bastava ouvi-lo dizer: Deus meu, eu vos amo de todo o coração".

O P. Balley usava um cilício. O P. Vianney pediu também reservadamente a Claudina Bibost e à filha Colomba que lhe fizessem um colete de crinas com o qual cobriria as carnes! Quando a visita de algum colega não os tirava do regime habitual, era, como dizia o P. Vianney, uma santa emulação. Nada de vinho. Algumas batatas com pão escuro e um pedaço de carne cozida que, de tanto voltar à mesa, ficava denegrido. E foram tão longe nisso que alguns paroquianos julgaram-se na obrigação de informar Mons. Courbon a respeito do que se passava. "Felizes de vós, povo de Ecully, replicou o Vigário Geral, por terdes padres que deste modo fazem penitência por vós". Mas ao mesmo tempo o pároco denunciava à autoridade eclesiástica o coadjutor por ultrapassar os limites da penitência e este denunciava o pároco por excessos de mortificação. Mons. Courbon pôs-se a rir e despediu a todos.

Entretanto, havia alguma trégua naquela austeridade. A mesa perdia algumas vezes aquele aspecto tão lúgubre. Quando havia hóspedes - o Vigário Geral e o P. Groboz foram algumas vezes - o cardápio era melhor e mais variado.

Numa dessas ocasiões, em formoso meio-dia do mês de outubro de 1815, apresentou-se na casa paroquial de Ecully uma mulher vestida à moda de Forez. Perguntou pelo P. Vianney. A criada respondeu-lhe que os padres estavam à mesa e na sala de jantar havia muita gente. Não importa! A viúva Fayot, de Noës - pois era ela a recém-chegada - na ânsia de ver João Maria não se receou de penetrar na sala do festim. Entrou, mirou os comensais, entre os quais se achavam Mons. Courbon e o P. Bochard. Logo reconheceu o "seu querido filho". O P. Vianney levantou-se radiante de alegria. E vendo que "a sua boa mãe" se encaminhava para ele, adiantou-se também. Ela apertou-o num abraço, dando-lhe em cada face um beijo mui sonoro.

O P. Balley, com ser um padre penitente, não era, de modo algum, um misantropo, ou um incivil. Em Lião, jamais deixou de conservar as suas

amizades e relações. Continuava visitando a família Loras e era muito conhecido do Sr. António Jaricot. Esse grande industrial havia comprado em Tassin, perto de Ecully, uma casa de campo, dando-a pouco depois à filha mais velha que, pelo casamento, se tornou a Sra. Perrin. A simpática Paulina Jaricot, de 17 anos de idade, irmã da Sra. Perrin, em 1817 foi veranejar em Tassin. Depois de ter vivido por algum tempo entregue às vaidades do mundo, cujos perigos ainda não podia medir, Paulina renunciou às suas tontices, tomando-se modelo de piedade.

Na antiga casa dos Jaricot reuniam-se algumas vezes o clero de Ecully, sacerdotes distintíssimos como o futuro Cardeal Villecourt, e o P. Wortz, coadjutor de Saint-Nizier em Lião e confessor de Paulina. Foi nessas reuniões de Tassin que, pela primeira vez, o P. Vianney sentado humildemente numa ponta de mesa com a jovem Paulina, ouvia falar numa virgem mártir - Santa Filomena, cujo corpo fora descoberto, fazia poucos anos, numa catacumba de Roma, e diante da qual, conforme diziam, se multiplicavam os milagres. Ignorava então que lugar iria ocupar na sua vida aquela santa martirizada no começo da Igreja.

Levando vida comum, tal como exigiam os estatutos da Igreja de Lião, os nossos cenobitas viviam numa comunidade jamais perturbada. Juntos faziam os exercícios de piedade e até mesmo peregrinações a Nossa Senhora de Fourvière, com tanta pobreza que ambos tinham que se abrigar sob o único guarda-chuva da casa paroquial de Ecully.

De comum acordo, ambos copiavam orações à Santíssima Virgem para distribuí-las na paróquia. Compuseram o “Rosário da Imaculada Conceição, que ainda hoje se reza na Igreja de Ars, antes da oração da noite.

Assim decorreram o ano de 1816 e as primeiras semanas de 1817. O P. Balley não passava dos 65 anos, mas vivera proscrito durante o Terror e os anos de peregrinação contavam-se duplamente.

Envelhecido antes do tempo, caminhava para a eternidade. Em fevereiro prostrou-o no leito uma úlcera na perna, da qual não sarou mais. Apesar da

sua actividade anterior, dali em diante não tomou quase parte no ministério paroquial. Uma única acta existe assinada por ele no registo de 1817. - Um enterro datado de 5 de junho. Durante esse período cada vez mais penoso, de dia e de noite, substituía-o em quase tudo o abnegado coadjutor. Sofria sem se queixar. A ferida provocou a decomposição lenta do sangue. Veio a gangrena na perna arruinada e os médicos deram-no por desenganado.

A 17 de dezembro, depois de se ter confessado ao seu filho predilecto e depois de ter recebido o viático e a extrema-unção, cheio de méritos adormeceu no Senhor o venerado pastor de Ecully.

Conta-se que, depois de administrada a extrema-unção, os paroquianos se retiraram, ficando a sós cura e coadjutor. O moribundo deu ao "seu caro Vianney" os últimos conselhos, recomendando-se às suas orações. Depois, retirando de sob o travesseiro os instrumentos de penitência, murmurou-lhe ao ouvido: toma, meu filho, esconde isso; se os encontrarem depois de minha morte, julgarão ter eu expiado suficientemente os meus pecados, deixando-me no purgatório até o fim do mundo. As disciplinas e os cilícios do P. Balley não ficaram sem uso.

O P. Vianney chorou-o como a um pai. Devia-lhe tudo! Conservou imperecível lembrança daquele santo varão. "Tenho visto almas muito belas, afirmava ele, nenhuma porém como aquela". Os exemplos do antigo mestre ficaram gravados tão profundamente no seu espírito, que dizia ainda nos últimos anos da vida: "Se eu fosse pintor poderia traçar o seu perfil". Sempre que falava nele enchiam-se-lhe os olhos de lágrimas. Todos os dias pela manhã nomeava-o no momento da missa. Até à morte o Cura d'Ars, que era tão desprendido de tudo, conservou sobre a estufa um pequeno espelho, porque nele se havia refletido o rosto do P. Balley.

Guardou-se com veneração em toda a comarca de Ecully a memória daquele santo sacerdote.

Pouco depois da morte do P. Balley, os paroquianos de Ecully apresentaram à cúria de Lião um pedido que por si só bastaria para

testemunhar a estima que lhes merecia o P Vianney. Pediram que fosse nomeado pároco. A petição não logrou êxito. De mais a mais é provável que o interessado não tivesse querido aceitar.

“Não teria gostado de ser pároco de Ecully, dizia ele mais tarde. A paróquia era demasiado importante. Fosse como fosse, o P. Tripier tomou o lugar do P. Balley, continuando o P. Vianney como coadjutor.

O P. Tripier não se achou obrigado em consciência a seguir as pegadas do antecessor. De modo algum pretendia transformar a casa paroquial numa trapa ou mosteiro de cartuchos. Pareceu-lhe dentro em breve que o seu coadjutor era muito exagerado. Pois se recusava acompanhá-lo às casas dos colegas ou dos paroquianos abastados, sob o pretexto de só ter uma batina, a qual não era decente para ir com aquela honrosa companhia. O P. Tripier teria pedido outro coadjutor? É bem provável. Em todo o caso a administração diocesana não tardou muito a transferir o P. João Maria Vianney.

Depois de 21 de janeiro - achamo-nos em 1818 - ficou vacante uma pequena capelania no departamento de Ain. António Deplace, o capelão, um jovem de 27 anos, acabava de falecer tuberculoso, apenas depois de 23 dias de trabalho no sagrado ministério. Ars estava vacante. Era, porém, uma aldeia tão pequena e tão pobre - 230 habitantes... Valeria a pena mandar para lá um sacerdote? O centro paroquial, Mizerieux, distava 3 quilómetros... As autoridades eclesiásticas pediram ao P. Durand, cura de Savignieux, que se encarregasse daquela capelania. Durante algumas semanas Ars parecia relegada ao esquecimento. Uma intervenção pessoal da castelã do lugar, a senhorita Ana de Garets, que se empenhava em considerar a sua aldeia como uma verdadeira paróquia, apressou os Vigários Gerais a se decidirem. Nos princípios de fevereiro, o padre João Maria Vianney, coadjutor de Ecully, foi avisado que a capela e a aldeia de Ars estavam confiadas ao seu zelo. O jovem sacerdote não se preocupou em saber se Mons. Courbon colocava ou não nas paróquias do departamento de Ain, convertido numa espécie de Sibéria para o clero da diocese de Lião, os que lhe pareciam apresentar menores garantias.

Simplesmente foi ter com Mons. Courbon, que ao assinar a provisão lhe disse: “Não hã muito amor a Deus naquela paroquia. V. Revma procurará

introduzi-lo". O P. Vianney assegurou que não desejava outra coisa. Mons. Courbon procurou animá-lo. Aquela aldeia era uma das mais humildes. Os recursos muito poucos e os próprios emolumentos dum coadjutor não passavam de 500 francos, dinheiro esse dado pelo município... Mas naquela longínqua paróquia não o abandonaria a Providência. Ars tinha a vantagem de possuir um castelo onde morava uma boa senhora que haveria de ajudar o pároco com o seu dinheiro e a sua influência... Assim falava Mons. Courbon àquele sacerdote de 33 anos.

Em 3 de fevereiro de 1818. o P. Vianney escreveu em Ecully o último acto do seu ministério. No dia 9, pela manhã, pôs-se a caminho para Ars.

PARTE II

O MINISTÉRIO SACERDOTAL EM ARS

(1818-1859)

CAPÍTULO I

A chegada e as primeiras relações

A aldeia de Ars - O P. Vianney e o pequeno Givre - Visão do futuro - Ars, paróquia cristã no século XVIII - Durante a Revolução: o apóstata e os sacerdotes fiéis - O despertar das almas - Ars de 1818 - A castelã - O programa do novo pároco - A cerimónia da tomada de posse - O mobiliário da casa paroquial - Visita a cada lar

Ars - que se chamou sucessivamente Artis vila, Artz, Arz e por fim Ars, parece ser um lugar de origem muito antiga. Uma pedra druídica que se via, ainda há poucos anos, a alguma distância do povoado, leva-nos a crer que houve habitantes naquela comarca desde épocas mui remotas. Entretanto, o nome de Ars aparece em documentos do século X. Uma carta de 980 confirma que então já havia naquele lugar uma igreja construída e uma paróquia organizada. Apesar de tudo isso, Ars nunca passou duma pequena aldeia. Está situada a 35 quilómetros ao norte de Lião, na comarca e distrito de Trévoux, onde começa o chapadão de Dombes. Dombes é no departamento de Ain - na sua quase totalidade montanhoso e coberto de florestas - uma planície argilosa, com águas estagnadas. Não tem vegetação, nem sítios ensombrados por carvalhos e ulmeiros, nem avenidas de álamos a beira dos caminhos, nem choupos, salgueiros e aveleiras nas margens dos regatos.

Os montes aprazíveis de Beaujolais limitam o horizonte de Ars. A campina que cerca o povoado forma extensas ondulações, onde emergem aqui e acolá pequenos grupos de árvores como ramalhetes. Já não é mais a planície lisa e monótona, semeada de charcos, mas tão pouco as ricas encostas que se inclinam para o Saona.

Ars está situada no declive dum pequeno vale por onde serpenteia o Fontblin, no inverno pequena torrente e no verão manso fio de água que desliza por sobre negros cascalhos. Em 1818 a aldeia parecia triste e miserável: umas quarenta casas de taipa, esparsas entre pomares. À meia encosta, a igreja, se é que assim se podia chamar àquela construção amarelenta, com simples janelas, e por remate quatro vigas e uma travessa que sustinha um sino rachado.

As cruzeiras do cemitério, segundo o antigo costume, se agrupavam ao lado da igreja. Na frente havia uma praça com vinte e duas copadas nogueiras. Ao lado da igreja estava edificada a casa paroquial, uma casa de campo, com um pátio, na frente, de alguns metros quadrados.

Ao fundo do vale, erguia-se solitário, no meio de grande arvoredo, o castelo dos Garets de Ars. Construído no século XI, fora defendido por uma torre, cercado por fossas e coroado de seteiras; mas todo esse aparelhamento guerreiro havia desaparecido. A antiga habitação não era mais do que uma espaçosa casa de campo, sossegada, melancólica e esquecida das caçadas e dos jogos barulhentos de outrora. Por causa do mau estado dos caminhos, Ars achava-se perdida numa inacessível solidão. Era um verdadeiro buraco em toda a extensão da palavra. Os habitantes, por natureza indolentes, saíam muito poucas vezes.

Ars dista 30 quilómetros de Ecully. O P. Vianney viajava a pé com pouca bagagem. Acompanhava-o a senhora Bibost, que outrora cuidava do seu enxoval. Algumas roupas, uma cama e os livros que herdara do P. Balley, vinham atrás, numa carroça. Não sabemos quem era o carroceiro. O novo pároco mal pôde lobrigar a sua paróquia. Um lençol de neblina se havia estendido por sobre a campina, encobrindo os horizontes. Não tendo encontrado quem os guiasse, passada a aldeia de Trévoux, perderam-se os viajantes, e durante algum tempo andaram vagando.

Em prados abertos, meninos apascentavam ovelhas. O P. Vianney dirigiu-se a eles. Os jovens pastores, que falavam o dialeto da região, não o entenderam logo. Perguntou-lhes onde ficava o castelo de Ars, pensando que este se erguia no mesmo povoado. Teve que repetir várias vezes a mesma pergunta. Finalmente, o mais esperto, chamado Givre, levou-os novamente ao caminho certo. “Meu caro pequeno, disse-lhe o sacerdote, ao agradecer: tu me mostraste o caminho de Ars, eu te mostrarei o caminho do céu”.

Depois o jovem pastor explicou que no lugar onde se achavam passava o limite da paróquia. O Cura d’Ars ajoelhou-se e rezou. Pouco depois, a modesta caravana começou a descer pelo declive que vai dar ao Fontblin. Dali o P. Vianney avistou algumas chaminés espalhadas ao redor duma humilde capela. Ao divisar, à luz do crepúsculo, aquelas casas cobertas de

palha: “Quão pequena és”, pensou, e logo movido por um sobrenatural pressentimento acrescentou: “Com o tempo esta paróquia não poderá comportar os que a ela virão”.

Então ajoelhou-se novamente e invocou o Anjo da Guarda daquela paróquia. A sua primeira visita foi à igreja.

Ars acabava de receber um bom sacerdote em toda extensão da palavra, verdadeiramente um santo sacerdote, mas do qual talvez ninguém prognosticasse ainda: este, um dia, será canonizado.

Na verdade, até ali o mundo desconhecia-lhe quase completamente as grandes virtudes. Mas altas virtudes não são forçosamente a santidade. Posto que já fosse em extremo zeloso e mortificado, contudo o P. Vianney não tinha ainda conseguido naquela época da sua vida aquela inefável doçura, aquele grau maravilhoso de penitência e abnegação que em 1925 haveriam de o colocar entre os maiores e mais populares heróis que se chamam Santos.

Pela manhã de 10 de fevereiro, os sinos chamavam para a missa. Só então Ars ficou sabendo que já possuía um pároco. Algumas almas piedosas se alegraram. Na maioria o entusiasmo não foi considerável : “Admiraram-se, diz a sra. Garets ao ouvir tocar para a missa, e disseram: “Chegou-nos um novo cura”.

No século XVIII Ars era uma paróquia verdadeiramente cristã. Não é certo portanto, como se diz nalgumas narrações exageradas, que o P. Vianney em 1818 caíu inesperadamente numa terra de missões.

Já em 1724 Ars tivera por pároco um jovem sacerdote, instruído, licenciado em teologia e direito canónico, dotado de grande actividade e de comprovado zelo pela salvação das almas. Esse sacerdote, chamado Francisco Hescalle, deixou nos arquivos paroquiais de Ars uma estatística da vida religiosa dos paroquianos daquela época. "Os fiéis, escreve ele, pediram-me logo no começo e me levaram a fundar na paróquia as confrarias do Santíssimo Sacramento, do Rosário e do Escapulário". No

primeiro domingo de cada mês aqueles bons cristãos de Ars meditavam em comum sobre a morte. A festa do Sagrado Coração recentemente estabelecida na diocese era celebrada com grande fervor. No dia 24 de junho de 1734, toda a paróquia, com o vigário à frente, ia à cidade para ganhar o jubileu de S. João. Além disso, na região de Dombes gostava-se muito de procissões e romarias. Ia-se à capela dos Mínimos de Montmerle, no dia de S. Marcos; à Santa Eufémia, no dia de S. Jorge; a Rance, terça-feira de Páscoa. Mas já então os curas, a par do assunto, se mostravam inquietos com o incremento que iam tomando aquelas excursões de bandeiras desfraldadas pelas suas paróquias e se queixaram ao arcebispo. As festas, de piedosas que eram, convertiam-se em profanas: bebia-se e dançava-se. Quando foram publicadas as disposições de Mons. Neuville, as quais punham o clero de sentinela contra tais abusos, o P. Hescalle pôde escrever com satisfação no seu "diário"; "Não digo que semelhantes excessos tenham sido cometidos pelos meus paroquianos".

O sucessor do P. Hescalle foi o P. Cláudio Garnier (1740-1775) De 1762 a 1763 foi levantado o campanário de pedra de cantaria em substituição a uma espécie de jaula de madeira que antes ali existia. Esse campanário já não existia quando chegou o P. Vianney. O revolucionário Albitte o mandara destruir. Depois do P. Cláudio Garnier a paróquia de Ars foi administrada pelo P. Sinforiano Aymard (1775-1788). De sua passagem em Ars restam muito poucos documentos. Registrou os batizados, os casamentos e os enterros. Nada mais. Contudo, no fim do livro de 1780, refere que cinco dos seus paroquianos haviam plantado, cada um, uma vinha. Com isso quis notar, sem dúvida - pois se interessava pelo bem material e moral da sua freguesia - que o cultivo das terras começava a dar apreciáveis resultados.

Em 31 de janeiro de 1788 foi nomeado cura de Ars o P. Estêvão Saunier, saerdote lionês de 28 anos de idade e bacharel pela Sorbona. Esses os títulos que se dá a si mesmo nos livros paroquiais. Em 1791 prestou o juramento constitucional e continuou celebrando em Ars, pelo menos até princípios de 1793. Em março do ano seguinte, a igreja foi saqueada por um bando de energúmenos vindos de Trévoux Apesar de ser sacerdote juramentado, o P. Saunier foi detido, mas logo posto em liberdade. O infeliz, para salvar a cabeça, entregou os seus documentos de

sacerdote. Em outubro de 1793 o apóstata ousou reaparecer como mercador na paróquia da qual fora legítimo pastor. A modesta igreja onde havia celebrado a missa se convertera num clube, no qual pontificavam os espíritos fortes da comarca. Serviu também como lugar de reunião para as festas da década. Uma tradição local, ainda bem viva, refere que um antigo marinheiro de Trévoux, o sr. Rufo, se fez de ridículo missionário da Deusa Razão na região de Dombes.

Entretanto, sacerdotes fiéis circulavam disfarçados pela comarca. As actas de baptizados, lavradas conforme o testemunho dos padrinhos e madrinhas, indicam a passagem do P. João Baptista, capuchinho (1794), do P. Blanc e do P. Condamin (1795). Segundo todas as probabilidades, esses sacerdotes celebravam a missa e administravam os sacramentos nos dois lugares assinalados por uma constante tradição: na casa dos Dutang, na granja de Epoux, e no castelo de Garets. Infelizmente, esses confessores da fé só visitaram Ars de passagem, em ocasiões marcadas, e exerciam o santo ministério entre poucas pessoas. A maior parte da população não os conhecia. Em 1801, quando a Igreja começou em França a reparar as suas ruínas, a paróquia de Ars quanto a fé e aos costumes estava em plena decadência.

Apesar de tudo, as almas se iam afervorando. Em março de 1802, o P. João Lecourt, antigo cartucho, que se intitulava “Missionário nomeado pelo conselho”, foi pregar àquela pobre gente, abandonada por tanto tempo, os exercícios espirituais próprios duma missão. Conforme atestam os registos paroquiais, baptizou as crianças já crescidas e regularizou os casamentos. Terminada a missão, o P. Lecourt deixou a aldeia para evangelizar outros povoados. Em 30 de maio de 1803 o Conselho Municipal - Ars já não é mais paróquia, mas continua sendo comuna - votou uma soma de 1.800 libras para reformar a igreja, pagar o aluguer da casa paroquial, ter um capelão permanente e comprar paramentos e um sino.

A administração diocesana tomou em conta tão boa vontade. No começo de 1804, o P. Lecourt voltou para aquele lugarejo com o título de “sacerdote encarregado da paróquia”. Recomeçou os seus trabalhos de verdadeiro missionário, correndo em busca das ovelhas desgarradas. Infelizmente não ficou muito tempo naquela paróquia. Transcorrido um ano

foi enviado para Jassans e até março de 1806, Ars, dependendo diretamente de Mizerieux, teve ao seu dispor outro sacerdote o P. Amado Verrier, o qual era ao mesmo tempo cura de Mizerieux, de Ars, de Toussieux, de Santa Eufémia e de Saint Didier-de-Formans.

Finalmente foi concedido a Mizerieux um sacerdote auxiliar, o P. Berger. Este administrou a capelania de Ars com o título de coadjutor. No dia 22 de abril, o P. Berger conduziu oitenta e quatro habitantes de Ars, ou seja a terça parte da população, a Trévoux, onde o Cardeal Fesch se achava crismando. O P. Berger, a quem a castelã de Garets muito estimava e queria retê-lo, pediu espontaneamente a sua transferência. E foi enviado como coadjutor para Sury-le-Comtal, em outubro de 1817.

Um jovem sacerdote de 26 anos, o P. Deplace, nomeado em dezembro, pelo que parece, só foi a Ars para morrer. Movidos de compaixão ao vê-lo chegar tão débil e em pleno inverno, todos os habitantes de Ars, escrevia a castelã, se apressaram uns em lhe dar quatro feixes de lenha, outros, quinze, outros cinquenta, o que prova a estima que têm para com o pároco e o desejo de que se sinta bem entre eles.

Para dizer a verdade, durante aqueles 25 anos, a aldeia de Ars teve pouco desenvolvimento sob o ponto de vista religioso. O paganismo prático se havia infiltrado nas almas e em muitos enfraquecido, mas não extinguido de todo a fé. Havia na paróquia uma grande decadência, uma certa negligência e indiferentismo, diz uma testemunha fidedigna. Não creio, porém, que tivesse havido grandes desordens... O que esta paróquia apresentava de mais deplorável era o esquecimento das práticas religiosas.

Por motivos de pouca monta não assistiam à missa nos dias de preceito. Trabalhavam aos domingos sem necessidade alguma, e isto principalmente quando o feno e o trigo exigiam ceifadores. Os homens, os jovens e até os meninos tinham o abominável hábito de blasfemar. Ars possuía quatro tabernas, onde os pais de família iam esbanjar o seu dinheiro. À noite do sábado, sobretudo, os beberrões perturbavam a paz do povoado. As jovens estavam apaixonadas pelo baile. Os serões, fontes de graves pecados, se prolongavam até alta noite. A tudo isso ajuntava-se uma crassa ignorância. As crianças eram pouco assíduas ao catecismo, sendo muito poucas as que sabiam ler: Não havia escola permanente. Ocupados desde manhãzinha no

trabalho, passavam o dia no campo durante a época do estio. Chegado o inverno, um mestre improvisado abria uma aula para meninos e meninas, mas os pobres pequenos não recebiam nenhuma instrução, e alguns vagabundeavam pelas ruas. O quadro não era muito lisonjeiro; contudo Ars, apesar disso, se assemelhava às paróquias vizinhas, que não eram melhores nem piores do que ela. Nenhuma antipatia ao sacerdote Em resumo: certo fundo religioso, com muito pouca piedade.

Além disso, para se fazer uma ideia exacta do que era Ars naquele tempo, basta consultar os sermões do jovem pároco. O grande número dos que ainda se conservam foram compostos nos primeiros anos do seu ministério paroquial. Neles aparece retratada a mentalidade daquela gente para quem o principal eram as coisas terrenas. Graças a Deus em meio da cizânia estava a boa semente. A confraria do Santfssimo Sacramento, fundada pelo P. Hescalle, não morrera de todo. Ars ainda possuía algumas famílias de costumes genuinamente cristãos. Desde o primeiro momento o burgomestre António e Miguel Cinier, conselheiro municipal, se aliaram ao P. Vianney para uma obra comum de regeneração. As suas famílias como também os Lassagnes, os Chaffangeon, os Verchere, frequentavam regularmente os ofícios de domingo. Um seminarista natural de Ars, o futuro P. Renard, estudava no Seminário de Lião. No Castelo da Senhorita Maria Ana Colomba Gamier de Garets, conhecida por “Senhorita de Ars”, distribuía-se o tempo no cuidado da casa, na visita aos pobres e no exercício duma piedade perfeita. Cada dia, conforme o costume herdado da sua mãe, rezava o breviário com um velho e fiel criado a quem a gente do lugar chamava, com uma certa reverência, Senhor Saint-Phal.

A Senhorita de Ars contava então 64 anos. Apesar da sua baixa estatura, era extremamente distinta. Da sua primeira educação recebida na casa de Saint-Cyr, conservava os modos um pouco amaneirados da antiga civilidade, porém genuinamente francesa, os quais davam à sua conversação grande jovialidade e graça.

A Revolução não tirou à Senhorita de Ars os seus domínios - facto que só se pode explicar pela verdadeira simpatia que os Garets haviam conquistado em toda a comarca. Pôde permanecer ali tranquila na convivência da sua venerável mãe. No oratório do Castelo vários

sacerdotes, às escondidas, celebraram a santa missa. Não há notícias de que as castelãs fossem molestadas por aquele delito anti-revolucionário. A Senhorita de Ars era muito querida pelos pobres. Dispensava-os dos alugueres; comprava-lhes vestidos e alimentos,. Os seus “livros de contas” mostram com que cuidado anotava as menores esmolas. Apesar de ser tão caridosa até à chegada do P. Vianney, a sua influência sobre o povo parecia não ser muito grande. Vivia retirada na sua herdade, onde a visitavam as famílias nobres da região. O seu irmão, o visconde Francisco, cuja idade era de 3 anos menos que a sua, morava em Paris, na rua de S. Germano. Só passava no castelo de Ars breves temporadas. Era antigo Capitão de Dragões no regimento de Penthievre e cavaleiro de S. Luís. Casou-se com uma moça de Bondy, da qual não teve filhos.

No reduzido campo que lhe fora confiado, o P. Vianney viu a boa semente, mas a encontrou tão espalhada entre a cizânia que ficou espantado. Demais, foi através da delicada consciência e do seu horror ao pecado que o novo cura contemplou a paróquia. Isso lhe fez descobrir certas misérias que teriam escapado a outros olhos menos delicados. Sem perder o tempo em inúteis lamentações, pôs logo mãos à obra. Não tinha a pretensão de converter toda a gente, mas ao menos aquela pequeníssima aldeia, cujas almas Deus acabava de lhe confiar. Desse ponto de vista é que se devem julgar os ensinamentos e os actos do Cura d’Ars nos primeiros anos da sua vida apostólica. Falou ao povo de Ars e clamou contra os seus abusos. Posto noutra ambiente, não há dúvida que o seu zelo se teria desenvolvido doutra forma, Para as faltas e abusos. sempre os mesmos em toda a parte, ainda que sob diferentes aspectos, não buscava remédios novos. Procurava aplicar os métodos tradicionais.

O seu programa meditado diante do sacrário era o de todo o pastor inquieto com a salvação do rebanho; entrar em contacto com os paroquianos; assegurar a cooperação das famílias de mais destaque; melhorar os bons; reconduzir os indiferentes, converter os pecadores escandalosos e, sobretudo, orar a Deus, de Quem dimanam todos os dons; santificar-se a si mesmo para poder santificar os outros e fazer penitência pelos culpados.

Diante de semelhante empresa, sentia-se tão fraco e tão vazio! Mas o jovem pároco de aldeia possuía em si a força misteriosa da graça. Deus escolhera a humildade para abater o poder do orgulho. Um sacerdote santo ia realizar grandes coisas, com meios, na aparência, bem pequenos.

Ainda que o P. Vianney não fosse mais do que capelão de Ars, os seus paroquianos lhe davam, como a seu predecessor, o título de Cura. Com esse nome tomou posse no domingo, 13 de fevereiro. Toda a paróquia, com exceção duns poucos, se achava presente. A cerimónia simples, porém tocante, interessou vivamente os assistentes, O velho cura de Mizerieux, o P. Ducreux, a quem o novo capelão não era desconhecido, foi buscá-lo na casa paroquial, seguido das autoridades municipais. No pórtico da igreja impôs-lhe a estola pastoral, símbolo da sua missão e autoridade. Acompanhou-o até o altar, onde o jovem sacerdote abriu o sacrário. Depois foi ao confessionário, deste ao púlpito e do púlpito à pia baptismal. Por fim falou o novo cura aos paroquianos, dizendo quanto os amava e quanto desejava o bem deles. Em seguida celebrou a primeira missa solene na intenção de todos eles. Sem dúvida, cânticos comoventes foram entoados no humilde santuário. Para Ars foi um dia de festa. Durante a cerimónia os fiéis examinavam curiosamente o recém-chegado. Muitos só o tinham visto atravessar a praça e deter-se no cemitério. Pareceu-lhes de estatura mediana e de porte um tanto rude com a sua batina de pano grosseiro e sapatos de camponês. Mas quando o contemplaram no altar, radioso, transfigurado, celebrando a missa com uma majestade inesperada, sentiram na alma grande veneração por aquele padre. Um murmúrio favorável circulou entre os assistentes. “Temos uma igreja muito pobre, dizia o burgomestre, portavoz natural dos habitantes de Ars, homem recto e de bom-senso, que dirigiu os destinos da comuna durante 20 anos, temos uma igreja pobre, mas possuímos um pároco santo”.

O P. Vianney não se preocupou com o arranjo da casa paroquial. Confiou todo o Levou-a para Ars a fim de servi-lo como criada, mas ela não ficou muito tempo, passando o Cura d’Ars de boa vontade a ser o cozinheiro.

A casa paroquial, ao todo, contava 5 quartos, cada qual com uma janela. No pavimento térreo ficava a cozinha e a casa de jantar; no superior, ao qual

se subia por uma escada de pedra, havia um quarto para o pároco e outros dois para os hóspedes que ali pernoitassem. Em geral achava-se muito bem mobiliada. No inventário daquele tempo constava: seis cadeiras forradas de veludo, com grandes espaldares, um sofá igualmente de veludo e outro de estofado verde e roxo; uma mesa para a casa de jantar com 4 aditamentos; duas camas com dossel azul e branco; um cobre-pés de tafetá amarelo, salpicado de branco; dois acolchoados novos, com almofadões brancos. Além disso, outros objectos mais ou menos ordinários. Tudo foi dado à casa canónica pelos castelões de Ars.

O P. Vianney, muito satisfeito com a cama que lhe havia deixado o P. Balley, não quis conservar senão o necessário. Acaso não trazia o seu mestre sempre presente? Aproveitou-se duma visita que fez ao castelo para pedir à Senhorita de Garets que recebesse de volta aqueles objectos, dos quais não tinha nenhuma necessidade. Não precisava também dum assador com o respectivo espeto e outros utensílios de cozinha. Bem pouco complicado seria o seu modo de viver! Conservaria somente, e se lhe permitissem, uma cama ordinária, duas mesas velhas, um armário, algumas cadeiras de vime, uma marmitta de ferro, uma frigideira e outros objectos indispensáveis à vida doméstica.

Tanta simplicidade impressionou aquela boa gente. Os moradores mais abastados, proprietários ou ricos agricultores, para quem era coisa dura dar um centésimo aos pobres, ficaram estupefactos ao verem que o seu pároco não guardava nada para si. Diante disso, viram-se obrigados a reconhecer nele um verdadeiro homem de Deus. Os mendigos, aos quais distribuía abundantes esmolas, logo espalharam a fama da caridade. O P. Vianney viera de Ecully com a bolsa bem provida, mas não levou muito tempo para esvaziá-la.

O P. Vianney não foi tão ingénuo em crer que poderia pôr termo a toda a desordem só com a sua presença na paróquia. Uma vez instalado, empreendeu logo a campanha para a conquista das almas. Era necessário adquirir certa ascendência sobre aqueles caracteres rudes, nos quais havia mais ignorância do que malícia, e ganhar os corações. Visitar umas 60 casas não era grande coisa; o difícil estava no modo como fazê-lo. O P. Vianney, com o seu grande chapéu debaixo do braço, - quase nunca o levava de outra

maneira - por volta do meio-dia saía da igreja ou da casa paroquial. Estava certo de que a tais horas encontraria todos em casa. A primeira recepção, em toda a parte, não foi agradável. Apesar disso, conta Guilherme Velliers, jovem de Ars, que então contava 19 anos, “a todos pareceu cheio de bondade, de jovialidade e de doçura, porém, nunca cremos que fosse tão profundamente virtuoso”.

Nessas primeiras entrevistas quase unicamente falava dos interesses materiais, dos trabalhos do campo, da futura colheita... Procurava saber a situação das famílias o número e idade dos filhos; as suas relações de parentesco e amizade. Uma palavra de religião proferida no fim da visita provocava a resposta que permitia conhecer o menor ou maior grau de fé existente em cada casa.

Neste ponto, quantas lacunas e quantas misérias! O P. Vianney constatou com grande pesar seu que certo número de paroquianos ignoravam as noções mais fundamentais do catecismo, principalmente os que tinham crescido durante a Revolução, ou seja, os jovens e as jovens, os homens e mulheres de 25 a 30 anos. Principalmente desses provinham os vícios e a corrupção. Muitos chegavam a vangloriar-se, dizendo sem cerimónia que nos bailes, na profanação dos domingos e em outras faltas ainda piores, não viam nenhum mal.

Como trazer ao redil ovelhas tão cegas? O jovem pastor sentiu-se fraquejar, mas, não desanimou. Restava-lhe Deus e o tempo.

CAPÍTULO II

Pela conversão de Ars

I. Orações e Penitências

A oração do Cura d'Ars na Igreja - Através dos campos - O chão em vez da cama - Flagelações sangrentas - A primeira quaresma do P. Vianney - O pão dos pobres - A marmita de batatas - O segredo das primeiras conquistas

o Cura d'Ars trazia como que entranhado no seu próprio sangue o amor de Deus e o amor das almas. Tinha, como se diz, o instinto da conquista: de natural enérgico e empreendedor, sonhara com uma existência muito ocupada e proveitosa. Naquele reduzido campo de acção que lhe foi confiado e onde poderia desfrutar muitos momentos de ócio, nós o vamos ver sempre em plena actividade e desde as primeiras semanas, as suas caminhadas haveriam de ser frutuosas e fecundas.

Muito antes do raiar da aurora, quando toda Ars ainda dormia, podia-se vislumbrar através do cemitério um vago clarão. Era o P. Vianney com uma lanterna que passava da casa paroquial para a igreja. O bom soldado de Cristo voltava para o seu posto de intercessão. Dirigia-se ao santuário, onde se punha de joelhos. Ali abria-se-lhe o coração cheio de desejos, e já cheio também de sofrimentos. No silêncio da noite pedia ao Senhor em voz alta que tivesse piedade do rebanho e do pastor. Deus meu, dizia ele, concedei-me a conversão de minha paróquia. Consinto em sofrer quanto quiserdes, durante toda a minha vida... Sim, durante cem anos as dores mais atrozes, contanto que se convertam. E as suas lágrimas regavam o pavimento. Quando o dia despontava ia encontrar ali o bom sacerdote. A gente o percebia pela luz que escapava através dos vidros.

Assim passaria toda a manhã se o ministério sacerdotal não o reclamasse. Os que o chamavam para algum enfermo não tinham necessidade de buscá-lo na casa paroquial; sabiam muito bem onde o poderiam encontrar. Em alguns dias não saía da igreja senão depois do *angelus* da tarde.

Apesar disso, todos os dias, visitasse ou não as famílias do lugar, fazia, à tarde, uma pequena excursão pela campina. Aproveitava-se também dela para orar, quer elevando o coração a Deus, quer rezando o terço. Procurava sempre dizer algumas palavras aos que trabalhavam no campo e com o rosário na mão metia-se pelos sinuosos atalhos que se cruzam por entre os cerrados de tílias, A sua alma mística estava faminta de solidão e de paz no meio daquela encantadora natureza. Os seus pulmões, acostumados aos puros eflúvios das brisas, dilatavam-se a gosto. Fazia bem em desfrutar aqueles instantes. Aproximava-se o tempo em que não teria nem uma hora de repouso, vivendo entre paredes, sem a frescura do ar nem o calor do sol. A maior satisfação deste novo Francisco de Assis era rezar no bosque. Só ali, com Deus, contemplava as suas grandezas servindo-se de tudo, mesmo do canto das aves para elevar-se a Ele.

Tão agradáveis pensamentos, porém, iam misturados de outros mais austeros. Um dia o Sr. Mandy, quando atravessava o bosque da Papisa, encontrou o P. Vianney ajoelhado. O jovem cura não o percebeu. Chorava muito e sem cessar repetia: Deus meu, convertei a minha paróquia. O bom homem não ousou perturbar a comovedora oração e retirou-se silenciosamente.

O piedoso Cura tinha a predilecção pelas deliciosas alamedas do castelo de Cibeins. Seguindo-as pelas margens do Fontblin, ocultava-se debaixo dos copadas carvalhos, e ali, julgando que ninguém o via, ajoelhava-se repetidas vezes, sem dúvida, a cada *Glória Patri* das suas Horas. Rezava também o breviário enquanto caminhava; antes de começar e ao terminar, ajoelhava-se fosse qual fosse o tempo e o lugar em que se achava.

À oração, o Cura d'Ars acrescentou a penitência e, não resta dúvida, foi para praticá-la sem ser visto que ele quis viver sozinho na velha casa canónica durante toda a vida. Se houvesse quem expiasse pelos pobres pecadores seria mais fácil Deus perdoá-los: era pois mister a todo o custo salvar as almas. Já no dia da chegada o P. Vianney dera o colchão a um pobre. Os outros dois ainda não distribuídos ficaram sobre uma cadeira no quarto dos hóspedes. Ele mesmo não precisava de cama. Por muitas

semanas deitou-se sobre uns sarmentos colocados num canto do andar térreo. O pavimento e as paredes estavam húmidas e o austero penitente contraiu imediatamente uma nevralgia facial que o fez sofrer durante 15 anos. Então, em vez de ir para o quarto, foi para o sótão. Um morador de Ars, que à meia-noite foi buscá-lo para assistir a um moribundo, viu-o baixar do incómodo poleiro. Lá, em cima, estendia-se sobre o soalho nu, com a cabeça apoiada sobre um pedaço de madeira.

A viúva Renard e sua filha, que moravam paredes meias da casa paroquial, ouviam-no remover aquela nova espécie de travesseiro.

Quase sempre aquele deitar-se tão primitivo era precedido de uma penitência mais dura. Chegando ao quarto, o P. Vianney desnudava as espáduas e, armado duma disciplina com pontas de aço, açoitava desapiadadamente o seu cadáver, o velho *Adão*, como chamava ao próprio corpo. Durante algumas noites, uma pessoa de Lião, que se hospedou na casa da viúva Renard, ouviu os golpes por espaço de uma hora. Interrompiam-se por momentos, mas depois começavam novamente. Quando irá terminar? suspirava a vizinha, compadecida. Ele mesmo fazia ou ao menos completava a seu gosto os instrumentos de penitência. Pela manhã, ao arrumar-se a casa, encontravam-se debaixo dos móveis pedaços de açoite, pequenos pregos, pedacinhos de ferro e chumbo que tinham saltado das suas disciplinas. despedaçava uma cadeia cada 15 dias. Causava compaixão, dizia Catarina Lassagne, ver o lado esquerdo das suas camisas, completamente puídas e manchadas de sangue. Ele deve ter desmaiado mais de uma vez, sangrando contra as paredes. Num canto do quarto, oculto sob a cortina que baixa do dossel da cama, umas gotas bem visíveis manchavam o reboco amarelo.

Três manchas marcam bastante bem a impressão duma espádua e delas escorrem vários fiozinhos de sangue, até ao soalho. Outras são sinais dos dedos ou das palmas das mãos. O santo deixou-os mareados nas paredes ao apoiar-se para se levantar do chão.

Março de 1818. Estamos em plena quaresma. Excelente motivo para que o nosso asceta recomece aquele jejum rigoroso, que só terá fim com a própria Vida. Tinha um cuidado a menos, pois vivia sem cozinheira. Reduzia as necessidades materiais ao mínimo possível. Nunca teve grande pontualidade para as refeições. No primeiro ano, porém, da sua vida paroquial em Ars, ultrapassou todos os limites da mortificação. Mais tarde chamaria a tais excessos loucuras da juventude, - feliz quem não cometeu outras - reconhecendo de certo modo que foi além dos justos limites. Quando se é moço, dizia ele a um sacerdote, cometem-se muitas imprudências.

Somente 15 dias depois de ter tomado posse, chegou de Dardilly a sua irmã Margarida, em companhia da viúva Bibost, cozinheira honorária da casa paroquial de Ars. O acolhimento que lhes dispensou o P. Vianney foi muito cordial; porém não passou disso: Minhas filhas, lhes perguntou com familiaridade, que vos darei? Não tenho nada. Após um momento de reflexão, lembrou-se que tinha guardado para si alguma coisa: umas batatas já meio bolorentas que ele mesmo cozinhará. Não tivemos coragem de comê-las, dizia Margarida. Ele tomou duas ou três e comeu-as à nossa vista, dizendo: Não estão podres, ainda as acho boas. Depois acrescentou: Esperam-me na igreja: é preciso que vá. Tratem de se arranjar como puderem.

Gothon e a senhora Bibost felizmente se haviam precavido, comprando pão ao passar por Trévoux. Descobriram finalmente um pouco de farinha, alguns ovos e manteiga. Tinha sido presente de uma pessoa caridosa que mandara ao P. Vianney, e que ele havia esquecido a um canto. Com isso fizeram uns pastéis, dos quais elas sabiam que ele gostava muito. Mais ainda: mataram dois pombinhos que andavam beliscando no capim do pátio e os meteram no forno. O jovem pároco chegou da igreja já pelo meio-dia. Oh! pobres animais, exclamou ao ver sobre a mesa o prato inesperado. Mataram-nos... Eu queria desfazer-me deles porque prejudicavam os vizinhos, mas não era preciso assá-los. Não quis prová-los e contentou-se com um dos pastéis.

O irmão mais velho, Francisco, também o visitou. Menos previdente que a irmã, chegou sem provisão. Viu-se obrigado a arrancar algumas

batatas na horta e cozinhá-las, ele mesmo, numa panela da casa paroquial. Tempo virá, porém, como veremos, em que o P. Vianney se esforçará por tratar bem os seus.

Esse período do começo da sua vida paroquial foi o mais austero que passou. Vivia quase só, entregue a si mesmo, e disso se aproveitou. Na ânsia de penitência chegou a passar dois ou três dias sem tomar coisa alguma. Durante uma Semana Santa, talvez a de 1818, comeu somente duas vezes. Logo começou a prescindir de toda a provisão, e jamais se preocupou com o dia seguinte.

A viúva Bibost, antes de regressar para Ecully, quis deixar uma substituta na pessoa da viúva Renard. Esta, a princípio, tomando a coisa a sério, levava pão fresco para a casa paroquial. Logo, porém, notou que o P. Vianney, sem tê-lo provado, distribuía-o aos pobres. Recebendo em troca as côdeas que eles haviam juntado nos seus alforjes.

D. Renard preparava-lhe os pastéis e cozinhava-lhe as batatas. Comia só quando tinha tempo. Mais de uma vez aquela boa senhora teve que voltar com o prato cheio, chorando de pena. Sabendo que se achava na igreja, chamava-o da porta. A princípio não respondia. Ela insistia, e ele então, sem abrir, respondia: Não preciso de nada... não quero nada. E muitas vezes lhe dizia não volte cá até tal dia às vezes o prazo era de vários dias. E, quando, apesar destas ordens, a cozinheira procurava jeito de violar a proibição, ele se mantinha inflexível. O mesmo sucedia a outras pessoas, uma das quais dizia entre suspiros: Ah!, é bem difícil servir a um santo.

Algumas vezes o P. Vianney cozinhava ele mesmo na sua marmita, que se tornou célebre, as batatas para toda a semana. Punha-as numa espécie de cesto de arame, que dependurava na parede. e quando a fome apertava comia uma ou duas; a terceira, conforme dizia, já era para regalo. Comia-as mesmo frias como estavam, e não raro, ao terminar a provisão, já se achavam cobertas de mofo. Acontecia ainda cozinhar um ovo na água fervendo, ou, munindo-se duma frigideira, amassar um pouco de farinha misturada com sal e água e fritar os seus indigestos pastéis.

Esse regime durou até o ano de 1827, ou seja. até que foi organizada a casa da *Providência*. onde começou a fazer as suas refeições. Que feliz eu

era, dizia ele lamentando-se, no tempo em que vivia só! Quando tinha necessidade de me alimentar, eu mesmo fazia três bolinhos. Enquanto comia o primeiro fritava o segundo, e enquanto comia o segundo fritava o terceiro, e comia o terceiro enquanto lavava a frigideira e arrumava o fogão; bebia um copo de água e com isso estava satisfeito para vários dias...

No domingo, ao meio-dia, descuidando-se de si mesmo, se contentava em quebrar o jejum com três ou quatro gramas de pão bento. Somente à noite consentia em tomar alguma coisa, um pouco mais abundante. Certo dia, como a fome se fizesse sentir com mais veemência, o sublime despreocupado encontrou o cesto de pão vazio. Dirigiu-se à casa de um vizinho. O seu aspecto macilento traíu-o. Que tem, senhor Cura? perguntou-lhe espantado o bom homem. Ah! meu amigo, há três dias que não como! O paroquiano apressou-se em mandar-lhe meio pão. Um outro dia estava de visita na casa de João Cinier. Era a hora do almoço. Umas batatas fumegavam sobre a mesa.

Que boas parecem, disse o P. Vianney, tomando uma; contemplou-a um instante e tornou a colocá-la no prato. Era, diz António Cinier, filho de João Cinier, que presenciou a cena, uma mortificação que acabava de impor-se.

A viúva Renard conseguira a licença para apascentar a vaca no quintal da Casa paroquial, que se achava abandonado. Numa dessas ocasiões surpreendeu o Sr. Cura colhendo azedinhas. Então V. Revma. come ervas?, perguntou-lhe D. Renard. Sim, senhora, respondeu-lhe um pouco contrariado, por se ter deixado surpreender, tentei não comer outra coisa além disto, mas não tenho podido aguentar.

Além daquela boa senhora, que sem dúvida alguma deve ter contado na aldeia o que tivera ocasião de presenciar, a sua fisionomia macilenta bem falava a todos os habitantes de Ars das constantes penitências a que se impunha o seu pastor. Era um místico dotado da verdadeira intuição das coisas: O espírito do mal exerce um poder tirânico sobre as almas impuras. Tratava-se nada menos do que livrá-las dessa tirania; e o Evangelho diz: Essa espécie de demónios não se expulsa senão com jejuns e orações. O Cura d'Ars recolhera essa sentença dos lábios do Divino Mestre. Vinte anos depois, a 14 de outubro de 1839, num confidencial colóquio com o P. Tailhades, jovem sacerdote de Montpellier, que viera a Ars para se formar

junto dele no apostolado, durante alguma semanas, - disse o segredo das suas primeiras conquistas:

Meu amigo, o demónio não faz muito caso da disciplina e de outros instrumentos de penitência. O que o põe em debandada são as privações no comer, no beber e no dormir. Nenhuma coisa o faz temer tanto como isso. por outro lado, nada é tão agradável a Deus como isso. Ah, como tenho experimentado essas coisas! Quando estava só por espaço de 8 ou 9 anos, pude entregar-me mais à vontade aos meus atractivos: chegava a passar três dias inteiros. sem comer... Então conseguia de Deus o que queria, para mim e para os outros. Ao dizer isso as lágrimas corriam-lhe dos olhos. Um instante depois prosseguia:

Agora já não acontece o mesmo; não posso passar tanto tempo sem comer. Chego a tal ponto de não poder falar. Como era feliz quando estava só! Comprava dos pobres os pedaços de pão que lhes davam. Grande parte da noite passava na igreja. Não tinha que ouvir tantas confissões!... E Deus me cumulava de graças extraordinárias.

Vemos, pois, que para o jovem pároco a época das maiores penitências foi a época das maiores consolações

CAPÍTULO III

Pela conversão de Ars

II. A guerra contra a ignorância religiosa

Para tornar mais atraente a velha igreja - O pecado da ignorância - A catequese das crianças - A instrução dos fiéis - Um pregador heróico - Os temas predilectos do Cura d'Ars - Diante de Jesus Eucaristia - As apóstrofes contra as grandes festas.

O P. Vianney previu que ao seu zelo se oporia um inimigo irreductível: toda a força da inércia daquela gente aferrada aos seus costumes. Nenhum dos paroquianos se tinha recusado a recebê-lo. Os que vinham à missa continuavam a vir, mas que ninguém exigisse mais!

Deu-se, porém, o contrário. O jovem cura, sentindo-se responsável por todas as almas de Ars, resolveu não as deixar em paz enquanto não tivessem desaparecido os abusos da paróquia.

A santificação do domingo, sem a qual não há vida cristã, foi o primeiro objetivo que se impôs. A casa do Senhor estava deserta; era pois mister conduzir a ela os que dela se distanciaram, e para isso, precisava torná-la mais atraente. A igreja de São Sisto, em Ars, era em 1818: pobre tanto por dentro como por fora. Tinha uma simples nave - 11 metros de comprimento por 5 de largura, - terminada por um coro de forma redonda, suficiente apenas para o único altar. A decoração mais ou menos modesta. As paredes caiadas; até à altura de um homem estavam guarnecidas de madeira, completamente desprovidas de pintura. Um altar-mor de madeira sem escultura alguma. Em vez de abóbada por sobre a nave, havia um forro de estuque apenas com 7 metros de altura, todo esburacado. Além disso, os ornamentos eram pobres, insuficientes e usados, não podendo assim dar o devido realce às solenidades do culto. Tamanha pobreza movia a compaixão dos sacerdotes forasteiros que às vezes chegavam ao povoado para celebrar a missa.

O P. Viarniey começou logo a querer bem àquela velha igreja como se fosse a sua casa paterna. Para embelezá-la, começou pelo principal - o altar

- centro e razão de todo o santuário. Por respeito à Sagrada Eucaristia, quis que fizesse o melhor possível. Para essa aquisição não bateu a nenhuma porta. Pagou tudo com o seu próprio dinheiro. Foi com alegria expansiva que ajudou os trabalhadores a levantar o altar-mor. A fim de enriquecê-lo mais, fez uma viagem a pé, de ida e volta a Lião, para trazer da cidade duas pequenas cabeças de anjo. Colocou uma em cada lado do sacrário. Finalmente, desejoso de ver embelezado o altar, ele mesmo retocou os arabescos e as molduras. A igreja tornou-se um santuário mais alegre e atraente.

Depois, procurou aumentar os trastes de Deus, como dizia na sua linguagem rica e cheia de imagens. Visitou em Lião as casas de bordados e a joalheria. Comprou aquilo que lhe pareceu mais precioso. “No interior, diziam os industriais admirados, há um pároco, magro e mal arranjado, com ares de não ter um centavo no bolso, que compra para a sua igreja tudo o que há de melhor”. Num dia de 1825, a castelã de Ars foi com ele à cidade, afim de comprar uns paramentos para a missa. Em cada casa que lhes mostravam os objectos dizia: “Não me parece muito bonito. É necessário ser melhor do que isso”.

Essas transformações materiais não foram de modo algum inúteis. Comprovaram o zelo do pastor, alegraram as almas fervorosas mesmo algumas novas figuras, mais curiosas, do que piedosas, apareceram aos domingos. A ignorância e conseqüentemente a indiferença em matéria de religião - e não a incredulidade, pois tinham conservado a fé - era o grande mal daquela pobre gente. Ora, em tal ignorância, o cura austero, mas clarividente, via algo mais que uma lacuna: via “um pecado”. “Estou certo, dizia ele do púlpito, que só este pecado condenará mais almas do que todos os outros juntos, porque uma pessoa ignorante quando peca não conhece nem o mal que faz, nem o bem que perde”.

Daí o santo zelo com que se punha a instruí-los. Outrora havia regado a terra com o suor do seu rosto, mas aquele trabalho manual fora um descanso, comparado com a ingente tarefa que dali em diante ia impor-se.

A instrução religiosa dos jovens foi a sua primeira solicitude. Os meninos de Ars, desde cedo, eram ocupados nos trabalhos do campo. Com a idade de seis ou sete anos era-lhes confiada a guarda do gado. Chegando

aos doze anos, o rapazinho devia ajudar o pai, não só na plantação mas também na colheita. Na região de Dombes havia falta de trabalhadores agrícolas. Bem poucos eram os meninos que sabiam ler. Só iam ao catecismo nos dias chuvosos e não tinham interesse algum em aprendê-lo. Assistiam à missa aos domingos? - Se não os mandavam para a lavoura ou outros trabalhos, os retinham em casa. Assim, no começo da vida, as más companhias e a ignorância religiosa arrastavam-nos à libertinagem, e materializados, voltados para as coisas da terra, muitos daqueles pobres rapazes viviam e cresciam como se não tivessem alma.

A primeira comunhão para aquela gente não passava dum acontecimento qualquer. O jovem Cura d'Ars, desde o dia de Todos os Santos até ao tempo da primeira comunhão, propôs-se reuni-los todos os dias às seis horas da manhã. O catecismo do domingo, que durava uma hora, era dado antes das Vésperas. O P. Vianney servia-se de piedosas estratégias para atrair a criançada à igreja. "Lembro-me quando era criança, diz Francisco Pertinand, dono dum hotel e cocheiro em Ars, o que ele nos prometeu. Darei um santinho ao que chegar primeiro à igreja. Para ganhá-lo havia quem chegasse antes das quatro da madrugada. Isto acontecia no verão, é evidente".

O P. Vianney deu o catecismo até ao dia em que recebeu um auxiliar, isto é, até 1845. Durante 27 anos, exerceu sozinho todas as funções do seu ministério pastoral. Ele mesmo dava o sinal para o catecismo das crianças, afirma o P. Tailhades; depois rezava as orações de joelhos e sem jamais se apoiar. No começo esforçava-se por excitar a atenção dos pequenos, mediante longas reflexões por vezes tão ternas que os comoviam e os faziam chorar. Depois de dadas as lições, seguia a explicação, breve, fácil e cheia de unção. Queria que os meninos estivessem atentos, vigiava-os continuamente e lhes impunha, quando necessário, pequenos e suaves castigos. Sobretudo, porém, sabia infundir-lhes ânimo e inspirar-lhes com os seus modos afáveis aquele afecto filial donde dimanava todo o respeito. Exigia que cada um tivesse o seu rosário e sempre trazia alguns no bolso para dar a quem tivesse perdido o seu. Os bons velhos, que já iam além dos 60 anos, gostavam de contar tão agradáveis recordações.

Quando íamos ao catecismo, contava, em março de 1895, Drémieux a Mons. Convert, o P. Vianney, enquanto esperava que estivéssemos todos reunidos, rezava de joelhos nos bancos do antigo coro, debaixo do campanário. Orava sem cessar e de vez em quando, sorridente, levantava os olhos ao céu... Creio que aquele santo varão via alguma coisa.

Interrogada, por sua vez, sobre a maneira como o santo Cura doutrinava os pequenos, a sra. Drémieux no-lo apresenta indo e vindo entre eles, dando frequentes tapinhas, - delicados e suaves - nos que estavam inquietos. Costumava fazer isso com o catecismo, em cujas páginas introduzia um dedo. No domingo os demais fiéis eram admitidos a engrossar o número dos catequizandos. A senhora Verchere, que depois de qualquer refeição adormecia facilmente, algumas vezes foi chamada a ordem tal qual como as crianças. O Senhor Cura ao passar junto dela despertava-a com uma ligeira pancadinha. Ela ficava muito contente e parecia até gabar-se do seu proceder.

Graças aos infatigáveis cuidados do homem de Deus, os meninos de Ars chegaram a ser os mais bem instruídos da comarca. Foi Mons. Devie quem o proclamou bem alto num dia de crismas. Mais tarde os sacerdotes que sucederam ao P. Vianney na paróquia de Ars ficaram maravilhados e edificadas ante os conhecimentos religiosos que demonstravam os simples fiéis ao ser-lhes administrados os últimos sacramentos. É que desde a infância tinham recebido as lições dum santo. Mas, é bom que se diga francamente: nem todos aproveitavam igualmente as suas lições. O Cura d'Ars exigia o catecismo, palavra por palavra. Encontrou memórias rudes. Levado por um escrúpulo de consciência que o rigorismo excessivo de moralistas antigos e contemporâneos parecia legitimar, o P. Vianney impunha a certos jovens alguns anos preparatórios de catecismo. Com isso retardava-lhes a primeira comunhão dum modo incrível. Sobre tais acontecimentos possuímos dados da sra. Dremieux.

Pedro Cinier, Estêvão Perroud e Cinier de Gardes só fizeram a primeira comunhão depois de completos os 16 anos. Cinier de Gardes foi fazê-la em Ambérieux. A mim me mandaram a Mizérieux. Era-me coisa muito dura ir já tão grande ao catecismo.

Mais ardente ainda foi o zelo que o P. Vianney empregou para instruir os fiéis de sua paróquia por meio da pregação.

Instalou-se na sacristia - esta tinha uma porta que dava para a igreja - e assim ele podia trabalhar sob os olhares do Divino Mestre. Fez da cómoda onde se guardavam os paramentos sagrados a sua mesa de trabalho. Ali manuseou a Vida dos Santos, o Catecismo do Concílio de Trento, o Dicionário Teológico de Bergier, os trabalhos espirituais de Rodriguez, os Sermonários de le Jeune, de Joly e de Bonardel. O seu descanso e a sua consolação consistiam em olhar de vez enquanto para o tabernáculo. Ajoelhado sobre os degraus, meditava no que acabava de ler. Imaginava ter diante de si aquela pobre gente a quem ia falar. O Mestre, Aquele que soube exprimir as verdades mais sublimes de maneira que pescadores, camponeses e pastores fossem capazes de as compreender, estava presente. Pedia-Lhe com lágrimas que lhe inspirasse os pensamentos e as palavras que haveriam de comover e converter o seu povo.

Depois voltava à sacristia e recomeçava a escrever. Campeão da verdade, permanecia de pé como soldado que se dispõe para o combate. A pena corria sobre o papel, enchendo-o de traços finos, inclinados e rápidos. Oito ou dez grandes páginas numa só noite! Em certas ocasiões chegava a trabalhar sete horas consecutivas, até pela madrugada. Ainda hoje os borrões e as frases incompletas revelam as suas ânsias e o ardor do seu zelo... O tempo é precioso. É preciso ir adiante, custe o que custar... Entretanto, chegava a hora de confiar à memória o que escrevera. Essa a parte mais dura de toda a tarefa. A sua memória nunca fora muito feliz, e tratava-se de lhe confiar trinta e cinco ou quarenta páginas dum texto escrito às pressas, sem alíneas, nem divisão aparente. Durante a noite do sábado para domingo, ensaiava em voz alta. Os transeuntes retardatários que passavam na rua, ao longo do cemitério, ouviam-no declamar a prédica do dia seguinte.

Quando o sono era muito, o asceta sentava-se no soalho limpo e dormia uns instantes... Aquelas horas terríveis bem podiam ser contadas entre as mais comoventes e meritórias da sua vida.

Restava apresentar-se ao auditório no dia seguinte. Fora do banco reservado aos castelões, onde se assentava a Senhorita de Ars, não havia na

igreja senão camponeses. Era gente curiosa e disposta à crítica. Alguns, jovens sobretudo, naquele momento teriam preferido estar em outra parte... Pouco importava. Via tão somente almas a evangelizar. E, enfim, o sacerdote subindo ao púlpito cumpre uma obrigação necessária do seu sagrado ministério. O P. Vianney, mais do que ninguém estava convencido desta verdade e ela dava-lhe alento. Mas o pobre Cura tinha a cabeça zonga pelo estafante trabalho da noite precedente. Ia dar 11 horas da manhã e ainda estava em jejum - pois no domingo tinha que cantar a segunda missa e, mais ainda, proferir o sermão - e para completar a medida cada sermão durava uma hora inteira.

Pronunciava-os com voz gutural, na qual dominavam as notas altas. Apesar disso, a entonação e os gestos eram espontâneos. Preocupada com o esforço que ele fazia no púlpito, um dia perguntou-lhe a castelã de Ars: "Por que V. Revma. se esforça tanto quando prega? - Tenha mais pena de si, Sr. Cura". "Por que é que quando prega fala tão alto e quando reza, tão baixo? perguntou-lhe alguém. - É que quando prego replicou o santo varão, falo a surdos e quando rezo, falo com Deus, que não o é". Não era de estranhar que depois de tal trabalho. às vezes, lhe falhasse a memória. No púlpito, diz João Pertinand, ele se perdia vendo-se obrigado a descer sem haver terminado o sermão.

Semelhante confusão na presença dos paroquianos, aos quais acabava de repreender, em lugar de o abater, reanimava-lhe o zelo. No domingo seguinte, o P. Vianney tomava a subir ao púlpito. Entretanto, preocupado com os insucessos que poderiam diminuir a sua autoridade de pároco. orou e pediu orações. Desde então a memória tornou-se-lhe menos ingrata, sentindo-se até capaz de improvisar algumas palavras a mais, em caso de necessidade.

Que pregava às suas ovelhas "aquele iguorante na arte da retórica?" - Os deveres de cada um. Dirigia-se ao auditório, com clareza, sem rodeios e sem louvores inúteis. Alguns dos sermões pareceram bem duros, mas o pregador, nos primeiros anos, batia em cheio para as palavras penetrarem mais. Frequentemente, porém, o tom se amenizava, se enternecia e abrandava. O verdadeiro apóstolo não é somente pregador, é também pastor e pai. E porventura nos auditórios não há também corações aflitos e

vontades a encorajar? Guilherme Villier, que tinha 19 anos quando o P Vianney tomou posse da paróquia, refere que frequentemente ele dizia palavras como estas: “Oh!, meus queridos paroquianos, esforcemo-nos para ir para o céu. Lá havemos de ver Deus. Como seremos felizes! Se a paróquia se convertesse, todos nós iríamos em procissão para o céu e o vosso cura iria à vossa frente. É necessário que vamos para o céu, e acrescentava ainda: Que desgraça se algum de vós se perdesse eternamente! Costumava dizer que a salvação para a gente do campo é muito fácil, porque podem rezar livremente durante o trabalho. Para os jovens e as jovens que renunciavam às desordens da vida rotineira e enveredavam resolutamente pelo caminho do bem tinha sempre felicitações cheias de tática e bom-senso.

A primeira coisa que desejava obter dos fiéis presentes, ausentes e recalcitrantes era a devida compostura, a atitude própria de cristãos que assistem ao mais santo dos sacrifícios.

Mas infelizmente! havia em quase todos uma displicência que bem demonstrava o enfado que sentiam. Ouviam-se cochichos e às vezes ruidosos bocejos de aborrecimento. Os que chegavam atrasados deixavam bater pesadamente a porta, Os que tinham pressa saíam no meio da missa. O pessoal moço corria os olhos de alto a baixo, dum canto a outro da igreja... procurando ver como fulano estava vestido... que tal a sua formosura. Os meninos não se comportavam melhor. Vede os risos os sinais que fazem uns aos outros esses pequenos ímpios, todos esses pequenos ignorantes. Na verdade: aquelas almas eram rochas áridas e era preciso rudes golpes para abri-las. Falando a linguagem deles, o P. Vianney censurava-lhes a falta de fé em termos por vezes tão vivos que só o zelo pode explicar e perdoar. Arriscando-se a ofender em público a muitos, repreendia-os oportunamente, mas sem consideração, com realismo e crueza. As suas repreensões eram vivas, directas e pessoais. “Repreende-os severamente para que tenham uma fé sã”, escrevia S. Paulo a seu discípulo Tito. O Cura d’Ars, a princípio, tomou este conselho ao pé da letra. Em certas passagens, é preciso confessar, manifestava-se o seu temperamento cáustico e sanguíneo, dominado mais tarde pela virtude. O nosso Santo ainda não tinha adquirido a perfeição da doçura. Tão pouco a sua experiência chegara à plena maturidade. Severo para consigo mesmo até ao heroísmo, era-o também,

um tanto, para com os outros. Além disso, sofria a influência do seu tempo. A árvore do jansenismo jazia por terra, mas tinha lançado profundas raízes. semelhantes acentos ouviam-se também nos púlpitos cristãos dos arredores de Ars, embora não estivessem ocupados por grandes Santos.

No cultivo das almas não basta saber arrancar, é preciso saber plantar. Dócil às prescrições do Concílio Tridentino que prescreve como um dever dos párocos explicar, conseqüentemente aos fiéis as cerimónias do santo sacrifício da missa, tão cheias de significação, o Cura d'Ars esforçava-se por comunicar-lhes a compreensão e o amor a tais cerimónias. Explicava-lhes sucessivamente a necessidade, a natureza, o valor e os efeitos da sagrada Eucaristia. Pode-se afirmar que a *ideia-mater* da sua vida sacerdotal foi desatar as almas das preocupações terrenas para levá-las ao altar da Eucaristia. Na paróquia não faltavam aqueles que, em lugar de irem à igreja, iam em procura de alguns vizinhos para beberem juntos, aqueles que sem dificuldade, encontrando um amigo na rua, levavam-no para casa, deixando a missa para outra ocasião: aqueles que, mesmo durante os ofícios divinos, passavam o tempo trabalhando, no jogo, na taberna ou no baile; todos viviam como se já estivessem seguros ou não tivessem uma alma para salvar.

A estes o Cura d'Ars ameaçava com os castigos da outra vida: Pobre gente, como sois infelizes! Segui o vosso caminho rotineiro; segui-o, que o inferno vos espera. Tocava-lhes também no ponto fraco: os interesses materiais. Em primeiro lugar, tudo o que é visível perece quase totalmente... A fé abandona-lhes o coração, os seus bens entram em decadência; por isso são duplamente desgraçados. O pobre pregador bem o sabia: frequentemente dirigia-se aos ausentes e só falava às paredes. Apesar de tudo isso, sem dúvida por tradição herdada dos antepassados mais cristãos, em certas festas solenes quase toda a paróquia se reunia na igreja.

Excelente ocasião para o jovem Cura fustigar os vícios que perdiam tantas almas. No dia da Ascensão ataca-os todos de uma vez. O sermão do dia de *Corpus-Christi* começa como um tiro certo contra os pecadores que arrastam por toda parte as cadeias do inferno. Mas de súbito detém-se e acrescenta: Não, meus irmãos; não vamos mais longe. Este pensamento é por demais desesperador e esta linguagem não convém no dia de hoje.

Deixemos nas trevas estes infelizes, pois eles querem permanecer nelas. Deixemo-los que se condenem, pois que não se querem salvar... E dito isso, exclamava, dirigindo-se à porção praticante do seu rebanho: Vinde, meus filhos... No dia da festa do padroeiro, aqueles que costumavam passar o dia e a noite seguinte bebendo e dançando, não ousavam mais perder a missa. O P. Vianney já os tem nas mãos e não os deixará sair sem lhes ter aplicado um bom "lembrete". Ataca com violência os dançadores. Que direi do baile? exclama ele. Falar do baile e do mal que ele nos causa é perder tempo. Não importa, continuava, fazendo assim, faço tudo que devo fazer. Não vos deveis incomodar, o vosso cura cumpre com o seu dever. E continuava falando contra os moços e moças que se abeberavam nas fontes do mal... e contra os pais réprobos e cegos que lhes ensinavam o caminho.

A luta estava começada e o Cura d'Ars resolvido, com o auxílio de Deus, a não depor as armas até que a vitória fosse completa.

CAPÍTULO IV

Pela conversão de Ars

III. A luta contra o trabalho nos domingos, as tabernas e as blasfêmias

Os profanadores do dia do Senhor - Depois do trabalho proibido, bebida ou baile - As deliberações do jovem pároco - O anátema contra as tabernas - O seu desaparecimento- As hospedarias de Ars - A repressão da blasfêmia - Contra o trabalho no domingo - Nada de dispensas!

No ano de 1818, antes de chegarem os dias em que o bom tempo favorece os mais duros e mais importantes trabalhos do campo. a igreja de Ars enchia-se aos domingos. O jovem Cura teve alguma ilusão sobre o estado religioso da sua paróquia. A Páscoa, é verdade, lhe trouxe muito pouca consolação. A maior parte dos homens se abstiveram da comunhão pascal. Havia 10, 15 ou 20 anos que muitos deles não cumpriam essa obrigação essencial!

Logo, porém, que chegou o mês de junho com os seus dias compridos de verão, o P. Vianney observou, duplamente penalizado, que a pequena nave ia ficando vazia. Quase não vinham mais homens, jovens, e mesmo as mulheres eram menos numerosas que de costume. Para onde foram os outros? Aos primeiros albos do dia saíam para o campo, em trajes de trabalho, com a foice e o rastilho ao ombro.

Que tortura, naquelas manhãs tão agradáveis e dedicadas ao Senhor, ouvir os cavalos marcharem para o campo, e na ferraria retinir a bigorna sob o malho, pois o ferreiro tão pouco podia descansar, não descansando os instrumentos da lavoura. Que respostas mais irónicas aos apelos do pobre campanário de Ars!

Os profanadores do domingo trabalhavam durante longas horas e tantas quantas queriam. Depois que regressavam a casa, a maior parte começava as festas costumeiras. Uns iam à taberna. O povoado orgulhava-se de possuir quatro para 200 habitantes. Ali, depois de terem falado dos seus negócios, de compras e vendas, bebiam até à embriaguez. Os restantes, moços e moças - que não tinham outra coisa na cabeça do que jogos e

divertimentos - homens e mulheres e mesmo velhos trôpegos, de óculos, se reuniam debaixo das nogueiras da praça, perto do cemitério, cuja parede não chegava a encobrir as cruces nem as sepulturas, e ao som dum violão, punham-se a bailar. Iam até à meia-noite os cantos e modinhas levianas, acompanhadas de estrondosas gargalhadas e entrecortadas de blasfémias.

O P. Vianney podia ver tudo isso. O seu jardim tinha apenas como cerca um sarçal de espinhos. Chorava de desgosto. A sua desolação chegou ao cume quando soube que tais procedimentos se iriam repetindo até ao outono, e que redobriariam por ocasião das festas de S. Sisto, o padroeiro de Ars. Nesta ocasião havia a feira anual com os seus bazares, dançadores e música vindos de outros lugares. Para cúmulo dos males Ars, afamada pela sua alegria, era o lugar predilecto dos dançarinos e dançarinas das vizinhanças. Donde, pois, vinha em toda aquela região tal febre de divertimentos?

Ars acha-se situada quase a igual distância das margens do Saona e dos pântanos de Dombes. Naquela região o clima é mais enlouquecedor. Porventura o próprio P. Vianney não teria receado perder-se ali? Os habitantes têm uma fala vagarosa que se assemelha a um canto, reveladora de vontade entorpecida. São ávidos de bem-estar e sedentos de prazer. Quando não há boa dose de fé se deixam facilmente seduzir pela vida dos sentidos.

Ora, já sabemos qual era a fé naqueles lugares no ano de 1818. Mesmo as pessoas dos castelos não se recatavam suficientemente. Os prazeres elegantes que se permitiam eram péssimo exemplo para a massa dos camponeses. A própria castelã de Ars, honesta ao extremo, não achava nenhum mal em permitir que se dançasse em sua casa quando recebia visitas da família, tais como os Cibeins ou os Gillet de Valbreuse... Pobre P. Vianney! Mil ocasiões de pecados se ofereciam às almas e sob os seus olhares! Como haveria de suportar aquilo? Tinha aquelas ânsias a salvar e a honra de Deus a reparar! Blasfémias e trabalhos nos domingos, bailes, cabarés, serões nas vivendas e conversas obscenas, englobava tudo numa comum maldição. Simultaneamente declarou guerra sem quartel a todos esses inimigos. Por vários anos, conforme o conselho de S. Paulo, ele insistirá, repreenderá. Ameaçará e exortará oportuna e inoportunamente no

púlpito, no confessionário, nas visitas e nas conversações. Nada o fará retroceder.

Poderá ser guardado o dia do Senhor servindo-se a Deus devotamente enquanto a taberna fizer concorrência à igreja?

O P. Vianney achava que esvaziar uma equivalia a encher a outra. No século passado a taberna foi considerada como lugar de dissolução. Tal foi também o parecer do P. Vianney. Acaso não era ali que se formavam os grupos para o baile e onde os homens se esqueciam dos seus deveres? Investiu logo com mão firme contra o inimigo; e na sua indignação, sem reboços, não mediu expressões;

A taberna, exclamava, usando os termos de S. João Clímaco, é a tenda do demónio, a escola onde o inferno prega e ensina a sua doutrina e o lugar onde se vendem as almas, onde as fortunas se arruínam, onde a saúde se perde, onde começam as rixas e onde se cometem os assassinatos!

Aos beberrões, como é de crer, não tratava melhor. Com um realismo que destilava cólera e uma verdadeira eloquência, o Cura d’Ars os apostrofava, fazendo ver a todos como se equiparavam aos irracionais. Mas se assim eram tratados os frequentadores de tabernas, que seria dos taberneiros?

O P. Vianney atacava especialmente os comerciantes instalados no centro do povoado. Pouco se importava que tais proprietários tivessem ou não influência junto àquela gente camponesa. Condenava-os sem temor, nem consideração.

Os taberneiros, dizia ele, roubam o pão das pobres esposas e dos seus filhos, dando vinho a esses beberrões que gastam no domingo o que ganharam durante a semana...

O sacerdote não pode, nem deve dar a absolvição aos proprietários de tabernas que dão de beber a borrachos durante a noite ou durante a santa missa, sem se condenar a si mesmo...

Ah! os taberneiros, o demónio não os importuna muito, pelo contrário, despreza-os e lhes cospe em cima.

Estas violentas palavras fizeram mais impressão nos fiéis presentes do que nos taberneiros, os quais sem dúvida pouco frequentavam a igreja. Não importava. O pregador ia alcançando o seu fim, Os paroquianos se foram afastando das tabernas da praça. Um dos proprietários foi expor ao Sr. Cura que de facto aquilo era uma ruína. O P. Vianney deu-lhe dinheiro e mandou que fechasse a casa. Aquele homem veio a ser um excelente paroquiano.

Quanto ao seu colega, desprezou por algum tempo os anátemas do Cura; mais tarde, porém, fechou igualmente a sua casa e mudou de profissão.

Desta maneira o P. Vianney conseguiu que não houvesse mais tabernas nas vizinhanças da igreja.

Os dois últimos, estabelecidos em outros pontos do povoado, acabaram também por desaparecer. O P. Dubouis, o bom cura de Fareins, dizia que isto fora uma das maiores vitórias do Cura d'Ars. Mas a sede do lucro tornou-se tenaz. Sete taberneiros, um após outro, abriram novas bodegas. Todos os sete tiveram que fechar. A maldição dum santo pesava sobre eles. Vós vereis, profetizava o Santo de Deus, vereis arruinados todos aqueles que aqui abrirem tabernas. Esta luta sem tréguas produziu resultados inesperados. A praga do pauperismo diminuiu. Em Ars, diz Pertinand, havia muitos indigentes. Ao suprimir as bodegas, o Sr. Cura suprimiu a causa principal da miséria.

Quando mais tarde os forasteiros afluíram à aldeia de Ars, construíram-se modestos hotéis para os hospedar. Em 1858 havia cinco, e o P. Vianney nunca se opôs. Ele mesmo convidou Maccon, um dos seus jovens paroquianos, Francisco Pertinand, irmão mais moço do professor, e a quem o patrão, um confeitiro, obrigava a trabalhar no domingo, para administração dum hotel que se tornou bem conhecido dos peregrinos.

Se as tabernas fossem lugar de reuniões honestas, divertir sem ofender a Deus, o P. Vianney as teria deixado sobreviver e prosperar em paz. Mas a blasfêmia, sempre má e culpável, era para alma tão zelosa do santo nome de Deus coisa absolutamente insuportável. Ora, naquela pequena aldeia havia o desgosto de se ouvir blasfêmias até mesmo da boca de crianças que apenas sabiam o *Pai Nosso*. Jamais pôde tratar de assunto tão doloroso sem chorar. Falava repetidas vezes sobre o mesmo assunto nos sermões e catequeses. Ameaçava os blasfemos com todos os males possíveis, nesta e na outra Vida.

Não é um milagre extraordinário, perguntava ele, que a casa onde se acha um blasfemo não seja destruída por um raio ou cumulada com toda a sorte de desgraças? Tomai cuidado! Se a blasfêmia reinar em vossa casa tudo perecerá.

Assim ele reprimia a blasfêmia com uma corajosa severidade, e procurava por todos os meios possíveis fazê-la objecto de horror para as crianças e os jovens. Lembro-me, diz Mons. Convert, de ter ouvido um jovem sacerdote contar que, quando moço, tinha ido a Ars, acompanhado dum menino de 12 a 14 anos. Ambos se confessaram com o P. Vianney.

Amanhã comungarás na minha missa, disse o padre ao menino.

Não, respondeu este, não posso.

Porquê?

Porque o Sr. Cura certa vez me negou a absolvição por eu ter blasfemado contra o santo nome de Deus.

O Cura d'Ars soube fazer tão bem a guerra contra toda a espécie de blasfêmias, juramentos e imprecações e até mesmo expressões grosseiras - ele não receava nomeá-las do púlpito - que pouco a pouco desapareceram do vocabulário de Ars. Em lugar disso, começou-se a ouvir dos lábios daqueles camponeses o *Pai-Nosso*, a *Ave-Maria* ou palavras como estas: *Como Deus é bom! Deus seja bendito...*

A luta contra o trabalho nos domingos exigiu do Cura d'Ars 8 anos de constantes esforços. Mesmo assim não o aboliu de todo. A primeira vez que, do púlpito, abordou este tema, fê-lo com tantas lágrimas, com tais acentos de indignação, com tal comoção de todo o seu ser que, passado meio século, os velhos que ouviram ainda se lembravam com emoção. Durante toda a vida ao falar da profanação das festas, prorrompia nas mesmas exclamações de santa cólera.

Vós trabalhais, mas o que ganhais é a ruína para a vossa alma e para o vosso corpo. Se perguntássemos aos que trabalham nos domingos: Que acabais de fazer? eles bem poderiam responder: Acabámos de vender a nossa alma ao demónio e de crucificar a Nosso Senhor... Estamos no caminho do inferno. Quando os vejo carroceando aos domingos, tenho a impressão de os ver carregando as suas almas para o infemo!

O domingo é um dom de Deus, é o seu dia. É o dia do Senhor. Ele fez todos os dias da semana. Bem poderia tê-los reservado todos para si, mas deu-nos seis e ficou apenas com um. Com que direito vos apoderais do que não vos pertence? Sabeis que os bens roubados não trazem proveito. O dia que roubais ao Senhor tão pouco vos aproveitará. Conheço dois meios bem seguros para alguém empobrecer e chegar à miséria; trabalhar nos domingos e tirar o alheio.

Essas repreensões e maldições, repetidas de casa em casa, chegaram depressa aos ouvidos dos transgressores da Lei de Deus. Além disso, o P. Vianney, por si mesmo, buscava ocasião para se fazer ouvir. Nos domingos, depois das vésperas, saía contra o seu costume, tomando um caminho qualquer dos que levam para fora de Ars.

Certo domingo de junho encontrou um homem que carregava a sua colheita. Envergonhado ao se ver diante do Cura d'Ars, quis esconder-se atrás da carroça. Oh! meu amigo, disse-lhe o Cura, com um tom de profunda tristeza, está confundido por me ter encontrado... Mas, e Deus que o vê todos os dias?; é a Ele a quem deve temer. À noite, em lugar da homilia costumeira, pregou, com grande veemência, contra o trabalho no domingo. Ide, exclamava ele com mordaz ironia, ide pelos campos dos que trabalham durante os dias santos, sempre têm terras para vender. Assim falava assiduamente e com tanto ardor que chegava a enrouquecer.

Depois do que fica dito, é fácil concluir que era inútil pedir-lhe dispensa do preceito. Neste ponto foi sempre intransigente e irreduzível. Temia que a licença levasse ao abuso, mesmo entre os bons. É que a sua confiança era ilimitada n'Aquele de quem dimanam todos os bens. Acaso Deus não terá cuidado dos cristãos que guardam a sua Lei?

Em tais ocasiões o Cura d'Ars falava com o tom e a autoridade de um profeta.

Num domingo de junho, o trigo ceifado, havia pouco, ainda juncava a terra. Durante a segunda missa levantou-se um forte vendaval e pesadas nuvens surgiram ameaçadoras no horizonte. Não seria porventura necessário correr para recolher o trigo? No momento o Sr. Cura não disse nada, mas na ocasião do sermão prometeu aos bons cristãos que iam ter um belo tempo e o mais que necessário para recolherem o trigo em perigo. A borrasca passou sobre Ars sem desabar e depois daquele domingo seguiram-se quinze dias de sol e céu azul. Houve entretanto casos em que o P. Vianney deixou-os trabalhar. Assim, em certo domingo chegou a saber, sem protestar, que continuavam abrindo um poço. Do mesmo modo, quando o mau tempo persistia e a colheita perigava, não se opunha a que violassem o repouso dominical. O que não fez jamais foi autorizar directamente a ninguém em público ou em particular. Façam o que quiserem, dizia aos que o iam consultar. O negócio é vosso. E às vezes acrescentava: Sim, em outras paróquias os sacerdotes podem permitir; em Ars não posso.

Ao proceder deste modo, tinha a sua finalidade. Queria formar uma paróquia modelo. Em breve veremos como para a maior parte dos habitantes de Ars o domingo chegou a ser verdadeiramente o dia do Senhor

CAPÍTULO V

Pela conversão de Ars

IV. A luta contra as danças

Uma questão de princípio: fugir da ocasião de pecado - Contra o vício impuro - Dez anos de pregação - A acção directa - As primeiras conversões - A absolvição negada aos que se entregam aos bailes - As mesmas medidas para grandes e pequenos - A responsabilidade dos pais - Uma vitória bem custosa - As invectivas contra as modas imodestas - O Cura d'Ars, árbitro da moda - Decotes e crinolinas.

o modo como o P. Vianney fez desaparecer os bailes da sua paróquia tornou-se célebre. Neste ponto venceu em toda a linha, mas o combate foi renhido. O baile estava tão arraigado nos costumes locais que foram precisos 25 anos para o Santo o extinguir completamente. Em alguns, como se diz, era uma espécie de embriaguez ou loucura. Como pagãos que não tinham mais consciência da sua miséria, os dançadores da aldeia proclamavam cinicamente que os seus prazeres eram inocentes e por conseguinte permitidos. Tratava-se de arrancar-lhes as vendas dos olhos.

Uma moça apaixonada pelo baile não poderá gostar dos gozos simples e puros. Não tem mais espírito cristão. A sua família, se a aprova, não pode ser uma família onde as práticas religiosas são tidas na devida estima. Essa jovem e os seus não terão uma religião séria enquanto não abandonarem as suas ideias e hábitos mundanos.

Quem quiser evitar o pecado deve fugir da ocasião... O Cura d'Ars era homem de princípios e ia recto à meta desejada. O doce S. Francisco de Sales, ao condenar os bailes por causa dos seus perigos e perniciosas consequências, adoptara certas medidas de brandura. São João Maria Vianney, que acabou por igualá-lo em suavidade, não as adoptou porque achou inútil toda a precaução. Foi inexorável. Ajuntou sob um mesmo anátema o pecado e a ocasião.

O caso é que ele via longe e atacava ao mesmo tempo a dança e a paixão impura alimentada por ela. Daí os seus combates contra os serões

tais como se praticavam em Ars, e contra a liberdade que se permitiam os jovens antes dos esponsais. Os habitantes de Ars, querendo passar as longas noites de inverno com menos aborrecimento. reuniam-se. na falta de salões, nos estábulos onde a temperatura era mais tépida. E ali, à vista dos pais, calados ou cúmplices, renovavam-se práticas que teriam causado horror ao próprio paganismo. A ignorância e inconsciência desculpavam um pouco aquela pobre gente. Seja como for, tão vergonhosos escândalos começaram a ter fim quando o P. Vianney, do alto do púlpito, os verberou e declarou infames.

Neste ponto a resistência tornou-se muito forte e o terreno só palmo a palmo foi conquistado. Durante dez anos o Cura d'Ars repetiu sem cessar as mesmas instruções. Não há um só mandamento na Lei de Deus, dizia ele, que o baile não transgrida. As mães costumam dizer: Ah!, eu cuido das minhas filhas. Cuidais dos seus enfeites, porém não podeis velar pelos seus corações. Ide, mães e pais réprobos, ide para o inferno, onde vos espera a ira de Deus. Lá vos aguardam as boas obras que tendes feito, deixando à vontade os vossos filhos. Ide, eles não tardarão muito a se ajuntarem a vós, pois tão bem lhes ensinastes o caminho... Então vereis se o vosso cura tinha ou não razão de vos proibir esses prazeres infernais...

Meu Deus; poderão ter olhos tão cegos a ponto de crerem que não há mal na dança, quando ela é a corda com que o demónio arrasta mais almas para o inferno?... O demónio rodeia um baile como um muro cerca um jardim... As pessoas que entram num salão de baile deixam na porta o seu anjo da guarda e o demónio o substitui, de sorte que há tantos demónios quantos são os dançadores.

Das palavras, porém, o Cura d'Ars passava à acção directa. Certo dia ele mesmo foi ao encontro do músico. Quem acaba com o violão, disse consigo mesmo, também acaba com o baile. O tocador já entrava no povoado com o instrumento debaixo do braço. Quanto lhe pagam para tocar? perguntou o P. Vianney. Não sei, diz o Ir. Atanásio, que ouviu contar este episódio, se o músico respondeu que lhe davam 5 ou 10 francos; o Cura deu-lhe quantia duplicada. Ele retirou-se satisfeito e não houve baile.

O mesmo fez em dia de feira com o taberneiro Bachelard. Quanto calcula ganhar vendendo hoje?

Tanto, Sr. Cura.

Está bem, tome aqui a soma e não faça nada. O taberneiro aceitou-a e voltou contente para casa.

Certo domingo, iam começar o baile na praça, ou para dizer melhor, preparavam o espectáculo muito em voga naquela região do correr o asno, porque uma mulher havia surrado o seu marido. De súbito o Sr. Cura saiu da casa paroquial e apenas atravessou o espaço entre a canónica e a igreja, toda a gente debandou e a praça ficou vazia. Escaparam como um bando de pombos, contava rindo o P. Vianney. E assim acabou a festa.

Felizmente nem todas as moças de Ars viviam loucas por bailes. No povoado havia algumas muito bem educadas e ajuizadas, que por seu temperamento não foram atingidas pelo contágio. O P. Vianney esforçava-se por preservar do mal essa porção escolhida da sua grei. Outras já dominadas pelo prazer começavam a sentir certa vergonha. Devido às orações e mortificações de um santo a graça trabalhava ocultamente nos corações. Por outro lado a vida do Sr. Cura era para todos a pregação por excelência. Na sua pessoa resplandecia um quê de evangélico. - O nosso Cura, diziam nas conversas, faz tudo o que diz e pratica tudo o que ensina. Jamais o vimos tomar parte em diversão alguma. O seu único prazer é falar com Deus. Nisso deve ele encontrar algum gozo... Sigamos os seus conselhos. Ele só deseja o nosso bem.

O P. Vianney, enquanto combatia as desordens, compreendeu que para a regeneração das almas seria obra mais útil ainda a formação duma elite. A recitação das vésperas, antes tão pouco frequentada, começou a se armar. Certas senhoras e jovens dedicavam, todos os domingos, alguns minutos mais, às suas devoções. Durante a semana, às 20 horas, começou-se a rezar as orações da noite com as poucas. pessoas que naquela hora tardia visitavam o Santíssimo Sacramento. Pouco a pouco o número foi crescendo e outras se juntaram a estas.

Certo domingo, depois das vésperas, um reduzido grupo de moças ficou na igreja para se confessar. Sem dúvida eram almas boas, mas não se conheciam mutuamente. O P. Vianney sentiu-se inspirado a dirigir-lhes algumas palavras para uni-las num comum sentimento de piedade. Minhas

filhas, lhes disse, se quiserdes, podemos rezar juntos o rosário para que a Santíssima Virgem vos alcance a graça de fazerdes bem o que ides fazer. Entre aquelas jovens havia uma mais travessa do que leviana. Sentiu-se feliz por ver que todas sabiam responder ao terço. - Antes do Cura d'Ars só se rezava publicamente o rosário no dia da Anunciação. - A palavra do santo sacerdote calou profundamente naquela alma pura. Creio, assegurava ela, foi naquele dia que o Sr. Cura transformou o meu coração. Fora uma das primeiras nos divertimentos e chegou a ser um modelo de piedade. O apóstolo tinha descoberto o bom fermento que haveria de levedar toda a massa.

Deu-se isto no mesmo ano da sua chegada, refere Catarina Lassagne, uma das almas que ele mais se esmerou em aperfeiçoar. Num domingo de feira, depois das vésperas, convidou as jovens penitentes para comerem frutas no pomar. Ele mesmo nunca ia. Eu tive a ousadia de acompanhá-las, apesar de ser ainda muito jovem - Catarina não passava dos 12. - O Sr. Cura nos reuniu por alguns momentos. Lembro-me que nos perguntou: Não vos sentis mais felizes do que as que estão dançando na praça? Fez-nos entrar na cozinha da casa paroquial, onde nos leu a vida da minha santa patrona, e depois nos falou das coisas de Deus. Aquelas jovens e muitas outras, que lhes seguiram o exemplo, constituíram na aldeia o primeiro sodalício de piedade sob o título de Confraria do Santo Rosário. Com as que permaneciam rebeldes aos seus conselhos o P. Vianney mostrou-se excessivamente severo. Partindo do princípio de que não podiam ser absolvidos os pecadores sem que renunciassem à ocasião do pecado quando esta existia, o Cura d'Ars negava a absolvição, mesmo por uma única falta, até à conversão total.

Para isso tinha as suas razões. Deste modo, bom número de paroquianos, apesar de não serem escandalosos, tiveram que esperar meses e até anos, antes de serem admitidos aos sacramentos. Uma prova disso é o seguinte diálogo:

Passei 6 anos sem cumprir com o preceito pascal, dizia em março de 1895 a Mons. Convert venerável anciã, cujo marido presente ia confirmando a narração.

Seis anos!

Sim, dos 16 aos 22. Cada ano ia à casa dos meus parentes, por ocasião da feira de Mizérieux e ali dançava um pouco. Durante todo o ano só saía naquela ocasião. Em Ars já não se dançava havia muito tempo - era de 1835 a 1841 -. Mas essa única saída, que se repetia todos os anos, era motivo para que eu não recebesse a absolvição.

E apesar disso ia confessar-se?

Sim, por ocasiões das grandes festas. O Sr. Cura apenas me dava a bênção. E que lhe dizia ele - Se não se corrigir de ir aos bailes, está condenada!... Era lacónico.

Dançava, porém, noutras ocasiões!

Nunca.

Então por que ia confessar-se?

Pensava eu: Se Deus me chamar antes de receber a absolvição, espero que tomará em conta o meu desejo de a receber... A minha mãe perguntou ao Sr. Cura se eu podia confessar-me noutra parte. - Como quiser, respondeu ele. Em todo o caso, acho melhor que não faça a páscoa e que não vá confessar-se noutra parte.

A jovem Catarina Treve contava que no mês de fevereiro dançou uma vez num casamento. O Cura d'Ars adiou-lhe a absolvição até à festa de Ascensão.

Quando era moça, a senhora Butillon teve que esperar quinze dias, ou três semanas para ser absolvida, só por ter ido à feira de Montmerle. Não linha dançado, porém foi ao lugar onde se dançava.

Um pai de família, que ainda não conhecia bem o seu pastor, expôs-lhe o seguinte caso de consciência: Posso acompanhar a minha filha ao baile?

Não, meu amigo.

Mas eu não a deixarei dançar.

E o Santo concluiu com esta reflexão, cheia de profundíssima psicologia: Oh! se ela não dançar, dançará o seu coração.

O Cura d'Ars nalguns pontos se mostrou menos rígido com os forasteiros do que com os seus paroquianos; mas quanto aos bailes não variou jamais. Algumas pessoas do mundo ao se ajoelharem a seus pés gostavam de dizer-lhe que estavam seguras de si mesmas e imunes contra o pecado, mas o pecado perfumado não achava graça diante dos seus olhos. Jamais ele permitiu que tomassem parte nos bailes de sociedade e nem sequer assistissem a eles como simples espectadores. Pouco tempo depois da sua chegada à paróquia, os castelões de Ars organizaram um ou dois bailes entre famílias, mas logo se abstiveram disso em respeito à sua proibição. Ele só conhecia o baile, diz Cristina de Cibeins com certa mágoa, através das desordens que produzia entre a gente do campo. Sei de uma pessoa piedosa que, forçada pela sua condição social a tomar parte em algumas diversões mundanas, viu-se obrigada a deixar o confessor do Cura d'Ars para não ter mais que contrariar as suas decisões.

Tais foram as normas do Cura d'Ars em matéria de danças e por toda a sua vida. Teve sobretudo grande cuidado em esclarecer os pais sobre tão grave assunto. Inculcou-lhes profundamente a convicção de que deviam aos seus filhos um amor terno mas firme, o bom exemplo, a vigilância e a correção. Declarava-os além disso responsáveis pelas faltas dos filhos:

Vós respondereis pelas suas almas como pelas vossas próprias. Assim lhes falava... Não sei se fazeis quanto está em vosso poder. O que eu sei é que se vossos filhos se condenarem em vossas casas por falta de vigilância - como é de crer vós também sereis condenados. Sei muito bem que uão dareis um passo a mais para cumprirdes os deveres para com os vossos filhos; que vós não vos inquietais com isso, e por certo tendes razão, pois não faltará tempo para serdes atormentados por toda a eternidade...

Estas picantes ironias eram sem dúvida a linguagem que convinha àquela gente. Os pais tomaram ao pé da letra os conselhos do Sr. Cura. Certo domingo depois das vésperas, duas jovens irmãs foram, sem licença do pai, - acharam-no desnecessário - ver o baile numa festa de Savigneux - Savigneux dista dois quilómetros de Ars. Não dançaram, pois tinham pressa

de regressar. Em casa, porém, a ausência delas não passou despercebida. O pai tomou o chicote e castigou-as severamente.

Antônio, um dos filhos da família Cinier, de vinte anos de idade, foi dançar num dos povoados vizinhos. Ao chegar a casa, já bastante tarde, saudou por duas vezes a mãe sem ser correspondido. Já suficientemente punido com aquela desusada frieza, meteu-se na cama. Mas isso não foi bastante para a mãe irritada. Tomou uma chibata e lhe aeariciou as costas.

Desde o ano de 1830 os bailes haviam desaparecido completamente do centro de Ars. Uma ordem do Sr. Antônio Mandy não autorizava mais os bailes públicos a não ser na alta sociedade da aldeia. Para os organizadores da festa local foi grande humilhação. Aproximava-se justamente a festa de São Sisto. Alguns jovens de Ars que ainda não viam com bons olhos o pároco, recorreram resolutos ao Sr. Mandy, pedindo autorização para celebrarem a festa no lugar do costume. O velho senhor respondeu que, tendo dado a sua palavra ao Sr. Cura, não a podia retirar - O assunto porém não acabou nisso. Os jovens buscaram recurso Junto ao subprefeito de Trevoux. Este revogou a ordem do burgomestre de Ars o qual só teve que submeter-se à vontade do superior.

Chegou o dia da solenidade e por conseguinte da festa de S. Sisto. Na tarde daquele domingo, aos acordes da música, apareceram os bailadores cantando e saltando. Quantos chistes jocosos atirados contra o cura e o burgomestre! Mas eis que cessam os estribilhos e os rostos tomam-se sombrios. Onde se tinham escondido as moças? Ali debaixo das nogueiras achavam-se apenas duas ou três criadas vindas das granjas de Ars e algumas forasteiras. As jovens da paróquia haviam entrado na igreja para as vésperas e a oração da tarde. O baile foi triste e desanimado.

Ao toque para a oração da noite, a primeira autoridade da aldeia, que se armara, temendo possíveis desordens, não teve necessidade de intervir; dispersou-se o pequeno grupo de folgazões. A igreja encheu-se de fiéis e o Cura d: Ars. pregou como de costume a pequena homilia. Chorou. Choraram com ele. E muitos jovens estouvados deram-se conta da sua estupidez ao verem como as suas mães e irmãs voltavam da igreja com os olhos vermelhos de pranto. Pediram para serem inscritos nalguma das confrarias da paróquia e não pensaram mais em bailes.

Dali em diante, nos domingos à tarde, a praça da igreja só viu fiéis que iam às vésperas na igreja ou ao cemitério, e depois dos officios, alguns amadores de jogos inocentes. Os jovens, que ainda teimaram em dançar, não encontraram mais com quem entre as suas conterrâneas - Quando muito conseguiram recrutar algumas pobres criadas.

Ide procurar, exclamará mais tarde triunfante o Cura d'Ars, ide procurar tal ou tal jovem nos bailes ou com outras más companhias. Que se vos responderá? Não a tenho visto desde algum tempo. Creio que se a quizerdes encontrar, será necessáno ir à igreja ou à casa dos seus pais... Se não a encontrardes em casa, ide à igreja e lá a encontrareis agradecendo a Deus por ter operado nela uma mudança tão radical Vereis a modéstia estampada na sua frente...

Irritados ao verem como as moças deixavam os bailes pela igreja, os libertinos de Ars e dos povoados vizinhos vingaram-se do P. Viannéy como adiante veremos. Que fazer sem ter com quem dançar? Organizaram reuniões secretas nos lugares mais afastados. Mas o Santo, chegando a saber, troyou tão forte da cátedra da verdade que desde 1832 não se dançou mais em todo o território da paróquia.

Quem o quereria? A vitória ainda não estava completa. Foram combinados encontros nas feiras ou nos bailes dos povoados vizinhos, onde, longe de qualquer vigilância, julgavam poder-se entregar impunemente à sua diversão predilecta. Vários jovens de Ars se deixavam arrastar. Sem muita dificuldade, o P. Vianney cbegou a descobrí-los. Decidido a não largar o machado antes de cortar a última raiz do mal, não lhes deu tréguas. Deus inspira aos santos procedimentos que saem muitas vezes do caminho ordinário.

Já que era necessário gritar alto para se fazer compreender, o Cura d'Ars tomou por principio negar a absolvição a quem quer que fosse que, tendo dançado uma única vez, não promettesse seriamente emendar-se. O triunfo só foi completo e definitivo depois de uma grande missão pregada naquela paróquia no ano de 1847.

Se alguns teimosos vindos de fora ameaçaram uma ou duas vezes restabelecer os bailes de S. Sisto, não passou contudo de impotente

fanfarronice. O conde Cláudio de Garets, eleito prefeito em 1839, tomou à sua conta aquele negócio, fazendo desaparecer para sempre tais maquinações.

Ainda mais tarde, por 1855, como os paroquianos de Ars se permitissem frequentar mais do que o razoável as feiras dos arredores, um jovem eclesiástico teve ocasião de observar que força o P. Vianney sabia dar às suas palavras quando os abusos começavam a reaparecer. Uma tarde, conta o P. Peletier, ouvi-o falar com tal veemência contra a feira de Vilefranche, a qual costumava atrair grande número de povo para as diversões profanas. que o auditório ficou aterrado.

Enfim, uma última e severa advertência pareceu-lhe conveniente por ocasião de certos divertimentos inofensivos. mas que o Santo julgava indignos dos seus bons paroquianos. No dia 9 de fevereiro de 1858 - 40 anos depois e no mesmo dia da chegada do P. Vianney a Ars - João Baptista Mandy desposou a sua prima Daudina Treve. Algumas semanas antes, um grupo de homens, e por certo nem todos jovens, esquecidos talvez das velhas rixas entre os seus pais, tentaram restabelecer o costume já abolido das gatinhadas. Foram à casa dos Mandy e depois dos Treve, requisitaram alegremente o que havia de melhor nos galinheiros e, conforme o antigo uso local, fizeram, num sábado à noite, grande festa em honra do futuro casal. O banquete prolongou-se até alta noite... O P. Vianney, já ancião de 72 anos, esgotado pelas fadigas e pelos jejuns, na manhã seguinte, ainda soube achar aqueles acentos dos tempos de luta para dizer ao seu povo e aos culpados já arrependidos - toda a mágoa que lhe haviam causado aquelas escandalosas leviandades. Brevemente haverá um outro casamento na paróquia, concluiu o pregador indignado; recomeçai e vereis o que hei de fazer. Mas eles não recomeçaram.

As modas indecentes correm parelhas com os prazeres corruptores. A julgar por alguns dos seus sermões, quando o P. Vianney chegou a Ars várias pessoas faltavam às leis mais elementares da modéstia. O Santo indignou-se contra elas e irritou-se contra os pais que idolatravam as suas filhas e as expunham à conquista. Só vendo como ele os fustigava.

Esta mãe não pensa em mais nada do que na sua filha e mais se preocupa em reparar se ela está com o chapéu direito do que de perguntar-

lhe se está na amizade de Deus. Ela lhe diz que não há de parecer uma selvagem; que há de procurar tomar-se agradável a toda a gente para poder conquistar relações e colocar-se na sociedade. E a filha logo procurará atrair os olhares do mundo. Com os seus atavios rebuscados e indecentes logo dará a entender que é um instrumento de que se serve o inferno para perder as almas. Só no tribunal de Deus saberá o número de pecados de que foi causa.

Geralmente as mães de família compreenderam bem depressa quais eram os seus deveres. Além disso, o P. Vianney as ajudou a cumpri-los, quer negando a absolvição às pessoas escandalosas, quer convertendo-se ele mesmo em árbitro da moda. Não deixava de ser coisa delicada, mas até nisso o nosso Santo se propunha uma finalidade altíssima: aspirava para os seus paroquianos um ideal de perfeição do qual os cria capazes. Por isso entrou em pormenores que à primeira vista poderiam parecer pueris.

As senhoras e as moças usavam penteados muito elegantes -para realçar as suas cabeleiras. O P. Vianney obrigou-as a deixá-los e substituí-los por toucas a fim de melhor ocultarem os cabelos. Aconselhou a Marta Miard, a qual possuía um botequim junto à igreja, que simplificasse o seu penteado, porque não o achava bastante simples. Tínhamos, simplesmente a aparência de velhas, dizia Daudina Treve, que nunca foi uma vaidosa. Certo dia, conta Marta Miard, ele encontrou-me um pouco mais bem vestida do que de costume - tinha um vestido de musselina de cor muito vistosa. Em lugar de me dizer como costumava: Bom dia, minha filha, fez-me uma vénia muito profunda e acrescentou: Bom dia, senhorita. Fiquei muito envergonhada.

A pequena Joana Lardet exhibia vaidosamente um formoso colar novo.

Queres vender-me o teu colarzinho? perguntou-lhe sorrindo o P. Vianney. Dou- te cinco soldos.

E que fará o Sr. Cura com ele?

Vou botá-lo no meu gato.

Na igreja jamais tolerou decotes, nem braços nus. Não os permitia nem aos grandes nem aos humildes deste mundo. Por ocasião duma visita ao

castelo viu o retrato de uma senhora: em trajes de baile. Dir-se-ia que vai ser guilhotinada, observou ele mostrando com o dedo aquele quadro de família. A castelã de Ars compreendeu a lição e retirou o quadro.

No fim da vida ainda troçava das crinolinas até mesmo durante os seus catecismos. O imperador fez coisas muito boas, porém esqueceu-se de uma: mandar alargar as portas para poderem passar as saias-balão. Apesar disso, as pessoas de Ars exibiam moda tão incômoda.

O P. Vianney não insistiu muito, pois apenas lhe pareciam ridículas. E, por outro lado as poucas paroquianas que usavam tais atavios, nos domingos e dias de festa, desapareciam na massa dos peregrinos que em maior número e mais livremente se sacrificavam às exigências da moda da época.

Os peregrinos de Ars por 30 anos puderam admirar na igreja, nas ruas e nas estradas, as senhoras e as moças daquela aldeia, dignas e modestas como monjas.

CAPÍTULO VI

Restauração da Antiga Igreja de Ars

Novos projectas - Nomeação sem efeito para a paróquia de Saltes em Beaujolais - A capelania de Ars declarada paróquia - Reconstrução do campanário - Novos altares - Embelezamento do coro e da nave - A generosidade do visconde de Garets - O quadro da peregrinação

O amor a Deus e o amor às almas impeliavam o Cura d'Ars para a frente. Também o seu próprio temperamento incitava-o à acção. A ociosidade forçada teria sido para ele uma penitência insuportável. Ainda que debilitado desde cedo pelas sobre-humanas penitências e abrasado por uma febre intermitente devida à insalubridade do clima, próprio da região de Dombes, jamais consentiu em tomar uma hora de descanso. O ministério paroquial não o trazia muito ocupado. Mas o P. Vianney buscou trabalho para satisfazer o seu zelo e as suas ânsias de actividade. Enquanto deixava o pomar ficar inculto, depois de ter mandado cortar todas as árvores por causa de alguns marotos que, forçando a cerca de espinhos, roubavam as frutas e ofendiam a Deus; enquanto a casa paroquial, pouco a pouco esvaziada em benefício dos pobres, não o abrigava senão à noite durante um breve sono, o jovem pároco empregava o tempo livre que lhe deixavam o estudo e a oração para transformar a modesta igreja. Já vimos como renovou o altar-mor e pintou o forro do coro. Tinha em mente ainda outros projectos.

Um acontecimento inesperado retardou tudo. Em princípios de abril de 1820, o P. Vianney recebeu do arcebispo de Lião - do qual ainda dependia - uma carta em que o nomeava cura da paróquia de Salles, situada em Beaujolais, no decanato de Villefranche-sur-Saone. Deste modo deixava o departamento do Ain pelo do Ródano. Informada, não se sabe por quem, do estado de saúde do jovem pároco, a autoridade diocesana escolheu para ele o aprazível povoadozinho de Salles, situado nas encostas de verdes colinas, onde poderia respirar um ar mais clemente. A população de Salles elevava-se a pouco mais de 300 habitantes, gente muito cortês e com fama de bons católicos.

O P. Vianney amava a sua humilde aldeia de Ars, porém dócil à vontade dos seus superiores, não apresentou nenhuma reclamação. Dispôs-se para

partir. Mandou arrumar numa carroça os seus móveis e livros. Ao espalhar-se a nova, a emoção foi muito grande na porção crente e praticante. As mães de família já o tinham pressentido: Como seremos felizes, diziam, se nossos filhos fizerem a primeira comunhão sob a direcção desse sacerdote... É um santo!... Mas, não o deixarão muito tempo entre nós... Quanto à castelã de Ars, a quem a autoridade não havia consultado, mostrou-se profundamente desgostosa. Numa carta íntima, em que a boa castelã deu largas aos seus sentimentos, fala nada menos do que de estrangular o Vigário Geral. Era, entenda-se bem, uma maneira de expressar a sua mágoa.

Com o conhecimento do P. Vianney, que se deixou comover pelo profundo pesar de muitos, foi mandada a Lião uma comissão com o maire à frente. Ars reclamava o seu Cura. Uma vez que é assim, respondeu Mons. Courbon, ficará ele lá por quanto tempo quiser. E entregou à comissão cheia de contentamento um pregão oficial que revogava a nomeação para Salles.

O P. Vianney ficou, portanto, no seu posto. Doutro lado, pelo que parece, o próprio Deus manifestou claramente a sua vontade. No dia marcado para a partida, o cura nomeado de Salles chegou com a sua bagagem à margem do Saone. Devia atravessá-lo. Aconteceu, porém, encontrar o rio transbordando de tal maneira e agitado por vento tão forte que o bateleiro naquele dia não pôde transportar os passageiros. A grande ponte de Jassans ainda não existia. Depois de duas tentativas inúteis, a mobília e a biblioteca tiveram que voltar para a canónica de Ars.

Entretanto, a situação do P. Vianney era das mais precárias. Simples capelão, parecia achar-se ali naquele canto da paróquia de Miserieux como que de passagem. Apenas transcorridos dois anos após a sua chegada a Ars, quando justamente começava a ser estimado, tinha que se afastar. Durante aquele mês de reboição (abril de 1820), os bons católicos do lugar interrogavam-se com legítima inquietação se o arcebispado de Lião lhe daria ou não um sucessor.

Desde longo tempo os castelões de Ars procuravam restituir àquele pequeno núcleo religioso a independência e o título de paróquia. Em 1806, por contrato celebrado com Francisco Cinier, convertido desde a Revolução em dono da casa paroquial, do jardim e do pomar que haviam desfrutado

até então os curas de Ars, a condessa, viúva de Garets, alugou tudo com a esperança de um dia poder restituí-los ao seu primitivo destino. Antes de transcorrerem dois anos - sabemos por carta do visconde à sua mãe (18 de março de 1808) - a condessa comprou a casa paroquial com as respectivas dependências. Essa aquisição era no seu modo de ver um meio de conservar em Ars a sucursal. Finalmente no dia 19 de junho de 1821, sendo pároco o P. Vianney, o visconde, dono daqueles bens sagrados, por morte da sua mãe, doou-os à fábrica da igreja. Graças a essa generosa dádiva, tornou-se possível a elevação da *capelania de Ars* à categoria de paróquia.

Os habitantes de Ars, por sua vez, haviam dirigido um pedido ao rei Luís XVIII, em que expunham as suas legítimas queixas: a impossibilidade de os meninos assistirem ao catecismo, no inverno, por causa das enchentes do riacho e do mau estado dos caminhos; a grande distância de Mizérieux, centro paroquial; mas sobretudo o temor de que desaparecesse a capelania por falta de sacerdote, caso não fosse transformada em paróquia independente. E aquela boa gente acrescentava:

Os habitantes, desejosos de conservarem a fé, os bons costumes e zelar pela religião, querem sustentar um sacerdote à própria custa. Este sacerdote, homem de grandes virtudes, faz um bem imenso na paróquia e arredores. Esse bem, infelizmente, pode ser destruído num momento com a retirada do pastor...

O visconde, que então se achava em Paris, apoiou a súplica dos seus conterrâneos. E, posto que a aldeia não contasse as 500 almas exigidas pelo decreto de 25 de agosto de 1819 para a criação da paróquia, Ars, por disposição real de 20 de junho de 1821, foi declarada paróquia.

Desta maneira Mizérieux, sem poder avaliar por si mesma toda a extensão de tal perda, viu-se despojada do melhor florão que possuía. Igualmente o Vigário Geral, ao assinar a nomeação do P. Vianney para a paróquia de Salles, não podia prever que Ars, onde o deixou de boa vontade, seria dentro em breve arrebatada à arquidiocese de Lião.

Esses diversos acontecimentos, sem importância na história do mundo, mas de grandes consequências para uma humilde aldeia, tiveram lugar quando o Cura de Ars se ocupava em embelezar a sua igreja.

Em 1820 tornou-se necessário construir o novo campanário, ainda que de pequenas dimensões. O campanário de madeira, sacudido por um sino muito grande, ameaçava ruir. Ainda bem que nunca o faziam dobrar, temendo que se fosse despedaçar sobre os sepulcros do cemitério!

No mês de agosto, a instâncias do Sr. Cura, o maire mandou que se desse começo aos trabalhos. O P. Vianney viu com grande satisfação erguer-se para o céu de Ars um sólido e possante campanário de ladrilhos quadrados com simétricas janelas, nas quais se enquadravam elegantes colunatas românicas. Apenas estava concluído, o próprio P. Vianttey comprou um segundo sino, que ficou sendo chamado: Sino do Santo Rosário. Logo soou alegremente.

Enquanto de fora se erguiam os andaimes, trabalhava-se activamente no interior. O P. Vianney achava muito pequena aquela igreja. Apesar disso, não pensava em demoli-la. Nas igrejas velhas também se pode rezar! Demais, a construção dum novo templo acarretaria despesas consideráveis.

Junto à mesa da comunhão, que naquele tempo ficava entre a porta da sacristia e a parte da igreja situada debaixo do campanário, havia um altar com uma imagem da SS. Virgem.

A madeira, porém, estava carcomida e o pobre altar, encaixado na parede, apresentava triste aspecto com os seus quatro castiçais completamente sem douração. O Cura d'Ars queria honrar a Virgem, segundo os desejos do seu coração e concebeu a ideia de construir uma capela lateral a ela dedicada. Os trabalhos foram começados Com grande actividade em janeiro de 1820. A 6 de agosto, festa do padroeiro do lugar, estavam terminados. A nova capela, com o seu teto liso, a imagem policromada, as molduras e os trabalhos de douração, obras de um gesseiro e de um pintor de Villefranche, eram conforme o gosto da época. O P. Vianney sentiu grande atractivo por aquele canto sossegado e quase escondido da igreja. Durante quarenta anos cada sábado celebrava ali a

santa missa. Em 1822, o teto da nave ameaçava ruir e foi consertado à custa do município, mediante um imposto extraordinário. Custou 459 francos.

No ano de 1824, para honrar de maneira mais digna o grande santo que tomara na confirmação como patrono, o Cura d'Ars fez levantar, à sua custa, uma segunda capela que dedicou a S. João Baptista. Foi benta e inaugurada no dia da festa do titular, pelo P. Matias Loras, antigo condiscípulo do nosso Santo em Ecully, então superior do seminário de Maximieux. Constituiu grande festa e alegria para a maior parte dos paroquianos. Os que praticavam já eram em grande número.. Apesar de tudo, os amantes dos prazeres profanos, no meio dos demais durante a cerimónia, não puderam ler sem despeito a inscrição, para eles bem clara, que o Cura d'Ars mandara esculpir no arco da capela: A SUA CABEÇA FOI O PREÇO DUMA DANÇA.

Em seguida divulgou-se a notícia de que o P. Vianney durante a bênção da capela fora favorecido com uma visão do futuro.

Não sei se Deus lhe dera a conhecer naquele dia, escreve Catarina Lassagne no seu *Petit mémoire*, o que haveria de suceder mais tarde, ou seja, a conversão de tantas almas. Mas eis o que nos disse ele num domingo, quando pregava: Meus irmãos se soubésseis o que se passou nesta capela, não ousaríeis mais entrar nela... Não vos falo demais... Repetiu o mesmo várias vezes como se dissesse cheio o seu espírito.

Supõe-se que lhe tenha aparecido o Santo Precursor mostrando-lhe no futuro o famoso confessionário colocado naquela capela e a multidão de penitentes ajoelhada a seus pés.

A ereção do altar de S. João Baptista trouxe ao Cura d'Ars não só alegria, mas causou-lhe também grave inquietação. Como tivesse que pagar pessoalmente a construção da obra, ficou devendo 500 francos ao marceneiro e não possuía nem um centavo. A sua pequena pensão e renda anual sobre a parte da sua herança que lhe enviava o irmão Francisco já estava toda no bolso do architecto. O carpinteiro reclamou o pagamento. O pobre do P. Vianney, todo perturbado, saiu de casa a fim de acalmar um pouco a sua inquietação. No caminho, a certa distância da Igreja, saiu-lhe ao encontro uma senhora desconhecida que lhe perguntou: V. Revma. é o

Cura d'Ars? Ao responder-lhe afirmativamente, entregou-lhe 600 francos para que os empregasse nas suas obras. Dessa intervenção, que lhe pareceu extraordinária, não ousou concluir que dali em diante o seu banqueiro seria a Providência. Ao contrário, prudente por virtude e por natureza, disse que a lição tinha sido boa e que não se meteria mais em semelhante embaraço. Acostumou-se, salvo em casos excepcionais, a pagar sempre adiantado.

Mais tarde, as paredes da pequena igreja foram mudadas para dar mais espaço e uma após outra foram levantadas 3 capelas: Em 1837, a que dedicou a Santa Filomena e em datas ignoradas, a do *Ecce Homo* e mais outra - a quinta - posta sob a invocação dos Santos Anjos.

Em 1845, o pequeno presbitério de forma arredondada, onde apenas cabia o altar-mor, deu lugar a um coro muito amplo e quase tão grande como o resto da nave. Uma segunda sacristia foi construída nesse coro, e o Santo colocou atrás do altar um terceiro confessionário, destinado especialmente para ouvir as confissões dos sacerdotes.

A fim de satisfazer a sua piedade pessoal, e porque tinha experimentado até que ponto as imagens impressionam e instruem as almas boas e simples, o P. Vianney multiplicou, na sua igreja, os quadros e as imagens. S. José e S. Pedro adornavam o santuário; S. Sisto, patrono da paróquia, e S. Brás estavam colocados na entrada do coro. Havia ali duas imagens deitadas: Cristo no sepulcro e Santa Filomena. Colocados em nichos ou simplesmente fixados à parede, viam-se *Nossa Senhora da Medalha Milagrosa*, uma Virgem com o menino Jesus, S. João Baptista, S. Lourenço, S. Francisco de Assis, Santa Catarina de Sena, S. Bento Labre, o arcanjo S. Miguel, o arcanjo S. Gabriel, a Virgem da Anunciação, o arcanjo S. Rafael e o jovem Tobias. A sagrada Face e os instrumentos da Paixão viam-se em relevo na capela do *Ecce Homo*, onde sobressaía um grande Cristo coroadado de espinhos. Tudo falava aos olhos dos cristãos naquela pequenina igreja.

Muitas vezes, costumava dizer o P. Vianney, basta a vista de uma imagem para nos comover e converter. Não raro as imagens nos abalam tão fortemente como as próprias coisas que representam.

As belas imagens arrebatavam-no - dizia dele a condessa de Garets. Ah! se tivéssemos fé, exclamava chorando diante dum *Ecce Homo*.

Na sua obra de restauração e embelezamentos materiais, o P. Vianney foi poderosamente ajudado por certo cavalheiro daquela região, a quem o povo de Ars deve guardar eterna gratidão: o visconde Francisco, irmão da castelã de Ars, Ana Maria Garnier de Garets.

Foi por meio dela que o visconde, residindo em Paris, soube da chegada dum coadjutor de Ecully para a capelania de Ars, chamado Vianney. Na primavera de 1819, foi ao castelo da sua família, passar algumas semanas de repouso. Então conheceu o sacerdote de apenas 33 anos, macilento em consequência das vigílias, jejuns e trabalhos do apostolado. Já na primeira entrevista sentiu-se conquistado e, desde então, depositou nesse novo amigo uma confiança ilimitada. Nunca mais escreveu à irmã sem falar no zeloso e respeitável Cura. A castelã de Ars punha o irmão ao corrente dos trabalhos empreendidos pelo P. Vianney. Sem dúvida lhe dizia que havia começado bem, mas que por falta de recursos via-se forçado a interromper o trabalho.

Que tristeza seria isso para um sacerdote tão santo! Numa palavra, a castelã soube expor e defender com tanta eloquência a causa da sua pequena e querida paróquia, que o visconde se resolveu a continuar a obra do jovem pároco. Jamais, dizia no seu estilo solene, a igreja de Ars será tão sumptuosa e tão bela como é meu desejo. Imediatamente começou a fazer encomendas às melhores casas de Paris. A cinco de maio de 1823 sentiu-se feliz em anunciar a primeira remessa de três estandartes bordados a prata, um do Santíssimo Sacramento, outro da Santíssima Virgem e o terceiro do nosso padroeiro S. Sisto... Tudo o que V. Revma. faz pela igreja de Ars, acrescentava ele, dirigindo-se ao P. Vianney, me inspira a fazer o que faço por ela! Os seus paroquianos me têm escrito que as suas santas instruções e bons exemplos os edificam e levam a Deus. Depois enviou mais ornamentos, de seda ou de precioso estofado, bordado a ouro, para a missa, e uns ornamentos de veludo preto com franjas roxas para as cerimónias da Semana Santa.

Para o mês de maio de 1824 prometeu-lhe um pálio. O P. Vianney quis escolher pessoalmente a fazenda. Como é em Lião que se fabricam os mais

belos tecidos e também para que sejam do seu gosto, é a V. Revma., meu caro amigo e respeitável cura, a quem encarrego dessa compra.

O pálido veio bem, mas, sendo muito largo para a porta da igreja, só em 1828 pôde sair em procissão, época em que o visconde mandou aumentar de 8 pés a humilde construção, dando-lhe uma nova fachada, que mais tarde foi rematada por uma estátua da Imaculada.

Se houve uma pessoa que se alegrou com a vinda dos donativos do generoso visconde foi o Cura d'Ars. Era um prazer vê-lo e ouvi-lo ao abrir as pesadas caixas que alguns paroquianos de boa vontade foram buscar em Lião. Ria e chorava ao mesmo tempo como uma criança. Senhora, dizia ele a uma boa velha que passava naquele momento, venha ver uma coisa muito bonita antes de morrer. Dentro em breve um grupo de espectadores reuniu-se em torno daqueles tesouros.

Ah! no céu, acrescentava, tudo será mais belo ainda.

Posto que os auxílios do generoso visconde tivessem permitido aumentar a entrada da igreja, contudo o acesso à mesma continuava ruim. Subia-se por uma péssima escadaria encaracolada. O cavalheiro tomou a iniciativa de a substituir por uma escada exterior com patamar, precedido de espaçosas rampas. De boa vontade teria feito ali algo de extraordinário.

Desejaria que a entrada da igreja fosse mais atraente, escreveu ao Sr. Mandy. Isso é absolutamente necessário, Se os palácios dos reis são embelezados pela magnificência das entradas, com maior razão as das igrejas devem ser sumptuosas... Não quero poupar nada para isso.

Por fim, em 1828, graças ao concurso dos habitantes de Ars, que carregavam o material, construíram-se dois lanços e o patamar actual.

Durante a execução desse trabalho, o visconde não permanecia inactivo. No dia 15 de março de 1827 o burgomestre de Ars recebeu nova carta do visconde em que pedia para dizer ao Sr. Cura e aos Srs. fabriqueiros que ele doava à igreja de Ars: 1º, uma custódia de prata dourada; 2º, um templete forrado de veludo, cuja cúpula, as colunas, o penacho e a base são de cobre dourado; 3º, um tabernáculo igualmente de cobre dourado, proporcionado

ao templete. O P. Vianney recebeu ainda do seu querido benfeitor grandes relicários que serviram para adornar as capelas da Santíssima Virgem e de S. João Baptista.

A principal recompensa para o visconde foi ver sempre aplaudido o seu modo de proceder pela terna irmã - era assim que muitas vezes a tratava em suas cartas - e proporcionar algum prazer ao santo Cura d'Ars.

Tu me falas, escreve o visconde à castelã de Garets, no nosso respeitável P. Vianney, donde concludo que estás bem satisfeita com o que tenho feito e farei por Ars, se Deus me der Vida. Mas já que a tua intenção é deixar-me agir quase só, vejo que tens predilecção por outras boas obras... Peço-te por favor que me escrevas com franqueza o que o nosso Cura pensa de todos os meus presentes, pois se ele está todo contente, da minha parte a alegria será perfeita.

Dessa maneira, em 1828, isto é, 10 anos após à chegada do Santo a Ars, a velha igreja era quase interior e exteriormente tal qual a vemos hoje. O humilde Cura d'Ars muito já havia trabalhado. Agora podia começar a famosa *peregrinação de Ars* - aquele desfile ininterrupto de estrangeiros de todas as nações. Justos e pecadores iam pedir àquele que, muito antes do infalível decreto da Santa Sé Apostólica chamavam *O Santo*, a saúde, a luz e a conversão do coração.

CAPÍTULO VII

As grandes provações dos primeiros anos:

Calúnias e tentações

A provação inevitável do apostolado - Ingrato - Queixas e críticas - O P. Vianney disposto a deixar a paróquia - As calúnias dos libertinos - A investigação do cura de Trevoux - A atitude do Santo caluniado - Uma reputação invulnerável - A resposta das pessoas honradas - O fim da tempestade - O temor dos juízos de Deus - O amor da Cruz - Cansaço e desejo de remoção - Nomeação para a paróquia de Fareins.

Não se pode praticar o bem sem sofrimento. Não há redenção sem derramamento de sangue. Os santos nada construíram de grande, que não fosse sobre a base do sacrifício. O Cura d’Ars, que se açoitava cruelmente, impondo-se os jejuns mais rigorosos para a conversão da sua amada grei, sabia-o de sobra. Mas, por desígnio especial de Deus, outras dores mais acerbadas ainda lhe vieram da malícia mais ou menos consciente dos homens.

Não se combatem desordens inveteradas e vícios arraigados sem provocar resistência. Estas resistências o P. Vianney pressentia e as aguardava. - Se um pastor se quiser salvar, dizia ele, precisa, quando encontrar alguma desordem na paróquia, de saber calcar aos pés o respeito humano, o temor de ser desprezado e o ódio dos paroquianos, ainda mesmo estando certo de que ao baixar do púlpito vai ser morto. Isso não o deve amedrontar. Um pároco que quiser cumprir o seu dever, deve estar sempre de espada em punho...

S. Paulo já havia escrito aos fiéis de Corinto: De boa vontade me sacrificarei uma ou mais vezes pelas vossas almas, ainda mesmo que vos amando mais seja menos amado. O Cura d’Ars não se queria condenar. Os seus paroquianos bem cedo se convenceram disso. Por muitos meses os que frequentavam a igreja, ouviram cair do púlpito sobre eles reprimendas, esconjurações e ameaças quase contínuas. O pregador, ao vê-los tão frouxos e distraídos, fazia questão de repetir: Quando me acho entre vós não sinto nenhum aborrecimento. Achavam-no ingrato, o que na linguagem deles significava: maçador, aborrecido.

Então o Sr. Cura era muito prolixo nos seus sermões? perguntou certa vez Mons. Convert ao Sr. Drémieux. Sim, pregava longo tempo e quase sempre sobre o inferno... Batia as mãos e dizia: Meus filhos, estais perdidos. Ou, batendo no peito, acrescentava: Há quem diga que o inferno não existe. Ah! eles o hão de crer. Mais tarde, quando a paróquia ia melhorando sensivelmente, gostava mais de expor aos paroquianos o lado atraente da virtude do que a fealdade do vício. No começo esboçou para os seus ouvintes quadros bem terríveis. Sem dúvida que, inconscientemente, deixou-se arrebatado pelo caráter sensível, nervoso e impulsivo de que era dotado.

Eu vos digo, procurava explicar mais vezes aos fiéis, que uma vida santa nasce do zelo que temos pelos interesses de Deus. Não era amigo de meias medidas. Contudo, sempre se deixou guiar menos pelo temperamento que pelo dever. Se nunca foi brusco onde se devia manifestar conciliador e suave, tão pouco hesitou quando se impunham resoluções enérgicas. Através do pecador, por quem sentia grande compaixão, descobria o pecado para com o qual não tinha misericórdia.

Sem dúvida o seu modo de agir nem sempre foi o mesmo dos antecessores. Começou-se a murmurar contra ele no seio das famílias. Decididamente o Sr. Cura era muito severo. Tal menino não fora julgado digno da absolvição. A sua primeira comunhão fora adiada para o ano seguinte! É porque é meu filho, lamentava a mãe, ferida no amor-próprio. Além disso, esse novo cura não se mostrava demasiado rigoroso para com os profanadores do domingo, contra os que frequentavam as tabernas, e contra os curiosos e curiosas dos bailes?. Naturalmente o intrépido moralista se indispôs com todos os taberneiros. Se este padre não quer viver como todos, é do seu ofício, mas ao menos que deixe os outros em paz! Assim falavam, diante de dois copos, os filósofos do lugar.

E quem o creia? Até as pessoas verdadeiramente piedosas tiveram dificuldade em se acostumar com o P. Vianney. Durante quase dez anos, dez anos de angústia, a excelente Catarina Lassagne, que mais tarde se tornou uma das suas mais fervorosas admiradoras, sentiu por ele tanto temor como veneração. Ela mesma pedia a Deus que afastasse de Ars aquele sacerdote,

cuja direcção se lhe tornava insuportável. É que desejava vê-la perfeita, não deixando passar a mínima falta.

Tal foi, aliás, a sua maneira constante de agir com as pessoas que lhe mostravam afecto. Levou por caminhos extraordinariamente duros a abnegada Pignaud, que apesar de gozar de algum bem de fortuna, deixou a sua casa em Lião para viver ao lado da pobre D. Renard. Não perdia ocasião de mortificá-la e exercitá-la numa renúncia absoluta de todas as coisas assim grandes como pequenas, até ao ponto de lhe proibir a assistência aos seus catecismos. Não recusava nas obras de zelo a cooperação das mulheres, mas exigia que fossem desinteressadas e sobrenaturalizadas.

As queixas e falatórios das pessoas a quem havia admoestado, e dos penitentes a quem negara a absolvição, chegavam aos ouvidos do austero confessor. Ele porém nunca usou de mistérios.

Se um psstor, diz ele, depois de proferir violentas invectivas contra os maus exemplos dos pais, quer fazer-lhes conhecer as suas faltas e a dos seus filhos, se enfurecem, vituperam-no, falam mal dele e o fazem objecto de mil contradições...

Se um paroquiano, prossegue, tem algo contra o seu cura, porque lhe tem dito alguma coisa para o bem da sua alma logo surge o rancor, fala mal dele, ouve com gosto que os outros procedam do mesmo modo e malicia tudo quanto lhe diz... Vede outro: faz-lhe ver que não é bom aproximar-se assim da sagrada mesa da comunhão; logo responde grosseiramente, conservando rancor como se o cura fosse a causa de ele ter procedido mal... Uma outra vez é uma pessoa a quem negou a absolvição. Revolta-se contra o confessor, que aos seus olhos passa a ser pior do que o demónio.

A animosidade em certos lugares durou muito tempo. O P. Vianney teve ocasião de experimentá-la penosamente durante a Revolução de 1830. Causa estranheza que as jornadas de Julho se tivessem repercutido na pequena aldeia de Ars. Não obstante assim aconteceu. Sete dos seus paroquianos achavam-no demasiado severo e deram-lhe a entender que devia deixar a paróquia. Claro está que tais senhores não eram os mais

edificantes da paróquia. Ainda que o Cura só falasse disso com doçura e entre os seus íntimos, contudo a prova foi para ele muito dolorosa.

Outro golpe não menos duro veio ainda ferir-lhe o coração. Já temos visto como todas as jovens de Ars, dóceis aos seus ensinamentos, terminaram por curvar-se sob o cajado do pastor. Alguns indivíduos perversos, alheios à paróquia, e muitos dentre os jovens que já não encontravam cúmplices para as suas desordens, insurgiram-se contra o pároco, tentando salpicá-lo com o lodo em que viviam atolados.

Tiveram a audácia de atribuir-lhe a palidez e fraqueza, não as terríveis macerações, mas a uma vida ocultamente licenciosa, pondo deste modo o nome do P. Vianney nas suas canções burlescas. Escreveram-lhe cartas anónimas, repletas de infâmias e injúrias. Colaram papeluchos do mesmo teor na porta da casa paroquial. À noite faziam algazarra e tocavam trombetas ao pé da janela do seu quarto.

Deus permite, às vezes, que as almas mais puras sejam vítimas das mais odiosas calúnias, e disto não isentou nem mesmo os ministros do altar. Por ocasião dum facto escandaloso - uma infeliz moça que perdera a honra, acabava de ficar mãe numa casa Vizinha à do pároco - os miseráveis caluniadores tentaram manchar a reputação do servo de Deus. Não passou dum rumor efémero desvanecido pela sua própria virtude, pois jamais alguém surpreendera na sua conduta, alguma coisa digna da menor censura ou que desse motivo à mínima suspeita, Apesar disso, cobriram de imundícies a sua porta e não faltou quem por espaço de 18 meses o insultasse durante a noite, ao pé da janela, como se tratasse dum homem de vida dissoluta.

E parecia que nenhuma humilhação ou sofrimento moral lhe haveria de ser poupado. Em 1823 foi restaurada a diocese de Belley e Ars deixou de pertencer ao arcebispado de Lião. Monsenhor Devie, o seu novo bispo, não o conhecia. Começaram a chegar cartas anónimas às mãos do prelado, que achou do seu dever enviar o cura de Trévoux, deão do P. Vianney, a fim de colher informações sobre a conduta do Santo. Ignora-se de que maneira foi

feito o inquérito, o certo porém é que as caluniosas imputações ficaram sem efeito. Não seria talvez ao recordar-se desses penosos incidentes que, quase no fim da vida, costumava dizer: Se ao chegar a Ars tivesse sabido o que haveria de sofrer aqui, só com a notícia teria morrido. Realmente, viveu horas de verdadeira agonia. Certa ocasião, refere uma testemunha da sua vida, achou-se tão abatido pelos falsos boatos que alguns se atreveram a propalar contra a sua fama que estava para deixar a paróquia. E o teria feito se uma pessoa da sua intimidade não o tivesse convencido de que a sua retirada equivaleria a uma tácita confirmação das infames calúnias.

Então abandonou-se ainda mais nos braços da Providência. E enquanto o seu coração se revoltava contra a ignomínia - pois tratava-se da sua honra de sacerdote - perdoava aos culpados. Mais ainda: tratava-os como amigos. Se pudesse cumulá-los de benefícios o teria feito com gosto. Foi assim que ajudou num revés de fortuna uma família que o havia perseguido... Um dos seus membros morreu num manicómio, mas o P. Vianney, apesar de saber de quem se tratava, jamais fez menção disso e procurou todas as oportunidades para ser-lhes útil. Devemos rezar por eles, dizia ao Sr. Mandy, que estava indignado com o proceder daqueles infelizes. Aconselhou a um sacerdote que se queixava de ser vítima das calúnias dos maus: Fazei como eu, deixei-os dizer quanto queriam e assim pararam de falar.

As almas santas convertem em suavidade todas as amarguras. Sei, conta outra testemunha, que o P. Vianney não somente suportou com paciência tão indignos tratos, mas até encontrou no sofrimento um prazer sobrenatural. Mais tarde chamava a essa época o mais belo tempo da sua vida. Ele teria desejado que o bispo, convencido da sua culpabilidade, o afastasse da paróquia para só assim ter tempo de chorar na solidão a sua pobre vida. Em fevereiro de 1843 fez a muitas pessoas estas pasmosas confidências: Pensava que havia de vir um tempo em que me botariam fora de Ars a pauladas, ou que o Monsenhor me interditaria, vindo eu, mais cedo ou mais tarde, a acabar num cárcere.

Depois das informações do cura de Trévoux, ao ver que Mons. Devie, longe de tirá-lo da paróquia, sentia-se feliz em conservá-lo, exclamou: Deixaram-me aqui como um cãozinho amarrado a uma estaca. Conhecem-

me demasiado bem. Eis o Santo! O Cura d'Ars alcançou o grau mais perfeito de humildade. Não somente chegou a um completo desapego das honras, mas ao desprezo da própria honra e reputação. O sofrimento moral, longe de abatê-lo, foi-lhe um estímulo, e para a sua alma o cinzel de Deus, que a moldou como o escultor modela a estátua ao esculpir o mármore.

O P. Vianney teria podido defender-se publicamente, já que publicamente o atacavam. Mais de uma vez foi aconselhado que assim o fizesse. Ele porém preferiu calar e chorar diante de Deus. Felizmente, a sua vida, já admirável, falava muito alto em favor da sua virtude. A maior parte dos seus paroquianos - citaremos várias testemunhas - julgavam-no digno de todo o respeito. Era preciso que alguém fosse cego para caluniá-lo assim tão odiosamente. Ele que na sua juventude se havia negado, num excesso de delicadeza, a abraçar a própria mãe! Era tão modesto e recatado a ponto de nem sequer tocar uma criança. Quando as meninas do castelo se aproximavam dele, em companhia dos irmãos, acariciava a estes uma ou outra vez, porém jamais a elas. A sua escrupulosa atenção neste ponto era tal que repreendeu certa vez umas meninas por se haverem permitido a liberdade de tocar a mão de um eclesiástico forasteiro.

Durante as suas enfermidades, somente quis ser cuidado por homens. Com as mulheres que lhe prestavam algum serviço, encontrava meios, como já vimos, para que elas fizessem unicamente por amor de Deus tudo o que faziam por ele.

Quase não me atrevia a olhá-lo nem a falar com ele. Quando lhe prestava algum serviço, fazia-o, conforme creio, tão somente por amor de Deus e sem afeição natural alguma. Ao levar-lhe qualquer coisa, dispunha-me de antemão a ser despedida.

Assim se explica porque jamais teve criada. As piedosas mulheres, que se ocupavam algumas vezes na arrumação da casa paroquial, tinham ordem de não fazê-lo a não ser na sua ausência. Além disso, a reputação dessas senhoras estava acima de toda a suspeita.

Em presença das senhoras que o visitavam, a julgar pela brevidade das suas palavras, a modéstia dos olhos o grave do porte - nunca se sentava diante delas - haveríamos de tomá-lo por um anjo em corpo mortal. Dele

pôde dizer uma das mais assíduas penitentes: Os seus primeiros olhares penetravam até ao fundo da alma, porém, depois já não nos olhava mais. A individualidade nada era para ele. Só via almas para levá-las a Deus. Portanto, nada havia no P. Vianney de afeição, nem o que se poderia chamar afectação de prudência.

Finalmente ele mesmo assegura que se não fosse sacerdote, e sacerdote confessor, não teria conhecido o mal, o que só chegou a conhecer pelas confissões dos penitentes.

Dito isso, não é para admirar que as calúnias propaladas contra ele, por pessoas de má fé e mal intencionadas não tivessem encontrado o menor crédito na parte sã da população.

Os colegas de sacerdócio, ainda que dele nem sempre tivessem um justo conceito, pelo menos nunca se compraziam em ouvir tão detestáveis infâmias. Desde 1822 o P. Vianney começou a ter entre o clero reputação de santo, Os bons paroquianos não perdiam ocasião para defendê-lo. Algumas vezes, conta António Mandy, filho do maire, diziam-me os cretinos: Oh! o vosso Cura... é como os demais. Respondia-lhes: Enganai-vos. Há muito tempo que o observo. O nosso cura é um Santo.

Mais. O sacerdote tão indignamente caluniado encontrou mesmo entre os incrédulos defensores decididos. O Dr. Thiebaut, médico de Trevoux, que mais tarde se converteu, examinara o P. Vianney e não ignorava a causa do seu abatimento físico. Esse médico teve a lealdade de defendê-lo publicamente num café de Trevoux, contra uns espíritos fortes que O incriminavam.

A tempestade cessou para não mais voltar. O Cura d'Ars escolhera para si a humilhação; isso era o que lhe tocava. Mas Deus, que vinga o pobre das afrontas imerecidas não permitiu que a calúnia enxovalhasse por mais tempo a reputação daquele sacerdote que havia de espargir melhor do que ninguém o bom odor de Cristo entre os homens. Jamais, desde que se estabeleceu aquela famosa corrente de peregrinos, ninguém se atreveu a pôr em dúvida a sua perfeita virtude. Para alguém convencer-se disso bastava contemplar o puro candor dos seus olhos azuis. E mesmo alguns

acontecimentos de significação extraordinária começaram a atrair a atenção das multidões.

Um dia, era em 1853, a mãe dum sacerdote, a sra. Gauthey de Montchanin, em Saone-et-Loire, conservámos essa narração - rezava na Igreja perto do confessionário do Santo. Então viu comovida uma mulher que há muito tempo chegara à aldeia e ainda não conseguira aproximar-se do P. Vianney. Era, conforme lhe disseram, pessoa de má vida. Apesar dos rogos e lágrimas, não podia chegar ao confessionário. Vinte e cinco anos depois, ocorreu outro facto que teve todas as aparências duma coisa maravilhosa e que na ocasião tomou a forma de um símbolo.

A castelã de Garets tinha o costume de oferecer cada ano ao Sr. Cura, por ocasião da festa de S. João Baptista, um ramalhete de flores de lírios. Não podendo certa vez oferecer-lhe na véspera, como costumava, entregou-lhe na sacristia. O P. Vianney tomou o ramalhete, admirou-lhe a frescura, e disposição, colocando-o na janela onde o sol ardente daquela estação devia crestá-lo dentro em breve. Passados oito dias, as flores conservavam ainda toda a frescura e perfume.

Aquelas flores que por tanto tempo conservavam a brancura da sua corola e a rigidez dos seus pestilos de ouro, sob aquele sol de verão eram o símbolo magnífico duma reputação imaculada que a mancha ignóbil jamais pode empanar.

As injúrias dos homens não foram as únicas provas que o P. Vianney teve de suportar durante os primeiros anos da sua vida apostólica. Enquanto de fora o assediava a maledicência, interiormente sofria angústias doutra espécie.

Apesar da grande fé na Providência, à vista do que ele chamava a sua profunda miséria e das obrigações do seu cargo lhe inspirava um grande temor dos juizos divinos... Chegou a ponto de sentir tentações de desespero. Deus meu, exclamava entre gemidos, fazei que eu sofra quanto vos aprouver, mas concedei-me a graça de não cair no inferno. E passava do

temor à esperança e da esperança ao temor. Ele conheceu aquelas situações terríveis em que a alma não recebe consolação das coisas terrenas, às quais não mais se prende, nem do céu onde ainda não habita; nestas horas cruciantes a alma crê-se totalmente e para sempre abandonada por Deus. Era então que ele desejava fugir, ir-se para qualquer solidão, a fim de chorar a sua pobre vida.

Na verdade, a cruz que suportava era pesada demais. Mas, depois que começou a amá-la, quão suave lhe pareceu!

Sofrer amando, dizia ele, não é sofrer... Fugir da cruz, pelo contrário, é querer ser esmagado. É necessário pedir o amor às cruzes; então tornam-se suaves. Eu o experimentei durante quatro ou cinco anos. Fui muito caluniado e objecto de contradições. Ah! tinha muitas cruzes; talvez mais do que podia carregar. Pus-me a pedir o amor da cruz e desde então sou feliz! Agora digo: verdadeiramente, só na cruz está a felicidade.

Assim sendo, ainda que as mais violentas tempestades lhe tivessem assaltado a alma, não poderiam chegar àquele cume onde habita a confiança e a paz.

Um dia, conta o P. Alfredo Monnin, então jovem missionário, perguntei-lhe se os seus sofrimentos algumas vezes lhe fizeram perder a paz. A cruz, exclamou com celestial expressão, a cruz pode fazer-nos perder a paz!... Mas é ela que nos há de infundí-la em nossos corações. Todos os nossos males provém de que a não amamos.

À essa fé inquebrantável deveu o Cura d'Ars não só o não ter sucumbido, nem desalentado, mas também o ter realizado obras que outros sacerdotes, humanamente mais bem dotados do que ele, porém menos sobrenaturais, não se teriam atrevido a empreender, demonstrando com isso que grandeza moral - e que méritos - podem tirar-se das humilhações desta vida. O P. Vianney continuou trabalhando por Deus sem esperar dos homens recompensa alguma. Quando se trabalha sem prazer e sem gosto, dizia ele, trabalha-se muito mais por Deus. É possível que me tirem daqui, entretanto procedo como se tivesse de ficar para sempre.

Assim mesmo com respeito ao P. Vianney a espada, pouco a pouco, ia gastando a bainha. Gostava de triunfar à força de paciência, porém essas lutas internas o minavam. Durante o verão de 1827, consentiu em ir ao castelo para consultar o médico. O Dr. Timecourt mostrou-se severo. Prescreveu ao heróico penitente um melhor regime a fim de se prevenir contra moléstias nervosas, às quais era propenso e que se poderiam tomar crônicas...

Além dos medicamentos que lhe receitei, acrescentava o médico nas suas meticulosas prescrições, convém que o Sr. Cura tome sopa com azeite, coma frango, vitela, frutas cruas ou cozidas, pão fresco, torradas com manteiga e mel; pode ainda tomar cerveja, chá com leite, adoçado, e muitas uvas bem maduras.

Ninguém de quantos rodeavam o P. Vianney soube dizer como cumpriu as prescrições médicas. É de crer que as não tomou muito em conta. Somente consentiu, depois desta consulta gratuita, em aceitar das mãos da castelã de Ars um pacote de chá em flor.

Não passava dos quarenta anos e já se sentia esgotado. Ele tinha febre continuamente. Fosse pelas fadigas físicas ou pelos sofrimentos morais, o facto é que pelo fim de 1827 ou no começo de 1828 pediu remoção para outro lugar. Os moradores do castelo se inquietaram vivamente. E para conservarem o seu cura fizeram várias diligências junto a Mons. Devie, cuja resposta se fez esperar.

Não creio, escrevia a 1º de abril de 1828 o Sr. Gillet de Valbreuse à sua prima de Garets, que S. Exa. conceda licença ao P. Vianney para sair, sem antes se inteirar dos motivos de semelhante proceder. E depois, que seria da escola?

A escola em questão era a *casa da Providência*, obra de grande vulto, à qual o jovem cura parecia ter afeiçoado de modo particular o seu coração. Por ela igualmente se interessava o castelo. A saída do fundador comprometia a própria existência daquele edifício.

Apesar disso, Mons. Devie não desatendeu à petição do P. Vianney, propondo-lhe a paróquia de Fareins. Em vista da situação era isso uma

promoção e ao mesmo tempo uma resposta aos caluniadores de há pouco. Naquela paróquia vizinha de Ars, cinco vezes maior que esta, o santo varão poderia fazer maior bem e fundar uma outra *Providência* que recolhesse maior número de órfãos do que a primeira. O Cura hesitou, mas, depois achou preferível aceitar. Repentinamente porém, reparando na sua miséria, mudou de parecer. Desgraçado que sou disse às directoras da escola. Ia consentindo em ir para uma grande paróquia, quando mal posso resistir aos desalentos numa pequena. E escreveu ao Monsenhor, pondo-o ao corrente de sua última decisão.

O bispo de Belley, que já conhecia o zelo do Cura d'Ars, tivera as suas razões para lhe oferecer a paróquia de Fareins. No século XVIII essa importante cidade do Ain havia passado por provas pouco comuns, e a fé dos seus habitantes, até então bons católicos, fora profundamente abalada.

Pouco antes da Revolução, os irmãos Cláudio e Francisco Bonjour haviam formado ali uma seita sob a inspiração dos dois párocos sucessivos, ambos jansenistas. Essa seita chamava-se: Fareinista. Eram fanáticos, que, com mulheres à frente, sobrepujavam os excessos dos antigos *Flagelantes*. A sua felicidade consistia em se deixarem açoitar até verter sangue. A jovem Estefânia Thomasson, cedendo a fanáticas sugestões, consentiu em se deixar crucificar na própria igreja... Já se vê que semelhantes loucuras, só podiam conduzir à imoralidade e ao cepticismo.

Em 1828, a metade da paróquia de Fareins ainda aderira à doutrina dos irmãos Bonjour. Era precisamente para conduzir ao aprisco da Igreja aqueles filhos por tanto tempo desviados que Mons. Devie pensou no P. Vianney. Dar-lhes-ia um coadjutor e assim ele sentiria menos o peso do ministério. Não resta dúvida que em Fareins continuaria com os seus jejuns e penitências, e que por isso a mudança de situação não lhe haveria de restabelecer a saúde.

Porque se julgou obrigado a recusar definitivamente o novo posto? Temia não poder cumprir com os encargos da sua missão. Os Fareinistas eram irredutíveis. Equivocadamente, mas de boa fé, pensou que outro qualquer, melhor do que ele, poderia arrancá-los da obstinação. Certo dia disse ao P. Dubouis, que foi nomeado cura de Fareins, em 1834, permanecendo ali 48 anos: Mons. Devie queria pôr-me onde está V.

Revma., porém tive medo da seita. Os pagãos se convertem mais facilmente que os jansenistas. Certa vez quatro pobres paroquianos de Fareins vieram perguntar-me se podiam salvar-se sem ir à igreja ficando a rezar em casa. Meus amigos, respondi-lhes, que pensaríeis dum filho que dissesse: eu amo muito o meu pai, porém, quanto a minha mãe, não quero vê-la.

Mons. Devie não insistiu mais com o P. Vianney, e sem fazer novas propostas deixou-o na sua pequena aldeia.

CAPÍTULO VIII

As conquistas do bem e as obras de Apostolado

A força da elite - O jansenismo da castelã de Ars - As adoradoras da primeira hora - O velho Chaffangeon - Para conquistar os jovens e os homens: A confraria do Santíssimo Sacramento - Para recristianizar as famílias: a oração em comum, as boas leituras e o exame de consciência - Os segredos da vida interior ensinados aos camponeses - Missões aos arredores - Na grande missão de Trevoux - Em Sant-Trivier: Morreu o Sr: Cura - O entusiasmo pelo jubileu de S. Bernardo - A "peça" do cura de Limas - O regresso através da neve - Ajuda aos colegas, substituindo-os: batismos, enterros, visitas a enfermos nas paróquias vizinhas.

As injúrias que sofreu o P. Vianney nos primeiros anos do seu apostolado foram obra de alguns espíritos ignorantes, cegos ou perversos. Já temos visto que não eram só espinhos as plantas medradas no campo que Deus lhe confiara: também desabrochavam flores de inocência, flores de piedade, belas e perfumadas. O Cura d'Ars dedicou-se a cultivá-las e a multiplicá-las.

Em boa hora lembrou-se de organizar uma elite que, formando com o sacerdote o coração da paróquia, o ajudasse na obra de penetração e conquista. Este humilde Cura de aldeia teve a clara intuição muito antes que os do seu tempo e da sua vizinhança, que a devoção à Sagrada Eucaristia - cujo influxo de outro lado ele mesmo não deixava de sentir - é e será sempre o meio eficaz de renovação cristã entre os povos.

A castelã de Ars era uma católica muito caridosa e serviçal. Contudo não se podia dizer que fosse muito fervorosa. A sua piedade era austera e acanhada. Até então lhe havia faltado um director espiritual clarividente e seguro. Era, a darmos crédito ao seu primo João Félix de Garets, uma daquelas almas que sob a influência do século precedente se endureciam e dissecavam nos rigores do jansenismo... Habituada a uma vida metódica, porém alheia aos sacramentos, foi levada pouco a pouco pelo P. Vianney à comunhão frequente e à prática duma terna piedade.

Dali por diante começou a ser vista assistindo à santa missa todas as manhãs. Ia a pé em qualquer estação do ano, mesmo no tempo de neve, pois preferia antes alimentar e vestir os pobres do que andar num coche.

Pela tarde voltava novamente ao povoado, onde sentia grande prazer em visitar o SS. Sacramento.

À castelã de Ars juntaram-se os que, ao lado do P. Vianney, formaram os obreiros da primeira hora. Tais foram a viúva Claudina Renard, mãe do jovem sacerdote Lacand, pessoa discretíssima de 60 anos, da qual suspeitavam - diz Catarina Lassagne na sua linguagem nativa - que tivesse sido irmã religiosa, porque se vestia de preto, ou talvez porque vivera em comunidade, a jovem Antónia Pignaud que, atraída pela fama de santidade do ex-coadjutor de Ecully, viera fixar residência em Ars para se edificar cada dia mais com o espectáculo das suas admiráveis virtudes... Essas poucas pessoas fervorosas conquistaram outras. Mais tarde se lhes juntaram as jovens que o P. Vianney congregara na *confraria de Rosário*, e depois as directoras da casa da *Providência*, as quais logo veremos trabalhando. De sorte que desde 1825, antes ainda das peregrinações, além do Sr. Cura, que por assim dizer, passava a vida diante do Santíssimo Sacramento, na Igreja sempre houve pessoas em oração. Não me lembro diz o professor Pertmand, de jamais ter entrado ali sem encontrar alguém em oração.

Muitas dessas excelentes cristãs, a quem o Cura d'Ars, segundo frase de Marta de Garets, "havia inflamado no fogo da sua própria caridade", morreram como santas.

Essas boas almas, sem que elas mesmas soubessem, começaram também a palmilhar os caminhos da mística.

Nas prolongadas visitas ao Santíssimo, poucas coisas diziam ao Senhor, porém sentiam-se tão felizes na sua presença!... Eia, minha alma, pareciam dizer, usando as mesmas palavras do asceta que se achava ali ajoelhado, redobremos o fervor. Tu és somente para adorar o teu Deus, cujos olhares recaem sobre ti....

Sem que a princípio o P. Vianney se desse conta, um bravo agricultor de Ars ia seguindo o exemplo daquelas piedosas senhoras. Luís Chaffangeon fazia parte da antiga *confraria do SS. Sacramento*, mas até então pouco se tinha distinguido dos outros, contentando-se com levar uma tocha nos dias de bênçãos e procissões. Homem de fé profunda, mas um tanto perdido entre os gentios como Job e Tobías, deixou-se conquistar pelas vivas

exortações do pároco. Ouçamos como o P. Vianney nos narra essa emocionante história:

Havia aqui na paróquia um homem que morreu há poucos anos. Pela manhã, entrando na igreja para rezar as suas orações antes de ir para o campo, deixou os utensílos à porta e se esqueceu de si mesmo diante de Deus. Um vizinho que trabalhava no mesmo lugar e que costumava vê-lo estranhou-lhe a ausência. Voltando, resolveu entrar na igreja, julgando talvez encontrá-lo ali. De facto o encontrou. Que fazes aqui tanto tempo? perguntou-lhe. Ao que ele respondeu: Olho para Deus e Deus para mim.

A esta singela narração que gostava de repetir e que o fazia chorar cada vez, o Cura d'Ars acrescentava: Ele olhava para Deus e Deus olhava para ele. Tudo consiste nisso, meus filhos.

O P. Vianney julgou muito acertadamente que a paróquia só se entregaria de um modo sério às práticas religiosas no dia em que ele tivesse conquistado para Deus os jovens e os homens.

Para levá-los ao culto da Eucaristia nada fez de novo, mas contentou-se apenas em infundir nova vida na *Confraria do SS. Sacramento* que já agonizava. Os homens, dizia ele, têm, como as mulheres, uma alma a salvar. Em tudo costumam ser os primeiros, por que não o hão de ser também em servir a Deus e em render homenagem a Jesus Cristo no sacramento do seu amor? A devoção torna-se mais influente quando eles a praticam... E não vos enganeis, acrescentava, dirigindo-se aos membros da associação eucarística, vós como confrades que sois, estais obrigados a levar uma vida mais perfeita do que o comum dos cristãos.

É justo confessar que, com os jovens e os homens de Ars, o P. Vianney não obteve o êxito que desejava. Aliás, levado pelo ardente zelo, exigia demais. Compreende-se sem dificuldade que não pôde conseguir deles, conforme o exigiam os estatutos da confraria, a visita diária ao SS. Sacramento. Os trabalhos do campo traziam-nos ocupados da manhã à noite. O bom Chaffangeon não encontrou, pelo que se sabe, perfeitos imitadores. Apesar disso, o fim da associação foi conseguido satisfatoriamente. Os homens começaram a comparecer mais regularmente aos ofícios dos domingos, com aquele porte irrepreensível que haveria de

ser a admiração dos visitantes. Um bom número chegava a passar uma hora inteira depois das vésperas, diante do SS. Sacramento exposto.

Na festa de *Corpus-Christi* de 1818 nada houve de particular, pois o P. Vianney não teve tempo para organizá-la, mas em 1819 empregou nela toda a pompa possível. Fez gastos consideráveis para vestir de branco os meninos da paróquia. Vamos, lhes dizia - enquanto ele mesmo lhes punha a túnica - agora pensem que estão diante de Deus, e que fazem as vezes de anjos.

Sem dúvida, os meninos do lugar ficaram encantados ao desempenharem semelhante papel. Os maiores, pelo contrário, pareciam menos satisfeitos em representar a Igreja militante, pois eram ainda escravos do respeito humano. Muitos tiveram dificuldade em receber uma tocha e levá-la atrás do púlpito. Praticamente, conforme testemunham os registos da paróquia, de 1824 a 1839 só uns cinquenta confrades se mostravam fiéis aos compromissos assumidos. É verdade que o P. Vianney não os obrigava em consciência. A confraria do SS. Sacramento, a princípio destinada só para homens, mais tarde admitiu também senhoras e moças. que se mostraram muito mais solícitas. Doutra lado, e não deixa de ser curioso, vários homens e moços conseguiram inscrever-se na *Confraria do S. Rosário*, fundada unicamente para senhoras, onde as obrigações eram menos onerosas. Assim mesmo, quando, em 17 de dezembro de 1845, o P. Vianney filiou a paróquia na *arqui-confraria de Nossa Senhora das Vitórias*, instituída em Paris para a conversão dos pecadores, 60 homens e jovens pediram para nela serem admitidos. Essa devoção não exigia mais que a recitação quotidiana duma *Ave-Maria*, e além disso, é bom notar, ela tornou-s muito estimada do Cura d'Ars, cuja autoridade e renome se haviam tornado incomparáveis.

O P. Vianney muito bem previa que as obras chamadas paroquiais não chegariam nunca a reunir mais do que uma elite. Restavam-lhe porém outros meios para exercer a sua benéfica influência. Tentou fazer penetrar em cada lar uma vida verdadeiramente cristã, intensa e sólida. Aqueles labregos que deviam ganhar o pão de cada dia não assistiam à missa durante a semana, mas não lhes seria possível rezar as orações da manhã e da noite e ao menos passar um momento na igreja antes do descanso noturno?...

Em 1818 não se rezava na paróquia. Sobre esse particular é preciso ouvir as lamentações do jovem sacerdote. As famílias haviam deixado o belo costume da oração em comum, e o P. Vianney trabalhou com todas as forças para restabelecer a antiga tradição. Depois, por uma transição natural, procuraria transformar essa oração privada em exercício público. Está próximo o tempo em que, ao cair da noite, o sino de Ars, todos os dias do ano, fará a chamada. Então veremos a grande família paroquial acorrer de todos os lados para a recitação do rosário e da oração da noite.

O P. Vianney ousaria mais ainda. Procuraria inspirar naqueles humildes trabalhadores algumas práticas de devoção menos comuns, porém que tornassem mais perfeita a piedade. Deste modo lhes aconselharia o exame de consciência diária e uma breve leitura edificante antes de se deitarem, ao menos no inverno. Isso para que gravassem mais profundamente nos corações as verdades da salvação eterna.

O Cura d’Ars nunca pensou que as pessoas dedicadas aos trabalhos do campo ou aos ofícios manuais fossem incapazes de vida interior. Aos simples camponeses que sempre viviam em presença da natureza - esse livro de Deus - ele ensinava o segredo de orar e meditar:

Meus irmãos, não são as longas e belas orações que Deus escuta, mas as que saem do fundo do coração... Nada é mais fácil e consolador do que orar a Deus.

Às almas mais delicadas que sabia distinguir dentre a multidão - os santos têm santas audácias - haveria de mostrar as alturas mais alcantiladas. O P. Vianney não tinha dois modos de conceber a vida sobrenatural: um para si e outro para os demais. Deste modo o Cura d’Ars derramava sobre certas almas privilegiadas o que transbordava do seu próprio coração.

Quando amamos alguém, acaso temos necessidade de vê-lo para pensar nesse alguém? Sem dúvida que não. Assim, pois, se amarmos a Deus, a oração nos será tão familiar como a respiração ... Oh! como me agradam essas palavras ditas pela manhã: Hoje quero fazer tudo e tudo sofrer para glorificar a Deus... Nada pelo mundo ou por interesse; tudo para agradar ao meu Salvador. Dessa maneira a alma se une com Deus, não vê senão a Ele. Digamos frequentemente: Deus meu, tende piedade de mim, como uma

criança diz à sua mãe: dai-me pão ... dai-me a mão ... Se nos sentimos carregados com algum fardo oneroso, pensemos logo que vamos seguindo as pegadas de Jesus Cristo, carregando a cruz. Unamos as nossas penas às do Divino Salvador.

Muitos dos seus paroquianos seguiam à letra esses ensinamentos. Os peregrinos podiam admirar pelas ruas de Ars a serenidade de certos semblantes, reflexo da paz perfeita, de almas que constantemente vivem unidas com Deus.

Muitas paróquias limítrofes aproveitaram-se de tais exortações. O dever e a caridade prendiam o P. Vianney à sua igreja; o dever e a caridade dela o afastavam de tempos em tempos.

Em 1820, as ruínas morais, acumuladas pela Revolução, estavam muito longe de terem sido reparadas. Quanta ignorância ainda, que estragos, que corrupção por toda a parte! Mas a região de Ain, pertencente à arquidiocese de Lião, pelo que parece, estava em piores condições do que todo o resto. Tristes símbolos de almas abandonadas, os campanários destruídos no tempo do representante Albite, em nenhuma parte ainda haviam sido restaurados. Durante 30 anos o território compreendido na antiga diocese de Belley não tinha recebido mais do que uma vez a visita do seu chefe, o arcebispo de Lião. Por falta de sacerdotes, muitas paróquias pequenas daquela região continuavam sem pároco, e, provavelmente, sem a influência benfazeja da família de Garets, a pequena aldeia de Ars teria tido a mesma sorte.

A única maneira, portanto, de despertar aquelas almas do torpor em que jaziam, abandonadas por tanto tempo, não seria pregar frequentes missões? Com este objetivo, os sacerdotes duma mesma comarca uniam os seus esforços já que os missionários da Cartuxa de Lião, chamados ao mesmo tempo de todas as partes, não bastavam para tal obra. Foi por isso que o Cura d'Ars exerceu em muitas paróquias vizinhas as funções de confessor e pregador. Tomou parte nas missões e jubileus de Trévoux, Saint-Trivier-sur-Moingnans, de Montmerle, de Chanais, de Limas e de Saint Bernard. Quer

a convite, quer a mandado do bispo, o P. Vianney se entregava ao ministério das almas com toda a alegria e entusiasmo. Os sacerdotes que o viam trabalhar no começo puderam duvidar da sua ciência e do seu talento, mas não tardaram a tê-lo em grande estima. A austeridade da sua vida, a sua devoção, e - quem o diria - a sua própria eloquência, livre de todo o artifício, lhe ganharam a confiança e a admiração de todos.

Na grande missão de Trévoux, que durou de 9 de janeiro a 24 de fevereiro de 1823, obteve sucessos admiráveis. A capela onde ouvia confissões nunca ficava vazia. Hospedava-se em casa de um antigo discípulo de Verrieres, chamado Morel, que se tomara hoteleiro. À noite o bom amigo debalde o chamava para a ceia. Muitas vezes depois da meia-noite ia procurá-lo na igreja e o encontrava atendendo os fiéis. Na noite que precedeu o encerramento da missão foi tal a afluência em torno do Cura d'Ars que pouco faltou para que a multidão, atropelando-se, arrastasse confessor e confessionário. Esta cena de Trévoux era a única que gostava de contar, rindo-se a bom rir. De propósito evitava falar naquela concorrência de pessoas ávidas da sua direcção e nas conversões devidas ao seu zelo. Os funcionários da subprefeitura e do tribunal de justiça foram consultá-lo em questões de consciência. Cumpriu o seu delicado ministério com desinteresse inteiramente apostólico, sem distinção de pessoas.

Dali em diante o subprefeito só falava nele com admiração. Ainda que louvasse a sabedoria e a doce firmeza dos seus conselhos, afirmava com um sentimento de mágoa submissa e resignada que O Cura d'Ars fora implacável para com os serões e os bailes da subprefeitura. Época privilegiada aquela em que os subprefeitos recebiam a direcção de um santo!

Naqueles tempos, ao terminar a missão celebrava-se diante dos fiéis reunidos uma cerimónia em que os sacerdotes renovavam as promessas da ordenação. Em Trévoux foi o P. Vianney quem apresentou os Evangelhos a cada um dos colegas pronunciando as palavras do ritual: Crês nos santos Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo? Fê-lo com tanta piedade e unção que o seu semblante e o tom da sua voz produziram uma profunda emoção em todos os sacerdotes.

Quando o P. Vianney se ausentou de Ars durante 15 dias, por ocasião da missão de Saint-Trivier, uma terrível notícia foi alarmar os seus paroquianos. Correu o boato de que tinha morrido de fadiga no confessional. O rumor, que não carecia de fundamento, foi logo desmentido. Provinha do facto de que, partindo muito cedo para Saint-Trivier e em jejum, se perdera na cerração, caindo desfalecido. A fim de se confessar com ele vinha gente mesmo das paróquias vizinhas. Ia de manhã para a igreja e ouvia confissões até ao meio-dia. A igreja era glacial. Ofereceram-lhe um esquentador para os pés. Aceitou-o por condescendência, colocando-o ao lado sem o usar. Em Montmerle, por ocasião do jubileu de 1826, como não houvesse lugar suficiente na casa paroquial, o P. Vianney hospedou-se na casa da senhora Mondesert, que morava na rua dos Mínimos, junto à igreja.

Apenas instalado na casa dessa sexagenária que exercia, sem nenhuma remuneração, as funções de sacristã, o Cura d'Ars pediu secretamente à criada que lhe cozinhasse uma panela de batatas e a colocasse no seu quarto. Findo o jubileu, o pároco de Montmerle foi agradecer à boa senhora e pagar os gastos que fizera com o hóspede.

Ah, Sr. Cura, por um par de trapos, não vale a pena...

Mas a alimentação? Ele não comeu na casa paroquial!

Aqui tão pouco nada comeu, replicou-lhe a senhora Mondesert. Somente permanecia aqui 5 minutos ao meio-dia. Nesse momento interveio a criada e contou a história da panelada de batatas. Subiram ao quarto e encontraram atrás da estufa a panela completamente vazia.

O P. Vianney, durante os 10 dias que esteve em Montmerle, sem deixar a igreja, por assim dizer, não comera mais do que aquelas batatas. O cura de Montmerle fez uma investigação na paróquia. O santo colega não tinha comido nem uma vez em casa de pessoa alguma.

Por ocasião do jubileu de S. Bernardo só ele se apresentou para ajudar o pároco da respectiva paróquia. Toda a gente se dirigia ao Cura d'Ars e o outro não parecia ofender-se com semelhante preferência. A uns colegas, que então foram visitá-lo, dizia sorrindo: Tenho um bom operário; trabalha

bem e não come nada. O povo em massa ia ouvi-los. Os trabalhadores e as criadas das granjas, não querendo perder os seus sermões, deixavam o trabalho e corriam à igreja.

Se for preciso pagar o tempo perdido - diziam aos patrões atónitos - pagá-los-emos, mas também nós queremos ouvir o Cura d'Ars. Em S. Bernardo fez um bem considerável e de longa duração.

Por aquele tempo foi convidado pelo pároco de Limas para pregar o exercício das Quarenta Horas. Lá, contava ele, pregaram-me uma *peça*. Escusei-me porque me sentia incapaz de falar diante de um auditório tão selecto mas o Sr. Cura me disse que se tratava duma paróquia rural. Fui... Ao entrar na igreja vi o coro cheio de eclesiásticos e a igreja repleta de pessoas de todas as condições sociais. No início fiquei muito acanhado. Não obstante, comecei a pregar sobre o amor de Deus e *parece que aquilo ainda ia bem*: todos choravam. Antes de partir para esses trabalhos evangélicos tinha o cuidado de assegurar o serviço da sua paróquia, pedindo a algum colega vizinho, principalmente ao de Savigneux, que distava apenas 2 quilómetros de Ars, para o substituir em casos de necessidade. Demais, cada semana visitava sem falta a querida grei com a qual sempre passava o domingo. Durante a missão de Trevoux, em pleno mês de janeiro, o heróico pastor, terminadas as confissões, fazia a pé em noites escuras, por aqueles caminhos, as duas léguas que o separavam da paróquia. O Sr. Mandy, solícito pelo seu santo Cura, costumava mandar aos sábados o filho António para que o acompanhasse no regresso.

Ainda mesmo nos dias de neve e frio, contava António Mandy, raramente seguíamos o caminho mais curto e melhor de transitar. O Sr. Cura sempre tinha que exercer o seu ministério junto a algum enfermo. Entretanto, o trajecto jamais me pareceu longo, pois o servo de Deus sabia abreviá-lo contando episódios interessantes da vida dos Santos. Se às vezes eu fazia algum comentário sobre a crueza do frio ou as dificuldades do caminho, a sua resposta estava sempre pronta: Os santos, meu amigo, sofreram muito mais. Ofereçamos isto a Deus. Quando parava de falar em coisas espirituais, rezava-se o rosário. Conservo ainda hoje edificante recordação daquelas santas conversações.

O Cura d'Ars, que em toda a sua vida de sacerdote jamais fez uma só viagem de puro recreio, sabia sair da vida ordinária para ajudar os colegas, e isso até nos últimos anos. Por sua sobrenatural bondade não se negava a nada, achando-se sempre disposto para tudo. Como santo que era, deixou-se explorar para o bem. É verdade, foi dito por uma jovem santa, que a gente se sente menos constrangida em pedir auxílio aos que sempre se manifestam dispostos a aceder.

Se uma paróquia ficava vaga, como aconteceu com a de Rance, em Saint-Jean-de-Thurigneux, o P. Vianney encarregava-se dela interinamente. O colega de Ars punha-se espontaneamente à disposição de alguns pobres párocos, velhos e doentes, tais como os de Villeneuve e Mizérieux, que não podiam cumprir bem o seu ministério, pronto a acudir à primeira chamada, tanto de noite como de dia. À noite ia visitar os doentes de Rance, de Saint-Jean-de-Thurigneux, de Savigneux e de Ambérieux-en-Dombes. Se alguém o chamava num domingo, partia logo depois da missa, sem entrar na canónica, voltando ainda em jejum para cantar as vésperas.

O P. Julian Ducreux, antigo reitor do Seminário Menor de S. João de Lião e pároco desde 1808 de Mizérieux, Tousseux, Sainte-Euphème e Saint-Didier-de-Formans, estava esgotado pelo muito trabalho.

O P. Vianney, como parece, tinha boas relações de amizade para com aquele ancião, seu vizinho. Talvez o P. Ducreux tivesse sido um grande amigo do saudoso e pranteado P. Balley. Seja como for, o certo é que consta nos registos de Mizérieux ter o Cura d'Ars, de abril de 1820 a maio de 1821, percorrido muitas vezes os 3 quilómetros que separam os dois pequenos centros paroquiais, para baptizar, casar ou enterrar os paroquianos do P. Ducreux. Num dia de frio terrível, ele foi fazer um enterro. Ao regressar parecia estar gelado. Outra ocasião, depois de ter exercido o ministério em idênticas circunstâncias, meteu-se de noite por caminhos cheios d'água e lama. Chegou a casa num estado que fazia pena, mas não se queixou. Pelo contrário, parecia contente e satisfeito.

Certo dia, estando ele mesmo muito doente, foi a pé visitar certo enfermo em Savigneux para ouvi-lo em confissão. Estava tão fraco que teve de voltar num carro. O mesmo aconteceu num dia chuvoso de outono ao ser chamado para uma família de Rance, que reclamava os socorros do seu

ministério. Molhado até à medula dos ossos, ardendo em febre, quando chegou junto do doente viu-se obrigado a se recostar na mesma cama. Nessa posição ouviu-lhe a confissão. Estava mais doente do que o próprio doente, disse ao regressar.

Outro facto que encontramos nos registos de Savigneux é o seguinte: No dia 15 de julho de 1823 o P. Vianney foi baptizar uma criança, filha de Pedro Lassagne e de Francisca Thomas, da aldeia de Juys. Sem dúvida quis, nessa ocasião, honrar aquela família, parenta de uns bons católicos da sua paróquia. A madrinha era Catarina Lassagne, que neste tempo contava 17 anos e estudava para ser professora na sua terra natal.

Jamais recusou coisa alguma, a não ser que esta lhe fosse impossível, dispendendo toda a vida em bem dos outros, sem nenhum interesse próprio. A jovem Bernard, de Fareins, que sofria de câncer, queria ter a suprema consolação de ver pela última vez o Cura d'Ars, de quem ouvia narrar coisas maravilhosas. O P. Dubouis escreveu ao P. Vianney algumas palavras, comunicando-lhe o desejo da doente. Era quinta-feira santa de 1837, e o servo de Deus, segundo o seu costume, haveria de passar toda a noite na igreja! Partiu em seguida para Fareins. Mas tendo-se perdido no caminho, chegou coberto de pó e morto de fadiga. Não quis aceitar nem um copo d'água. Já era tal a sua fama de santidade que a vizinhança acudiu em tropel para o ver. O humilde sacerdote, depois de ter abençoado e confortado a pobre cancerosa, apressou-se em regressar à sua paróquia, sem ao menos aceitar um carro que lhe ofereciam.

Em 1852, diz o P. Beau, cura de Jassans e confessor ordinário do P. Vianney durante 13 anos, caíu gravemente enfermo. O colega de Ars veio visitar-me. Era pela tarde do dia do Corpo de Deus, 11 de junho. Fez toda a viagem a pé, sob um calor senegalesco. E isso, depois de ter feito a procissão do SS. Sacramento.

E quantos rasgos deste género ficaram no esquecimento! Ultrapassaram as forças humanas, e só se explicam pelo zelo levado até ao heroísmo.

Assim foi, exclama Catarina Lassagne, como o nosso Cura se sacrificou pelas almas".

CAPÍTULO IX

A Providência de Ars

Projecto de escola para meninas - As jovens mestras - Instalações e começos- Criação duma casa de Providência - O Cura d'Ars esmoler e mendigo - As horas críticas - O milagre do celeiro - O milagre da amassadeira - A Providência, obra benemérita de primeira ordem - A boneca e a pequena - Algumas mortes admiráveis - Escola-modelo - Modelo de educação popular - A obra predilecta do Santo - Os catecismos na Providência - Nova capela e anseios de solidão.

Ars não possuía escolas dignas deste nome. Não havia professores. No inverno chamava-se um professor de fora e todos juntos, meninos e meninas, iam para a mesma classe: Isso desgostava muito o Sr. Cura, pelo que tomou a resolução de criar duas escolas na aldeia. De comum acordo, o excelente Sr. António Mandy pôs-se à procura de um professor experimentado e apto, que se instalasse provisoriamente no local posto à disposição pela comuna, para dar aulas somente aos meninos. Esforçou-se por encontrar na paróquia o professor segundo o seu desejo. Esse professor tão procurado só começou a leccionar, como veremos, em 1838. Era um forasteiro, bom cristão, chamado Gaillard. Encarregou-se da educação dos meninos. A não ser no inverno, teve muitas dificuldades nos primeiros anos em reunir os seus alunos. Entretanto, que seria das meninas?

De 1820 a 1823, enquanto algumas boas pessoas de Ars se encarregavam delas e lhes ensinavam as primeiras letras, o P. Vianney amadureceu o seu projecto e arranjou alguns recursos. Procurou na própria paróquia as futuras professoras. Para cargo tão delicado escolheu duas jovens humildes e piedosas: Catarina Lassagne e Benita Lardet. Até então se dedicavam ao trabalho do campo. Não possuíam muita instrução, nem experiência, mas um espírito perspicaz e grande bom-senso, além dum carácter ao mesmo tempo enérgico e delicado. Nos princípios de 1823 o P. Vianney mandou-as a Fareins, para o colégio das religiosas de S. José. Os gastos da pensão correram por sua conta. Ali, não somente repetiram os estudos primários, mas também se iniciaram nas futuras ocupações, leccionando às alunas menores daquele colégio.

Em março do mesmo ano o Cura d’Ars adquiriu uma nova casa, chamada nos documentos Maison Givre, construída perto do cruzeiro da igreja. Para comprá-la recorreu à caridade dos fiéis, e sacrificou tudo quanto possuía de bens particulares. Era seu desejo estabelecer ali um colégio, como o faz notar António Mandy nos registos municipais. A casa não era nem luxuosa, nem grande. Tinha uma única sala ao rés do chão, onde se davam as aulas, e no andar superior dois quartos menores. No conjunto era suficiente para comportar umas 20 meninas, além das professoras. Demais, as outras escolas da aldeia não tinham maior capacidade. Essa casa agradou ao P. Vianney por se achar no centro de Ars e perto da igreja. Somente que, ao fazer o pagamento, ficou tão falto de dinheiro, a ponto de nada ter com que passar logo a escritura junto ao notário. A escola, gratuita para meninas, foi aberta em 1824, sob a direcção de Catarina Lassagne e de Benita Lardet. Joana Maria Chanay, de Jassans, de 26 anos de idade, a quem o P. Vianney com os seus conselhos havia curado de certos ressaibos mundanos, desde os primeiros dias começou a ajudar as jovens directoras. Menos instruída e menos delicada do que as companheiras, era apta para os trabalhos manuais. O Sr. Cura mandou ensiná-la a costurar. Joana Maria foi sucessivamente a cozinheira, a padeira e a lavadeira daquele pequeno mosteiro sem clausura.

A essas professoras o P. Vianney não prescreveu nenhum costume especial, nem impôs regras escritas. Não quis obrigá-las a votos, mas, sem convertê-las em religiosas, queria que praticassem as virtudes. Catarina Lassagne ficou 22 anos à frente da fundação. Sempre se mostrou digna da absoluta confiança que nela depositou o Cura d’Ars. Alma simples e de fé profunda, aprendeu dele a suportar sem queixas as privações, as angústias e as rudezas do trabalho. Joana Maria Chanay, ainda que muito abnegada, com o seu carácter impertinente, punha à prova todos os dias a paciência de Catarina. Em 1830 a jovem directora sofreu a imensa dor de ver morrer a piedosa e querida amiga Benita Lardet. A substituta de Benita foi Maria Filliat, de Mizérieux, costureira profissional, mas que inconscientemente se tornou uma cruz pesada para a pobre Catarina, por causa do seu temperamento imperioso e propenso a tudo contradizer. Deus assim o permitira. E foi depois de ter orado que o Cura d’Ars fez tal escolha. Era conveniente sobretudo que ao lado dessa jovem indulgente houvesse outras educadoras mais severas que tivessem mais cabeça do que coração. Digamos também em honra de todas as pessoas que o P. Vianney recrutou

para as suas obras, que, sem excepção, trabalharam com o mais absoluto desinteresse. Não tiveram outro salário que o alimento e o suficiente para os gastos ordinários da vida, nem outra recompensa neste mundo que a satisfação de fazerem o bem.

No dia de S. Martinho de 1824, Catarina e Benita estabeleceram-se na escola, levando apenas os objectos indispensáveis. Tudo era muito pobre. O P. Vianney prometera às professoras que garantia a manutenção da casa. Nela, porém, nada encontraram com que fazer a primeira refeição. Arrumaram os móveis e depois lhes ocorreu a ideia de voltarem para comer em suas próprias casas. Não, disseram elas. Fiquemos aqui!... E eis que as respectivas mães chegaram com a refeição para as suas filhas. Desde o primeiro dia aquela casa mereceu o nome de *Providência*, nome que haveria de torná-la célebre.

No dia seguinte pela manhã, as meninas da aldeia reuniram-se ao redor das jovens professoras. Mas, em breve, diz Catarina Lassagne, as paroquianas vizinhas, sabendo que a escola era inteiramente gratuita, aproveitaram a oportunidade e nos enviaram meninas de Mizérieux, de Savigneux, de Villeneuve. Foi necessário transformar o salão em dormitório. No primeiro ano (de 1825 a 1826), abrigámos 16 alunas. Assim, de uma maneira imprevista, acabava de ser fundado um pequeno pensionato. Não se exigia nenhuma retribuição em dinheiro. O Sr. Cura não o queria sob nenhum pretexto. Os pais forneciam as camas e roupas. Também se acostumaram a levar as provisões.

Pouco a pouco tudo se foi regularizando.

Quando o p, Vianney viu que a sua modesta escola se ia enchendo desse modo, veio-lhe uma nova inspiração, O bom pastor encontrara no povoado e nos seus arredores várias pobres, infelizes criaturinhas órfãs sem casa, filhas de pais desnaturados ou indigentes que as deixavam mendigar ou as empregavam ainda muito jovens como criadas em casas sem religião. Nada sabiam das coisas de Deus, e quase não aprendiam mais do que o vício. O coração compassivo do Cura d'Ars não podia sofrer isso e resolveu

estabelecer na mesma escola um orfanato com o significativo nome de *Providência*. Na verdade, aquela casa não teria outro provedor que o Pai que está nos céus, contudo o nosso santo receou tentar a Deus com uma empresa tão temerária, e num domingo de 1827 pediu aos seus paroquianos que se unissem com ele numa novena à Santíssima Virgem para conhecer a vontade de Deus. A sua resolução tornou-se mais firme e ele pôs mãos à obra. Antes de mais nada era preciso aumentar a casa. Para esse fim o P. Vianney comprou um terreno. Ele mesmo traçou a planta do novo edifício e depois, fazendo-se tudo para todos, com o intuito de animar e apressar os obreiros no trabalho, fez-se servente de pedreiro e ajudante de carpinteiro. Preparava as pedras, amassava a argamassa e transportava os materiais.

Uma vez terminadas as obras, exigiu que a casa só admitisse como pensionistas as pobres órfãs abandonadas. As meninas de Ars continuariam a ser recebidas, mas como externas. As abastadas dos povoados vizinhos não foram mais admitidas desde princípios de 1827. Para começar, diz Catarina Lassagne, recolhemos duas ou três pequenas infelizes. Mas pouco a pouco o número foi aumentando de tal modo que algumas vezes a casa se tornava pequena para acomodar a todas. As *órfãs*, esse foi o nome com que o povo se habituou a chamar a todas as pensionistas da *Providência*, não eram de ordinário admitidas antes dos 8 anos, e só as deixavam sair depois da primeira comunhão. No caso em que se apresentasse alguma mocinha pobre de 15, de 18 e mesmo de 20 anos, o Sr. Cura, de boa vontade, a recolhia. Essas Madalenas, talvez mais do que as outras, necessitavam de uma mãe e de um lar. Não raro, conta Maria Chanay, vinham quase sem roupa e todas cobertas de piolhos... Nada igualava a terna compaixão que o nosso Cura sentia por aquelas pobres abandonadas. Algumas as encontrou pelo caminho, outras, completamente desamparadas, tendo na cabeça asquerosas feridas. Jamais foi recusada uma dessas pobres infelizes, enquanto houve um cantinho disponível na *Providência*. Certo dia levou uma que encontrara perdida.

Recebe esta menina, disse a Catarina Lassagne. - É Deus que ta manda".

Mas, Sr. Cura, não há nenhuma cama disponível! Ainda há a tua.

A jovem directora por um instante apenas duvidara da Providência divina. Com um súbito arrependimento abriu os braços para a infeliz,

apertando-a ao coração. Deste modo a compaixão do P. Vianney pela infância abandonada, longe de ser estéril e de pura lamentação, foi activa e fecunda.

Certo dia aconteceu, refere Joana Maria Chanay, encontrar na porta da igreja um menino recém-nascido. O Sr. Cura nos mandou que o recolhêssemos e que depois de lhe haver preparado um modesto enxoval, o entregássemos a uma ama...

Outra vez, sabendo que morrera numa paróquia vizinha certa mulher muito pobre, enviou-me com uma das minhas companheira fim de buscarmos o seu filhinho, que educámos.

O P. Vianney nunca consentiu em receber um vintém sequer pelas pensões das meninas internadas na *Providência*, apesar de algumas já crescidas terem trabalhado nas granjas e portanto ganho algum dinheiro. Outras até possuíam parentes abastados, de quem poderia exigir alguma coisa em retribuição. O P. Mermod, falecido como pároco de Gez, fez-lhe um dia esta observação:

V. Revma. recebe gratuitamente na *Providência* algumas meninas que muito bem poderiam pagar.

Ah! respondeu ele, isto não me preocupa. Toda a minha ambição consiste em lhes proporcionar educação capaz de fazê-las boas cristãs.

O orfanato custou ao seu fundador cuidados de toda a sorte. Em primeiro lugar, gastou todos os seus bens particulares. Quando o seu irmão Francisco chegou de Dardilly para entregar-lhe a parte da herança deixada pelo pai, o burgomestre de Ars achava-se na casa paroquial. Conta com isso o Sr. Mandy, disse João Maria ao irmão. E em seguida destinou aquela quantia em favor da sua *Providência*.

Esperava que os paroquianos o ajudassem com géneros alimentícios. Para isso fez uma colecta no povoado, que lhe rendeu ao todo um saco de batatas... Resolveu não usar mais deste meio. Dali em diante recorreu pessoalmente a certas benfeitoras ricas. Dizia, rindo, que possuía o bastão da *Providência*. Quando a caixa estava vazia, dava uma volta para arranjar

dinheiro, Armando-se de coragem ia bater à porta dos castelões. Chegou mesmo a fazer a pé uma viagem a Lião, onde conhecia especialmente as famílias Laporte e Jaricot. Muitas vezes recorria à caridade daqueles penitentes, cuja generosidade ele conhecia.

Minha boa senhora, escrevia ele à baronesa Alix de Belvey, venho pedir-lhe que se lembre, na sua caridade, das minhas filhas, pois sei que o seu coração é muito bom para com os pobres... Agradeço-lhe antecipadamente e, oferecendo-lhe os meus humildes respeitos, recomendo-me às suas orações.

Fixou na parede da igreja, junto à sacristia, um letreiro com esta promessa do Evangelho: *Dai e dar-se-vos-á.*

Ocorreu-lhe a passageira ideia de se fazer proprietário. Começou a juntar recursos. Quando a quantia se tornou um tanto considerável, comprou com ela alguns terrenos com matos, no intuito de dotar a sua *Providência*. Mas logo arrependido cedeu-os ao conde de Cibeins, o qual dali em diante lhe ficou pagando o arrendamento. Essa renda anual e perpétua era de 500 francos. Além disso, o conde de Cibeins prometeu enviar ao orfanato a quantia necessária de lenha - 500 talhas no valor de 100 francos. - Todos os anos, sem faltar, o P. Vianney mandava Catarina Lassagne fazer a cobrança do pequeno aluguer e relembrar o bom costume que tinham adquirido no castelo, de fornecer lenha para a *Providência*.

Realmente foi só depois dessa venda que o P. Vianney, achando-se um pouco mais rico, começou a aceitar o maior número possível de órfãs. Desde 1830, isto é, durante quase 20 anos, a casa nunca deixou de estar superlotada. Épocas havia em que nela se abrigavam 60 ou mais alunas. As directoras, como as aves que não perdem tempo em contar os pintainhos, não se preocupavam com fazer estatísticas. Perguntadas por uma pessoa muito distinta e amiga da obra sobre o número de órfãs, responderam com a maior simplicidade: Não sabemos.

Como não sabeis?

Nada sabemos. Deus sabe e isto nos basta.

Mas, se alguma fugir?

Ah! nós as conhecemos muito bem e cuidamos muito delas para não darmos logo, pela falta.

Com meios tão escassos era preciso prodígios de economia, de engenho e de fé para que a *Providência* de Ars subsistisse e prosperasse. O P. Vianney, que tomara sobre si toda a responsabilidade, havia de alimentar e vestir 60 meninas, cujo trabalho não rendia lucro para a casa. Ora todas aquelas boquinhas tinham grande apetite, sendo necessário, pelo menos, garantir pão escuro para aqueles passarinhos caídos ou atirados dos seus ninhos. Somente nisso gastavam-se mensalmente 100 alqueires de trigo: O pai adoptivo daquelas pobres órfãs teria vivido em contínuas angústias se não confiasse na bondade de Deus, com aquela sublime imprevisão, própria dos santos que nunca fracassa.

Contudo, não faltaram momentos críticos. O Cura d'Arç teve que implorar a caridade, vender alguns móveis e utensílios domésticos. Em muitas ocasiões faltou o mais indispensável para as órfãs. Em tais horas, as directoras, menos confiantes em Deus, sofreram angústias cruéis. O servo de Deus as repreendeu severamente, por tal falta de fé.

Um dia, conta Catarina Lassagne com a sua costumeira simplicidade, estávamos descontentes por ele nos confiar tantas meninas. Parecia-nos que era trabalho superior às nossas forças. Foi a primeira vez que nos escaparam algumas palavras de murmuração. Joana Maria foi então à casa paroquial levar qualquer coisa ao Sr. Cura. Achou-o contrariado. Disse ele à Joana Maria que nós estávamos nas mesmas condições que no princípio; que não éramos bastante submissas à vontade de Deus. Joana Maria replicou: Quanto a mim, vá lá, mas as outras não se queixam.

Vocês três são a mesma coisa, replicou o Sr. Cura. Joana Maria, ao voltar, contou-nos tudo. Fora justamente na sua ausência que Benedita e eu nos permitimos algumas palavras de queixa. Entao tomámos a resolução de não nos queixar mais.

Mas ele mesmo, asceta de resignação silenciosa, não participaria de igual tormento? Na igreja, na quietude da casa paroquial ou a caminho

orava continuamente, e quando tardava a chegar a resposta do céu, conforme a sua pitoresca expressão, quebrava a cabeça dos seus bons santos. Foi numa dessas circunstâncias que Deus interveio directamente em seu favor com um milagre. A esse respeito só ouvimos testemunhas contemporâneas do P. Vianney e dignas de toda a fé. Provavelmente no decurso de 1829, a provisão de trigo que se guardava no celeiro da casa paroquial ficou reduzida a quatro punhados, espalhados sobre o pavimento.

Nada se podia esperar dos paroquianos, pois a colheita fora má. A bondosa castelã estava ali, porém os seus bens participavam da comum escassez. Doutro lado, a castelã de Ars já havia sido tantas vezes ocupada... Numa palavra, o P. Vianney pensou em despedir uma parte das suas órfazinhas.

Que tristeza para o seu coração tão afeiçoado àquela criançada. Pobres meninas! Voltariam a cair na miséria e nos perigos da alma e do corpo? O P. Vianney, nada esperando dos socorros humanos, apelou para um meio supremo. Pedir um verdadeiro milagre por intercessão do bom santo que de um modo tão palpável já havia tirado de apuros no tempo dos seus estudos. Juntou no meio do celeiro todo o trigo espalhado no soalho e escondeu nele uma relíquia de S. Francisco Regis, o taumaturgo de Louvesc. Depois recomendou às órfãs que se unissem com ele para pedir a Deus o pão de cada dia. Pôs-se em oração. E já tranquilizado esperou.

Vai ao celeiro, disse à Joana Maria Chanay que se aproximava: e prepara o trigo que ainda nos resta. - Joana Maria era padeira da *Providência* e vinha avlsá-lo que a amassadeira estava vazia. - Agradável surpresa! A porta apenas se abriu e da estreita fresta saiu um jorro de trigo. Joana Maria voltou para onde estava o Sr. Cura e lhe perguntou: Então, quis V. Revma. provar a minha obediência?... O celeiro está cheio!

Como assim!... Está cheio?

Sim; transborda. Venha ver!

Ambos subiram. Notaram que o novo trigo tinha uma cor diferente do outro.

Nunca o celeiro estivera tão cheio. Maravilharam-se de que a viga mestra, bem como o pavimento já um tanto carcomidos, não desabassem com o peso. O montão de trigo tinha a forma de um cone e cobria toda a superfície do celeiro! Mons. Devie, visitando um dia aquele lugar com o P. Vianney, perguntou-lhe à queima roupa.

O trigo chegou até aqui, não é verdade? O Bispo apontava com o dedo para um ponto bastante alto da parede.

Não, Excia., mais acima... Até aqui. Mais tarde, em Ars, houve outro prodígio que tornou célebre a amassadeira da *Providência*. A seca desolava a comarca. A farinha era escassa e cara. Na casa restava apenas o suficiente para três pães. Nós nos achávamos em grande apuro por causa das nossas meninas, conta Joana Maria Chanay. Catarina e eu tínhamos fé de que se o P. Vianney pedisse a Deus, conseguiríamos que aquela farinha desse para uma fornada de pão. Fomos procurá-lo para lhe expor a nossa situação. É preciso amassar, nos disse ele. Pus mãos a obra, mas com certa apreensão. Ao começar botei um pouco de farinha e água na gamela, mas notei que a farinha ia ficando muito espessa. Tomei a pôr água e a farinha sem esgotar a pequena provisão. A gamela encheu-se de massa como nos dias em que se punha um saco cheio. Fizemos dez grandes pães; cada um pesava de 20 a 22 libras. O forno ficou cheio como de costume, com grande admiração de quantos foram testemunhas.

Contámos o facto ao Sr. Cura, o qual nos respondeu: Deus é muito bondoso! Como cuida dos seus pobres!

A fundação da *Providência* de Ars foi um notável benefício. Muitas vezes ouvi o Cura d'Ars dizer - refere Catarina Lassagne - que só no dia do juízo poderemos ver o bem operado nesta casa. De facto, a obra do Santo salvaguardou a virtude de centenas de jovens que naquele asilo aprenderam a ganhar o sustento honestamente. Se algumas não perseveraram, em compensação, um grande número aproveitou admiravelmente os conselhos do P. Vianney. Vieram a ser excelentes mães de família ou boas empregadas. Muitas abraçaram o estado religioso. A delicadeza de

consciência de cada uma tornou-se proverbial. Certo homem de nome Lacote, muito conhecido no povoado pela sua avareza, possuía uma vinha. Todos os anos, por ocasião da vindima das quatro temporãs de setembro desejava que as órfãs fossem ajudá-lo, certo de que não comeriam nem um único bago de uva.

Aquelas meninas que o Cura d'Ars. fizera sair como que de outro mundo, associava-as à sua solicitude e às suas penitências pelos pecadores.

Quando o Sr. Cura, refere Catarina Lassagne, nos dizia que Deus estava ofendido pelos escândalos cometidos nas festas e nos bailes, as mais crescidas pediam licença para passar a noite em oração a fim de alcançar o perdão para os culpados. Combinavam-se entre si, revezando-se de hora em hora. Tudo isso sem o menor barulho, de sorte que as que estavam dormindo nada percebiam.

Quando aquelas meninas iam passear arrancavam urtigas e com elas flagelavam o rosto.

O P. Vianney lhes houvera dito que era necessário sofrer pelos pecadores.

O Santo gozava no orfanato de um grande e maravilhoso prestígio. E delas conseguia tudo quanto desejava, Como prova disso citamos o seguinte facto: Uma pequena da *Providência* gostava muito de uma boneca, em si, informe e feia. Estava tão apegada à ela, a ponto de levá-la consigo para toda a parte, até mesmo à igreja. O P. Vianney exigiu da menina um sacrifício, obrigando-a a botar a boneca no fogo. A cena desenvolveu-se na cozinha do orfanato. A pobre menina no momento parecia desnorreada. De súbito, se decidiu, e resolutamente atirou o seu querido ídolo às chamas. Isso é simplesmente heróico. Muitas jovens tiveram um fim admirável, tanto que se poderia escrever uma nova lenda dourada.

Umam se alegravam de morrer porque iam para o céu. Outras cantavam ou pediam que cantassem hinos de acção de graças. Uma, que sempre tremera com a ideia da morte, exclamava antes de morrer; Oh! como estou alegre! Quão grande é a felicidade que se encontra na religião! E, enquanto

cantavam ao redor dela um hino de que muito gostava, unia a sua voz às das companheiras.

Um das professoras, - Benita Lardet, sepultada a 5 de outubro de 1830 - teve também uma morte muito edificante. Dizia à sua irmã, que chorava ao vê-la tão doente: És muito tola. Querias acaso que eu ficasse neste mundo? Ainda não me acostumei a viver aqui. Que alegria! exclamou, ao saber do médico que a enfermidade era mortal, que alegria! Vou ver o meu Deus!

Certamente, o Cura d'Ars, vendo que as meninas da *Providência* chegavam a tal heroísmo na virtude, podia estar bem satisfeito por ver cumpridos os seus desejos e conseguido o fim almejado. De modo algum pretendia converter aquelas órfãs arrancadas à miséria em mulheres sábias. Poderia talvez enganar-se sobre a capacidade das professoras! A fantasiada ortografia de Catarina não o escandalizava. Demais, para este asceta que vivia com o que a outros causaria a morte e cuja habitação, deixada ao abandono, mais se assemelhava à morada de um espírito, a questão de higiene sempre lhe pareceu de pouca importância. Na sua excessiva bondade consentiu em albergar 60 meninas, ali onde 30 não teriam podido viver sem incômodo. Por outro lado, a pequenez do lugar obrigava todas as alunas, órfãs e meninas de Ars, a ficarem numa mesma aula. Enquanto as menores soletravam o abecedário, as médias repetiam as lições. Aquilo deveria ser uma alegre vozeria, Acrescenta-se a isso que havia aula durante todo o ano, sem outras férias que o dia livre das quintas-feiras. Catarina e as suas colegas assumiram uma tarefa quase sobre-humana. Onde achariam tempo para se ocuparem da ordem e do asseio?

Os que iam a Ars e visitavam a *Providência* levavam a impressão de que aquela casa não era como as demais.

A existência do orfanato, fundado pelo P. Vianney, escreve um advogado de Lião, que em 1841 viu de perto aquela obra, pareceu-me por si mesma coisa maravilhosa. Aquele estabelecimento continha 50 ou 60 meninas de 12, 15 e 18 anos. Vindas de todas as partes e admitidas

gratuitamente, ali permaneciam um tempo indeterminado. Depois eram empregadas nas granjas da comarca. Durante a estada na *Providência*, em primeiro lugar aprendiam a conhecer, amar e servir a Deus. Era uma espécie de família na qual as maiores davam exemplo, conselho e instrução: A instrução era pouco desenvolvida, porém, ali reinava uma fé, uma piedade e uma docilidade admiráveis, Não era pois uma instituição ordinária, e sim, uma emanção da santidade do seu fundador. Sustento, vida, espírito, tudo imanava dele. Obra de carácter sobre-humano, só podia viver sob o influxo imediato da alma eminente que ali fizera surgir.

Como se vê, a educação, aos olhos do Cura d'Ars, estava sempre acima da instrução, Entretanto, conforme testificam os seus contemporâneos a maior parte das órfãs adquiriam na *Providência* a instrução elementar suficiente. Além disso formavam-se em trabalhos domésticos e práticos. Sabiam fazer meias, coser, lavar e engomar. Poderia exigir-se mais de meninas destinadas a viverem em qualquer povoado rural?

Além de tudo isso, adquiriam naquele modesto ambiente a virtude e a piedade necessárias para afrontar os perigos morais e provações de toda a sorte que as esperava. Foi sob este aspecto que Pio X, de santa memória, considerou a *Providência* de Ars, quando a proclamou um modelo de educação popular.

A *Providência* de Ars foi de facto a obra predilecta do P. Vianney. Ele amava esta casa, dizia a baronesa de Belvey, uma das suas benfeitoras, porque estava destinada às meninas pobres.

Desde que a direcção ficou suficientemente organizada, em 1827, o P. Vianney houve por bem desembaraçar-se de um trabalho que muito o atrapalhava: a preparação das suas refeições. Pai nutrício de uma numerosa família, durante vinte e dois anos pedia em troca a esmola diária de uma tigela de leite. Era inútil querer servi-lo. Ele mesmo ia tomar o seu leite numa tigela de barro envernizado, a um canto da cozinha. Era isto a refeição de todo o dia. Cinco minutos lhe bastavam para despachar aquela ligeira merenda. E mais de uma vez, quando tinha pressa, levava a pequena tigela, cujo conteúdo sorvia no trajecto da *Providência* à Igreja.

De ordinário, porém, o Cura d'Ars se comprazia em passar alguns instantes depois da refeição, no pátio, onde brincavam as suas filhas adoptivas. Lia-lhes nos olhos o candor da alma, e aquele espectáculo de inocência fazia-o esquecer por um momento a fealdade do pecado e a malícia dos homens. Conhecia todas. Interessava-se por todas, fazia-lhes perguntas, consolando-as com o seu delicioso sorriso. Dava-lhes lições de civildade, chegando mesmo a lhes ensinar a maneira de se portarem à mesa. Quando queria conseguir alguma graça punha-as a rezar, e em tais casos, dizia ele, sempre fora atendido. Experimentava, conforme expressão sua, como as orações das crianças sobem ao céu, embalsamadas de inocência.

Mandou fazer no jardim do orfanato um caramanchão de videira, que a erecção duma estátua da Virgem Imaculada logo transformou em oratório campestre. As meninas adornavam-no com flores, e, quando fazia bom tempo, todas as noites ali se reuniam para rezar a ladainha da Virgem e cantar um hino em seu louvor.

A maior parte das órfãs só deixavam a *Providência* dos 19 aos 20 anos. É verdade que algumas saíam antes dessa idade para se empregarem nas granjas vizinhas, mas somente durante os trabalhos do inverno. Quando partiam, nem por isso as abandonava o P. Vianney. Antes lhes procurava colocação conveniente. Mais tarde aconselhava que se casassem, dando-lhes dinheiro e o enxoval de núpcias. De modo especial, seguia e encorajava com os seus conselhos e orações a vida daquelas que se tornavam religiosas. Jamais pai algum se mostrou tão solícito e foi mais amado.

Foi na *Providência* e na sala das aulas que começaram os famosos *Catecismos* de Ars. O começo foi muito humilde. Com eles o P. Vianney não fez nenhuma inovação, pois todo o cura de almas, consciente dos seus deveres, há de alimentar os pequenos do seu rebanho com o pão da doutrina.

Temos visto como de Todos os Santos ao tempo das primeiras comunhões o Cura d'Ars catequizava as crianças que se haviam reunido na igreja desde as seis horas. Também na mesma ocasião poderia instruir as meninas da *Providência*, mas preferia fazê-lo à parte, por um tempo mais longo, e durante todos os dias do ano, para melhor compenetrá-las da vida cristã. A aula da manhã terminava com a recitação das *Ladainhas da Providência*. Depois de alguns minutos de recolhimento, abria-se suavemente a porta e entrava o Sr. Cura.

No começo só assistiam as professoras e as meninas. As idas e vindas do P. Vianney ao orfanato ainda passavam despercebidas. Mas começando os peregrinos a afluir e a procurá-lo naquela hora, foram até ao orfanato... A princípio ficavam fora, junto à janela. Depois se atreveram um pouco mais e chegaram até à porta. E um belo dia, restando um espaço desocupado, meteram-se na sala. Assim ficou sendo até 1845. Aliás, aquilo se passava como em família.

Narra o cónego Champenois de Bourg, testemunha do facto em 1842 ou 1843: Ali se achavam as meninas da casa, mulheres que fiavam - as próprias professoras ocupavam desse modo os curtos momentos de descanso - e se não me falha a memória - uma galinha empoleirada sobre uma mesa. Nisto entra o Sr. Cura revestido de sabrepeliz. Toma um catecismo e apoiado na amassadeira começa assim: Minhas filhas, ontem ficámos na lição sobre o matrimónio. Lê em seguida esta pergunta: Qual a causa ordinária dos matrimónios infelizes? Segue a resposta, que ele se põe a explicar: Ah! minhas filhas, quando dois esposos estão de há pouco casados, não se deixam de olhar; acham-se tão simpáticos, tão cheios de boas qualidades! Admiram-se e se dispensam mil amabilidades. Mas a lua de mel não dura sempre... Chega o momento em que esquecem as boas qualidades que descobriram um no outro e eis que aparecem os defeitos que não tinham percebido. Agora já não se podem suportar. O marido diz à mulher: Preguiçosa, rabugenta, nulidade!... etc.

Eu, prossegue o cónego Champenois, estava estupefacto com essa familiaridade, com essa quase desenvoltura. Contemplei o auditório e todos o escutavam com religioso silêncio. Nem sequer um sorriso.

A partir de 1845, a afluência de peregrinos, cada dia mais crescente, obrigou o P. Vianney a explicar o catecismo na igreja. Uma senhora de Bourg, que assistira ao catecismo quando era dado na *Providência*, conta o P. Dufour, falava-me nele com entusiasmo, queixando-se, porém, de que tivesse sido mudado para a igreja, porque na sala das aulas se via melhor e mais de perto o servo de Deus. Compreende-se uma tal queixa. Não obstante, a mudança deu bons resultados. Um número maior de peregrinos podia ouvir o P. Vianney, e este, sem perder o tom familiar, falava com alento, deixando escapar frequentemente aquelas chamadas de amor que lhe abrasavam o coração. Para falar punha-se bem perto do tabernáculo.

Com a aprovação de Mons. Devie, o P. Vianney projectou construir uma capela ao lado do orfanato. Poderia perguntar-se que utilidade teria um oratório edificado a poucos metros da igreja. Mas o Santo tinha os seus planos, e colocava no modesto santuário da *Providência* esperanças que felizmente não se realizaram. Atormentado pelo desejo de solidão, queria deixar a cura das almas. Em pensamento já se via enclausurado na *Providência*, onde estabeleceria uma adoração perpétua, se tal fôsse a vontade de Deus.

O município doou o terreno necessário, e a sonhada capela foi construída. Mas a vontade de Deus se manifestou. Não estava ainda terminada a capela quando a *Providência* deixou de existir na forma em que o P. Vianney a havia fundado. Permaneceu, pois, na casa paroquial e ali ficou até ao fim da vida como Cura d'Ars.

CAPÍTULO X

Ars não é mais a mesma!

Após 5 anos de ministério - Peregrinação a Fourvière - A missão de 1827: um brado de vitória - O trabalho santificado e os hábitos cristãos - Nas famílias regeneradas - Honestidade que se torna proverbial- As boas famílias de Ars - Um domingo na aldeia - O afecto do P. Vianney aos seus paroquianos - A trégua de Deus - As festas de devoção - A prática dos sacramentos - As belas cerimónias - O senso litúrgico dum santo - As célebres festas do Corpo de Deus em Ars - Algumas vidas edificantes e santas mortes -Ars protegida contra as calamidades - A saudade dos que partem.

No dia 7 de maio de 1820, um mês após a nomeação do P. Vianney para o curato de Salles em Beaujolais, o P. Renard, então diácono em Santo Irineu de Lião, ignorando ainda que essa nomeação tivesse ficado sem efeito, escrevia à castelã de Ars, sua benfeitora:

Soube com grande tristeza que perdeu inesperadamente o seu santo Cura. A Providência o havia dado a essa paróquia para que nela fizesse florescer a piedade. Desejo de coração que o substituam por um sacerdote capaz de conservar o fervor que reina em Ars.

Este testemunho é de grande valor. Ars já era considerada como uma paróquia fervorosa, e o P. Vianney estava nela havia apenas dois anos. Três anos e meio mais tarde, a 7 de novembro de 1823, numa carta dirigida à Sra. viúva Fayot de Noës, o Cura d'Ars lança o primeiro brado de triunfo.

Encontro-me, escrevia ele, numa paróquia de muito fervor religioso e que serve a Deus de todo o coração.

É evidente que ao traçar estas linhas para a sua boa mãe o P. Vianney não podia ter a intenção de lhe dar uma ideia absolutamente exacta da situação, pois ao lado de grandes virtudes, em Ars havia ainda grandes misérias. Sem dúvida não se atreveria a fazer do púlpito, em presença dos fieis, uma apreciação tão optimista. Seja como for, o certo é que esta frase demonstra já ter havido verdadeiros progressos. Ars mudara visivelmente de aspecto. Numa palavra, passara do vício à virtude e duma piedade rudimentar a um verdadeiro fervor.

Para isso muito contribuíra a recente peregrinação à Nossa Senhora de Fourvière. Os nossos antepassados tinham grande afeição a tal classe de excursões piedosas a algum santuário mais ou menos célebre. Antes da Revolução, as pessoas de Ars iam a Lião todos os anos para venerar a Virgem na sua antiga capela. O P. Vianney resolveu restaurar esse costume. Ouçamos como Guilherme Villier, excelente agricultor que então contava 24 anos de Idade, nos narra a edificante viagem.

No dia 6 de setembro de 1823, dia do nosso padroeiro, o bom do Sr. Cura nos conduziu em procissão a Nossa Senhora de Fourvière. Posso falar dessa romaria pois tomei parte nela. Com esse acto solene quis manifestar à Santíssima Virgem a nossa gratidão pelos magníficos ornamentos dados pelo Sr. Visconde de Ars. Acompanharam-nos os curas das paróquias vizinhas. O P. Martin de Savigneux e o P. Robert de S. Eufémia. Este último já contava com 80 anos. Saímos de casa depois da meia-noite. Creio que dois terços dos paroquianos iam na peregrinação. Fomos na procissão até Trevoux, com os nossos dois estandartes à frente, entoando hinos e recitando o rosário. Ao amanhecer o dia, estávamos em Trevoux. Aí passámos em duas grandes balsas puxadas por cavalos.

Desembarcámos em Lião um pouco acima de Vaise e ali nos dirigimos em procissão a Fourvière. O Cura d'Ars celebrou a santa missa a que assistimos com devoção, e muitos comungaram das suas mãos.

Logo depois descemos na mesma ordem em que subíramos. A gente se apinhava à nossa passagem, demonstrando admiração. Quando estavam atracados os dois botes, o P. Vianney foi um dos primelros a embarcar com certo número de paroquianos. Mas como os outros tardassem a chegar, os bateleiros, homens rudes e mal educados, começaram a blasfemar. O P. Vianney logo desembarcou com alguns dos que o acompanhavam e foi andando a pé até Nouville. Lá nos reunimos horas mais tarde, tendo feito a nossa viagem pelo Saona. De Neuville voltámos a Ars em procissão. Quando passávamos diante de alguma igreja, tocavam os sinos. Era já noite fechada quando chegámos.

Nunca se chegará a saber, diz Catarina Lassagne, as graças de conversões que o P. Vianney obteve com as suas preces, e sobretudo com a celebração do santo sacrifício... Fez uma revolução nos corações...

A graça era tão forte que bem poucos podiam resistir... Quase todos faziam o máximo esforço para sair do pecado. O respeito humano foi invertido: tinham vergonha de não fazer o bem, e de não praticar a religião.

Os homens andavam sérios e pensativos; alguns deles, que havia muito tempo não se aproximavam do tribunal da penitência, diziam em alta voz pelas ruas: Vou-me confessar. Todos se achavam nas mais santas disposições. O Sr. Cura numa das suas práticas disse-lhes estas palavras: Meus irmãos. Ars não é mais a mesma. Tenho confessado e pregado em missões e jubileus. nada encontrei como aqui. Isso foi em 1827.

Contudo o mau espírito em certas famílias não se dera por vencido. Prova disso são os sete paroquianos que em 1830 disseram brutalmente ao Sr. Cura que ele havia de se ir embora. O protesto destes, é verdade, não encontrou eco em parte alguma, e com isto ficou provado que o resto da população reprovava tão ridícula atitude. Ars não se podia resignar a ficar sem sacerdote e tudo fazia para conservar o P. Vianney.

Em 1833, quando João Picard abriu na aldeia a sua oficina de ferreiro, encontrou, conforme expressão sua, o aspecto de Ars completamente mudado. Outrora conhecera aquela paróquia semelhante às paróquias vizinhas, e então, graças ao seu cura, que já era tido como um santo, Ars estava irreconhecível. Esta paróquia era, sem comparação alguma, superior a todas as outras. Era um oásis de santidade, onde tantas almas iam procurar a ressurreição ou o segredo duma vida mais perfeita.

O que agora nos dias úteis se podia ver era um moço passando com o rosário entre os dedos à frente da sua junta de bois.

À noite, o sino tocava para a oração. Todos os que podiam iam à igreja e os que tinham de ficar em casa se ajoelhavam diante das santas imagens. Os lares que não estavam desertos eram naquela hora de paz um prolongamento do altar.

No campo, pequenas cruces formadas por dois troncos atados um ao outro erguiam-se à entrada das vivendas ou rematavam as medas no tempo

das colheitas. Os trabalhadores animavam-se nas suas fainas lançando ao ar sons de inocentes canções. Nem uma modinha chula, nem uma palavra menos conveniente, nem uma blasfémia.

Eu costumava passear pelos campos durante a colheita, refere Alix de Belvey, e jamais ouvi uma blasfémia. Fi-lo notar, com certa admiração, a um camponês, que me respondeu: Ah! nós não somos melhores do que os outros, mas sentimos grande vergonha de cometer tais pecados ao lado dum santo.

Na primeira tarde que passei na vila de Ars, conta um viajante vindo de Lião, fui testemunha duma cena que me deu alta ideia da influência do pároco de Ars. Três homens arrastavam com dois cavalos uma grande árvore cortada, chegando a um riacho (o Fontblin) ao mesmo tempo que eu. Tentaram fazê-lo passar. Um dos cavalos recuando pisou em falso e caiu, ferindo-se. Os homens acudiram, tirando o animal da penosa situação. Facto interessante e que muito me surpreendeu: os três homens não deixaram transparecer nenhum sinal de cólera, nem altercaram um contra o outro, nem proferiram imprecações, nem surraram o pobre animal. Tão grande domínio de si mesmos em homens do campo, ameaçados nos seus interesses, era para mim coisa nunca vista.

O Cura d'Ars recomendava aos seus paroquianos o *abençoi Senhor* e a acção de graças antes e depois das refeições, e a recitação do *Angelus* três vezes ao dia, onde quer que se achassem e sem respeito humano. Logo que as três badaladas soavam pelo vale e transpunham as pequenas colinas, cessava o trabalho. Os homens se descobriam. As mulheres juntavam as mãos. Todos rezavam as orações prescritas. O mesmo se praticava nas estradas e nas ruas do povoado. Mais ainda. O P. Vianney mandara colocar um relógio no campanário com um mostrador bem visível. Quando dava horas, bom número de habitantes, conforme o exemplo do Cura, as bendiziam, isto é, interrompiam as suas ocupações com a recitação duma *Ave-Maria*.

Na primavera costumavam plantar cruces bentas para obter, pelos méritos de Jesus Cristo, a preservação das pragas a que estão sujeitas as colheitas. No momento em que os ceifadores, fazendo cair as espigas sob a

foice, descobriam uma dessas cruces, todos os trabalhadores se ajoelhavam rezando um *Pai-Nosso* e uma *Ave- Maria* ou entoando o *Ave Cruz*.

Tal proceder lhes valia muitas vaias, dos aldeões vizinhos. Se fordes atrás do vosso Cura, diziam zombando, ele vos converterá em capuchinhos, Essas observações, porém, não abatiam o ânimo daquela boa gente, que respondia: O nosso Cura é um santo e a ele devemos obedecer.

Desta maneira, até o aspecto exterior de Ars estava transformado.

O que mais me chamou a atenção, prossegue o peregrino lionês, há pouco citado, foi a calma e a paz daqueles lugares. Naquela terra respira-se um ar mais puro que em outras partes... Os moradores nos saúdam com afabilidade e solícitos nos indicam o caminho. As casas estão adornadas com estátuas da Virgem ou imagens de santos.

O P. Vianney continuava visitando de tempos em tempos as famílias a fim de melhor lhes consolidar os costumes religiosos. Chegava inesperadamente durante a refeição do meio-dia. Do lado de fora chamava pelo nome o chefe da casa. Venerado em vida como santo, era recebido por todos com alegre solicitude. De pé, sem outro apoio do que a parede ou o canto de algum móvel, dirigia a palavra ora a um ora a outro. Interessava-se pela saúde dos pais e dos filhos, pelos seus trabalhos e colheitas. Mas, imediatamente, sem perder o tom familiar, proferia palavras piedosas, palavras daquelas que dão asas e comunicam ideal até às nossas mínimas empresas terrestres. Assim, ele fazia discretamente um exame de consciência de toda a família. Eram fiéis à oração, ouviam missa, guardavam o descanso nos dias de preceito... Os filhos obedeciam aos pais... Aprendiam o catecismo... O P. Vianney tinha particular cuidado com as criadas. Velava por aquelas tímidas meninas empregadas, vindas das paróquias vizinhas, as quais queria que fossem tratadas como filhas da casa; os patrões deviam instruí-las nas coisas da religião, mandando-as à missa e às vésperas.

Em nossa casa, diz Catarina Lassagne, era um prazer para todos, quando recebíamos a sua visita. Algumas vezes comeu em casa do meu pai, acrescenta António Mandy, filho do velho burgomestre, mas nunca previamente convidado. Comparecia à mesa e nela tomava parte com

grande jovialidade. Comia algumas batatas e não se recusava a tomar um pouco de vinho com o qual costumava brindar à saúde de toda a família.

Tais visitas, feitas desta maneira, Traziam grandes vantagens. Depois de ter falado do púlpito a todos os fiéis reunidos o Cura d'Ars, em cada casa, dava avisos e mesmo repreensões apropriadas.

Quando o cuidado das almas absorveu todo o cuidado do P. Vianney, visitas inesperadas aos lares escassearam cada vez mais e por fim cessaram completamente. Isso foi motivo de grande pesar para todas as famílias de Ars.

Mons. Convert, nomeado pároco da freguesia em julho de 1889, teve a felicidade de conhecer os últimos sobreviventes daquelas famílias honradas com a visita do Santo.

Traziam gravado em seus semblantes o selo da Santidade, santidade que raras vezes temos visto em grau tão elevado. A calma, a serenidade e uma certa beatitude fulgente, permitiam distingui-los entre mil.

Porventura um santo não lhes convertera pais e mães em modelos de virtudes domésticas? Aqueles agricultores - em sua maioria abastados, pois sem deixarem de ser caritativos para com os pobres, eram trabalhadores e económicos - causavam admiração aos forasteiros. As suas reflexões eram sensatas; corações enobrecidos pela graça e pela fé, tinham uma educação à sua maneira: simples, ingénua, porém misturada como nos antigos patriarcas, duma distinção, duma delicadeza não comuns. Fora a religião a sua grande mestra.

Catarina Lassagne na idade de 80 anos, gostava de recordar cenas da infância. Sempre via reaparecerem duas figuras queridas entre as demais: a do santo Cura e a da sua mãe. Claudina Lassagne já era boa cristã quando em março de 1818 se colocou sob a direcção do Cura d'Ars. A sua filha mais velha, nada tola, apesar de ter ido com mais frequência guardar os rebanhos no campo do que se instruir nos bancos da escola, notou uma mudança muito rápida nos costumes da mãe.

Antes, contava Catarina, ela nunca terminava de me vestir e pentear. Perdia muito tempo com a minha toilette. Mas transcorridas algumas semanas após a chegada do P. Vianney em Ars, tudo mudou. Num abrir e fechar de olhos eu já estava pronta e logo seguíamos para a igreja.

Uma vez ali, Claudina perdia-se na oração como o peixe na água. Parecia que o tempo não existia mais para ela. Mamã, vamos, dizia impaciente a menor das filhas, puxando-lhe o vestido. Mas ela não se movia. Parecia não ouvir. Durante toda a quaresma nunca deixava que as filhas tomassem alguma coisa fora das refeições. Quando um indulto de Roma permitiu o uso da carne aos sábados, Claudina continuou a fazer com que toda a família guardasse abstinência nesse dia. Mas não é permitido comer carne aos sábados? perguntou-lhe uma das filhas. Porventura é obrigação? Repliou a mãe: Não, mas continua a fazer penitência! À noite, aquela admirável cristã que não havia cessado de orar enquanto trabalhava, fazia a todos rezar. Antes de deitar a última, ela inclinava-se sobre o berço de Catarina para docemente lhe perguntar: Disseste o *Visitai*? *Visitai* é a primeira palavra com que terminam as completas, oração litúrgica da noite.

A profunda honradez dos habitantes de Ars tornou-se proverbial, presidindo assim a todas as suas relações. Antes - os sermões fortemente realistas do P. Vianney o atestam - a virtude da justiça não os preocupava muito. Conforme eles mesmo diziam, faziam como os demais. Nos negócios, habilmente dissimulavam os defeitos dos animais. Vendiam, como fresca a manteiga rançosa e também ovos velhos. O tecelão guardava o fio bom e empregava o ordinário. A fiadeira metia o cânhamo em algum canto húmido para aumentar o peso. Voltava-se do campo com o avental cheio de hortaliças e frutas roubadas. Os pais, rindo-se, viam os filhos entrarem em casa com as mãos cheias e, rindo, recebiam o que entrava em casa. "Ora, isso vai bem", exclamavam. Mais tarde, na Ars transformada, tinham escrúpulo do mínimo latrocínio. Um dia o pequeno Benito Treve, quando já velho contava a Mons. Convert que, certa vez tirou uma pera do tabuleiro dum vendedor. Depois, sem pensar mais naquilo, foi comê-la em casa. Não teve, porém esse gosto. A mãe quis saber a procedência da fruta. Benito confessou a falta. Ela atou-lhe as mãos às costas e surrando levou-o até à porta da quintandeira. Somente lá lhe soltou as mãos e o menino devolveu a pêra roubada, pedindo perdão.

Ainda que o P. Vianney acolhesse a todos com igual bondade, amava contudo os paroquianos com amor de predileção. Quando as confissões o prendiam o dia inteiro na igreja, já não podia visitar os seus queridos filhos, como o fazia outrora. Enquanto os peregrinos tinham que esperar dias inteiros para lhe falar por alguns minutos, todos os sábados reservava algumas horas especiais para os habitantes de Ars. Noutros dias chamava-os para junto de si, quando os via. Tanto que as pessoas do povoado que queriam prolongar mais a preparação para a confissão viam-se obrigadas a se ocultarem. Até o fim da sua vida deu-lhes provas de um devotamento extraordinário. Mesmo no meio da maior afluência de peregrinos, deixava tudo para atender os enfermos. Dia e noite colocava-se sempre à disposição de cada um. Duma feita, pelas 11 horas da noite, Madalena Scipiot foi chamá-lo para a sua mãe que se achava gravemente enferma... Chamou duas ou três vezes do lado de fora. Ele acordou. Entreabriu a janela e respondeu: Já vou. Agora mesmo, minha filha. Foi. A senhora Scipiot pediu desculpa por o haver incomodado. Oh!, não! Isso não é nada; e acrescentou: ainda não dei o meu sangue por vós. No inverno de 1823, por ocasião do jubileu de Trevoux, certa noite ele voltou à paróquia, apesar do frio e da neve, para visitar uma senhora doente. Chegou abatido pelo cansaço, branco de neve e tiritando de frio.

Quando se tratava do bem das almas dos seus paroquianos, nada o detinha. Que alegria para o seu coração ver ao mesmo tempo a docilidade e o bom espírito de cada um deles. Em Ars, o P. Vianney, querido como um pai, era o rei. A sua influência estendia-se sobre todos e sobre todas as coisas.

Tanto no púlpito como no confessionário proclamava o rigor e as alegrias das santas leis do matrimónio. Foi ouvido e atendido. Sobre os lares de Ars desceu a bênção de Deus. Como nos tempos bíblicos a esposa aparecia como uma vinha fecundada no interior da casa e seus filhos como rebentos novos de oliveira em torno da mesa do pai. Em frente à igreja viviam os Cinier, que tinham 10 filhos, o Sr. Mandy, de Tonneau, que tinha 12. Igualmente 12 filhos formavam a preciosa coroa dos herdeiros do castelo, o conde e a condessa de Garets. As famílias Pertinand e Fleury

Treve tinham 15. A população de Ars duplicou durante o curato do P. Vianney. Basta dizer que de 1818 a 1824, em tão pequena paróquia houve 98 batizados, contra 40 encomendações. Pais e mães conservavam sobre os filhos já crescidos uma autoridade admirável. E não toleravam que em nada fosse menoscabada. Estava assim proibido aos meninos e às meninas andarem pelas ruas sem razão e em casa permanecerem inactivos.

Quando as meninas voltavam da escola, conta Anita Scipiot, que foi educada nesse regime, em lugar de deixá-las jogar, ocupavam-nas em tecer meias ou fazer outros trabalhos domésticos. Se eram obrigadas a sair, ao voltar perguntavam-lhes como se tinham comportado e a quem haviam encontrado. No domingo, as moças somente saíam com as respectivas mães. Algumas vezes Joana Cinier, que não sentia vocação para monja enclausurada dizia, suspirando: Hoje ao sair das vésperas vamos dar um passeio. Estou cansada de todo o dia encerrada! E a mãe a levava pelos campos. Um dia, porém, enganando a vigilância materna, deixou-se levar por uma jovem, juntamente com as senhoritas Scipiot, até ao bosque da Papisa. Ali conversariam e colheriam avelãs. De repente começaram a ressoar gritos nas duas extremidades daquele bosque. Eram jovens de Miserieux que vinham ao encontro dos de Ars. De parte a parte davam o sinal combinado. As que colhiam avelãs escaparam a toda pressa, como se todas as serpentes do bosque, dizia Joana Cinier, as houvessem perseguido. Não é preciso dizer que ficaram bem curadas da sua desobediência.

A intensidade com que então foram cultivadas as almas em Ars não parece, contudo, ter despertado de um modo notável vocações religiosas e sacerdotais. O P. Vianney antes de encaminhar alguém para o altar ou para o claustro, só se decidia diante sinais os mais seguros possíveis. Um dia, em 1824, ao encontrar na praça um dos seus jovens paroquianos, cuja piedade lhe parecia superior à piedade ordinária perguntou: Queres ir para o seminário, meu filho?... Oh! Sr. Cura, tenho que ajudar o meu pai, não é possível deixá-lo.

Esta resposta esclareceu o Cura d'Ars sobre um futuro que ele esperava mais risonho. Nesse caso fazes bem, respondeu ele. Fica. Foi visto em outras circunstâncias aconselhar outros que titubeavam a que entrassem imediatamente para o convento ou para o seminário.

Muitos peregrinos dispunham as coisas de maneira que pudessem passar o domingo em Ars.

Lá, refere um dos penitentes mais assíduos do nosso Santo, graças ao zelo do P. Vianney, o domingo, tão profanado antes da sua chegada, veio a ser verdadeiramente o dia do Senhor. As comunhões eram muito numerosas. A igreja não ficava um momento vazia. A afluência do povo às funções religiosas, que se sucediam a curtos intervalos, era considerável. À uma hora da tarde o Cura d'Ars explicava o catecismo. A assistência era quase igual à da missa. Às vésperas seguiam as completas... Depois a recitação do terço, na qual todos tomavam parte. Ao cair da tarde, os sinos chamavam os fiéis pela terceira vez para a igreja, e pela terceira vez a paróquia correspondia ao chamado. O P. Vianney saía então do confessionário, rezava as orações da noite e encerrava os actos do domingo com uma daquelas emocionantes homilias, que tive a dita de ouvir... O porte daqueles bons cristãos muito me impressionou, principalmente a postura que as mães exigiam dos pequenos.

A minha estada em Ars, diz outra testemunha, prolongou-se até ao domingo. O ofício começou às 8 horas e durou até às 11. Antes da missa houve procissão, e sermão depois do Evangelho. A igreja estava completamente cheia. Nela reinava um recolhimento extraordinário.

Aquilo era uma cena da Igreja primitiva. Uma reunião dos primeiros cristãos.

A única falta que o P. Vianney podia lançar em rosto dos seus paroquianos era a de muitas vezes chegarem tarde aos ofícios divinos. Esse descuido era um defeito inveterado de todos os da região de Dombes. Em 1850 não tinha ainda podido obter nesse ponto uma vitória completa. Encarregou o Ir. Jerónimo, seu sacristão, de dar uma volta, antes da aspersão da missa paroquial, pelos arredores da igreja e praticar com toda a suavidade o *vamos entrar*. O Ir. Jerónimo percorria a praça e pedia a cada um dos retardatários que entrasse logo. A princípio vacilaram em obedecer,

porém pouco a pouco se acostumaram a entrar a tempo. E o Sr. Cura teve a satisfação de vê-los reunidos antes de começar o ofício.

Enquanto o homem louva a Deus tudo descansa: a lavoura e o campo. Se em tempo de colheita havia alguns que violavam o dia do Senhor, eram muito poucos. E isto só o faziam às furtadelas e o menor tempo possível. Entre nós, dizia um bom cristão, o respeito humano está abolido.

Além do já mencionado, não se fazia na aldeia nenhuma compra nos dias de festa. O P. Vianney não permitia que os estabelecimentos fossem abertos, e se negava a benzer os objectos comprados clandestinamente naquele dia. Ainda no domingo, a não ser por uma razão muito séria, tal como um enterro ou uma visita a um enfermo grave, os paroquianos de Ars se abstinham de toda a viagem. Nenhum barulho estranho, nem sequer o rodar de um carro turbava a paz daquele dia.

Jamais, refere Francisco Pertinand, hoteleiro de Ars, o nosso santo Cura me autorizou a viajar em domingo ou dia de preceito. E os outros cocheiros tão pouco trabalhavam. Depois de estabelecida a estrada de ferro, a companhia, da qual eu tinha bilhetes combinados, exigiu-me que não se interrompesse o serviço. Então o P. Vianney não quis que os carros entrassem no povoado, nem que partissem deste, nos dias de festa. Apesar disso, sem o permitir directamente, consentiu que os viajantes embarcassem nos carros ou desembarcassem destes além das primeiras casas.

Um facto extraordinário, que causou grande alarve, e que pareceu uma confirmação celestial das prescrições do Cura d'Ars foi o seguinte:

Lembro-me, escreve o P. Monnim, que em 1556 no domingo na oitava do *Corpus-Christi*, durante a missa das dez uma diligência avançou até à frente da igreja, cujas portas abertas deixavam ver o SS. Sacramento exposto. Os cavalos que iam a galope pararam de repente e, apesar da obstinação do cocheiro em fustigá-los, ficaram firmes sob o látigo, como a burra de Balaão sob o bastão do profeta. Foi necessário retroceder e voltar ao hotel.

Deste modo, cada domingo a aldeia de Ars aparentava o recolhimento dum mosteiro, onde só o piedoso bimbalar dos sinos quebrava o silêncio.

Não se ouvia a algazarra das festas dos outros povoados, nem se ouviam homens ébrios, insolentes e barulhentos. Um senhor que detestava a rale dizia: Sinto-me muito bem em Ars, onde nunca chego a encontrar bêbedos.

Os momentos de descanso que as funções religiosas deixavam aos habitantes de Ars, eles os empregavam em amáveis visitas e em diversões cheias de cordialidade. Os homens entretinham-se com diversos jogos. Alguns bons anciãos permaneciam no umbral das suas casas silenciosos, com os olhos derramados tranquilamente sobre os horizontes da terra natal. Assim o fez por muito tempo Fleury Treve, pai de uma família de 15 filhos. Sentado na soleira da porta rezava o rosário todos os domingos depois das vésperas.

O P. Vianney introduziu o costume de celebrar certas festas chamadas *de devoção*, à maneira dos domingos, tais como segunda-feira da Páscoa e Pentecostes, a quinta-feira do Corpo de Deus, os dias comemorativos de S. Pedro e S Paulo, de S. João Baptista, de S Sisto e da sua querida Santa Filomena... Nestas festas, as pessoas de Ars enchiam o templo durante a missa, as vésperas e o sermão da noite. E ninguém ficou mais pobre. Todavia o santo Cura estava longe de proclamá-las obrigatórias. Quem tinha necessidade de trabalhar fazia-o sem obstáculo, mas não era costume. Agradam-me muito estas festas, dizia o P. Vianney, pois a gente vem sem ser forçada, somente movida por um sentimento de amor mais perfeito.

Mesmo durante a semana, nos dias úteis, umas cinquenta mulheres e uns quinze homens assistiam à missa matinal. Em muitas famílias se combinavam de maneira que cada dia pudesse ouvir missa uma pessoa da casa. Os confrades do SS. Sacramento eram assíduos em levar os círios nas procissões e cumpriam muito bem cada domingo com a hora de adoração. Alguns imitadores do bom Chaffangeon, de santa memória, gostavam de saudar Nosso Senhor antes e depois do trabalho. Era coisa que impressionava ver os instrumentos de lavoura encostados na parede da velha igreja, durante a oração saqueles camponeses.

O Cura d'Ars não pôde obter igual êxito quando, depois de um longo período de severidade, talvez de 20 anos, quis induzir os paroquianos a maior frequência dos sacramentos.

Neste ponto não pôde ver plenamente realizados os seus ideais - a comunhão dominical ou mensal. Pensou que um número reduzido de comunhões bem feitas bastaria não só para manter, mas ainda para fazer progredir os homens e moços da sua paróquia. Fiz quanto pude, dizia quase no fim da vida, para levar os homens a comungar quatro vezes no ano. Se me tivessem escutado seriam santos. Para conseguir tal resultado, exortou, pregou e o seu zelo o tornou engenhoso. Aos mais bem dispostos sugeria que celebrassem com a recepção dos sacramentos os grandes aniversários da sua vida: o baptismo, a primeira comunhão, o casamento. Desejava que comungassem antes de serem padrinhos ou madrinhas. Uma das grandes alegrias do P. Vianney, durante a sua vida de padre, foi distribuir as sagradas partículas. Teria passado os seus dias nesse consolador ministério, que não raro desempenhava com os olhos rasos de lágrimas.

Para atrair com mais eficácia o povo à Eucaristia, o Cura d'Ars se esforçou em comunicar-lhe o gosto pelas coisas santas. Ele próprio já o havia conseguido. Todos os domingos expunha à vista daquela boa gente os estandartes mais formosos e os ornamentos mais ricos.

Por muito tempo, o Santo em pessoa ensinou os meninos do coro e os preparou maravilhosamente. Ele mesmo nas funções sacerdotais não mostrava cuidadosamente, só com a sua atitude grave e digna, todas as regras prescritas pelo ritual lionês e então vigentes na diocese de Belley? Quando o Ir. Atanásio, a partir de 1849, se encarregou de dirigir o cerimonial, a atitude dos coristas não foi menos admirável.

O seu senso litúrgico era tão apurado e ensaiava os meninos com tanta precisão e bom gosto que Mons. de Langalerie, num retiro de párocos, o propôs como modelo ao clero da diocese. Quereis ver uma igreja onde se observam, à letra, todas as cerimónias? Ide a Ars. O Irmão Atanásio é um cerimonial vivo e impecável. O seu exemplo vos dirá o que podeis conseguir, se quiserdes.

Em certos dias, a atitude dos fiéis de Ars edificava particularmente os peregrinos. Todos os anos pela solenidade de quinta-feira santa, para

comemorar a instituição da Eucaristia no Cenáculo, o P. Vianney, diz o cónego Pelletier, procurava que o trono do ostensório fosse esplêndido e se alegrava contemplando os adornos que realçavam a majestade do tabernáculo. O coro que em 1845 ele mandara aumentar de modo considerável, estava inteiramente coberto de estandartes. Uma iluminação muito bem distribuída resplandecia com mil luzes. Mas todas as medidas estavam tomadas para que o recolhimento dos fiéis fosse ajudado e não perturbado. Efectivamente, naquele dia toda a paróquia passava em continua adoração. À noite fazia-se o exercício da *Hora santa*. O Sr. Cura passava, de joelhos, a noite da quinta para sexta-fetra santa, sem se assentar um só instante.

Naquele povoado, a festa do Corpo de Deus era deveras a festa das festas. Constitua espectáculo verdadeiramente único. Em outras partes, podia ter maior pompa, porém em nenhum lugar se fazia maior manifestação de fé e de amor. Essa solenidade arrebatava o Santo Cura e lhe comunicava uma expressão e uma cândida alegria de menino. Já no modo de anunciá-la, deixava transparecer que era para ele uma festa especialmente querida. Naquele dia dava gosto vê-lo. O confessorário podia descansar por algumas horas. O Santo respirava, dilatava-se e fazia as suas férias! Passava pela casa paroquial, onde se vestiam os coroinhas. - Nunca achava que estivessem bastante bem. - Uma vez, contava o Sr. Lardet, eu tinha então 12 para 13 anos - esperava com os demais meninos no pátio da canónica. Chega o Sr. Cura. Oh! meus filhos! nos diz indo de um lado para outro. Oh! se tivésseis as almas tão brancas como essas sobrepelizes. Ele sorria. Animava as jovens a se vestirem de branco, escreve Catarina Lassagne, e as da *Providência* não eram as últimas. Pedia que no percurso da procissão se erguessem o maior número possível de altares, a fim de poder multiplicar as bênçãos na paróquia. Com o coração cheio de gozo e irradiante alegria atravessava as ruas, descia até ao castelo, alentava os trabalhadores, e ele mesmo punha mãos à obra. Antes da procissão ainda achava tempo para voltar à igreja, onde sempre o esperavam os peregrinos, e ali confessar algumas pessoas

As cerimónias se desenrolavam no meio duma afluência enorme, pois em Ars a festa era feita no dia marcado pela liturgia, isto é, na quinta-feira depois da SS. Trindade, e os habitantes das paróquias vizinhas podiam,

portanto, assistir à procissão: Nela nunca faltava. O P. Vianney não tolerava que os curiosos formassem filas ao longo do percurso, não havendo remédio senão entrar no cortejo.

O Cura d'Ars, que em tudo mais buscava sempre o último lugar entre os seus companheiros, não cedia a ninguém a honra de levar naquele dia o SS. Sacramento. Sob o pálio doado pelo visconde de Ars, caminhava, revestido dos seus magníficos ornamentos, com uma majestade impressionante. Com os olhos fixos na sagrada hóstia, rezava e chorava. Uma espécie de pasmo impedia todo o comentário nos lábios da multidão. Atrás do pálio seguia um mar de cabeças, do qual se elevavam cânticos ou murmúrios de preces. Era verdadeiramente a *FESTA DE DEUS!*

Certa testemunha daquelas esplêndidas manifestações deixou uma relação naquele estilo pomposo, posto então em voga pelo *Génio do Cristianismo*.

Era uma formosa tarde do mês de junho de 1847. Bem me lembro. O sol reclinava-se sobre nuvens de ouro e púrpura. O ar morno estava impregnado de inebriantes aromas... Vinha eu através dos campos, triste, abatido, em busca da solidão e, sem que me desse conta, encontrei-me no vale de Ars. Sentando-me sobre uma lombada à beira dos prados que se estendiam a meus pés como um mar de verdura, deixei cair a cabeça entre as mãos e fiquei abismado em profunda contemplação. Eis que de repente um disparo de artilharia retumbou ao norte do vale. Uma tríplice descarga respondeu ao sul. A esse sinal bimbalharam os sinos e os meus olhos voltados para Ars viram ao longe uma grande multidão que se movimentava em torno da igreja muito pequena para contê-la. Pelos caminhos dos arredores, cavalos ofegantes aceleravam a marcha para a festa. Vi que se agitavam bandeiras no alto do castelo, depois outras no campanário. Compreendi afinal ser a festa de *Corpus Christi*, que há 20 anos se celebrava na nossa comarca. Desci ao vale e fui ao encontro das vozes que vibravam em coro. Que pompa se ofereceu aos meus olhos surpreendidos! Uma procissão imensa de pessoas de toda a paróquia avançava com diferentes estandartes, e se encaminhava para a campina...

A cada minuto as salvas do povoado retumbavam majestosas ao que respondiam do outro lado do vale as detonações vindas do castelo. A

procissão avançava: O púlpito de terciopelo e ouro, com hastes douradas e sanefas de brocado e o ostensório de prata dourada reluziam aos raios do sol que se coavam por entre as folhas das árvores. O ancião, o venerável cura do lugar, levava nas mãos o Deus de todos. Entretanto, no limite do município com as terras do castelo, estava erguido um majestoso altar. O incenso fumegava nos turíbulo... O púlpito parou. Duas mil pessoas, prostradas em terra, inclinaram a frente até ao chão, e o sacerdote, com mão trémula, levantou o ostensório lentamente...

A multidão pôs-se novamente de pé. Novas descargas responderam ao novo aleluia; mas o lugar da cena mudou. Já estávamos nos domínios do castelo e os sinos começaram a tanger apressados. Ecoam dez disparos de morteiros, e a procissão avançou pelo prado.

Que aspecto medieval! Tinha-se que passar uma ponte, estava esta ornada com bandeiras e festões de vivas cores. O brasão da casa de Ars lançava ao vento os seus fanais triangulares. Cada árvore estava cingida por um ramallete. Enfim, a arcada de ferro do castelo apareceu entrelaçada com flores naturais e a avenida coberta de areia, cujos grãos eram menos numerosos do que as pétalas de rosas que uma mão piedosa espargira pelo chão. No pedestal da velha torre do castelo estava um altar ornado com antigas tapeçarias. A procissão, ladeada por duas fileiras de limoeiros, estendia-se pelo parque e avançava serpenteando até à capela do castelo...

Um hino entusiasta e sonoro, saído daqueles peitos robustos, elevou-se num formidável crescendo e se extinguiu de repente ao som argentino de uma campainha! Apenas ressoaram as últimas palavras do sacerdote, irrompeu da capela um *hossana*, correu rápido como a electricidade ao longo daquela procissão ajoelhada no parque, misturando-se ao troar das salvas de festa; foi rolando de eco em eco até às profundidades do vale.

Ao ler esta entusiástica narração, poder-se-ia crer que a festa de *Corpus Christi* em Ars tomava certo aspecto guerreiro. Como eram felizes aqueles bons camponeses, sobretudo os anciãos que haviam conhecido as simples festas de outrora! Mais que todos, porém, era o Sr. Pároco que se achava extasiado ao ouvir aqueles fervorosos cantos da multidão e o estampido geral dos disparos. Na festa de *Corpus Christi* de 1859, a última a que assistiu, - pois lhe restavam 40 dias de vida - o conde de Garets conseguiu,

para a procissão, sem que ele soubesse, a banda do colégio Mongré. Quando os instrumentos ressoaram o P. Vianney exultou de alegria. Depois da procissão não sabia o que fazer para agradecer aos P. P. Jesuítas, directores do pensionato que lhe haviam proporcionado aquela deliciosa surpresa, Naquele ano, por se achar muito fatigado, apesar do seu desejo não pôde levar o SS. Sacramento a não ser quando se aproximava do altar. No ano anterior, porém, sustivera por duas horas a pesada custódia não obstante os seus 72 anos completos, e quando subia os degraus dos altares campestres, erguidos na rua, parecia ter a agilidade de um jovem. Outras vezes, é verdade, vacilava-lhe o passo inclinando-se ora para a direita ora para a esquerda. Temia-se que caísse. Mais tais temores só podiam ter os forasteiros: os seus paroquianos tinham confiança, pois estavam acostumados a contemplá-lo sempre firme, ainda mesmo no meio dos trabalhos mais extenuantes. Um dia de *Corpus Christi*, conta o Ir. Anastásio, perguntaram-lhe ao vê-lo entrar na sacristia todo molhado de suor: Sr. Cura, V. Revma. deve estar muito cansado!... Oh! como quereis que eu esteja cansado? Aquele a quem eu levava levava-me também a mim.

Ars se convertera, de facto, num centro irradiante de santidade. Para sentir tão saudável influência muitas pessoas fervorosas se haviam estabelecido ali ou passavam longas temporadas. As jovens Pignaud Lacand, Berger, de Belvey; as irmãs Ricotier e Marta Miard; os Srs. Faure de la Bastie, Pedro Oriol, Hipólito Pagés (de Beucarie). João Cláudio Viret (de Cousance no Jura), Sionnet (de Nantes), e Sánchez Ramón, oficial carlista desterrado de Espanha. Muitos se haviam retirado para aquela humilde aldeia com a esperança de serem consolados pelo Cura d'Ars nos últimos momentos de vida. Com efeito era agradável viver naquela paróquia privilegiada e mais doce ainda era nela morrer.

Durante o ministério paroquial do P. Vianney, houve mortes particularmente serenas e edificantes, como aureoladas com a alegria divina. No último dia de outubro de 1825 Luís Chaffangeon, ancião de 75 anos, o homem das orações silenciosas, cantava durante a agonia com os olhos radiantes de esperança. Eu verei a morte querida. Pelo natal de 1832 a

castelã Ana Colomba de Garets, de 78 anos, morria com sinais de predestinação.

Já temos visto como se sabia morrer no orfanato da *Providência*. Assistidos pelo seu Cura muito amável, os bons paroquianos deixavam esta vida, de maneira que se dizia em torno deles: Oxalá eu pudesse ir também assim. E isto tão certo que nos arredores de Ars se desejava receber das suas mãos os últimos sacramentos, e uma pessoa se fez conduzir ali para ter essa dita. Gostava de dizer, referindo-se ao novo cemitério inaugurado em 1855 a 300 metros da igreja e bento por ele mesmo. É um relicário. Tinha ajudado a bem morrer a quantos ali repousavam, entre eles alguns pecadores dos quais, conforme testemunho dos antigos do lugar, nenhum lhe escapava naquele transe terrível, o Santo queria a todos salvos. O diabo em pessoa o testemunhou à sua maneira. O perfume sobrenatural que exalava da santa aldeia trazia-o furioso. Que asquerosa terra é esta de Ars, gritava um dia pela boca de um possesso a quem agitava horrivelmente. Tudo cheira mal... Em Ars tudo cheira mal... Ah! falai-me da *Rotonda* (lugar de reuniões para certos bairros de Lião). A *Rotonda*, sim, que cheira bem...

Mesmo quanto ao ponto de vista material, Ars parecia estar sob uma singular protecção.

Ouvi a minha mãe dizer, conta Madalena Mandy Scipiot, que depois do ano de 1825, época em que ela chegou a Ars, até à morte do P. Vianney jamais saraivou, o que se atribuía a intercessão do Santo, tanto mais que ele pedia orações para afastar o terrível flagelo. Convém notar, acrescenta Marta de Garets, que durante o seu ministério em Ars jamais temporal algum assolou aquela região. A minha mãe escrevia certo dia, após uma tempestade: A tormenta não foi para nós senão uma voz que se vai extinguindo. O Sr. Cura tinha passado a noite em oração.

Depois disto não é de estranhar que tantos forasteiros, permanecendo em Ars apenas breve tempo, ficassem tão afeiçoados àquela aldeia abençoada. Aqueles, sobretudo, que se puderam compenetrar do espírito que ali reinava e haviam logrado gozar profundamente da verdadeira paz, gostavam de voltar, e dir-se-ia que a terra natal era para eles um desterro.

Não foi sem grande mágoa que nós partimos de Ars, conta um daqueles peregrinos. Como nos ambientámos tão depressa? É que naquela terra sem lustro tínhamos encontrado a paz que converte em pátria o lugar de que se gosta.

Voltando para o bulício e agitação da cidade não podíamos suportar o mal-estar e a tristeza. Os homens nos pareciam grosseiros e inimigos. As conversações, os gritos e mesmo o aspecto do trabalho reacendiam a discórdia e evocavam a dor. A atmosfera de paz e harmonia cristãs que tínhamos acabado de perder nos faziam mais impressionáveis que as misérias humanas. Dali em diante teríamos que nos refugiar nas nossas recordações de Ars como um santuário e reviver na nossa alma a santa figura do P. Vianney para sermos novamente alentados e consolados.

O P. Toccanier, que desfrutava o insigne favor de ajudar o nosso Santo, recebeu de uma pessoa muito piedosa estas linhas banhadas de lágrimas:

Oh! Ars, se eu pudesse transportar como o pensamento a minha pessoa, em ti eu estaria todos os dias. Apenas parti e a minha alma já desejava voltar... Ainda sonho com a felicidade daqueles dias que já passaram, daqueles dias em que estive na sua abençoada aldeia... Que feliz é V. Revma.

CAPÍTULO XI

O Cura D'Ars e o Demónio

A finalidade das perseguições diabólicas - Os primeiros ataques nocturnos - André Verchere e o seu fuzil - A identidade do misterioso assaltante - Está furioso: tanto melhor - As horas de insónia e de combate - As trapaças e as violências do demónio - Viagem infernal pela estrada de Saint-Trivier. Testemunhas que viram e ouviram - O leito queimado - Noite de balbúrdia na casa paroquial de Monimerle - O atormentador atormentado - O poder do Cura d'Ars sobre os demónios - Algumas libertações de possessos - Cena fantástica contra o ocultismo e o espiritismo - Aventura do conde Júlio de Maubou - Em casa do capitão de Montluisant- O fim das obsessões diabólicas - A derrota de Satanás.

Que há inferno e anjos decaídos condenados a ele é dogma da nossa fé católica. Conforme ela, o demónio é um ser pessoal e existente e não uma ficção da fantasia. No mundo, é verdade, a sua acção permanece oculta, porém às vezes, com permissão de Deus, se manifesta exteriormente. É que sem dúvida vê ameaçada a sua influência nesta ou naquela parte da terra, e como não pode atacar directamente a Deus, o invisível malfeitor se esforça em esterilizar os trabalhos dos seus obreiros. Por espaço de 35 anos - de 1824 a 1858 - o Cura d'Ars foi alvo das perseguições exteriores do Maligno. Se Satanás tivesse conseguido roubar-lhe o sono e o repouso, tirar-lhe o gosto da oração, das austeridades e dos trabalhos apostólicos e o obrigasse enfim a deixar o ministério das almas!... Mas o inimigo da salvação foi descoberto e vencido. As lutas com o demónio, diz Catarina Lassagne, tornaram o P. Vianney caritativo e desinteressado. O péssimo astuto não contava com esse resultado.

As perseguições infernais começaram no tempo em que o santo Cura meditava no plano da *Providência*, para a qual acabava de adquirir uma casa, quer dizer, durante o inverno de 1824 a 1825.

Foram a continuação de violentas tentações interiores. Durante o curso de uma enfermidade bastante grave, devida talvez ao que ele chamava loucuras da juventude, o P. Vianney, tentado por pensamentos de desesperação, cria-se próximo à morte. Parecia-lhe ouvir repetidamente, dentro de si mesmo, uma voz que lhe dizia: Agora cairás no inferno. Mas o Santo recuperava a paz da alma avivando a sua fé em Deus. Para turbar-lhe

a paz exterior, começou o demónio com inquietações insignificantes, Cada noite o pobre Cura d'Ars ouvia rasgarem-se as cortinas do leito. Pensou que se tratasse de vulgares roedores. Deixou um pau na cabeceira, mas tudo em vão. Quanto mais sacudia as cortinas para pegar os ratos tanto maior era o ruído dos rasgões, e no dia seguinte, quando esperava ver as cortinas feitas em pedaços, encontrava-as intactas. Essas manobras duraram algum tempo.

O Cura d'Ars não pensou a princípio tratar-se do espírito das trevas. Não era nada crédulo e dificilmente dava fé aos factos extraordinários, contanto que mais tarde, quando se lhe ofereciam casos de possessão diabólica, conduzia-se sempre com a maior prudência. Perguntei-lhe um dia, diz o P. Dufeur, missionário de Belley, que pensava de uma pessoa que se enfurecia em presença de um sacerdote, ou de um crucifixo. Respondeu-me: Tem um pouco de nervos, um pouco de loucura e um pouco do *grappin*. *Grappin* era o nome com que ele de ordinário designava o demónio. Quanto a ele, conservando perfeito domínio de si mesmo em meio de um trabalho inaudito, não podia ser tido como um alucinado. Muito sério e inimigo da mentira para inventar comédias, jamais teria falado em obsessões do demónio se não fossem reais. Tal era, de outro lado, a convicção de quantos dele se aproximavam.

Ora no silêncio duma noite ouviram-se pancadas e gritos no pátio da casa paroquial. Seriam acaso ladrões que cobiçavam os preciosos presentes do visconde de Ars, guardados num cofre do sótão? O P. Vianney desceu às pressas e não viu nada. Contudo, nas noites seguintes, receou ficar só.

Depois de muitos dias contou André Verchere, carvoeiro da vila, jovem de 28 anos, robusto e galhardo, que o P. Vianney ouvia em sua casa um ruído extraordinário. Uma tarde veio ao meu encontro e me disse: Não sei se são ladrões... Queres dormir na casa paroquial?

Com muito gosto, Sr. Cura. Vou carregar o meu fuzil. Chegada a noite, dirigi-me à casa canónica. Conversei com o Sr. Cura, junto ao fogão, até pela volta das dez. Então, me disse ele: Vamos dormir. Cedeu-me o seu quarto e ele ocupou o contíguo. Eu não podia dormir. À uma hora ouvi sacudir com violência o ferrolho e a tranca da porta que dava para o pátio. Simultaneamente contra a mesma porta ressoavam pancadas de maça, enquanto a casa se enchia de um ruído atordoador como de vários carros.

Tomei o fuzil e me precipitei para a janela, que abri com violência. Olhei e não vi nada. A casa estremeceu por um quarto de hora. As minhas pernas fizeram o mesmo, e disso me resenti por espaço de 8 dias. Quando o estrépito começou, o Sr. Cura acendeu uma lâmpada e veio ter comigo.

Ouviste alguma coisa? perguntou-me.

Sim. Pois não vê V. Revma. que me levantei e estou com o fuzil?

A casa estremeceu como se a terra tremesse.

Tens medo? perguntou-me ainda o Sr. Cura.

Não; não tenho medo, porém sinto que me faltam as pernas

A casa vai desabar.

Que pensas ser isso?

Creio ser o diabo.

Quando cessou o barulho, voltámos para a cama. O Sr. Cura na noite seguinte pediu-me ficasse com ele novamente. Sr. Cura, respondi-lhe, já levei susto que chega.

Mais tarde, na *Providência* de Ars, o P. Vianney, comentando o apuro do seu primeiro guarda, ria-se a bom rir do susto que levava. Meu pobre Verchere, dizia ele às professoras, tremia dos pés à cabeça com o seu fuzil. Nem sequer se dava conta que o tinha na mão.

Diante da negativa do carroceiro. o Sr. Cura dirigiu-se ao burgomestre, o qual mandou à casa paroquial o seu filho António, bom rapaz de 26 anos e a quem deu por companheiro de armas João Cotton, jardineiro do castelo de Ars, dois anos mais moço do que ele. Depois da oração da noite foram para a casa paroquial, onde dormiram umas doze noites. Não ouvimos nenhum ruído, diz João Cotton. Não assim o Sr. Cura, que dormia no quarto vizinho. Mais de uma vez o seu sono foi perturbado e então nos perguntava: Meninos, não ouvistes alguma coisa? Não; respondíamos. Nenhum ruído chegou até nós. Apesar disso, por um momento, percebi um som

semelhante ao que se produz na lâmina de uma faca cortando rapidamente a água numa vasilha. Tínhamos colocado os nossos relógios junto ao espelho do quarto. Estou admirado, disse-nos o Sr. Cura, que os vossos relógios não estejam feitos em pedaços.

Muitos outros jovens, entre eles Edemo Scipiot, administrador do castelo, puseram-se de sentinela no campanário. Tão pouco eles ouviram ruído algum que lhes causasse suspeitas. Somente, conforme diz Madalena Scipiot, filha de Edemo, eles viram, certa noite, uma como língua de fogo que se precipitava sobre a casa canónica.

Donde, pois, procediam os ruídos misteriosos? O P. Vianney intranquilo, porém prudente, ainda não ousava emitir a sua opinião. Uma noite em que a neve cobria o solo ressoaram gritos no pátio. Era como um exército de Austríacos ou de Cossacos que confusamente falasse uma língua que não se entende. O Cura d'Ars abriu a porta. Ao pálido reflexo da neve que mesmo nas noites sem luar costuma alumiar fracamente, não viu rasto de ninguém. Não havia lugar para dúvidas. Não se tratava de vozes humanas; tão pouco era coisa angélica ou divina, mas qualquer coisa de horrível e de infernal. Além disso, os calafrios de medo que sentia não revelavam a presença do misterioso personagem? Achei que era o demónio porque tive medo, dizia mais tarde a Mons. Devie: Deus não assusta ninguém. Convencido pois que nem paus ou fuzis poderiam alguma coisa contra o inimigo, despediu os guardas e ficou só no combate.

Com efeito, foi uma verdadeira batalha. E para sustentá-la, o P. Vianney não tinha mais recursos que a paciência e a oração. Perguntei-lhe uma vez, refere o seu confessor, como repelia tais ataques. Respondeu-me: Volto-me para Deus, faço o sinal da cruz e digo algumas palavras de desprezo ao demónio. Além disso, noto que o barulho é muito maior e que os assaltos se multiplicam, quando no dia seguinte vem algum grande pecador. Essa averiguação muito o consolava nas suas insónias. A princípio tinha medo, dizia confidencialmente ao Sr. Mermod, um dos seus melhores amigos e mais afeiçoados penitentes, eu não sabia o que era aquilo, mas agora estou contente. É muito bom sinal; a pesca do dia seguinte é sempre excelente. O *grappin* é tolo. Ele mesmo anuncia a conversão de grandes pecadores. Está furioso... Tanto melhor.

Chegamos ao tempo do trabalho sobre-humano, quando o P. Vianney passava a maior parte do dia no confessionário. Chegada a noite, apesar de sentir-se extenuado, não se deitava sem antes ler algumas páginas da Vida dos Santos. Essa era a hora que ele aproveitava para se flagelar de espaço em espaço com sangrentas disciplinas... Feito isso, estendia-se sobre a pobre enxerga e procurava dormir. Já ia querendo dormir quando subitamente era tirado do seu repouso por gritos lúgubres, vozes e golpes formidáveis. Dir-se-ia que o malho dum ferreiro fazia em pedaços a porta da casa. De repente, sem que se movesse um ferrolho, o Cura d'Ars percebia com horror que o demónio estava junto dele. Eu não lhe dizia que entrasse - contava meio brincando, meio sério - mas ele entrava do mesmo modo. A festa ia começar. O espírito do mal permanecia invisível, porém a sua presença se deixava sentir. Derrubava as cadeiras, sacudia os pesados móveis do quarto, e gritava com voz aterradora: Vianney, Vianney... Comilão de batatas... Ah! ainda não estás morto... Não me escaparás... Às vezes, imitando os animais, grunhia como um urso, uivava como um cachorro e atirando-se sobre as cortinas as sacudia com furor. Outras vezes, conta o Irmão Atanásio, conforme as suas próprias recordações e as revelações de Catarina Lassagne, o demónio imitava o ruído que faz o martelo quando se cravam pregos na parede ou quando se rola um tonel com arcos de ferro; tocava tambor sobre a mesa, sobre a estufa e sobre o pote de água.

Cantava às vezes com voz áspera, e o Cura d'Ars nos dizia troçando: O *grappin* tem uma voz muito feia!

Também sentia como se lhe passassem a mão pelo rosto ou como se ratos lhe corressem pelo corpo. Certa noite ouviu o ruído dum enxame de abelhas. Levantou-se e acendeu a vela. Foi correr a cortina para espantá-las, mas não viu mais nada. Outra vez o demónio experimentou tirá-lo do leito atirando-lhe a enxerga ao chão. O P. Vianney, mais assustado do que nas outras vezes, fez o sinal da cruz e o demónio o deixou tranquilo.

Certa noite, pouco depois de se ter deitado, notou que o leito, de ordinário tão duro, estava extraordinariamente macio, no qual se ia afundando como num divã. Ao mesmo tempo uma voz irónica repetia: Eia, Eia!... Vamos, Vamos; e com outras palavras irrisórias induzia-o à

sensualidade. O P. Vianney benzeu-se e tudo cessou. Engenhoso em inventar trapaças lúgubres, o espírito das trevas parecia multiplicar-se ou correr por toda a casa. No quarto um bando horrendo de morcegos pousava nos vidros e se prendiam às cortinas da cama. No sótão, durante horas a fio, parecia passar um rebanho de ovelhas por sobre o quarto. No refeitório ouvia-se o ruído como que de um cavalo que tivesse subido ao teto para de lá cair com as quatro ferraduras sobre o pavimento.

As farsas infernais cansaram o pobre Cura d'Ars, porém nunca o abateram. Apesar das terríveis insónias, quando no relógio da torre soavam as doze da noite, o P. Vianney pensava nos seus penitentes que se renovavam sem cessar e que o estavam esperando. Levantava-se imediatamente e dirigia-se à igreja. Mas à custa de que esforços!... Costumava vir aos nossos ensaios de canto para nos animar, diz uma das paroquianas. Algumas vezes chegava muito pálido. Perguntávamos se estava doente. Não, respondia, mas o *grappin* me fez tantas... que esta noite não dormi.

Às vezes, o sinistro companheiro fazia péssima companhia ao P. Vianney. Um dia, conta um missionário de Poot d'Ain, o Sr. Cura fazendo-me subir a escada à sua frente me dizia: Oh! meu amigo, isto agora não é como ontem; lá era o demónio que subia diante de mim; dir-se-ia que calçava botas.

Numa manhã de dezembro de 1826, muito antes de amanhecer o dia, o Cura d'Ars partiu a pé para Saint-Trivier-sur-Moignans, onde ia pregar os exercícios do jubileu. Caminhava rezando o rosário. Em torno dele o ar estava cheio de luzes sinistras, a atmosfera como que abrasada e de cada lado do caminho os arbustos lhe pareciam de fogo. Era Satanás que, prevendo os frutos felizes que o P. Vianney havia de produzir nas almas, seguia-lhe os passos envolto no fluido ardente que o atormenta. Fazia isso para atemorizá-lo e desanimá-lo. Ele, porém, continuava o seu caminho.

O Cura d'Ars, que silenciava todas as coisas capazes de granjear-lhe elogios, referia com prazer até mesmo na igreja, durante o catecismo, as

trapaças que o demónio lhe fazia. Sabemos que era incapaz da mais leve mentira e que, apesar de seu trabalho extenuante, conservou sempre o mais perfeito domínio de si mesmo. Entretanto, mais de um, mesmo entre os seus familiares, teria podido exigir outras provas além das suas palavras e do testemunho já longínquo do carroceiro Verchere.

O P. Raymond, que durante 8 anos foi seu auxiliar e o P. Toccanier, que o foi seis anos, não ouviram jamais os ruídos extraordinários. Escute o *grappin*, dizia algumas vezes ao P. Raymond. Mas ele em vão aguçava o ouvido. Porque é que só o Cura d’Ars percebia os ruídos? Era porque as vexações do demónio só o visavam a ele, Contudo, em circunstâncias excepcionais. outras pessoas dignas de todo o crédito puderam comprovar por si mesmas as *infestações* do inimigo.

Lá por 1820, o P. Vianney tinha levado, da sua igreja para a casa paroquial, um velho painel que representava a Anunciação. O quadro estava pendurado junto à escada. Então Satanás se encolerizou contra aquela simples imagem e cobriu-a de imundícies. Tiveram que tirá-la daquele lugar. Muitos, afirma o P. Monnin, foram testemunhas de tão odiosas profanações ou ao menos puderam ver sensíveis sinais delas! O P. Renard diz ter visto aquela pintura indignamente manchada. A figura da Virgem não podia ser já reconhecível.

Margarida Vianney, a Gothon dos tempos de infância, ia de vez em quando visitar o santo irmão. Durante uma das noites que passou na casa paroquial, ouviu o Cura d’Ars sair do quarto, antes da hora, para ir à igreja. Poucos momentos depois, conta ela mesma, ouvi perto da minha cama um estrondo muito violento, como se quatro ou cinco homens despedaçassem com golpes fortíssimos a mesa e o armário... Tive medo, levantei-me, acendi a luz e vi que tudo estava em ordem. Pensei que talvez estivesse sonhando. Deitei-me novamente e apenas estava na cama quando o estrépito se renovou. Desta vez o susto foi muito maior. Vesti-me a toda pressa e corri à igreja. Quando o meu irmão voltou para a canónica, contei-lhe o que se tinha passado. Oh! minha filha, replicou, não há por que temer, é o demónio. Nada pode contra ti; a mim também me atormenta. Algumas vezes me agarra pelos pés e me arrasta pelo quarto. Faz isso porque converto almas para Deus.

A senhorita Maria Ricotier, de Gleizé, no Lionado, estabelecida em Ars, de sua casa ouviu certos ruídos que lhe parecia virem da casa paroquial. Uma vez de modo especial o barulho pareceu-lhe mais extraordinário. De manhãzinha foi falar com o P. Vianney. Também ouvi, respondeu. Provavelmente são os pecadores que se encaminham para Ars.

O Sr. Aniel, escultor de Montmerle, contava certo dia ao conhecido hoteleiro Francisco Pertinand: Não compreendo como se possa dormir numa casa onde se produzem ruídos tão aterradores. Fiquei nela várias noites quando fazia as imagens encomendadas pelo P. Vianney.

Dionísio Chaland, de Bouligneux, jovem estudante de filosofia, confessou-se com o Cura d'Ars num dia de junho de 1838. Foi recebido, por um favor especial, no quarto do próprio Santo. Ajoelhei-me no seu genuflexório, conta o mesmo estudante. Quase pela metade da confissão um tremor geral agitou toda a peça; o genuflexório se moveu, bem como todo o resto, Levantei-me aterrorizado. O Sr. Cura agarrou-me por um braço. Não é nada, disse ele; é o demónio. No fim dessa confissão o P. Vianney decidiu sobre o meu futuro. É preciso que te tornes sacerdote. A minha emoção foi muito grande e devo dizer que não me tornei a confessar com o Cura d'Ars.

Esse mesmo Dionísio Chaland, mais tarde foi hóspede na casa do mestre-escola de Ars. Em certas noites a curiosidade podia mais do que o medo e alguns dos seus discípulos iam à porta da casa paroquial para escutar o estrépito que, conforme era fama, o demónio fazia. Pois bem, eles ouviram mais de vinte vezes, geralmente por volta da meia-noite, uma voz gutural que repetia: *Vianney, Vianney*

Em 1842 um policial de Messimy chamado Napoly, que passava por grandes provas, quis consultar o Cura d'Ars. Chegou à aldeia já noite adiantada. Como estivesse esperando à porta da casa paroquial, ouviu, no silêncio da noite, o horripilante chamado, tantas vezes repetido. O quarto do Santo iluminou-se debilmente e este apareceu em seguida alumando o caminho com a lanterna. Sr. Cura, parece que vos atacam, gritou o bom do Napoly... Mas eu estou aqui para vos defender!_ Ah! Isso não é nada, meu amigo... é o *grappin*. Enquanto dizia isso, tomava a mão de Napoly que estava tremendo. Vem comigo, acrescentou, e conduziu o defensor de ocasião à sacristia, onde, sem dúvida, como diz o Irmão Atanásio, as coisas

terminaram do melhor modo possível. Soube mais tarde que aquele homem se tornou bom cristão. O Sr. Cura dizia-me depois que ele não era muito valente para ser um bom soldado.

Em março de 1852, uma jovem religiosa, da congregação do Menino Jesus, chamada Irmã Clotilde, no século Joana Coiffet, de Ligneux (Loire), quis confessar-se com o santo sacerdote. Passou um dia, e chegada a noite, como muitos outros penitentes, teve que acomodar-se no vestíbulo, junto ao campanário. Por volta da uma e meia da madrugada, o P. Vianney abriu a porta. Todos se precipitaram atrás dele. Mas, de repente, voltou-se e apontando com o dedo a religiosa desconhecida que timidamente ficara no canto mais escuro, disse: deixai vir aquela jovem. A Irmã Clotilde seguiu-o, Apenas o Santo se adiantou para a nave, ouviram-se estranhos rumores como uma alteração de homens encolerizados. Não é nada, murmurou o Cura d'Ars ao ouvido da pobre irmã assustada: é o demónio que faz isso.

Um facto que a rigor, poderia explicar-se por causas naturais mas, no qual o P. Vianney e a multidão viram uma agressão mais notável do demónio, comoveu os peregrinos e os confirmou na convicção de que o espírito maligno agredia exteriormente o Cura d'Ars. Era segunda ou terça-feira das Quarenta-Horas, vinte e três ou vinte e quatro de fevereiro de 1857. Naquela manhã o Santo se pusera a ouvir confissões antes da hora do costume, pois era muito grande a multidão na igreja, onde estava exposto o SS. Sacramento, Pouco antes das 7, as pessoas que passavam diante da casa paroquial viram que saíam chamas do quarto do P. Vianney. Correram a avisá-lo, no momento em que ele deixava o confessionário para celebrar a santa missa. Sr. Cura, parece que há fogo no seu quarto. Enquanto lhes entregava a chave para que fossem apagá-lo, respondia sem muita preocupação: Esse vilão do demónio, não podendo pegar o pássaro, queima-lhe a gaiola.

Saiu, pois, da igreja e entrando no pátio encontrou-se com uns homens que acabavam de tirar os restos fumegantes do seu pobre leito. Nada lhes perguntou. Voltou à igreja e entrou na sacristia. Naturalmente entre os penitentes que enchiam a nave produziu-se um certo movimento. O Ir. Jerónimo, o solícito sacristão, pensou que o Santo ignorasse o motivo. Sr.

Cura, a sua cama acaba de queimar-se. Pois sim, replicou o interessado em tom de indiferença, e tranquilo, como de costume, foi celebrar a missa.

O P. Alfredo Monnin, jovem missionário de Pont d' Ain, substituto do P. Toccanier, que fora pregar a missão em Massigneux, perto de Belley, entrou precipitadamente no quarto incendiado. Logo notou as características do misterioso incêndio.

A cama, contou ele, o dossel, as cortinas, e quanto havia em redor estava tudo queimado. O fogo só se deteve ante o relicário de Santa Filomena, posto sobre uma cómoda, e a partir justamente desse lugar, traçou com precisão geométrica uma linha recta de alto a baixo, destruindo tudo quanto estava além.

Assim ,como apareceu sem causa aparente, assim também se extinguiu por si mesmo. Coisa verdadeiramente notável e em qualquer hipótese prodigiosa é que não se tenha propagado nas espessas cortinas de sarja, nem incendiado o forro, muito baixo, velho e ressequido, que teria queimado como palha.

Ao meio-dia, quando me visitou na *Providência*, falávamos no sucedido. Eu lhe disse que a opinião geral atribuía o facto a uma peça de mau gosto do demónio e lhe perguntei se na verdade acreditava que o maligno espírito tivesse feito qualquer coisa. Respondeu-me positivamente Com o maior sangue frio... Está furioso; isso é bom sinal; virão pecadores. Com efeito, durante aqueles dias houve em Ars um movimento extraordinário.

Uns trinta anos antes, um outro acontecimento, sobre o qual não é possível duvidar, impressionara principalmente o clero dos arredores. Em 1826, durante uma missão em Montmerle, produziram-se ruídos misteriosos na casa paroquial. Era o demónio que arrastava a cama do Cura d'Ars pelo meio do quarto em que ele dormia, Riram-se disso e a história só achou incrédulos. Durante o inverno seguinte foi coisa bem diferente. Pregava-se o jubileu em Saint-Trivier-sur-Moignans. O P. Vianney foi convidado para auxiliar, o que fez de muito boa vontade. Desde a primeira noite ouviram-se rumores na casa do pároco de Saint-Trivier, ordinariamente calma. Os sacerdotes que dormiam debaixo do quarto do P. Víanney o censuraram.

Apenas se deitava, já os ruídos procediam do seu quarto. É o demónio, respondeu o Cura d'Ars, ele está aborrecido com o bem que se faz aqui. Os colegas, porém, não lhe quiseram dar crédito. V. Revma. não come, nem dorme, lhe diziam; é a cabeça que não o deixa descansar ou os ratos que lhe correm pelo cérebro. Noutro dia, as zombarias dos companheiros foram mais vivas e desta vez o servo de Deus nada respondeu.

Na noite seguinte, ouviu-se um barulho de carro que fazia estremecer o chão. Parecia que a casa vinha abaixo. O P. Grangier, cura de Saint-Trivier, o P. Benoit, coadjutor e o P. Chevalon, antigo soldado da república e missionário da diocese e até a criada, Dionísia Lanvis, se levantaram sobressaltados. Produziu-se no quarto do Cura d'Ars uma tal algazarra que o P. Benoit gritou: Estão matando o P. Vianney. Todos correram para lá. Mas que viram? O Santo estava deitado tranquilamente no seu leito, que mãos invisíveis haviam arrastado para o meio do quarto. Foi o demónio, disse ele sorrindo, que me arrastou até aqui e causou toda esta desordem. Não é nada... Sinto não vos ter prevenido. É bom sinal... Amanhã cairá um peixe graúdo. Quem seria este peixe graúdo?

Evidentemente com tal expressão, que lhe era familiar, queria indicar a conversão de um grande pecador. Apesar de tudo isso, os colegas de Saint-Trivier ainda duvidaram, crendo fosse uma alucinação. Vigiam então no dia seguinte o seu confessionário. Até à noite não ocorreu nada de extraordinário. O P. Vianney tivera uma ilusão. Mas qual não foi a alegre surpresa do pároco e dos missionários, quando viram depois do sermão o Sr. de Murs, nobre cavalheiro que, atravessando toda a igreja, foi pedir ao Cura d'Ars para que o ouvisse de confissão. Aquele cavalheiro tinha descuidado os deveres religiosos desde muito tempo. O seu exemplo causou profunda impressão nos habitantes de Saint-Trivier. Depois deste episódio, o P. Chevalon, que fora talvez um dos primeiros zombeteiros, olhava para o Cura d'Ars como para um grande santo.

Em muitas ocasiões o diabo atacou também as obras da *Providência*. As professoras e as órfãs foram despertadas algumas noites por rumores estranhos. Outras vezes o demónio intentou também perturbar os espíritos.

Um dia, conta Maria FiIlliat, depois de ter lavado bem a panela, deitei água para fazer a sopa. Vi que na água havia alguns pedacinhos de carne.

Era dia de abstinência. Esvaziei bem a panela. Lavei-a de novo, e pus água novamente. Quando a sopa estava já para ser servida, vi outra vez pedacinhos de carne. Contei ao P. Vianney e este me respondeu: É o demónio que faz tudo isso. Sirva assim mesmo a sopa.

Deste modo o furor de Satanás esgotava-se inutilmente. Além disso o P. Vianney acabou por acostumar-se com as suas visitas. V. Revcia. sem dúvida deve ter medo, lhe perguntou o P. Toccanier, de tão desagradáveis colóquios?

A gente se habitua com tudo, meu amigo, replicou o amável Santo. O diabo e eu somos *quase camaradas!*.

No dia 4 de dezembro de 1841, dizia às directoras do orfanato: Escutem aqui: o demónio esteve esta noite no meu quarto. Enquanto eu rezava o breviário ele soprava muito forte, parecia vomitar não sei que trigo ou outros grãos sobre os ladrilhos. Eu lhe disse: Vou à *Providência* dizer o que fazes, para que te desprezem E ele logo sossegou.

Certa noite em que o Cura d'Ars procurava conciliar o sono, o inimigo apresentou-se gritando: *Vianney, Vianney, tu não me escaparás* E o pobre Santo respondia do canto escuro onde estava a sua cama: Não tenho medo de ti.

Entende-se facilmente, depois disso, que certas pessoas se aproveitassem do domínio que o servo de Deus adquirira sobre o mau espírito para conseguir por seu intermédio, livrar os possessos. Mons. Devie autorizara o Cura d'Ars a exercer o seu poder de exorcista, cada vez que as circunstâncias o exigissem. A este respeito existem muitas testemunhas. João Picard, ferreiro do povoado, presenciou várias cenas estranhas Uma infeliz mulher fora trazida de longe pelo marido. Estava furiosa: soltava gritos desarticulados. Mandaram-na ao Sr. Cura que, depois de tê-la examinado, declarou ser necessário levá-la ao bispo da sua diocese. Bem, bem respondeu a mulher que recobroua repentinamente a fala, ainda que o

timbre da voz fosse trémulo. A criatura voltará... Ah! se eu tivesse o poder de Jesus Cristo, disse ela, vos meteria todos no inferno.

Conheces Jesus Cristo, replicou o P. Vianney! Pois bem! Levem esta senhora ao pé do altar-mor.

Quatro homens conduziram-na para lá, apesar da sua resistência. O P. Vianney pôs o seu relicário na cabeça da possessa e ela ficou como morta. Entretanto depois levantou-se por si mesma e de um pulo rápido chegou à porta da igreja. Ao cabo de uma hora estava muito tranquila, persignou-se com água benta e ajoelhou-se. Estava completamente curada. Durante três dias foi a edificação dos peregrinos.

Uma pobre velha dos arredores de Clermond-Ferrand despertou especialmente a compaixão de Pedro Oriol, um dos *guarda-costas* do nosso Santo. A pobre infeliz, conta ele, passou todo o dia dançando e cantando na praça da igreja. Fizeram-lhe beber algumas gotas de água benta. Enfureceu-se e se pôs a morder as paredes da igreja. O seu filho estava com ela e não sabia o que fazer. Um sacerdote forasteiro colocou-a entre Igreja e a casa paroquial, por onde devia passar o P. Vianney. O Santo logo apareceu. Abençoou simplesmente a infeliz, cuja boca sangrava e ela num momento ficou completamente calma. O seu filho contou que fazia 40 anos que ela se achava naquele triste estado e nunca se tinha mostrado assim nem tão furiosa nem tão calma. Acreditava-se que estivesse possessa do demónio. É certo, porém, que as terríveis crises não voltaram mais.

Pela noite de 27 de dezembro de 1857, um coadjutor de S. Pedro de Avinhão e a superiora das Franciscanas de Orange acompanharam uma jovem professora que dava todos os sinais de possessão diabólica. O arcebispo de Avinhão tinha estudado o caso e aconselhou que a apresentassem ao P. Vianney. No dia seguinte, pela manhã, levaram-na à sacristia quando o Santo ia paramentar-se para celebrar o santo sacrifício. Mas, de repente, a possessa procurou a porta para escapar. Há muita gente aqui, gritava. Há muita gente? perguntou o servo de Deus. Pois bem agora sairão. A um sinal seu, os assistentes se ocultaram e ele ficou só com a pobre vítima de Satanás. A princípio não se ouvia mais no interior da igreja do que um murmúrio de palavras confusas. Depois o tom foi-se elevando.

O coadjutor de Avinhão, que ficara junto à porta da sacristia, ouviu uma parte do diálogo: Queres pois sair de uma vez? perguntou-lhe o Cura d'Ars.

Sim.

Porquê?

Porque estou com um homem de quem não gosto.

E o P Vianney ironicamente prosseguiu: Não gostas de mim? Um não estridente foi toda a resposta do espírito que habitava naquela pobre Jovem.

Quase no mesmo instante, abriu-se a porta da sacristia. O poder do Santo triunfara. Recolhida e modesta, chorando de alegria, e com uma expressão de agradecimento infinito a jovem apareceu no umbral. Apesar disso e por uns instantes o temor apareceu-lhe no rosto. Voltou-se para o P. Vianney e lhe disse: Temo que volte... Não, não, minha filha, nunca mais. De facto, o demónio não voltou mais e a jovem pôde reiniciar as suas ocupações de professora na cidade de Orange.

No dia 25 de julho de 1859, véspera do dia em que o Santo ia deitar-se para não mais se levantar, levaram-lhe com grande trabalho, às oito da noite, uma mulher que passava por possessa. O marido acompanhava-a e entrou só com ela no pátio da casa paroquial, para onde os acompanhou o P. Vianney. Entretanto, Pedro Oriol e um grande número de forasteiros ficaram de pé junto à porta. No momento em que aquela mulher saiu livre e contente ouviu-se um ruído no pátio semelhante ao de galhos de árvores violentamente quebrados. Foi tal o estrépito que os presentes ficaram aterrorizados. Ora, acrescenta o Sr. Oriol, quando entrei em casa, depois da oração da noite, vi que os sabugueiros estavam intactos.

Houve outra infeliz que não foi possível levar até à igreja, tal a resistência que opunha e a repulsa que mostrava pelo Cura d'Ars. Chamaram o Santo para que fosse à casa onde se hospedava, mas na ausência dela. Ele esperou que a trouxessem para uma sala contígua. Naturalmente, a pessoa não estava inteirada de coisa alguma. De repente, ao aproximar-se da casa, a mulher foi agitada por violentas convulsões. O

padreco não está longe, dizia uivando. Desta vez também o Santo desempenhou o seu papel libertador.

Em fevereiro de 1840, quase pelo meio-dia, aconteceu uma coisa fantástica no próprio confessionário do P. Vianney. Uma mulher vinda das imediações de Puy-en-Velay, na qual, a princípio, nada de estranho se podia notar, ajoelhou-se aos pés do Santo. Naquele momento, umas dez pessoas, entre elas Maria Boyat e Genoveva Filliat de Ars, estavam juntas, perto da capela de S. João Baptista, aguardando a vez de se confessarem. Sem nada ver, ouviram tudo. Como a mulher estivesse calada, o Santo lhe dava pressa para que se acusasse das suas faltas, De repente ouviu-se uma voz acre:

Não cometi senão um só pecado, e faço participantes deste fruto a todos quantos quiserem... Levanta a mão e absolve-me. Ah!

Tu a levantas muitas vezes para mim, pois estou frequentemente junto de ti no confessionário.

Tu quien es? (Quem és), perguntou o Santo.

Magister Caput (Mestre Cabeça, quer dizer, um chefe), respondeu o demónio, e depois repetiu a resposta em francês.

Ah! sapo negro, quanto me fazes sofrer. Sempre dizes que queres ir embora; por que não vais?... Há outros sapos negros que me fazem sofrer menos do que tu.

Vou escrever a Monsenhor para que te faça sair. - Sim, mas eu farei que trema a tua mão para que não possas escrever... Eu te possuirei. Tenho ganho a outros mais fortes do que tu. Ainda não estás morto. Se não fosse esta... (Com uma palavra repugnante e grosseira se referia à Virgem) que está aqui em cima, já te possuiria: mas ela te protege com este grande dragão (S. Miguel) que está à porta da igreja. Diz-me por que te levantas tão cedo. Desobedeces ao veste roxa (ao teu bispo). Por que pregas com tanta simplicidade? Por isso és considerado como ignorante. Por que não pregas pomposamente, como se faz nas cidades?

As invectivas diabólicas continuaram por alguns minutos, referindo-se ele sucessivamente ao bispo de Belley, Mons. Devie, e ao bispo de Puy, Mons. Donald, que se achava em vésperas de ser nomeado arcebispo de Lião; a diversas categorias de sacerdotes e finalmente de novo ao Cura d’Ars. O Espírito do Mal, que sempre acha algo a repreender na vida de cada um, viu-se obrigado, mau grado seu, a proclamar a impoluta virtude do servo de Deus, como aconteceu com Cristo no Evangelho.

O Cura d’Ars, cujo olhar penetrava o mundo do mistério, mostrou grande severidade para com os que praticavam o espiritismo e o ocultismo. Quem é que faz rodar ou falar as mesas? perguntava um dia a uma desventurada energúmena que injuriava os transeuntes na praça do povoado. Sou eu, respondeu a mulher que o espírito atormentava... Tudo isso é obra minha. O Cura d’Ars achou que naquele dia o infernal enganador tinha dito a verdade.

O conde Júlio, de Maubou, que possuía uma propriedade em Beaujolais, perto de Villefranche, mas que passava em Paris uma parte do ano, gostava de visitar o P. Vianney. Era seu penitente e amigo.

Isso era pelo ano de 1850. Naquele tempo - a história é um perpétuo recomeçar - estavam muito em moda os espíritos, os médiuns e as mesas giratórias. Na alta sociedade parisiense, e até em famílias crentes e praticantes, entregavam-se a esses passatempos reputados de bom-tom. O conde Maubou, convidado para um serão em casa de uns parentes, não achou conveniente declinar o convite, E tomou parte em diversas experiências. Sob os seus olhos desenrolaram-se os fenómenos habituais: A mesa levantou-se e respondeu batendo no soalho. Dois dias depois, o nosso cavalheiro, retomando o caminho de Beaujolais, dirigiu-se para Ars, muito contente por ir ver o seu venerável e santo director. Precisamente no momento em que chegava, o P. Vianney aparecia no portal da igreja. Sorrindo, estendendo a mão, o Sr. Maubou dirigiu-se para ele. Dolorosa surpresa! Sem quase retribuir a saudação, detendo-o com um gesto, disse-lhe em tom triste e severo: Júlio, alto lá. Anteontem V. teve comércio com o diabo. Venha confessar-se.

Assim o fez docilmente o jovem conde e prometeu jamais tomar parte em uma diversão de tal modo qualificada e condenada.

Algum tempo depois, de volta a Paris, encontrou-se em outro salão. Pediram-lhe que os ajudasse a fazer girar uma mesa. Sem mais rodeios recusou e mostrou-se inflexível. Os convidados decidiram afastar-se um pouco e o escrupuloso conde ficou só no seu canto. Mas ao mesmo tempo no interior da alma protestava contra tal brincadeira. A resistência da mesa foi tal, e tão inesperada, que o médium só teve que dizer: Não entendo nada. Deve haver aqui uma força superior que paralisa a nossa acção.

Pela mesma época o Sr. Carlos de Montluisant, jovem capitão que morreu general de divisão, retirado no seu castelo de Mansane (Drone), pôde confirmar se de facto o P. Vianney conhecia ou não algo dos mistérios do além. Tendo ouvido falar das maravilhas de Ars, resolveu com outros três oficiais examinar minuciosamente o que lá se passava. Pelo caminho, os amigos combinaram que cada um faria uma pergunta ao P. Vianney. O capitão Montluisant manifestou sem rodeios que não tendo nada a dizer, nada lhe diria.

Chegada a hora da entrevista, entrou na sacristia atrás dos seus companheiros e bem decidido a manter-se calado, quando um deles, apresentando-o ao Cura d'Ars, disse: Sr. Cura, eis aqui o Sr. Montluisant, jovem capitão, de futuro, que deseja fazer-lhe uma pergunta. Apanhado desprevenido, manteve-se, assim mesmo, em atitude correcta e com certo acento de mofa disse: Vejamos, Sr. Cura, estas histórias de diabruras que dizem a respeito de V. Revma., são irreais, não é verdade?... São coisas da imaginação?... O P. Vianney olhou fixamente os olhos do oficial e depois deu a resposta breve e incisiva: Ah! meu amigo, você já sabe algo sobre isto... Sem o que fez não o teria podido descobrir. O Sr. Montluisant guardou silêncio, com grande admiração dos seus companheiros.

No caminho, de regresso, teve que explicar-se. Ou o Cura d'Ars tinha falado ao acaso ou... Mas que se havia passado? O capitão foi obrigado a confessar que estando em Paris, cursando os seus estudos, se tinha filiado a um grupo, na aparência filantrópico mas que na realidade era uma associação de espiritas. Certo dia, ao entrar no meu quarto, tive a impressão de que não me achava só. Inquietado por uma sensação estranha, olho e busco por todos os cantos. Nada. No dia seguinte o mesmo. Demais Parecia-me como se uma mão invisível me apertasse a garganta... Eu tinha

fé. Fui buscar água benta em S. Germano l'Auxerrois, a minha paróquia. Aspergi o quarto por todos os cantos e recantos, e a partir daquele momento cessou toda a impressão duma presença preternatural. Depois não pus mais os pés em casa dos espiritistas... Não duvido que o Cura d'Ars aludisse a esse acontecimento já distante.

Nenhum comentário se seguiu a esta explicação. Os oficiais mudaram de assunto.

À medida que o Cura d'Ars envelhecia, as obsessões diabólicas iam diminuindo em número e intensidade. O espírito do mal, que não pôde desalentar aquela alma heróica, acabou por desanimar-se a si mesmo. Pouco a pouco foi deixando a luta ou melhor Deus quis que uma existência tão bela, tão pura, aparentemente tão tranquila, porem na relidade tão aflita, se extinguisse numa paz profunda.

Desde 1855 até à morte, o P. Vianney não foi mais importunado de noite pelo demónio. E não obstante, o sono se lhe tornara quase impossível. Na falta do diabo uma tosse persistente era o bastante para mantê-lo acordado. Apesar disso, continuava a passar horas intermináveis no confessionário. Contanto que durante o dia durma uma ou meia hora, posso recomeçar o meu trabalho. Essa hora ou meia hora, passava-a no seu quarto depois da refeição do meio-dia. Estendia-se sobre uma enxerga e procurava adormecer. Esse foi o tempo de que algumas vezes se aproveitou o demónio para ainda inquietá-lo. A senhorita Maria de Lamartine esperava certo dia, em companhia do Sr. Pagés, que o P. Vianney saísse de casa. Tinha passado mais ou menos uma hora depois da refeição. De repente ouvimos uns gritos e gemidos. É o diabo, disse-me o Sr. Pagés, que faz das suas e o bom do Sr. Cura está disposto a enviá-lo para o seu lugar.

Finalmente, o maligno espírito não voltou mais e o Cura d'Ars viu-se livre sem saudade de um camarada de tal jaez. Na agonia o demónio não o perturbou como se tem visto com outros santos. Ainda antes de terminar a provação terrestre, o Cura d'Ars tinha infligido a Satanás uma derrota definitiva.

ÍNDICE

- Duas palavras

PARTE I OS ANOS DE PREPARAÇÃO (1786-1818)

- Capítulo I - Os primeiros anos (1786-1793)
- Capítulo II - Um pastorzinho durante o terror (1793-1794)
- Capítulo III - A escola, a primeira confissão, a primeira comunhão (1794-1799)
- Capítulo IV - Trabalhos do campo (1799-1805)
- Capítulo V - Uma vocação tardia (1805-1809)
- Capítulo VI - O refractário de Noës (1809-1811)
- Capítulo VII - O curso de filosofia em Verrieres (1812-1813)
- Capítulo VIII - No Seminário de Lião (1813-1814)
- Capítulo IX - Do Subdiaconato ao Sacerdócio (1814-1815)
- Capítulo X - Coadjutor de Ecully (1815-1818)

PARTE II O MINISTÉRIO SACERDOTAL EM ARS (1818-1859)

- Capítulo I - A chegada e as primeiras relações
- Capítulo II - Pela conversão de Ars: I. Orações e penitências
- Capítulo III - Pela conversão de Ars: II. A guerra contra a ignorância religiosa
- Capítulo IV - Pela conversão de Ars: III. A luta contra o trabalho nos Domingos, as tabernas e as blasfémias
- Capítulo V - Pela conversão de Ars: IV. A luta contra as danças
- Capítulo VI - Restauração da antiga igreja de Ars
- Capítulo VII - As grandes provações dos primeiros anos: Calúnias e tentações
- Capítulo VIII - As conquistas do bem e as obras de Apostolado
- Capítulo IX - A “Providência” de Ars
- Capítulo X - “Ars não é mais a mesma!”
- Capítulo XI - O Cura d’ Ars e o demónio